Publicação Avulsa do Museu do Índio 6

NA PRIMEIRA MARGEM DO RIO: TERRITÓRIO E ECOLOGIA DO POVO XAVANTE DE WEDEZÉ

James R. Welch
Ricardo Ventura Santos
Nancy M. Flowers
Carlos E. A. Coimbra Jr.

NA PRIMEIRA MARGEM DO RIO: TERRITÓRIO E ECOLOGIA DO POVO XAVANTE DE WEDEZÉ

NA PRIMEIRA MARGEM DO RIO: TERRITÓRIO E ECOLOGIA DO POVO XAVANTE DE WEDEZÉ

James R. Welch
Ricardo Ventura Santos
Nancy M. Flowers
Carlos E. A. Coimbra Jr.

Museu do Índio – FUNAI
Rio de Janeiro
2013

Presidência da República
Presidente **Dilma Vana Rousseff**

Ministério da Justiça
Ministro **José Eduardo Cardozo**

Fundação Nacional do Índio
Presidente **Marta Maria do Amaral Azevedo**

Museu do Índio
Diretor **José Carlos Levinho**

Copyright © 2013 **dos autores**

Editor da Série & Coordenação da Edição
Carlos Augusto da Rocha Freire

Design Gráfico e Finalização
Design From Brasil: **Eduardo Pina e Vladmir Avellar**

Revisão
Itamar José de Oliveira

Capa
Vista aérea do Rio das Mortes com o Morro de Wedezé ao fundo, 2009.
Foto: James R. Welch

Página de Abertura
Rio das Mortes, 2010. Foto Ricardo Ventura Santos

39(81=1-82) Xavante
W439p

WELCH, James R. et al. Na primeira margem do rio: território e ecologia do povo Xavante de Wedezé. / James R. Welch, Ricardo Ventura Santos, Nancy M. Flowers, Carlos E. A. Coimbra Jr. Rio de Janeiro: Museu do Índio-FUNAI, 2013. (Publicação Avulsa do Museu do Índio, 6)

244 p. il. color

ISBN 978-85-85986-46-9

1. Xavante 2. Laudo antropológico
3. Território 4. Ecologia I. Título

Ficha catalográfica: Lidia Lucia Zelesco CRB-7 / 3401

Distribuição gratuita, preferencial a bibliotecas, pesquisadores e estudantes universitários indígenas.

NA PRIMEIRA MARGEM DO RIO: TERRITÓRIO E ECOLOGIA DO POVO XAVANTE DE WEDEZÉ

Sumário

Agradecimentos xiii
Carta da Presidente xv
Apresentação xvii
Prefácio: A identificação de terras indígenas e suas virtualidades antropológicas xix
1. Introdução 1
2. Língua e história 11
3. Aspectos demográficos 55
4. Contexto ambiental 87
5. Atividades de subsistência e economia 107
6. Plantas e animais de interesse tecnológico e alimentar 143
7. Espaços cerimoniais, sagrados e evidências dos ancestrais 167
8. Wedezé: Implicações socioambientais para os Xavante e além 185
Bibliografia 195
Anexos 211

NA PRIMEIRA MARGEM DO RIO: TERRITÓRIO E ECOLOGIA DO POVO XAVANTE DE WEDEZÉ

Lista de Figuras

Figura 1.1. Localização das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, Mato Grosso 2

Figura 2.1. Mapa de localização das antigas aldeias Xavante na região das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, 2010 26

Figura 2.2. Cronologia aproximada dos movimentos de aldeias Xavante na região do Rio das Mortes desde o século XIX..... 27

Figura 2.3. Mapa de Frederick C. Glass (1911:75) com a indicação do local onde os Xavante foram avistados em 1909 nas margens do Rio Araguaia. 32

Figura 2.4. Detalhe do mapa do Instituto de Terras de Mato Grosso (Intermat) que mostra uma "Estrada do SPI" que parte do antigo P.I. Pimentel Barbosa (São Domingos), 2002. 35

Figura 2.5. Foto aérea de uma aldeia Xavante em 1944, publicada na revista *O Cruzeiro*. 38

Figura 2.6. Distribuição de presentes entre os Xavante de Wedezé feita por agente do SPI, 1954..... 42

Figura 2.7. Mapa de demarcação da T.I. Pimentel Barbosa, FUNAI, 1980..... 47

Figura 2.8. A atual aldeia em Wedezé, Mato Grosso, 2009. 50

Figura 3.1. Classificação das comunidades Xavante segundo Lopes da Silva (1986:34)..... 56

Figura 3.2. Mapa de localização das terras indígenas Xavante, Mato Grosso, 2010. 60

Figura 3.3. A atual aldeia em Wedezé, Mato Grosso, 2009. 62

Figura 3.4. Esquema de uma aldeia Xavante. segundo Giaccaria e Heide (1984:56). 64
Figura 3.5. Localização das atuais aldeias nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, 2010. 65
Figura 3.6. Distribuição da população da aldeia Wedezé e das aldeias da T.I. Pimentel Barbosa, 2009. 66
Figura 3.7. Número de casas, segundo aldeia, da T.I. Pimentel Barbosa, 2009. 69
Figura 3.8. Número médio de moradores por domicílio nas aldeias da T.I. Pimentel Barbosa, 2009. 70
Figura 3.9. Pirâmides etárias da população Xavante, segundo terra indígena e total, 2008. 74
Figura 3.10. Pirâmide etária da população Xavante total, 2004. 76
Figura 3.11. Pirâmides etárias da população Xavante, segundo terra indígena, Mato Grosso, 2004. 77
Figura 3.12. Idades medianas da população Xavante, segundo terra indígena, Mato Grosso, 1999-2001 e 2002-2004. 78
Figura 4.1. Etnogeografia Xavante da T.I. Wedezé. 89
Figura 4.2. Tipos de vegetação nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, 2010. 91
Figura 4.3. Cerrado *stricto sensu*, T.I. Pimentel Barbosa, 2009. 93
Figura 4.4. Campo de murundu, T.I. Wedezé, 2010. 97
Figura 4.5. Ipuca em meio a campo de murundu, T.I. Wedezé, 2009. 98
Figura 4.6. Foto aérea do Morro de Wedezé, T.I. Wedezé, 2009. 99
Figura 5.1. Polpa de palmito secando ao sol, T.I. Pimentel Barbosa, Mato Grosso, 2005. 108
Figura 5.2. Mulher Xavante mostrando tubérculo comestível, T.I. Pimentel Barbosa, Mato Grosso, 2005. 109
Figura 5.3. Mulher Xavante tirando mel e larvas de abelha, T.I. Pimentel Barbosa, 2005. 110
Figura 5.4. Imagens de satélite das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa referentes aos anos 1990, 2000, 2005 e 2009, evidenciando em vermelho a distribuição de áreas queimadas. 118

Figura 5.5. Sucessão vegetacional em área de cerrado na T.I. Pimentel Barbosa, evidenciando o rápido rebrotamento aproximadamente cinco semanas após a queimada, maio de 2005..... 119

Figura 5.6. Comparação entre área não-queimada (lado direito) e área queimada quatro semanas atrás (lado esquerdo), em campo de murundu na T.I. Pimentel Barbosa, junho de 2010. 120

Figura 5.7. Carne de caça obtida durante caçada coletiva sendo distribuída para a comunidade, T.I. Pimentel Barbosa, 2006..... 128

Figura 5.8. Trabalho coletivo de ensacar arroz produzido em uma lavoura comunitária, T.I. Pimentel Barbosa, 2006. 129

Figura 5.9. Rotas de *trekking* percorridas pelos Xavante de Wedezé entre as décadas 1950 e 1970..... 131

Figura 6.1. Áreas de importância cultural e econômica na T.I. Wedezé, 2010. 144

Figura 7.1. Localização dos cemitérios e sepultamentos Xavante na T.I. Wedezé, 2010. 174

Figura 7.2. Cerâmica de origem Xavante encontrada nas proximidades do Morro de Wedezé, 2009..... 178

Figura 7.3. Vista aérea da antiga aldeia Xavante em Wedezé, na qual se nota crescimento diferenciado de vegetação em forma de ferradura, 2009. 180

Figura 8.1. Foto aérea das trilhas feitas pelo gado em meio aos murundus, T.I. Wedezé, 2009. 187

Figura 8.2. Desmatamento no entorno de Wedezé e Pimentel Barbosa no período de 1990-2005, com base em imagens de satélite..... 188

NA PRIMEIRA MARGEM DO RIO: TERRITÓRIO E ECOLOGIA DO POVO XAVANTE DE WEDEZÉ

Lista de Tabelas

Tabela 2.1. Cronograma de alocação e demarcação de terras para os Xavante de Wedezé e Pimentel Barbosa. 45

Tabela 3.1. Localização, situação jurídica e extensão das terras indígenas Xavante. 61

Tabela 3.2. População Xavante na T.I. Pimentel Barbosa segundo aldeia, sexo e grupo etário, 2009. 67

Tabela 3.3. Distribuição da população Xavante, segundo aldeia, sexo e grupo etário, T.I. Pimentel Barbosa, 2009. 68

Tabela 3.4. População Xavante segundo grupo etário, sexo e terra indígena, 2008. 71

Tabela 3.5. Distribuição da população Xavante segundo grupo etário e terra indígena, sexos combinados, 2008. 72

Tabela 3.6. Distribuição da população Xavante segundo grupo etário e terra indígena, sexos combinados, 2008. 73

Tabela 3.7. População Xavante, incremento do número de aldeias e crescimento médio anual segundo terra indígena, 1999-2004. 75

Tabela 3.8. Distribuição da população Xavante por terra indígena, segundo grupo etário, Mato Grosso, 1999-2001 e 2002-2004. 79

Tabela 3.9. Taxas brutas de natalidade por mil habitantes e variações relativas destas taxas, segundo terra indígena Xavante, Mato Grosso, 1999- 2001 e 2002-2004. 80

Tabela 3.10. Taxas de fecundidade total (TFT) observadas em mulheres Xavante de 10-44 anos, Mato Grosso, 1999-2001 e 2002-2004 80

Tabela 3.11. Taxas Brutas de Mortalidade (TBM) por mil habitantes, segunda terra indígena, sexo e triênio, população Xavante, Mato Grosso, 1999-2001 e 2002-2004 80

Tabela 3.12. Taxas de Mortalidade Infantil (TMI) por mil nascidos vivos, segundo terra indígena Xavante, Mato Grosso, 1999-2001 e2002-2004 81

Tabela 4.1. Etno-classificação Xavante de tipos de vegetação do cerrado. 92

Tabela 5.1. Alimentos comumente cultivados nas roças das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, 2009. 123

Tabela 5.2. Sistema Xavante de classificação de milhos tradicionais segundo a cor. 124

Tabela 5.3. Calendário de produção anual na economia Xavante tradicional. 127

Tabela 6.1. Lista parcial de plantas de importância na alimentação dos Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa. 146

Tabela 6.2. Lista parcial de plantas de valor tecnológico dos Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa. 151

Tabela 6.3. Lista parcial de insetos de importância na alimentação dos Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa. 153

Tabela 6.4. Lista parcial de peixes de importância na alimentação dos Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa. 154

Tabela 6.5. Lista parcial de répteis de importância na alimentação dos Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa. 155

Tabela 6.6. Lista parcial de aves de importância na alimentação e para obtenção de penas (de uso tecnológico ou ritual) entre os Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa. 156

Tabela 6.7. Lista parcial de mamíferos de importância na alimentação dos Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa. 161

NA PRIMEIRA MARGEM DO RIO: TERRITÓRIO E ECOLOGIA DO POVO XAVANTE DE WEDEZÉ

Lista de Fotos Avulsas

Lideranças Xavante em reunião sobre a demarcação da T.I. Wedezé, 2009. Foto: Carlos E. A. Coimbra Jr xiv

Aldeia Xavante na T.I. Wedezé, 2009. Foto: James R. Welch..... xvi

Líder Xavante se pronunciando sobre os limites propostos da T.I. Wedezé para outras lideranças, 2009. Foto: Carlos E. A. Coimbra Jr xviii

Jovem Xavante pescando no Rio das Mortes, 2010. Foto: James R. Welch xxi

Vista do Morro de Wedezé a partir do Rio das Mortes, 2005. Foto: James R. Welch ..... xxii/xxiii

Vereda de buritis em território Xavante, 2012. Foto: Carlos E. A. Coimbra Jr xxiv

Embarcações atracadas às margens do Corixo São Domingos, próximo ao posto de atração, 1949. Foto: Autor desconhecido (acervo do SPI, Museu do Índio) 8-9

Homens Xavante por ocasião dos primeiros contatos com equipe do SPI liderada por Francisco Meireles, 1946. Foto: Autor desconhecido (acervo do SPI, Museu do Índio) 10

Sertanista Francisco Meireles mostrando o uso de arma de fogo para homem Xavante, 1949. Foto: Autor desconhecido (acervo do SPI, Museu do Índio)..... 52-53

Sertanistas do SPI e homem Xavante, 1947. Foto: Heinz Forthmann (acervo do SPI, Museu do Índio)..... 54

Mulher e criança Xavante a caminho da roça, 2005. Foto: James R. Welch 83

Vista da aldeia Wedezé a partir do morro de mesmo nome, com Rio das Mortes ao fundo, 2011. Foto: James R. Welch 84-85

Vista aérea de escarpa da Serra do Roncador em território Xavante, 2009. Foto: James R. Welch 86

Lagoa do Rio das Mortes em Wedezé, 2011. Foto: Carlos E. A. Coimbra Jr 102-103

Variedades de milho Xavante tradicional, 2009. Foto: James R. Welch 104-105

Peixes expostos ao sol para secar na aldeia Wedezé, 2009. Foto: José Rodolfo Mendonça de Lucena 106

Arroz e milho em roça Xavante, 2004. Foto: James R. Welch 139

Homem Xavante durante caçada de fogo, 2005. Foto: James R. Welch 140-141

Mulher Xavante retornando de expedição de coleta de tubérculos no cerrado, 2005. Foto: James R. Welch 142

Máscaras cerimoniais sendo preparadas em clareira aberta na mata para o rito de iniciação *danhono*, 2011. Foto: James R. Welch 164-165

Cerimônia de nomeação de mulheres, 1976. Foto: Nancy M. Flowers 166

Meninos Xavante assistindo competição realizada durante rito *danhono*, a partir da linha de chegada dos corredores, 2005. Foto: James R. Welch 81

Homens dançando durante cerimônia de nomeação de mulheres, 1976. Foto: Nancy M. Flowers 182-183

Carne obtida durante caçada de fogo coletiva assando em moquém, 2009. Foto: Carlos E. A. Coimbra Jr. 184

Milho Xavante e cocos de babaçu secando ao sol, 2010. Foto: James R. Welch 193

Homem Xavante retornando de caçada coletiva carregando queixada, 2005. Foto: James R. Welch 194

Caçadores atravessando o Rio das Mortes entre as T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, 2009. Foto: Romeu Xavante e Lincon Xavante 221

Vista aérea de campos de murundu, T.I. Wedezé, 2009. Foto: James R. Welch 222-223

Agradecimentos

Muitas pessoas ajudaram de forma expressiva no processo de construção do presente livro. Eduardo Brondizio e Scott S. Hetrick, do Anthropological Center for Training and Research on Global Environmental Change (ACT), da Indiana University, nos EUA, conduziram as análises das imagens de satélite e nos ajudaram na preparação de vários mapas de conteúdo ambiental. Luciene Guimarães de Souza, na época trabalhando na Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), desde muitos anos vem estudando demografia indígena e nos forneceu dados recentes sobre a população Xavante. José Carlos Louzada Morelli, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), preparou diversos mapas. Gostaríamos de agradecer também a José Carlos Levinho, do Museu do Índio/FUNAI, no Rio de Janeiro, pelo apoio e estímulo ao longo das diversas etapas de pesquisa que conduziram a esta publicação. Labiuai H. Coimbra fez a tradução e revisão de diversos trechos de trabalhos sobre os Xavante originalmente em inglês. Maurício Viana Gomes de Oliveira e José Rodolfo Mendonça de Lucena, pós-graduandos na Escola Nacional de Saúde Pública/FIOCRUZ, deram importante apoio durante o trabalho de campo na região do Rio das Mortes.

James R. Welch
Ricardo Ventura Santos
Nancy M. Flowers
Carlos E. A. Coimbra Jr.

Carta da Presidente

Historicamente, no contexto do continente americano, o Brasil tem exercido importante protagonismo no reconhecimento dos direitos dos povos indígenas aos seus territórios. Para essas sociedades, a terra constitui espaço essencial não apenas para o desenvolvimento de subsistências cotidianas e atividades econômicas, como também para sua plena reprodução social e cultural. A Constituição de 1988 estabelece esse princípio que, no caso brasileiro, assegura o direito desses povos à sua terra ancestral.

Cabe à Fundação Nacional do Índio – FUNAI, órgão de Estado responsável por promover e assegurar os direitos dos povos indígenas no país, coordenar o processo que envolve o reconhecimento de um dado território indígena, desde sua identificação e delimitação, até sua efetiva demarcação. Em consonância com a legislação vigente, a formalização do reconhecimento de uma terra indígena tem início com a designação de um grupo de trabalho coordenado por um antropólogo. Tal grupo tem como função realizar os levantamentos documentais, etnográficos, ambientais e cartográficos necessários à produção de relatório circunstanciado que constitui a peça-chave do processo de identificação e delimitação de uma terra indígena.

Através do Museu do Índio, a FUNAI busca atuar na preservação e disseminação do patrimônio cultural, memória e história dos povos indígenas. Alinhado com essa perspectiva, o documento que ora vem a público resulta de um importante trabalho de pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz e o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro com vistas à produção de informações para subsidiar o processo de identificação e delimitação de uma terra indígena Xavante (Wedezé), no Estado do Mato Grosso.

O intento deste livro é disseminar os conhecimentos históricos, antropológicos e etnoecológicos sistematizados pelos pesquisadores James R. Welch, Ricardo Ventura Santos, Nancy M. Flowers e Carlos E.A. Coimbra Jr. no âmbito do processo de identificação da Terra Indígena Wedezé. Esses quatro autores tem uma longa trajetória de investigação entre os Xavante, o que se manifesta claramente na densa e diversificada análise presente nestas páginas. Trata-se, portanto, de uma publicação que se beneficia da combinação de sólida pesquisa antropológica e ambiental com dados oriundos de trabalho de campo realizado no âmbito de um processo de identificação e delimitação.

Por sua abrangência e completude, *Na Primeira Margem do Rio: Território e Ecologia do Povo Xavante de Wedezé* é uma contribuição que ajuda a alicerçar o princípio constitucional de que "são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam".

Marta Maria do Amaral Azevedo
Presidente da Fundação Nacional do Índio – FUNAI

Apresentação

O reconhecimento do direito à terra constitui um dos mais caros princípios da política indigenista brasileira contemporânea. O processo que culmina com a demarcação de uma terra indígena e sua homologação por ato da presidência da república segue um rito administrativo e legal que tem na produção de um relatório circunstanciado uma das etapas mais importantes. Isso porque tal documento não constitui mera peça formal de um processo demarcatório, mas representa importante dossiê sobre determinado povo indígena, contemplando aspectos fundamentais de sua cultura, organização social, etnohistória, economia e ecologia.

O presente volume apresenta e contextualiza a etnohistória e ecologia humana dos Xavante que subsidiaram a preparação do *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação: Wedezé – População Indígena Xavante*. Este trabalho foi produzido por Ricardo Ventura Santos, Carlos E.A. Coimbra Jr. e James R. Welch, da Fundação Oswaldo Cruz e Museu Nacional, em colaboração com Nancy M. Flowers, City University of New York. O referido relatório compõe processo de identificação de terra indígena no leste mato-grossense e sua versão original encontra-se arquivada na Diretoria de Proteção Territorial na sede da Fundação Nacional do Índio em Brasília.

Dentre as missões do Museu do Índio, destaco o empenho da instituição na sistematização, salvaguarda e disseminação da memória dos povos indígenas no Brasil. Nesse sentido, este livro contém informações e interpretações que, sem dúvida, são de grande interesse para os estudiosos da cultura Xavante e, acima de tudo, os próprios índios. Por tudo o que *Na Primeira Margem do Rio: Território e Ecologia do Povo Xavante de Wedezé* representa não somente para os Xavante, como também para a política indigenista no Brasil, é com orgulho que o Museu do Índio traz a público a presente obra, com a expectativa de que esta contribua para a valorização da cultura Xavante e do papel do ambiente na sua continuidade.

José Carlos Levinho
Diretor do Museu do Índio

Rema
NORBERTO SCHWANTES
CANARANAUA

Prefácio

A identificação de terras indígenas e suas virtualidades antropológicas

Antonio Carlos de Souza Lima
LACED/Departamento de Antropologia
Museu Nacional – UFRJ

A prática da *identificação de terras indígenas* tem sido objeto de regulações por parte da administração pública, seu campo de origem; de algumas reflexões de antropólogos; e de falsas polêmicas que envolvem a grande mídia impressa e audiovisual. A mídia, aliada ao agronegócio e aos interesses extrativistas, beneficiando-se da ignorância da grande maioria da população brasileira sobre a história real de nosso país e, nela, da presença indígena, aproveita para desconhecer os direitos indígenas e questionar a autenticidade dos povos indígenas, bem como do reconhecimento de seus direitos a 13% das terras brasileiras, conquistadas que foram na luta pela efetivação dos direitos constitucionais, questionando a idoneidade dos antropólogos que as estudaram para comprovar que os índios a elas autóctones, têm mesmo direito à sua própria autoctonia!

A antropologia brasileira, embora não se reivindique ou reconheça como uma antropologia *aplicada* ou da/na *ação*, produziu questionamentos importantes sobre o processo de territorialização dos povos indígenas no Brasil, sobre o *modus operandi* da Fundação Nacional do Índio no tocante à regularização de terras, e sobre a própria genealogia da prática da identificação, sua operacionalização e transformações. Se juntarmos a essas abordagens específicas a ampla discussão sobre o que faz o antropólogo quando atua como perito (em laudos para as agências do Executivo e do Judiciário, etc.), o seu trabalho "extra muros", assim sendo chamadas todas as atividades de antropólogos fora a docência universitária (como se historicamente esses tivessem sido os limites do fazer antropológico), teremos então uma quantidade ponderável de textos que sopesam a participação de antropólogos em práticas cujas balizas escapam aos determinantes de valores profissionais caros à disciplina.

São discussões de cunho ético e político, indagações sobre a relação entre o fazer dos antropólogos e o de outros campos disciplinares, como o do Direito, da ampla área das ciências da saúde, etc., nas quais a Associação Brasileira

de Antropologia (ABA) tem se distinguido como instância fundamental. A esses podemos somar ainda dissertações e teses universitárias construídas muitas vezes a partir de experiências de aplicação dos conhecimentos antropológicos, ainda que esse pano de fundo real das condições sociais de entrada em campo dos antropólogos não surja apresentado como parte das condições socioepistemológicas necessárias à certa produção universitária[1].

Migrada da sistemática de discriminação de terras públicas, a prática da identificação de terras indígenas se tornou parte do exercício legítimo dos fazeres antropológicos no Brasil contemporâneo. O trabalho do antropólogo em tais ações governamentais tornou-se mesmo necessário e regulado pela legislação e normatização vigentes. Mas para quem se defronta com a necessidade de nele se envolver, a *identificação* tem sido pouco acessível, sobretudo sob a forma de seu resultado textual – um *relatório*. Embora muitas vezes tenha se falado, no âmbito de diretorias da ABA, em montar e tornar acessível um banco de *relatórios de identificação* e de *laudos antropológicos*, o acesso a essas peças documentais é (in)intencionalmente restrito[2].

Só por isso, a presente publicação já seria de suma importância: cobre uma lacuna e demonstra aos jovens praticantes da disciplina como executar muitíssimo bem a sistematização de dados e interpretações necessários aos trabalhos identificatórios. Mas ela é bem mais que isso. Tomando como ponto de partida um relatório de identificação exemplar, os autores o apresentam aqui (re)elaborado para além dos trâmites processuais. Trabalho de profissionais de alta qualificação e seriedade, de longo tempo de envolvimento com o povo e a área que abordam (como se deseja sempre que sejam os antropólogos responsáveis por *identificações*, mas nem sempre se consegue), o livro publiciza de maneira ampla e clara sólidos dados de cunho etnohistórico, demográfico, etnológico, ambiental que não só mostram que o reconhecimento do direito dos Xavante a Wedezé inscreve-se densamente no tempo e no espaço, mas também oferecem a oportunidade de sistematizar e delinear para a coletividade indígena, para os antropólogos e para a administração pública um retrato profundo da sua situação atual, atualizando a etnografia dos Xavante.

Oferecendo um panorama amplo de dados objetivos e de interpretações a partir desses construídas, essa publicação demonstra como é possível, entendendo as balizas administrativas do processo, produzir a melhor antropologia, fornecer instrumentos fundamentais aos poderes públicos no cumprimento da tarefa constitucional de reconhecimento dos direitos indígenas à terra, e armar os povos indígenas com informações sistematizadas ao modo do "branco" para a luta por direitos. Não é tarefa fácil, e dificilmente um resultado de tal excelência poderia ser alcançado por neófitos. Temos, pois, muito a celebrar, inclusive que pesquisadores vindouros poderão se espelhar aqui na apresentação de dados e na argumentação por eles suportada para dialogarem com o direito, o indigenismo e administração, fazendo ao mesmo tempo excelente pesquisa antropológica.

Oxalá tenhamos em breve muitas outras publicações semelhantes seguindo o caminho cuidadoso e esmeradamente palmilhado aqui.

1 Para os diversos tópicos elencados nesse parágrafo ver, por exemplo, dentre outros, Pacheco de Oliveira (1998a, 1998b) (nele se encontra o estudo da prática fundiária da agência indigenista escrito em 1985, juntamente com Alfredo Wagner Berno de Almeida, intitulado "Demarcação e reafirmação étnica: uma visão do antropólogo sobre o processo de criação das áreas indígenas"), Souza Lima (2005), Sampaio Silva (1994), Leite (2005), G. Silva (2008b) e C. T. Silva (2008a).

2 Cf., dentre outros, Leite (2002), Pacheco de Oliveira (2003), Almeida (2006) e O'Dwyer (2012).

1. Introdução

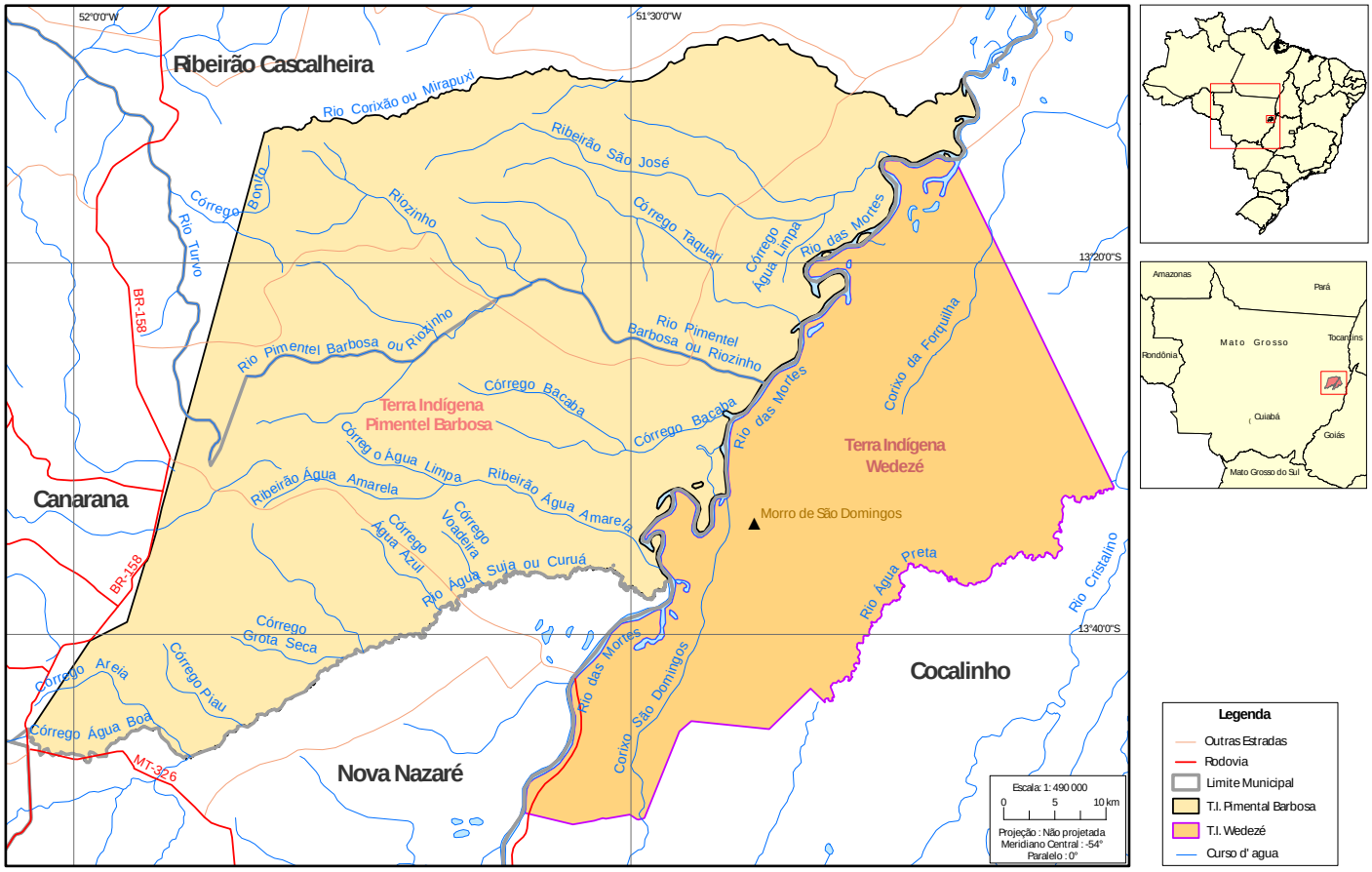
Em sua essência, esse livro é uma análise acerca das relações entre uma comunidade humana e o espaço físico. Os locais onde as pessoas residem, visitam e sobre os quais desenvolvem memórias ganham significado compartilhado através de experiências sociais que venham a ser associadas a eles ao longo do tempo. Se isso se aplica para todas as sociedades humanas, para algumas em particular, incluindo aquelas rotuladas como "tradicionais" (p. ex., povos indígenas, quilombolas, caboclos, caiçaras, etc.), os vínculos com os espaços físicos fazem-se geralmente de modo orgânico, sendo produzidos ao longo de muitas gerações e envolvendo diversas dimensões socioculturais. Para os povos indígenas, esses locais são comumente transformados pela experiência humana em fontes de subsistência física, locais de origem, territórios, símbolos de identidade étnica e espaços de pertencimento.

A paisagem humana abordada neste livro refere-se a um território específico situado na porção leste do Rio das Mortes, Mato Grosso, que figura de maneira proeminente nas vidas, memórias e identidades do povo indígena Xavante, autodenominado *A'uwẽ*. Presente no imaginário coletivo Xavante desde longa data, trata-se de uma área que apenas recentemente foi identificada pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) como Terra Indígena (T.I.) Wedezé (Figura 1.1)[3].

Wedezé foi o lar da totalidade da população Xavante há cerca de um século e meio atrás, quando estes escaparam à violência do julgo colonial em Goyaz, migrando para o oeste e cruzando o Rio Araguaia. Apesar de posteriormente a população Xavante ter se dispersado em vários grupos, que atualmente ocupam distintas áreas ao centro-sul e nordeste de Mato Grosso, parte da população original de Wedezé permaneceu nas proximidades dessa região ancestral. No início da década de 1970, a FUNAI os relocou para a margem oposta do Rio das Mortes, isto é, de Wedezé para a área atualmente conhecida como T.I. Pimentel Barbosa. Esse momento na história foi documentado fotograficamente por Nancy Flowers, em um livro recém-lançado pelo Museu do Índio/FUNAI (Flowers 2011). Para os membros dessa população, que atualmente soma cerca de 1.500 pessoas, o território de Wedezé permanece integral às suas vidas, tanto física como simbolicamente. Eles nunca a deixaram, cotidianamente relembrando as gerações de ancestrais lá sepultados e que se fazem presentes em suas memórias e corações, bem como frequentemente visitando a região em atividades de caça, pesca e coleta.

3 Os limites da T.I. Wedezé mostrados neste livro são aproximados.

Figura 1.1. Localização das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, Mato Grosso.



Para além de seus significados socioculturais, paisagens humanas são também espaços políticos e, nesse âmbito, Wedezé não constitui exceção. Desde que os Xavante de Wedezé foram relocados para a T.I. Pimentel Barbosa, que inclui apenas uma pequena fração da terra por eles ocupada e utilizada em meados do século XX, o grupo vem se mobilizando política e burocraticamente, para reconquistar o direito imemorial de uso de seu próprio território para prover suas famílias com alimento e abrigo, realizar cerimônias que marcam as transições da vida consideradas mais importantes, assim como proteger e cuidar de seus parentes mortos. Os embates dos Xavante para reaver Wedezé tem longa história, que se inicia com representações equivocadas, para não dizer falsas, por parte de funcionários de diferentes escalões da agência indigenista governamental durante os anos de 1960, alegando que Wedezé nunca foi território tradicional dos Xavante. O capítulo mais recente foi a aprovação em 2011 pela FUNAI do *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação (RCID) da Terra Indígena Wedezé*[4], escrito por nós em colaboração com técnicos do órgão. Nessas seis décadas, como veremos nesse livro, foram muitos os desafios enfrentados pelos Xavante na busca do reconhecimento de Wedezé como terra indígena. No presente, no entanto, o status desse processo é incerto, à medida que os Xavante aguardam decisão da justiça federal sobre se a T.I. Wedezé virá a ser efetivamente demarcada e eventualmente homologada.

4 *O Anexo VI reproduz o resumo do* Relatório Circunstanciado *publicado no Diário Oficial da União (FUNAI 2011).*

Estreitamente associada à expansão das frentes de colonização e às consequentes interações com os não-índios, a convoluta história de deslocamentos dos Xavante até o presente, quando uma parcela da população original vive em um a única aldeia em Wedezé, enquanto o restante permanece do outro lado do rio, na T.I. Pimentel Barbosa, tem sido bem documentada. Como autores do *Relatório Circunstanciado*, o nosso trabalho consistiu em sistematizar a informação disponível sobre os Xavante e avaliar os contextos físico, cultural e social da relação dessa população com o ambiente de Wedezé, tanto no que diz respeito a sua dimensão biológica como humana.

A identificação e delimitação de terras indígenas fazem parte de processos técnico-jurídicos com longa e complexa trajetória na política indigenista brasileira. Desde 1996, vive-se sob a égide de um marco regulatório específico, definido por meio da Portaria 14 do Ministério da Justiça. Tal normatização estabelece, de forma detalhada, as etapas do processo de identificação e delimitação, assim como de demarcação e homologação de uma terra indígena. No que pese o fato de relatórios desse tipo, incluindo o nosso próprio sobre os Xavante de Wedezé, em última instância serem produtos técnico-jurídicos, eles também são fontes de novos conhecimentos. Infelizmente, no entanto, muitas acabam por ficarem restritos, presos a processos e unidades governamentais que os produziram. Nesse livro, buscamos disseminar dados e interpretações gerados no contexto das investigações que realizamos em Wedezé e sobre as pessoas que aí vivem (ou viveram).

Este livro apresenta conteúdos que incluem história, demografia, ecologia e etnologia dos Xavante, em parte oriundos de pesquisas por nós realizadas nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa desde longa data (vide Coimbra et al. 2002; Flowers 2011; Santos et al. 2013) e sistematizados ao longo de dois anos durante a elaboração do já referido *Relatório Circunstanciado*. Também incorpora dados originais coletados durante pesquisas realizadas especificamente para atender ao relatório. Nosso intuito por meio desta publicação é atingir um público leitor mais amplo e que inclui os próprios Xavante, em especial os mais jovens, cada vez mais interessados em conhecer aspectos de sua própria história.

Para nós, autores, a oportunidade de participar da elaboração de um documento voltado para subsidiar iniciativas voltadas para a preservação e demarcação de terras Xavante foi ímpar. Em essência, o conjunto de trabalhos por nós realizados entre os Xavante dessa região cobre um período de aproximadamente quatro décadas, tendo se iniciado em 1976, quando Flowers realizou trabalho de campo em Pimentel Barbosa. A partir de 1990, Coimbra e Santos, em parceria com Flowers, desenvolveram um programa de pesquisa interdisciplinar em saúde e demografia em Pimentel Barbosa. Mais recentemente, em 2004, Welch iniciou suas pesquisas antropológicas e em ecologia humana nas mesmas comunidades. Ainda que cobrindo temáticas diferentes, assim como períodos de tempo distintos, tem havido intensa e, em nossa perspectiva, convergente interação entre os conhecimentos gerados e as perspectivas que norteiam essas investigações. Também tem havido um clima de produtivo e intenso diálogo com a própria comunidade Xavante, com quem estamos sempre buscando compartilhar os resultados das pesquisas realizadas e escutar suas dúvidas, demandas e planos futuros com vistas a incorporá-los em nosso trabalho, na medida do possível.

A expressão "na primeira margem do rio" que escolhemos para o título principal deste livro faz alusão ao fato de que Wedezé, uma área situada a leste do Rio das Mortes, foi onde os Xavante primeiramente estabeleceram um aldeamento quando chegaram à região no século XIX, antes de se dispersaram. Portanto, em um nível mais abstrato e temporalmente profundo, as pessoas as quais aqui nos referimos como "os Xavante de Wedezé" abrangem todo o povo Xavante, à medida que eles relembram o passado através de narrativas transmitidas por seus ancestrais. Ao mesmo tempo, a expressão "os Xavante de Wedezé" é aqui utilizada com referência às pessoas que nasceram e cresceram em Wedezé entre as décadas de 1950-1960 e que, no presente, fazem regularmente uso de seus recursos naturais para prover suas necessidades físicas essenciais, ou que a partir desse local derivam um senso identitário social e cultural que tem por base as memórias dos ancestrais ali sepultados. Grande parte desta população, aproximadamente 1.500 pessoas, vive atualmente nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa.

Fontes e metodologia utilizadas

Em todas as etapas dos estudos realizados e que culminaram nessa publicação, a participação de indígenas de todas as aldeias das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa foi efetiva e de extrema valia. Além de entrevistas com os Xavante sobre sua história e conhecimentos tradicionais acerca do seu território descritas a seguir, foram entrevistados funcionários da FUNAI que conviveram com os Xavante no período em que moraram em aldeia próxima do Posto Indígena (P.I.) Pimentel Barbosa (São Domingos), situada na região de Wedezé. Foram utilizados documentos primários do acervo do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), arquivados no Museu do Índio e com cópias microfilmadas na FUNAI/Brasília, assim como do acervo do Departamento de Documentação (DOC) da Diretoria de Proteção Territorial da FUNAI, que concentra os processos de regularização fundiária indígena do país e legislações pertinentes sobre o assunto. Foram também consultados antigos relatórios de identificação e delimitação da T.I. Pimentel Barbosa. Entre outros aspectos analisados neste livro, a documentação consultada na FUNAI é especialmente importante, pois apresenta cartas e documentos oficiais que comprovam as negociações que levaram à remoção dos Xavante do P.I. Pimentel Barbosa do lado direito para o esquerdo do Rio das Mortes, processo que foi concluído no ano de 1973.

O trabalho de campo para a coleta de dados que resultaram no *Relatório Circunstanciado* envolveu três visitas a Wedezé e Pimentel Barbosa entre 2009 e 2010, todas autorizadas pela FUNAI através de portarias publicadas no Diário Oficial da União. Durante as visitas, entrevistas abertas e semiestruturadas acerca de tópicos específicos (história oral, padrões de uso dos recursos naturais, cerimônias, etnobiologia e etnogeografia, entre outros) foram realizadas com vistas a complementar dados por nós coletados anteriormente. Essas informações também foram comparadas a dados publicados por nós e outros antropólogos que trabalharam com a mesma população em épocas anteriores (p.ex., Coimbra et al. 2002; Flowers 1983a, 1983b; Graham 1995; Lopes da Silva 1986; Maybury-Lewis 1984). As perguntas foram formuladas com vistas

a prover informações complementares, resolver inconsistências com informações anteriormente publicadas e, de particular importância, possibilitar que os Xavante se manifestassem em suas próprias palavras acerca de aspectos de sua cultura e história que considerassem relevantes. Um ponto sempre presente foi aquele de permitir aos entrevistados interpretar as questões e formular as respostas de acordo com suas próprias perspectivas, com o mínimo de interferência de nossa parte.

As entrevistas foram conduzidas de duas formas. A primeira delas foi de caráter individual, meio utilizado no caso do entrevistado ser um reconhecido "especialista indígena" em determinado tema e/ou apresentar profundo conhecimento pessoal sobre temas pertinentes a este relatório. Quando possível, as perguntas levantadas nas entrevistas individuais também foram feitas para outras pessoas da comunidade. A consistência foi avaliada por meio da comparação das respostas obtidas a partir de diferentes indivíduos, de modo a identificar similaridades e/ou diferenças. O segundo formato foi o de entrevistas em grupo, utilizado no caso de questões de conhecimento mais generalizado da população e para estimular a recuperação da memória coletiva sobre assuntos históricos. Nesse caso, as questões foram colocadas para grupos de adultos ou de idosos, de modo que se privilegiou o levantamento de informações acerca de questões de caráter coletivo. Nesses casos, as respostas foram avaliadas à luz do conhecimento derivado das pesquisas anteriores conduzidas por nós na mesma população.

Levantamentos etnoambientais foram conduzidos no âmbito das pesquisas autorizadas relacionadas à preparação do *Relatório Circunstanciado*. Os levantamentos foram realizados através de *rapid-assessment* (levantamento rápido) nas duas terras indígenas. De modo a estimular informantes Xavante a desenvolverem temas relacionados ao ambiente, foram realizadas entrevistas de grupo durante as quais eram apresentadas imagens publicadas referentes à fauna e flora do cerrado (Antas et al. 2009; Carrara 1997; Emmons e Feer 1997; Melo et al. 2005; Silva Jr et al. 2005; Silva Jr. e Pereira 2009). Sempre que possível, o conteúdo das respostas obtidas nessas entrevistas foi complementado com dados oriundos de observações de campo. Durante todas as etapas, foram realizadas descrição e documentação fotográfica de paisagens e espécies de plantas, com ênfase para aquelas consideradas como marcadoras de diferentes fitofisionomias do bioma cerrado.

As entrevistas sobre elementos etnobiológicos enfocaram principalmente quatro pontos: tipos de vegetação, etnobotânica, etnozoologia e áreas de uso. No caso dos tipos de vegetação, as primeiras entrevistas foram feitas durante sobrevoo da região, assim como durante a realização de caminhadas e viagem fluvial em Wedezé, que contaram com a participação de informantes Xavante. As coordenadas geográficas dos diversos exemplos de cada um dos tipos de vegetação presente nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa foram obtidas usando-se GPS. Para cada exemplo foram descritas a estrutura da vegetação, espécies dominantes e suas características distintivas. Os resultados foram então comparados a imagens de satélite das terras indígenas com vistas a determinar, de forma aproximada, a participação relativa de cada tipo de vegetação na cobertura vegetacional total das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa. Em entrevistas individuais, os informantes foram indagados sobre tipos

específicos de vegetação, quando se buscava a identificação no sistema classificatório Xavante, o que era a seguir comparado com dados etnobiológicos coletados anteriormente por Welch e com trabalhos de referência em ecologia do cerrado (Eiten 1972; Leeuwenberg et al. 2007). No caso das informações etnobotânicas, as investigações enfocaram as plantas comestíveis e de uso tecnológico. Não foram estudadas plantas medicinais, pois o conhecimento relacionado às mesmas é considerado secreto pelos Xavante.

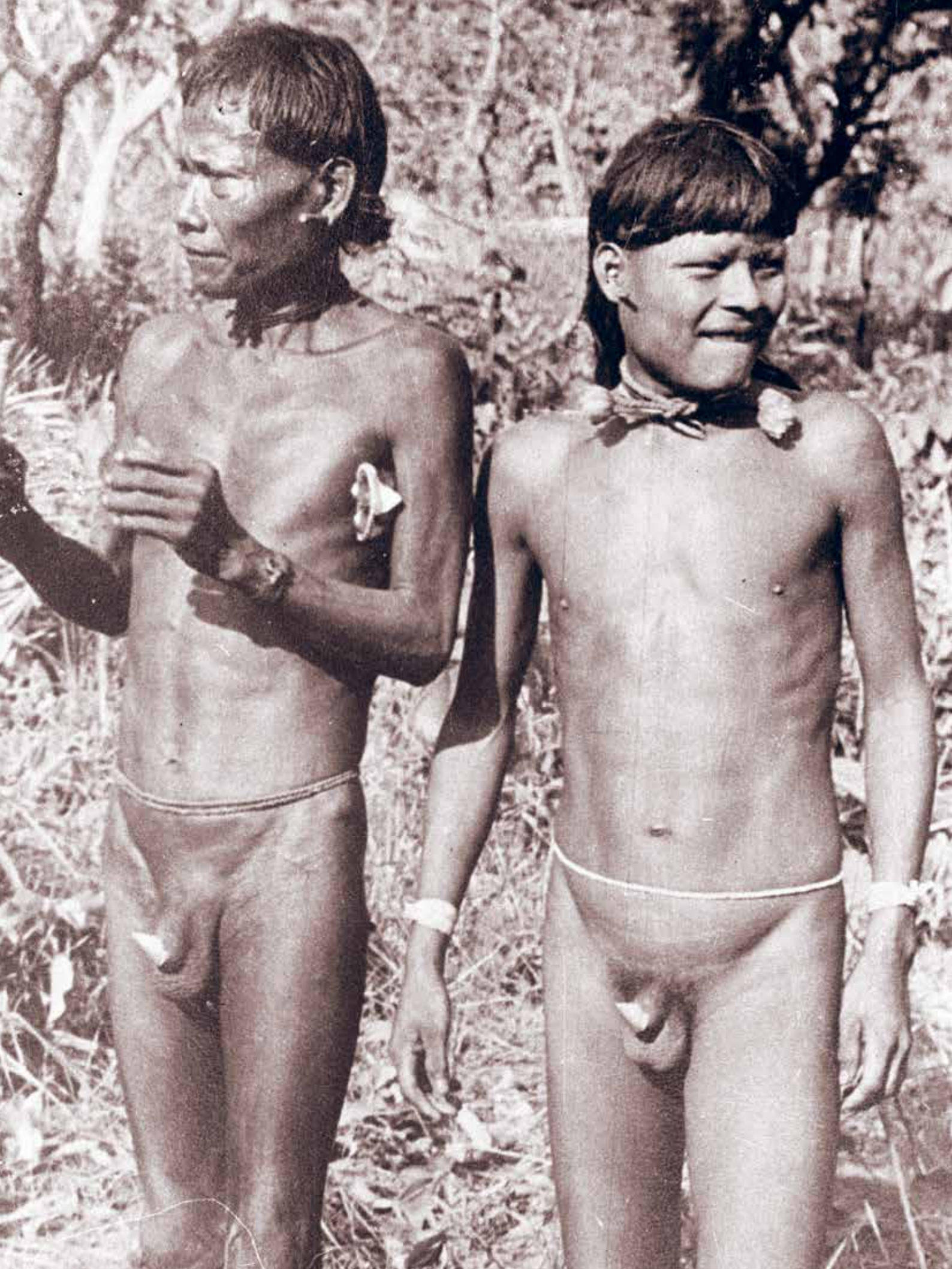
Entrevistas com os Xavante sobre os usos da área de Wedezé foram realizadas por ocasião de viagens de reconhecimento *in loco* e de visitas a todas as aldeias nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa. Durante as entrevistas, buscou-se levantar informações sobre os seguintes pontos: (1) atividades econômicas e recursos etnobiológicos existentes (enfatizando plantas e animais previamente identificados como tendo valor econômico e/ou sociocultural); (2) vegetação e sistema de classificação das paisagens; (3) localizações e características etnogeográficas específicas. O ponto 1 forneceu a base para perguntar aos entrevistados sobre os locais de realização de atividades e de ocorrência de recursos naturais. No caso de dados etnobiológicos (tanto etnobotânicos como etnozoológicos), os entrevistados foram perguntados sobre os locais de ocorrência das espécies mais prevalentes ou onde as mesmas eram preferencialmente encontradas. O ponto 2 visou identificar os recursos mais valorizados pelos Xavante em cada um dos tipos básicos de vegetação observados em Wedezé. Quanto ao ponto 3, a localização de recursos de importância econômica e sociocultural foi feita por meio de visitas aos locais, entrevistas e inspeção visual de mapas (incluindo mapas topográficos do IBGE e imagens de satélite – Google Earth). Os entrevistados foram estimulados a identificar e descrever recursos naturais e atividades associadas a cada tipo de vegetação.

Na análise espacial a partir de imagens de satélite foram utilizados procedimentos de pré-processamento com vistas a preparar e calibrar imagens Landsat para análise multitemporal, incluindo georreferenciamento e registro de imagens e calibração atmosférica e radiométrica. Essas análises permitiram investigar mudanças nos padrões de cobertura vegetal e de uso da paisagem, em particular no que diz respeito ao desmatamento. As áreas analisadas – as T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa – localizam-se na intersecção de quatro quadrantes de WRS-II (Landat TM e ETM+), Trajetos 223-224 e Linhas 069-070. A busca e a localização dos quadrantes foram conduzidas primariamente utilizando-se ferramentas disponibilizadas pelo INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), USGS (United States Geological Survey) e o chamado The Global Land Cover Facility (GLCF). As imagens pertinentes foram identificadas e obtidas com base no INPE e GLCF. Imagens relacionadas ao Global Land Survey (GLS), referentes aos anos de 1990, 2000 e 2005 (GLFC: http://gls.umd.edu/), foram analisadas em um primeiro momento e as pertinentes processadas e classificadas segundo critérios de qualidade. Além disso, imagens referentes a 2009 foram obtidas no INPE e selecionadas para inclusão no mapa apresentado na Figura 5.4. As imagens foram individualmente calibradas e corrigidas utilizando-se procedimentos desenvolvidos por pesquisadores ligados ao Center for the Study of Institutions, Population, and Environmental Change (CIPEC), na Indiana University, Bloomington, EUA (www.cipec.org) (Green et al. 2002). Uma vez corrigidas e calibradas, as imagens foram justa-

postas de modo a cobrir a totalidade da área de interesse. Justaposições de imagens referentes aos anos de 1990, 2000 e 2005 foram geradas e posteriormente analisadas com base em classificação híbrida (i.e., supervisionada e não supervisionada), utilizando-se metodologia descrita em Jensen (1996) e Brondizio et al. (1996). As análises de cobertura da terra foram conduzidas usando-se os programas Erdas Imagine 8.3 e ArcGIS 9.3.1 Os mapas gerados foram revisados pelos participantes da pesquisa, que tinham experiência de campo, tendo-se realizado os ajustes e edições pertinentes. Os procedimentos de análise espacial foram conduzidos pelo professor Eduardo Brondizio e o técnico Scott Hetrick, ligados ao Anthropological Center for Training and Research on Global Environmental Change (ACT), da Indiana University, Bloomington, EUA.

Ortografia de vocábulos Xavante

Neste livro, a grafia de termos indígenas é feita de acordo com a ortografia atualmente em uso por professores Xavante na Escola Municipal de Pimentel Barbosa. Essa ortografia está em fase de transição e foi desenvolvida originalmente por missionários linguistas (Hall et al. 1987; Lachnitt 2003) baseada nos dialetos falados em algumas comunidades. A mesma foi posteriormente modificada pela sua aplicação e transmissão por pessoas Xavante escolarizadas residentes nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, e continua a se transformar. O sistema, como é usado atualmente, difere de versões utilizadas em outras comunidades Xavante (especialmente pela preferência em se usar o *s* ao invés do *ts* e *z* ao invés de *dz*) e de formas como foram utilizadas em publicações coordenadas por membros das comunidades das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa.



2. Língua e história

Filiações linguística e cultural

A língua primária falada pelos moradores indígenas das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa é o Xavante. Trata-se de uma língua que pertence ao subgrupo Jê Central da família Jê, tronco Macro-Jê (Rodrigues 1999). No início do século XIX, o naturalista Karl von Martius (1867) reconheceu as semelhanças linguísticas e culturais entre vários povos indígenas do Brasil Central e introduziu o termo genérico "Gê", grafado "Jê" em português (Rodrigues 1986), para caracterizá-los. A classificação contemporânea dos grupos Jê baseia-se nos trabalhos de Loukotka (1935) e Nimuendaju (1942) que os dividem em três ramificações principais.

1. O grupo Jê Setentrional é dividido em Timbíra do Leste (incluindo os Krahô, os Ramkókamekra ou Canela, os Parakatejé ou Gavião e outros grupos), Timbíra do Oeste (Apinayé), Kayapó do Norte e do Sul (Kreen-akarôre ou Panará) e Suyá.
2. Os Jê Centrais têm duas sub-ramificações: uma, Akwẽ, inclui os Xavante, Xerente e Xakriabá; a outra era constituída pelos Akroá (frequentemente divididos em Akroá-Assu e Akroá-Mirim), com os intimamente ligados Gueguê, hoje considerados extintos.
3. Os Jê Meridionais incluem os Kaingang, Xokleng (Aweikoma) e Botocudo de Santa Catarina.

As línguas da família Jê foram posteriormente incluídas no tronco Macro-Jê, que as situam próximas a outras línguas relacionadas, como Bororo, Pataxó, Maxakali, Ofayé, Karajá e Rikbaktsa (Greenberg 1956; Mason 1950). As línguas do tronco Macro-Jê são faladas pelos povos que vivem a leste e no centro do planalto brasileiro e na parte leste do Brasil, entre o Rio de Janeiro e a Bahia (Urban 1992).

Segundo a reconstrução histórico-linguística feita por Urban (1992), a separação entre as línguas Jê e as outras línguas Macro-Jê pode ter se iniciado há cinco ou seis mil anos atrás. O subgrupo Jê Central é considerado o tronco de origem das línguas Jê e provavelmente surgiu nas regiões das cabeceiras dos rios São Francisco e Tocantins, perto do antigo território dos Xakriabá. A separação das línguas dos Jê do Sul pode ter ocorrido há cerca de três mil anos, quando alguns grupos migraram para o sul.

Em sítios arqueológicos no Brasil Central atribuídos a populações agricultoras por volta de 1.200 AP encontram-se cerâmicas e evidências de casas dispostas em formato circular, assemelhando-se à organização das aldeias típicas de populações que habitam o cerrado no presente (Wüst e Barreto 1999). Uma vez que muitos dos grupos indígenas do Brasil Central falam lín-

guas relacionadas à dos Xavante (na família Jê, tronco Macro-Jê), e partilham várias práticas de subsistência e características de organização social, argumenta-se que as semelhanças observadas no registro arqueológico indicam um longo período de familiaridade dos povos Jê com o bioma do cerrado.

Além de sua afinidade linguística, os grupos que ocupam os planaltos do Brasil Central compartilham muitas outras semelhanças culturais (Lowie 1941; Nimuendaju e Lowie 1937). De forma geral, eles tendem a construir grandes aldeias nas quais as casas formam um círculo (ou um semicírculo no caso dos Jê Centrais) ao redor de uma pátio central onde ocorrem vários eventos comunitários, desde reuniões e cerimônias até, hoje em dia, partidas de futebol. A organização social das sociedades Jê é extraordinariamente complexa. Essa complexidade atraiu a atenção de antropólogos desde longo tempo e constituiu tema importante das pesquisas etnológicas no Brasil (para revisões vide Carneiro da Cunha 1993; Maybury-Lewis 1979). Essas sociedades apresentam organizações sociais que frequentemente exibem morfologias dualísticas, além de poder incluir outras formas estruturais, como linhagens, metades de descendência ou não, classes de idade, sociedades secretas e laços de amizade formal. Muitos grupos Jê praticam corridas de tora cerimoniais, nas quais duas equipes carregam toras pesadas, geralmente de buriti, por uma distância de vários quilômetros, passando-as, sucessivamente, do ombro do membro de uma equipe para o de outro.

Embora todos os grupos Jê do Brasil Central venham praticando por muito tempo a agricultura e dependam dela para sua subsistência durante parte do ano, a maioria deles, até recentemente, apresentava ao longo do ano períodos de dispersão, quando as famílias praticavam *trekking*, isto é, faziam longas expedições de caça e coleta durante as quais sobreviviam principalmente de alimentos silvestres. No passado, essas expedições frequentemente cobriam longas distâncias, estimulando o desenvolvimento de uma familiaridade com o ambiente físico e seus recursos naturais em grandes territórios, bem como com os demais povos que habitavam o entorno. Atualmente, em menor ou maior grau, os grupos Jê estão confinados em terras indígenas de vários tamanhos, todas de dimensões bem menores do que suas terras tradicionais, o que os levou a modificar esse padrão de mobilidade, atualmente realizando excursões mais breves ou abandonando-as por completo.

Os povos Jê do Brasil Central tendem a manter relações entre diferentes aldeias de suas próprias etnias, ainda que nem sempre sejam amigáveis. A ocorrência de variados laços de parentesco e outras filiações sociais propicia uma base para a formação de alianças políticas entre grupos autônomos, tecendo uma rede social ao redor de cada indivíduo, que o vincula a outras comunidades. Desse modo, se as condições em sua própria aldeia tornarem-se desfavoráveis, a pessoa, junto com membros de sua família e outros aliados, pode eventualmente mudar-se para outra ou fundar uma nova.

Conforme Gross (1979) sugeriu, é possível que no passado, antes dos impactos advindos do conflito colonial, as aldeias Jê tenham sido maiores e sua organização social mais elaborada. Possivelmente, algumas aldeias chegaram a ter populações superiores a 1.000 pessoas. Por vezes, eram organizados grandes grupos de homens para atacar povoamentos de não índios. Também conseguiam escapar das expedições punitivas dispersando-se em grupos me-

nores, que podiam passar longo tempo vagando pelo cerrado sem uma aldeia base, inclusive não praticando a agricultura. Segundo esse autor, esses períodos eram sem dúvida de muita tensão e sofrimento, mas a tática certamente permitiu que alguns grupos sobrevivessem a eventos potencialmente catastróficos, que possivelmente se tornaram mais frequentes após a invasão de seu território pelos colonizadores.

Uma vez que alguns povos Jê Centrais desapareceram como grupos culturalmente ou linguisticamente diferenciados[5], devemos recorrer a relatos anteriores para tentar reconstruir as relações entre eles até a época da migração dos Xavante na direção leste, quando se estabeleceram no lado oeste do Rio Araguaia por volta de 1850. No início do século XIX, von Martius (1867) compilou listas de palavras obtidas de informantes identificados como Xavante, Xerente, Akroá-Mirim e Xakriabá. A comparação dessas listas de palavras sugere que, em termos de semelhanças, as línguas faladas entre os Jê Centrais eram pouco mais do que dialetos (Flowers 1983a).

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, uma rede ampla e flexível de aldeias de grupos Jê Centrais cobriu a região que vai desde os afluentes a oeste do Rio São Francisco até o Rio Araguaia. Alianças, separações e recombinações entre essas aldeias se deram em resposta a diversas pressões que resultaram de ataques dos colonizadores, a extinção de grupos "pacificados" e hostilidades que se originaram de rivalidades entre lideranças.

Em muitos aspectos, a sociedade Xavante apresenta os complexos padrões de organização social típicos dos grupos Jê em geral, como descrito anteriormente. Assim, por exemplo, constroem grandes aldeias semicirculares. Do mesmo modo, na sociedade Xavante assim como em outros povos Jê (Crocker 1990; Lowie 1939; Nimuendaju e Lowie 1937), grande ênfase cultural reside na diferenciação de idade, como pode ser exemplificado pela inter-relação dos sistemas de categorias e classes de idade (Welch 2009, 2010b). Enquanto as categorias de idade referem-se a estágios da vida para homens e mulheres, o sistema de classes de idade é formado por oito coortes etárias nomeadas que se sucedem em um ciclo de aproximadamente 40 anos.

Entre vários povos Jê, uma casa dos homens, muitas vezes localizada no centro do pátio da aldeia, ganha destaque cultural como o ponto focal de atividades políticas masculinas (Lowie 1946a, 1949). No caso Xavante, diariamente no início da noite e cedo pela manhã, o conselho de homens maduros da aldeia realiza uma reunião formal (*warã*) que se dá ao ar livre no centro da aldeia, na qual são tratados os assuntos públicos da comunidade. Os pontos de discussão podem envolver planos para expedições de caça ou pesca, realização de cerimônias, resolução de rixas entre famílias, interações com a FUNAI ou a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA)/Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) e quaisquer outros assuntos que afetem a aldeia como um todo. Quando os líderes retornam de uma viagem, costumam fazer um relato na reunião. Se pessoas não pertencentes à comunidade, como antropólogos ou outros pesquisadores, desejarem realizar trabalhos entre eles, devem se apresentar na reunião e explicar seus planos, os quais poderão ser aceitos ou não.

Distinguindo os Xavante de algumas outras etnias Jê, quando os rapazes jovens, com idades entre aproximadamente oito e treze anos, tornam-se *wapté*

5 *Os Xakriabá, que guardam forte proximidade linguística com os Xavante e os Xerente, eram presença importante em Goiás no século XVIII. Esse povo foi quase completamente dizimado nas guerras coloniais, mas 200 Xakriabá foram assentados, em 1775, em Santana do Rio das Velhas, em Minas Gerais (Ravagnani 1978). Eles se misturaram aos camponeses da região e, por volta do início do século XIX, quando Saint-Hilaire (1847-1848) e Eschwege (1830) visitaram a aldeia Xakriabá, encontraram apenas algumas pessoas que falavam sua língua nativa. Os Xakriabá vivem atualmente no noroeste de Minas Gerais e totalizam cerca de 5.000 pessoas (Ricardo 1996).*

(pré-iniciados), eles deixam suas famílias e vão viver em grupo no *hö*, uma casa que é construída especificamente para os rapazes em uma das extremidades do semicírculo da aldeia. Um menino começa a pertencer a uma classe de idade quando se muda para o *hö*, onde permanecerá até sua classe ser iniciada na categoria dos homens adultos recém-iniciados, aproximadamente cinco anos depois. De acordo com Maybury-Lewis (1984:153-155):

> A casa dos solteiros é [...] a pedra angular do sistema de classes de idade. É lá que o menino Xavante sente pela primeira vez o que significa pertencer a uma classe de idade. Lá, ele aprende a participar do companheirismo que caracteriza o sistema e que supera distinções de clã e linhagem [...]. Até então, pode-se dizer que não são considerados realmente como membros da sociedade Xavante: eles não têm ainda posição definida em uma sociedade cujas atividades sociais e cerimoniais são desempenhadas, em grande parte, pelas classes de idade [...]. Os Xavante não se preocupam em calcular a idade de seus filhos até que eles se tornem membros de uma classe de idade. A partir daí, o que importa são as suas idades relativas, ou seja, a classe de idade a qual pertencem.

Uma vez que existem oito classes de idade Xavante, com diferença de aproximadamente cinco anos entre elas, o ciclo completo dura mais ou menos quatro décadas. Por exemplo, em 1953 a classe de idade *tirowa* entrou no *hö* e em 1958 foi iniciada, ou seja, seus integrantes tornaram-se parte da categoria de idade *ritei'wa* (adultos jovens). A classe etária que em seguida entrou no *hö* foi a *nõzö'u*. Em 1963, os membros da classe de idade *tirowa*, que entraram no *hö* uma década antes, tornaram-se *iprédu* (adultos maduros). Uma vez que, com o passar do tempo os Xavante reciclam os nomes das classes de idade, chega um dado momento em que o ciclo se repete. Assim, uma nova classe de idade de nome *tirowa* entrou no *hö* em 2002 e outra de nome *nõzö'u* ingressou em 2008.

O sistema de classes de idade também funciona para as mulheres Xavante. Conforme destacado por Maybury-Lewis (1984:199):

> Na época em que um grupo de meninos pequenos é levado pela primeira vez à casa dos solteiros e, assim, incorporado a uma classe de idade, as meninas que têm aproximadamente a mesma idade passam também a ser consideradas membros dessa mesma classe. Dessa forma, basta dizer-se o nome de suas classes de idade para indicar-se as idades e o grau de maturidade de homens e mulheres Xavante.

Há diferenças importantes, no entanto. As meninas do mesmo grupo etário dos meninos *wapté* não são separadas das famílias e já podem estar casadas. Durante os anos que marcam o fim da infância para a adolescência, quando os rapazes se envolvem em atividades especiais enquanto moram no *hö*, elas ajudam as mães e outros parentes do sexo feminino nas tarefas domésticas e no cuidado das crianças pequenas. É importante mencionar que há também um sistema informal de categorias de idade, que opera simultaneamente com o sistema formal descrito anteriormente. Nesse sistema in-

formal, as categorias diferem entre mulheres e homens (Lopes da Silva 1986; Müller 1976; Welch 2010b).

Os sistemas chamados "clãs" e "linhagens" são duas outras dimensões fundamentais da organização social Xavante não encontradas da mesma forma em outras sociedades Jê (Maybury-Lewis 1984). De acordo com esse autor, na sociedade Xavante linhagens seriam grupos de descendência relativamente estáticos associados a um dos três clãs patrilineares. Subsequentemente, essas instituições foram estudadas por outros pesquisadores, que as descreveram em outros termos. Baseando-se em pesquisas recentes entre os Xavante da T.I. Pimentel Barbosa (Graham 1995; Welch 2009), a morfologia que Maybury-Lewis denominou de clã atualmente é referida como um sistema de metades exogâmicas. Segundo Graham (1995), o terceiro clã presente no modelo de Maybury-Lewis, o *topdató*, na realidade opera como uma linhagem da metade *öwawẽ*.

Recentes estudos de Welch (2009), realizados também na T.I. Pimentel Barbosa, sugerem que a noção de linhagem de Maybury-Lewis deve ser revista. Precedentes para essa reavaliação podem ser encontrados nos trabalhos de Lopes da Silva (1986) e Müller (1976). Lopes da Silva reinterpretou o que Maybury-Lewis chamou de linhagens como prerrogativas no campo cerimonial. Müller descreveu o sistema de linhagem em termos de transmissão individualizada de conhecimentos secretos, ao invés de associações estritamente patrilineares. Welch caracterizou as linhagens Xavante como a "posse de conhecimentos que se pode herdar" e que frequentemente segue linhas de descendência, mas que também pode ser passada de acordo com outros princípios. Em muitos casos, a posse de conhecimentos pode ser identificada por meio do sufixo *-tede'wa* ("dono"). Os conteúdos desses conhecimentos são variados e com frequência guardados sob extremo segredo, não raro envolvendo capacidades para controlar animais, fenômenos naturais ou reger atividades rituais (vide Capítulo 7). Enquanto os conhecimentos deste tipo possuídos por homens tendem a ser transmitido para futuras gerações através de relações de parentesco patrilineares, o conhecimento secreto feminino tende a ser transmitido matrilinearmente, de mães para filhas. Além da transmissão bilineal, a posse de conhecimentos pode ser dada de presente ou roubada, o que pode resultar em sua transferência para outras "linhagens".

Outro aspecto importante da organização social Xavante, que também opera em diferentes graus de destaque cultural em outros grupos Jê, é o faccionalismo político. Conforme destaca Maybury-Lewis (1984:250), "As facções competem eternamente por poder e prestígio […]". As competições políticas internas podem ser intensas, favorecendo a divisão de aldeias. Um segmento adversário, por vezes um grupo de famílias extensas, pode partir para fundar uma nova aldeia ou para unir-se a outra já estabelecida a partir da ocorrência de conflitos internos (Maybury-Lewis 1984; Neel e Salzano 1967).

Como muitos outros povos Jê, os Xavante praticam a poliginia. Entre eles, a poliginia é frequentemente sororal, ou seja, um rapaz pode casar com mais de uma irmã. A residência pós-matrimônio segue um padrão de uxorilocalidade, ou seja, o marido preferencialmente se muda para a casa dos pais da noiva. Frequentemente irmãos casam-se dentro da mesma família. Portanto, um arranjo comum é aquele de dois ou mais irmãos casarem-se com as

filhas de uma mesma família. Alguns homens, depois de anos de casamento, ou após a morte da primeira esposa, podem casar-se com uma mulher mais nova. Nesse caso, a jovem esposa é normalmente trazida para morar na casa do marido, não seguindo necessariamente, portanto, a prática da uxorilocalidade que se aplica na ocasião do primeiro casamento de um rapaz.

Conforme observa Graham (1995), o casamento entre os Xavante é um processo gradual. Começa com o compromiso de casamento e prossegue quando se considera que a menina tem idade suficiente para o enlace. Em um primeiro momento, quando o noivo já está na categoria de idade de adultos jovens (*ritei'wa*) e os nubentes se conhecem suficientemente, o rapaz faz visitas noturnas à noiva, na casa dela. Passado um período, quando os nubentes se conhecem suficientemente, o rapaz sai para caçar com seus primos, tios e outros homens da sua comunidade e oferece a carne obtida à família de seu futuro sogro. Quando o presente de carne é aceito pelos parentes da noiva, o casamento se oficializa (vide Graham 1995; Maybury-Lewis 1984). Geralmente, o rapaz passa a residir na casa da noiva a partir desse dia, a menos que ainda seja membro da categoria de idade de adultos jovens (*ritei'wa*). Nesse caso, continuará visitando-a, mas somente à noite, mudando-se quando se tornar membro da categoria de homens maduros (*iprédu*).

Similarmente a outros povos Jê, a vida social dos Xavante é intensa, sendo ordenada e animada por atividades rituais. Alguns rituais Xavante ocorrem diariamente, como a reunião do conselho de homens (*warã*), assim como o canto e a dança dos rapazes em volta da aldeia. Outros são sazonais, como as corridas de tora (*uiwede*), realizadas principalmente na estação das chuvas. Em geral, as corridas de tora Xavante são disputadas por duas equipes, formadas pela classe de idade iniciada mais recentemente e pela classe imediatamente mais velha. As equipes se pintam de forma distinta. Não somente os homens, como também as mulheres, participam de corridas de toras. Essa atividade dá às mulheres a oportunidade de se pintarem e agirem como membro de seu grupo etário. Outros rituais ainda celebram eventos do ciclo de vida, como a iniciação dos meninos, os casamentos, a formação espiritual (vide Capítulo 7).

Antecedentes históricos

A primeira referência aos Xavante nos documentos coloniais que se tem notícia foi feita em um mapa datado de 1751, que mostra a localização do chamado "Sertão do Gentio Xavante" a leste da Ilha do Bananal (vide Chaim 1974). Segundo Maybury-Lewis (1965b), haveria indícios de presença dos Xavante ao norte da Província de Goyaz, na divisa com o Maranhão.

Em 1762, uma carta escrita pelo Governador João Manuel Mello, da então Província de Goyaz, endereçada ao Rei de Portugal, descreveu em detalhes um ataque Xavante aos campos de mineração em Crixás (in RIHGB 1918). De acordo com essa carta, o avanço dos índios contra Crixás só foi impedido quando os colonizadores armaram 300 escravos que trabalhavam no garimpo. Os Xavante se retiraram, porém, após poucos dias, começaram a assaltar as lavouras com um grande número de guerreiros armados. Os garimpeiros

ficaram em estado de alerta e partiram para expulsar os índios, mas tiveram medo de atacá-los porque os Xavante eram muito numerosos e bem armados. As forças em conflito permaneceram diante uma da outra durante dois dias sem qualquer ataque, até que os Xavante finalmente se retiraram.

Por causa dos ataques dos Xavante, os colonizadores fizeram ao governador um apelo de socorro, com o argumento de que eram muito poucos para resistir a um número tão grande de índios. Em sua carta, Mello (in RIHGB 1918) propôs que os garimpeiros organizassem uma bandeira. Ele também observou que enviar uma bandeira a um território inexplorado era duplamente vantajoso, já que, além de procurarem ouro, poderiam perseguir e punir os Xavante. Nesse período, aproximadamente quarenta anos depois da descoberta de ouro em Goiás pela primeira vez na década de 1720, os garimpos de ouro conhecidos estavam se esgotando rapidamente. À proporção que esses se tornavam cada vez menos produtivos, os garimpeiros se convenciam de que deveria haver ricos locais inexplorados em regiões onde não ousavam se aventurar por causa da presença de índios hostis. Portanto, as bandeiras tinham duplo objetivo: atacar os índios e procurar ouro.

A bandeira foi finalmente estabelecida em 1764, depois de um atraso de dois anos em virtude de disputas sobre o pagamento dos custos envolvidos (RIHGB 1918). Por fim, foi composta por apenas 200 homens em vez dos 500 que constavam do plano inicial. Depois de muitos dias de busca, os rastreadores de índios que acompanhavam a bandeira encontraram uma trilha que levava a uma aldeia Xavante muito populosa, que os bandeirantes atacaram ao amanhecer. Os índios foram pegos de surpresa, muitos foram mortos e os sobreviventes fugiram, deixando apenas algumas crianças na aldeia. Todavia, não foram longe e, quando os Xavante viram que os agressores eram pouco numerosos, prepararam um contra-ataque. O bandeirante João de Godoy enviou um índio que falava a língua Xavante levando uma mensagem para o líder do grupo, oferecendo a paz se declarassem lealdade ao Rei de Portugal e abraçassem a fé católica. O chefe Xavante fingiu que não estava conseguindo ouvir a mensagem e pediu que o mensageiro se aproximasse. Quando esse o fez, o chefe e seus guerreiros atiraram nele, matando-o (RIHGB 1918).

Os Xavante, em seguida, retiraram-se lentamente, atraindo a bandeira para uma perseguição em terreno difícil, até alcançarem um rio largo e veloz, que os índios atravessaram, detendo-se na margem oposta. Qualquer entusiasmo restante às tropas para continuar a campanha foi levado pelas chuvas, que então caíam sem trégua durante aquele mês de setembro. Conforme observou Mello (in RIHGB 1918), na estação chuvosa os mosquetes ficavam molhados e não disparavam, dando vantagem aos adversários armados de arcos e flechas. A bandeira bateu em retirada e João de Godoy informou ao governador que, na estação seca seguinte, tentariam destruir outras duas aldeias Xavante da região. Segundo Mello, essa era a única maneira eficaz de se lidar com índios, "[...] pois tem mostrado a experiência que todos estes Gentios em lhes queimando as Aldeias, e lhes aprisionando os filhos, vão buscar Certões mais remotos para se estabelecerem, e não tornão a invadir as nossas terras" (in RIHGB 1918:90).

Em vez de cessarem, as hostilidades com os Xavante só fariam aumentar nos anos seguintes. Dez anos mais tarde, em 1774, o sucessor de Mello, Jose

d'Almeida e Vasconcellos (in RIHGB 1918), relatou que, na estação seca anterior, os Xavante tinham atacado quatro povoados de garimpeiros ao longo do Rio Tocantins. Isso indica que os Xavante, naquela época, longe de buscar "Certões mais remotos", estavam se expandindo na direção leste.

Em 1757, um novo sistema que impunha controle secular sobre os índios foi adotado em todo o Brasil. Essa legislação, conhecida como Diretório[6], suspendia a escravidão de índios, encorajava os casamentos interétnicos e idealizava a conversão gradual das aldeias em municipalidades. O objetivo era a integração gradual dos índios à população geral. Com essa legislação, a Coroa Portuguesa enfatizou seus interesses, que eram povoar seus vastos domínios no Brasil com súditos de Portugal, fossem eles índios ou não, acima daqueles dos colonizadores, para quem os índios pacificados eram apenas uma fonte de mão-de-obra braçal (Almeida 1997; Hemming 1987; Prado 1963).

No início da década de 1780, os Xavante formavam um dos poucos grupos indígenas de Goiás que permaneciam hostis. Eles eram mais ativos no norte da capitania, onde diversas fazendas de gado tinham sido abandonadas por causa das depredações feitas pelos Xavante. Também, devido aos seguidos assaltos às plantações, os garimpeiros estavam ficando desabastecidos de alimentos (RIHGB 1918).

Em 1784, o governador Tristão de Menezes organizou uma nova bandeira para pacificar os Xavante. Em 1790, o documento *Relação da Conquista do Gentio Xavante*, atribuído ao Tenente dos Dragões José Rodrigues Freire, foi publicado em Lisboa (Freire 1951). Ele dá um testemunho dos eventos que se seguiram. Vale analisar detalhadamente esse relato porque o mesmo oferece uma excelente perspectiva acerca das motivações, bem como das estratégias usadas pelo governo colonial ao lidar com grupos indígenas em Goiás (vide também Karasch 1992).

Conforme relatado por Freire, a bandeira obteve êxito ao alcançar a aldeia dos "bárbaros homicidas", os quais rejeitaram firmemente todas as propostas de paz. Freire especulou que os Xavante, uma vez que tinham matado recentemente vários portugueses, temiam que essas propostas de paz fossem apenas uma armadilha com a intenção de enganá-los. Quando o comandante se deu conta de que as propostas de paz não estavam levando a lugar algum, deu aos Kayapó que acompanhavam a bandeira ordens para que os prendessem, as quais executaram com muito prazer, segundo o relato, pois os Xavante eram seus inimigos tradicionais. Dessa forma, capturaram um guerreiro, quatro mulheres e várias crianças Xavante, retornando, em seguida, para a capital de Goyaz. O governador tratou o prisioneiro Xavante com tanto "carinho e afabilidade" que ele prometeu tentar convencer seus companheiros acerca das boas intenções dos não-índios. Esse Xavante, que passou a se chamar Tristão em homenagem ao governador, teve permissão para voltar à sua aldeia alguns meses depois a fim de levar a mensagem de paz do governo. Segundo ela, os Xavante deveriam "vir participar entre os brancos dos doces frutos da sociedade civil, ficando dêsse modo em perpétuo esquecimento tôdas as hostilidades que nos haviam feito, e todos os crimes, que contra nós haviam aleivosamente perpetrado" (Freire 1951:14-15).

Depois de muita discussão, durante as quais Tristão escapou por pouco de ser morto por sua própria gente sob suspeita de traição, os líderes da aldeia

6 Pelas normas do Diretório, as ordens religiosas não tinham mais controle temporal ou civil sobre os índios pacificados. Deviam limitar suas atividades à conversão e instrução religiosas. Os índios deveriam ser assentados em colônias ou "missões seculares", também chamadas de "aldeias," administradas por "diretores," autoridades nomeadas pelos governadores (vide Almeida 1997; Hemming 1987).

ficaram aparentemente convencidos. Isso porque ele teve permissão de voltar até os não-índios, junto com o irmão e várias mulheres, com a mensagem de que os Xavante estariam prontos para a paz e que deveria ser preparado um assentamento onde seria plantada uma lavoura para sua subsistência. No início da estiagem seguinte, um guia deveria encontrá-los em um local pré-determinado, quando então todo o grupo se mudaria para o assentamento.

O governador começou os preparativos para construir uma aldeia para os Xavante em um local chamado Carretão, não muito longe de Vila Boa[7], e mandou plantar uma lavoura para a subsistência dos recém-chegados. Porém, o processo de assentamento não transcorreu tão tranquilamente quanto desejava o governador. No ponto de encontro combinado, o guia encontrou apenas um grupo Xavante preparado para caçar. Os soldados logo se deram conta de que estavam cercados por um grande número de guerreiros que tinham vindo armados e prontos para combater, demonstrando que eles tinham pouca confiança na boa fé dos portugueses. Segundo Freire, um indivíduo da tribo Akroá, que fazia parte do grupo de guias, pôs os Xavante em alerta contra os não-índios. Foi o chefe dos Kayapó que finalmente persuadiu os Xavante a baixarem os arcos e flechas, pois ele declarou que, se não o fizessem, os próprios Kayapó, junto com os portugueses, procurariam e destruiriam todas as aldeias Xavante, qualquer que fosse a distância.

No início da estação seca seguinte, o governador ficou estarrecido ao receber a notícia vinda do norte de que mais de dois mil Xavante estavam marchando em direção à capital. Tristão de Menezes nunca imaginou que viriam tantos. A ideia de que os índios poderiam chegar a Vila Boa em grande número o enchia de apreensão, pois era um ano de seca e os habitantes tinham poucas provisões para si mesmos, o que dirá o suficiente para alimentar duas mil bocas a mais. Depois de consultar as autoridades da cidade, o governador decidiu dividir os Xavante em dois grupos, um para ser assentado em Carretão e o outro em Salinas, mais ao norte, próximo ao Rio Araguaia. Isso não apenas facilitaria prover a subsistência dos Xavante nas duas aldeias, como também diminuiria a ameaça em potencial representada por tantos guerreiros juntos.

O governador enviou uma escolta com ordens para guiar os Xavante por estradas secundárias e evitar as cidades, mas os soldados acharam mais fácil simplesmente levá-los de cidade a cidade. A princípio, os habitantes ficaram aterrorizados, escondendo as famílias e fechando as lojas, mas quando viram que os índios eram amistosos, encheram-nos de presentes e até contribuíram com alimentos para a futura aldeia. No entanto, quando os Xavante chegaram ao local onde a estrada se bifurcava, a autoridade que deveria dividir o grupo encontrou tanta resistência que foi obrigada a desistir do plano. Quando deixaram a mata, os Xavante declararam que queriam viver entre os não-índios e não em um lugar distante como Salinas, que era conhecido por ter um clima pouco saudável e estar infestado de mosquitos. Em janeiro de 1788, depois de seis meses de viagem, pois seguiam devagar, carregando crianças, idosos e doentes, os Xavante finalmente entraram em Carretão, segundo o relato de Freire, ao som "dos seus desagradáveis instrumentos, alaridos e danças, de que se compõem os seus festejos ao seu uso" (Freire 1951:18).

O grupo se estabeleceu em Carretão, e apenas o chefe e alguns outros líderes foram à capital onde o governador deu ao primeiro tantos presentes que,

7 Carretão não era a única aldeia onde os Xavante foram assentados. No final do século XVIII, algumas situavam-se em Mossâmedes (Chaim 1983). No século XIX, missionários italianos fundaram aldeias ao longo do Araguaia, em Estiva, Salinas e São Joaquim do Jamimbu, onde alguns grupos Xavante foram assentados (Hemming 1987; Lopes da Silva 1992). Deve-se destacar que muitos grupos Xavante nunca aceitaram a sedentarização.

quando voltou à aldeia, fez um discurso fervoroso a fim de convencer seus seguidores das boas intenções do governo e de encorajá-los a trabalhar na lavoura com as ferramentas que o governador lhe tinha dado para distribuir. Tristão de Menezes tinha motivo para estar satisfeito com o aparente sucesso do assentamento Xavante, pois agora era possível fazer a prospecção de ouro em regiões onde ninguém ousava se aventurar até aquele momento. Vários mineradores que tinham sido prisioneiros dos Xavante e liberados na época do assentamento garantiram ao governador que tinham visto locais prováveis da presença de ouro durante o cativeiro, mas estavam incapazes de fazer a prospecção porque não tinham as ferramentas necessárias.

Freire concluiu seu *Relação da Conquista do Gentio Xavante* de forma altamente otimista. Escreveu que um padre batizou 412 crianças Xavante em uma visita, apesar do fato de que muitas famílias estarem ausentes da aldeia, tendo fugido para a floresta por causa de uma epidemia que os atacou quase que imediatamente após a chegada, matando mais de cem pessoas. Desde que a epidemia terminou, as condições, segundo Freire, estavam melhorando, pois os Xavante estavam se tornando agricultores e, portanto, havia mais alimentos. O governador pôde ter a satisfação de ter libertado "os povos desta Capitania de outras tantas feras, que lhe devoraram as entranhas; e ao mesmo tempo a incomparável glória de ter grangeado à Igreja igual número de filhos, com outros tantos vassalos ao Império Português" (Freire 1951:19).

Embora parecesse que a aldeia estava florescendo na época em que Freire escreveu seu relato, em poucos anos Carretão estava praticamente deserta (Ravagnani 1978). Na década de 1780, devia haver bem mais de dez mil índios assentados em diversas aldeias em Goiás. No fim do século, restavam apenas alguns e qualquer tentativa de "civilizá-los" de acordo com as normas do Diretório havia fracassado. A situação era bem semelhante à de 50 anos antes: praticamente não havia índios pacificados em Goiás.

Naquela época, o grupo indígena mais poderoso e atuante em Goiás era o Xavante, que aparentemente estava se expandindo para o leste. No mesmo período, os Xerente começaram a ser mencionados na literatura. Segundo Pohl (1951), cujo informante era um colonizador que tinha sido capturado pelos Xavante e que morou com eles durante vários anos, os Xavante, os Xerente e os Akroá-Mirim, anteriormente grupos distintos, estavam agora unidos em um só. Espalhavam-se por um vasto território nas duas margens do Rio Tocantins, indo de Porto Real, rio abaixo, até São Pedro de Alcântara, e na direção leste até a região de Pastos Bons, no Maranhão. Mattos (1875), em escrito de 1824, calculou que os Xavante tinham quatro mil guerreiros, o que indicaria uma população total de, pelo menos, 12 mil pessoas, incluindo mulheres e crianças.

Depois de mais de um século de guerras, reassentamentos e epidemias, os índios em Goiás ainda eram numerosos e defendiam com vigor seus territórios. Os grupos retaliavam contra as expedições de captura de escravos, as quais eram novamente semilegalizadas, com invasão e destruição de fazendas e roubo de gado (Prado 1963). A deterioração econômica da região e o resultante declínio da população em geral também eram fatores relevantes. As relações entre índios e não-índios tinham piorado muito desde o século XVIII, quando os governadores de Goiás comemoraram o sucesso dos alde-

amentos na manutenção da paz. Os poucos índios que permaneceram nas aldeias viviam miseravelmente, sujeitos à autoridade de diretores ignorantes e frequentemente violentos.

Por volta de meados do século XIX, o naturalista francês Conde de Castelnau viajou cruzando Minas Gerais até Goiás (Castelnau 1850). Parece claro que naquela época os Xavante já estavam migrando na direção oeste, pois Castelnau ouviu falar de uma grande aldeia Xavante a oeste do Rio Araguaia. Uma vez que os Xavante se retiraram cruzando o Araguaia, separaram-se dos Xerente. Foi quando esses começaram a ser cercados pelos colonizadores. Na década de 1860, parece que a separação entre Xavante e Xerente estava completa. Aqueles que eram então conhecidos como Xerente estavam pacificados e assentados ao longo do Rio Tocantins, particularmente na região da foz do Rio do Sono. Os Xavante se distinguiam como aqueles que migraram para além do Araguaia e que permaneciam, em sua maioria, livres. Na década de 1860, os colonizadores que viviam às margens do Rio Araguaia contaram ao General Couto de Magalhães (1934) que uma coluna de fumaça vista ao norte indicava os acampamentos Xavante ao longo do Rio das Mortes.

É quase certo que a separação dos Xavante e Xerente, bem como a retirada cruzando o Araguaia, foram causadas pela expansão das frentes demográficas. Por volta de 1824, a população não-indígena de Goiás tinha crescido 25% desde o censo de 1804 (Castelnau 1850; Pohl 1951). No século XVIII, os índios das aldeias de assentamento mantinham contato com seus parentes livres cujas aldeias se localizavam na mesma região (RIHGB 1918). Índios livres visitavam as aldeias de assentamento quando estavam migrando e, a seguir partiam novamente. As autoridades condenavam esse costume, mas, enquanto a região não estava dominada pelos colonizadores e os Xavante eram livres para ir e vir, não podiam fazer muito para controlá-los. Esses contatos se tornaram cada vez mais difíceis na medida em que a população de colonizadores aumentava. Entretanto, no oeste de Goiás ainda havia relativamente poucos colonizadores, e além do Araguaia menos ainda. Foi, portanto, nessa direção que os Xavante migraram.

Em meados do século XIX, o governo imperial brasileiro tinha, em grande parte, abandonado as tentativas de controlar os índios por meio de expedições punitivas. Em 1857, um decreto devolveu a administração das aldeias para a Igreja. No Araguaia, as autoridades provinciais estavam buscando promover a navegação, encorajando assentamentos missionários de indígenas pacificados. Missionários capuchinhos italianos fundaram missões no Araguaia e foram bem-sucedidos em assentar muitos Karajá e Xavante. Esperava-se que essas missões, protegidas por pequenas guarnições militares, se tornassem os núcleos de assentamentos que supririam a navegação fluvial de combustível e provisões (Hemming 1987).

Por essa época, alguns grupos Xavante já tinham cruzado o Araguaia e estavam assentados na região do Rio das Mortes. Em 1856, o Frei Sigismundo de Taggia, juntamente com um grupo de índios de missões, soldados e colonizadores, subiu o Rio das Mortes tentando contatar os Xavante (Hemming 1987; Karasch 1992). Alcançaram uma aldeia, mas encontraram apenas mulheres, crianças e homens velhos, pois os homens jovens estavam caçando. Apesar das ofertas de paz e presentes que os índios das missões trouxeram,

um velho disse-lhes que não queria saber de não-índios, os quais sabia serem ruins, pois, quando os Xavante estavam em Carretão, sofreram maus-tratos. O grupo retirou-se com prudência antes do retorno dos caçadores. Porém, antes de alcançarem as canoas no rio, pararam para dormir e sofreram uma emboscada. Na luta que se seguiu, os Xavante foram afugentados com tiros e alguns foram mortos. De volta à missão no Araguaia, Frei Sigismundo solicitou armas às autoridades para que pudesse tentar novamente contatar os "selvagens" Xavante, mas não há registro de que o tenha feito.

A história da expansão Xavante no leste de Mato Grosso por volta de meados do século XIX é difícil de estabelecer em seus detalhes. Muito do que se conhece sobre esse período tem origem em reconstituições com base em histórias da tradição oral coletadas por missionários e antropólogos no século XX, portanto muitas décadas depois de os eventos terem ocorrido (vide Giaccaria e Heide 1984; Graham 1995; Leeuwenberg e Salimon 1999; Lopes da Silva 1992). Com exceção das disputas com os Bororo ao sul e com os Karajá no Araguaia, não há registro de conflitos dos Xavante com outros índios. Até o século XX, poucos colonizadores, cujas cidades mais próximas encontravam-se ao longo do Araguaia ou distantes a oeste, nas proximidades de Cuiabá, tentaram penetrar na região para onde os Xavante haviam migrado.

Segundo uma interpretação dos registros históricos, muitos Xavante cruzaram o Rio das Mortes em meados da década de 1850, e "[...] o grupo [que ficou] a leste do rio [das Mortes] tenha sido extinto, já que não há mais referência a eles nos documentos da época" (Ravagnani, in Lopes da Silva 1992:365). Entretanto, nem todos os Xavante cruzaram o Rio das Mortes. Em 1858, foi verificada a presença de um grupo de índios perto de uma cidade nas proximidades de Vila Boa, alarmando os moradores, ainda que os primeiros não demonstrassem hostilidade. De acordo com o governador de Goiás, esses índios provavelmente pertenciam à "numerosa horda dos Chavantes que habitam, segundo estou informado, as populosas aldeias que me conta existirem na margem esquerda do Araguaia, proximadamente à foz de rio do Peixe" (Ravagnani 1978:132).

A hipótese na qual os Xavante passaram a residir exclusivamente a leste do Rio das Mortes em meados da década de 1850 é refutada pela tradição oral Xavante, de acordo com a qual inúmeras aldeias foram ocupadas, por períodos extensos, entre os rios Araguaia e das Mortes. Há ainda registros históricos dos anos 1930 que indicam que os Xavante ocupavam as duas margens do Rio das Mortes desde longa data. Parece que, em meados de 1800, a maior parte da população Xavante migrou para as proximidades do Rio das Mortes, onde estabeleceram aldeias em ambos os lados em diferentes momentos, até a transferência definitiva do P.I. Pimentel Barbosa para a margem esquerda.

Documentos históricos de 1880 confirmam a presença Xavante na região do Rio das Mortes. Em 1887, uma expedição que subia esse rio, liderada por Jaci Caldas, foi atacada por um grupo Xavante. Caldas e dois outros membros da expedição foram feridos gravemente, forçando-os a recuar (Caldas 1941).

Entre os Xavante localizados na região do Rio das Mortes, a rejeição à aproximação dos não-índios estava tão firmemente entranhada que demorou quase cem anos até que outro contato pacífico fosse realizado. É provável

que um dos motivos para essa rejeição fosse o medo de doenças infecciosas epidêmicas. Os Xavante inclusive rejeitavam contato com grupos indígenas vizinhos receosos de que esses pudessem lhes transmitir doenças. Segundo Maybury-Lewis (1984:49), "Os Xavante desprezam os Karajá mas os temem. Dizem que estes os infectam com doenças, quer por contágio, quer por feitiçaria, segundo o estado de espírito do informante". Um Karajá contou a Hermano Ribeiro da Silva (1935:227) que grupos de Xerente costumavam passar pela Ilha do Bananal a caminho de sua visita aos parentes Xavante, até que, segundo ele, os líderes Xavante ordenaram-lhes que não retornassem, uma vez que, em virtude da associação com os não-índios, os Xerente seriam portadores de doenças.

De meados do século XIX até o início do século XX, os Xavante foram deixados relativamente em paz. Um motivo pelo qual isso aconteceu foi porque as fronteiras demográficas e econômicas mais importantes estavam, por exemplo, nas regiões do Rio Guaporé e no Pantanal, longe de seus territórios. Durante a maior parte desse período, uma parcela expressiva da população Xavante viveu nas aldeias Wedezé e Sõrepré, a leste e oeste do Rio das Mortes, respectivamente, nos flancos da Serra do Roncador, que constituíam os locais de referência principal do grupo (Graham 1995; Lopes da Silva 1992). Nas décadas seguintes, grupos que permaneceram nessa área, ou seja, os ancestrais da população Xavante que reside atualmente nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, foram os primeiros a manter contato permanente com o SPI.

Histórico oral de ocupação da região de Wedezé

A tradição oral Xavante traça uma trajetória de migração contínua, da costa do Atlântico (próximo ao mar, onde o sol nasce, na visão Xavante) até o Brasil Central, incluindo a travessia do Rio Araguaia na direção da região do Rio das Mortes (Coimbra et al. 2002; Giaccaria e Heide 1984; Graham 1995; Leeuwenberg e Robinson 1999; Lopes da Silva 1992, 1999). Essa história narra inúmeros momentos de interações, tanto pacíficas quanto hostis, com não-indígenas. De acordo com histórias contadas por velhos Xavante das terras indígenas de São Marcos e Sangradouro (Giaccaria e Heide 1984), a lembrança mais remota de uma aldeia Xavante a situa no Rio Araguaia (chamada de Dunari, "casas cobertas com capim"). Tal aldeia foi habitada até a chegada dos colonizadores, fazendo com que eles cruzassem o rio rumo a oeste. Segundo esses velhos, os Xavante se estabeleceram então no Rio Cristalino, em um local chamado Marãto'bre. Quando foram atacados nesse local por não-índios auxiliados por indivíduos Xavante de outra comunidade, quase todos os homens adultos foram mortos. Eles então seguiram para um local mais distante a oeste e chegaram ao Rio das Mortes.

Segundo alguns relatos Xavante (Leeuwenberg e Salimon 1999), após cruzarem o Araguaia os Xavante permaneceram anos entre os dois rios, até que alguns indivíduos decidiram cruzar o Rio das Mortes.

Os Xavante têm uma narrativa que relata como seus antepassados, durante sua migração para o oeste, cruzaram um rio largo nas costas de um boto. A história conta como os colonizadores começaram a derrubar a floresta e

a plantar na margem leste do rio. Um velho de Pimentel Barbosa, Sereburã, narra o episódio do seguinte modo (Sereburã et al. 1998:89):

> Um pouco só atravessou o rio das Mortes para o lado onde estamos vivendo agora. O resto do povo ficou para trás. Pensamos que ia dar tudo certo. Mas de repente o boto apareceu e passou na frente. Eles devem ter ficado com medo da fumaça que saiu da água. A gente ficava com medo mesmo. [...] O grupo que atravessou pedia para os parentes cuidarem bem dos sobrinhos. 'Não neguem nada para o seu sobrinho! Atendam os seus pedidos!' O povo que ficou do outro lado do rio era muita gente. Muito mais do que os que atravessaram.

Essa história é por vezes interpretada como o momento decisivo da separação entre os Xavante e os Xerente no Rio Araguaia (Graham 1995; Lopes da Silva 1982; Maybury-Lewis 1965b). Na versão contada por Sereburã, os Xavante cruzaram o Rio das Mortes, vindo de onde nasce o sol, fugindo de lugares onde havia muitos colonizadores (Sereburã et al. 1998).

Segundo a história oral Xavante, doenças poderiam ser provocadas por objetos pertencentes a não-índios ou a outros seres desconhecidos (Giaccaria e Heide 1975:173-180). Eles explicaram um episódio particular que ocorreu há muito tempo, quando muitos dos homens mais corajosos de uma aldeia haviam morrido, um grupo de mulheres resolveu atacar de surpresa os não-índios. Depois de dias de busca, elas chegaram a um vilarejo e se pintaram para o ataque. Então, ouviram gritos estranhos e começou a soprar um vento; não era um povoado de colonizadores, mas uma aldeia de espíritos maléficos que desapareceram quando as mulheres se aproximaram. Elas entraram nas casas vazias procurando facas e outras ferramentas. Não acharam esses itens, portanto levaram algumas armas e outros objetos que pertenciam aos espíritos. Quando deixaram o vilarejo, as mulheres começaram a ficar doentes. Ficaram com medo de morrer e, afirmaram, "Talvez sejam essas coisas que estamos levando. É isso mesmo". As mulheres recuaram no caminho que fizeram e, à proporção que percorriam o trajeto, recuperavam-se. Quando chegaram à casa, todos ficaram impressionados com suas aventuras. "E eles como que são, como que são?", perguntavam sobre os espíritos que as mulheres encontraram. "Eles, eles têm rosto chato, rosto chato, são envolvidos com penas e rosto branco [...]. É *tsimihöpãri*!"[8] Essa narrativa demonstra o medo das doenças introduzidas, presente na história oral Xavante e a expressão, por meio da identificação dos forasteiros como monstros, da ideia de que o contato com não-índios era perigoso.

Relatos orais com algumas diferenças quanto à sequência temporal das aldeias na região do Rio das Mortes têm sido documentados entre os residentes das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa e em outras terras Xavante. As diferenças podem ser atribuídas à tendência dos membros de cada grupo tratarem os eventos mais próximos no tempo e espaço dos seus próprios grupos locais com maior especificidade (Graham 1995).

De acordo com os relatos coletados nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, os Xavante constituíam um grupo politicamente unificado e de alta mobilidade, vindo a construir sua primeira aldeia de longa duração (ou "permanente")

8 Uma narrativa contada nos anos 1970 aos missionários salesianos por um Xavante idoso descreve a experiência de um homem sofrendo de uma doença que poderia ter sido varíola (Giaccaria e Heide 1975).

em Wedezé, na margem direita do Rio das Mortes[9], onde residiram por vários anos. O local foi ocupado por muitas décadas e habitado por toda a população Xavante, que seria próxima de duas ou três mil pessoas naquela época. Wedezé é altamente valorizada pelos Xavante por ter sido a primeira aldeia permanente referida em sua história oral e a primeira na qual todo o povo viveu após sua chegada ao território localizado a oeste do Rio Araguaia. Foi lá onde os Xavante passaram a identificar-se com o Rio das Mortes.

Apesar de se referirem ao povo Xavante, quando habitava Wedezé durante aquele período, como uma única comunidade, os relatos indicam que a aldeia não se mantinha totalmente fixa em determinado lugar, como as atuais costumam ser. Podia acontecer a mudança do local da aldeia em uma mesma região, mas continuavam com a mesma designação. Além disso, ainda que os Xavante fossem um povo unido, não quer dizer que toda a população ocupasse os mesmos sítios ao mesmo tempo. Por vezes, grupos familiares deixavam Wedezé em excursões e ocasionalmente estabeleciam acampamentos e aldeias provisórias em diferentes pontos do território. Consequentemente, a começar pela primeira chegada dos Xavante em Wedezé, no início da era pré-contato, cada grupo familiar tem uma história um pouco diferente acerca de seus movimentos históricos e dos assentamentos. No entanto, todas as histórias remetem aos mesmos movimentos básicos realizados pela maior parte da população entre uma série de aldeias antigas, reconhecidas por todos os velhos de Wedezé e Pimentel Barbosa (Figura 2.1).

De acordo com os mesmos relatos, depois de viverem por muitos anos em Wedezé, antes do contato oficial ter sido estabelecido com o SPI na mesma região, alguns colonizadores não-indígenas adentraram a região e se situaram nas proximidades da aldeia Wedezé[10]. As relações entre alguns colonizadores e os Xavante foram, inicialmente, amigáveis. Aconteceu o caso de um homem não-índio que se interessou por uma mulher Xavante, que era casada, e deu a ela muitos presentes para ganhar sua admiração. Ela chegou a visitá-lo em sua casa e eles começaram a ter relações sexuais. Em um dado momento, ele também a visitou em sua casa quando ela estava preparando comida para os seus filhos. Ele fez sexo com ela na frente dos filhos e do marido. Sua família e os demais membros da comunidade ficaram surpresos e ofendidos com tal comportamento e por isso deixaram Wedezé, cruzando o Rio das Mortes rumo ao oeste, para situar-se um pouco mais distante dos não-indígenas que na ocasião viviam lá[11]. Seu marido também partiu, abandonando-a com o homem não-índio. Contudo, seus dois irmãos, Pareupsewawe e Serezaduté, permaneceram para convencê-la a deixar o não-índio e voltar aos Xavante. Finalmente, ela decidiu ficar e seus irmãos também deixaram o local para juntarem-se ao seu povo.

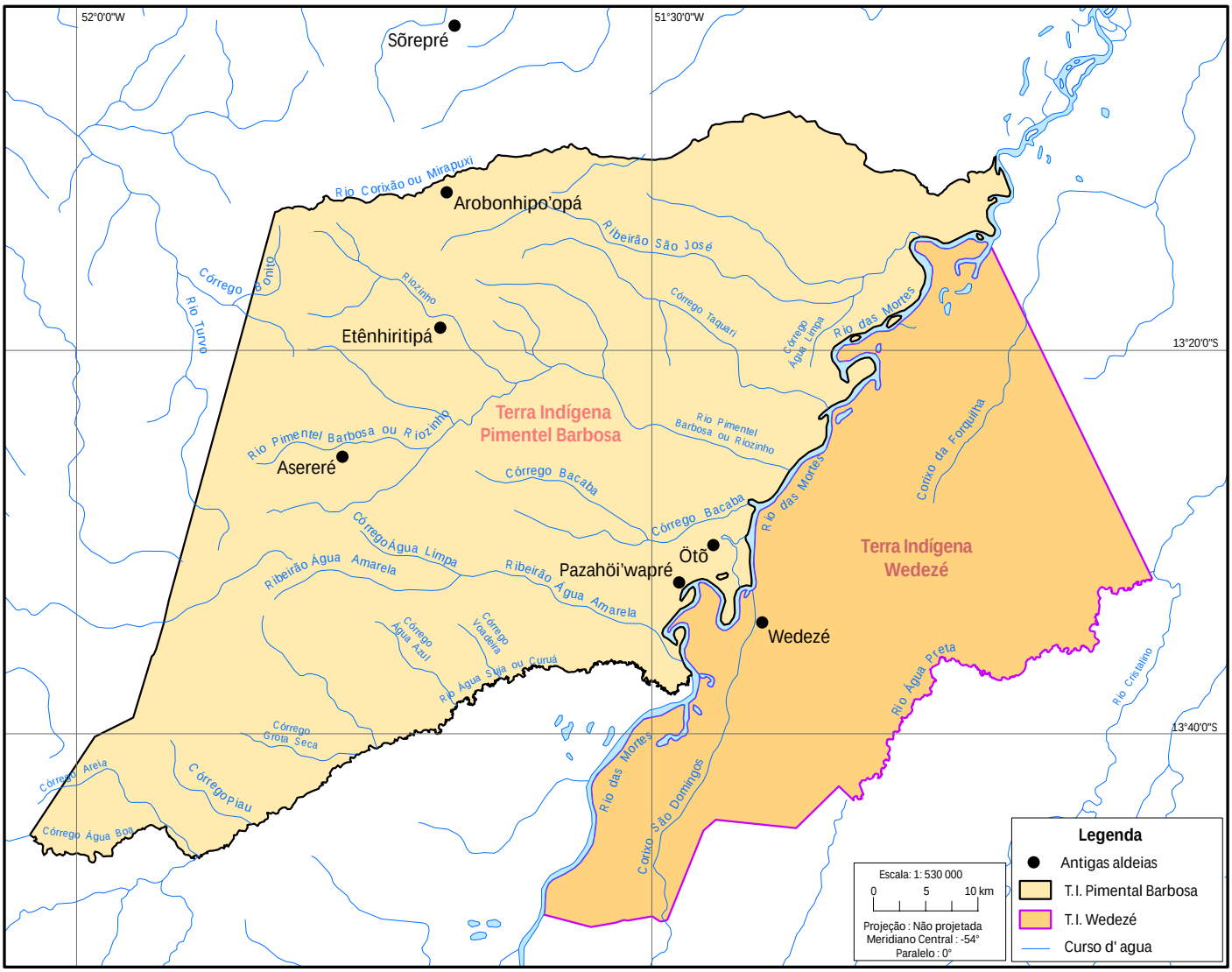
Nesse meio tempo, depois de deixarem suas casas em Wedezé, os Xavante já tinham cruzado o Rio das Mortes e se deslocavam rumo ao noroeste, se estabelecendo a cerca de 65 quilômetros nessa direção a partir do rio, próximo à cabeceira do Rio São João, constituindo a aldeia Sõrepré. Apesar de os Xavante realizarem visitas frequentes às terras situadas na margem esquerda do Rio das Mortes, essa teria sido a primeira vez que estabeleceram uma aldeia permanente do lado esquerdo do rio. Segundo a história oral Xavante, a aldeia Sõrepré é considerada de grande importância por ser o local quando,

9 De acordo com a tradição oral Xavante, várias aldeias permanentes foram construídas no local Wedezé. A primeira, mencionada nesta passagem, foi instalada muito antes do contato pacífico ter sido estabelecido com o SPI na década de 1940, provavelmente em meados da década de 1850. Uma outra, que ocorreu após esse contato, foi o campo de estudo Xavante primário do antropólogo Maybury-Lewis (1984) nas décadas de 1950 e 1960.

10 Segundo a história oral Xavante, conforme nos foi relatada de maneira consistente pelos velhos de Wedezé e Pimentel Barbosa, o contato oficial que teria sido estabelecido entre o povo Xavante e o SPI em 1946 não foi o primeiro com os não-indígenas na região do Rio das Mortes. Esse relato está de acordo com o que se conhece acerca do processo histórico de expansão demográfica e econômica na região Centro-Oeste, que se intensificou a partir do século XIX.

11 Relatos Xavante acerca dos possíveis motivos que os levavam a mudar a localização de aldeias podem incluir inúmeros fatores de ordem demográfica e ambiental. No caso específico do primeiro deslocamento do grupo a partir de Wedezé, os velhos mencionam especificamente o comportamento inapropriado que caracterizou a relação entre essa mulher Xavante e seu amante não-indígena como o motivo que desencadeou a mudança. Em outras palavras, a mudança poderia ter acontecido por várias razões, mas essa série de eventos é identificada como motivadora da tomada de decisão que, em última instância, levou-os a efetivamente deixarem Wedezé naquele momento específico.

Figura 2.1. Mapa de localização das antigas aldeias Xavante na região das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, 2010.



pela última vez, os Xavante viveram unificados do ponto de vista político. Os relatos dos velhos das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa assemelham-se àqueles de outras comunidades Xavante, que também indicam Sõrepré como um importante marco na história do povo (Graham 1995; Lopes da Silva 1992).

Segundo narrativas dos velhos, foram bons tempos para os Xavante enquanto ali viveram. A terra de Sõrepré era fértil, a população cresceu, a aldeia era grande e as pessoas viviam tanto que chegavam a uma idade em que ficavam "curvadas como tatus". Quando o conselho dos homens se reunia no centro da aldeia, havia tantos homens que o círculo que formavam foi composto de idosos de cabelos brancos no centro e atrás deles, conforme os grupos etários, os homens de meia-idade até os mais novos.

Tal como nos relatos sobre a primeira ocupação de Wedezé, o local da aldeia Sõrepré teria se modificado inúmeras vezes no período de sua existência como aldeia fixa, o que ocorreu desde o fim do século XIX até a década

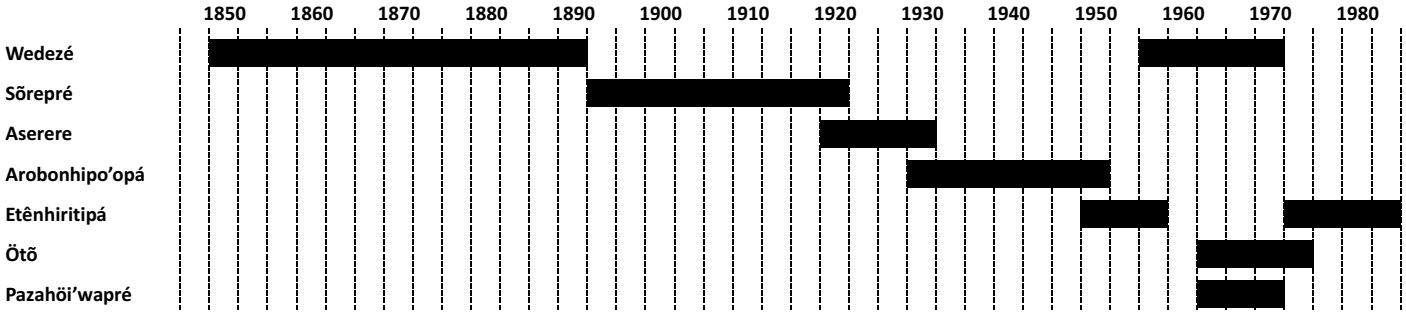
de 1920, segundo Lopes da Silva (1992). Diferentes subgrupos iam e vinham, formando assentamentos em outros acampamentos e aldeias temporárias da região por períodos de tempo limitados. Embora não todas as localizações destas aldeias temporárias são conhecidas, entre estas os velhos identificam Abotonho'u (também chamada Riwahu ou Hötörã Zarazé), Mo'õniró e Hu'uhi (Sereburã et al. 1998).

Apesar de Sõrepré ser considerada o último momento quando foram politicamente unificados, os velhos de Wedezé e Pimentel Barbosa também identificam a dispersão a partir de Sõrepré como um momento histórico particular no qual conflitos políticos internos suplantaram a unidade. Em contraste à saida dos Xavante de Wedezé como um grupo único, a dissolução de Sõrepré ocorreu gradualmente, com o conflito interno provocando uma série de represálias entre diferentes subgrupos. Com o aumento dos conflitos, nem toda a população permaneceu em Sõrepré. Movimentos sucessivos de diferentes grupos familiares resultaram no estabelecimento de novos assentamentos em outros lugares, alguns tão longe quanto aqueles localizados no Rio das Mortes, próximo a São Félix, Marãiwatsede, Rio Couto de Magalhães e Rio Sete de Setembro (Lopes da Silva 1992). Alguns desses subgrupos posteriormente voltaram a Sõrepré, mas outros se estabeleceram em diferentes locais.

Quando Sõrepré se dissolveu, alguns grupos se mudaram para terras mais distantes a oeste e norte, ao passo que o grupo que atualmente ocupa as T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa permaneceu nas proximidades. De acordo com os velhos, o primeiro grupo se deslocou definitivamente para o norte, estabelecendo-se na região de Marãiwatsede. Posteriormente, outro grupo se deslocou para o oeste e eventualmente veio a se constituir nas populações que atualmente vivem nas T.I. Marechal Rondon, Parabubure, Sangradouro/Volta Grande e São Marcos.

A história oral dos movimentos que aconteceram após Sõrepré, como foi contada pelo grupo que veio a se estabelecer nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, enfoca as terras situadas em ambos os lados do Rio das Mortes. A cronologia das principais aldeias que foram estabelecidas durante esse período, até a identificação e delimitação das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, são apontadas na Figura 2.2. De acordo com esses velhos, uma das primeiras aldeias foi Asereré, que situava entre as aldeias atuais de Caçula e Pimentel Barbosa, nos limites da atual T.I. Pimentel Barbosa. Esse sítio foi habitado por algum tempo antes da saída final de Sõrepré. Entretanto, quando Sõrepré se dissolveu, uma parcela de sua população se uniu ao grupo que já estava em

Figura 2.2. Cronologia aproximada dos movimentos de aldeias Xavante na região do Rio das Mortes desde o século XIX.



Asereré (Sereburã et al. 1998). Alguns ancestrais dos membros do grupo que agora reside nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa deslocaram-se de Sõrepré para Hu'uhi, e em seguida para Abotonho'u, antes de chegarem a Asereré. Esse grupo foi liderado por Prasé, irmão de Apöwẽ, liderança do grupo que fez contato com o SPI na década de 1940. Alguns dos membros da população que atualmente vive em Wedezé e Pimentel Babosa nasceram nessa época. Velhos Xavante contam sobre o ataque a Asereré perpetrado por não-índios acompanhados de homens Xerente (Sereburã et al. 1998). Tal relato lembra aquele descrito acima, da Bandeira Piratininga, de 1938, liderada por Willy Aureli. Posteriormente, esse grupo formou uma aldeia em um local chamado Sinhorõtõ, seguido por uma aldeia em Etênhiritipá, no mesmo local das atuais aldeias de Pimentel Barbosa e Etênhiritipá.

O grupo de Apöwẽ, então liderado pelo seu pai, Paraipá, seguiu caminho um pouco diferente. Após deixarem Sõrepré, foram viver em Eterã'urã, às margens de um afluente do Rio Sete de Setembro, perto do Rio Culuene. Um residente atual da aldeia Pimentel Barbosa nasceu em Eterã'urã naquela época. O grupo de Apöwẽ foi então para Arobonhipo'opá, localizada na margem direita do Rio Corixão. De acordo com uma entrevista com Apöwẽ, foram os integrantes desse grupo que emboscaram o inspetor do SPI, Genésio Pimentel Barbosa, durante sua expedição para pacificar os Xavante. De acordo com um velho Xavante (Sereburã et al. 1998:114-115):

> Pimentel Barbosa estava no acampamento. Ele começou a balançar as facas [presentes] no ar. Os [brancos] estavam com medo. Mas os [Xavante] não tiveram dó. Pimentel pediu para ninguém atirar. Ele balançou as facas tentando impedir o ataque […]. Primeiro foram mortos os trabalhadores, depois mataram Pimentel. Ele estava armado mas não atirou. Os [Xavante] se juntaram. Pegaram e derrubaram Pimentel no chão. Ele foi morto por último […]. Esse povo que foi atacado estava ali para avisar os [Xavante] da chegada dos [brancos]. Não sei por que foram mortos […]. Não era para fazer mal […].

De acordo com velhos Xavante, na primeira vez que um avião sobrevoou uma aldeia Xavante eles estavam realizando uma caminhada pelo cerrado. É provável que se trate do mesmo evento relatado na revista *O Cruzeiro*, no qual um avião realizou rasantes sobre as casas e chegou a ser atingido por uma flecha (Nasser e Manzon 1946). O avião espalhou tamanho pânico que um ancião de Pimentel Barbosa recordou o episódio cinco décadas depois, nos anos 1990, "Dava muito medo! Muito medo! Tinha gente correndo de um lado para o outro. Todo mundo apavorado, escondendo os filhos, sem saber o que fazer […]. Muito medo!" (Sereburã et al. 1998:117).

Velhos Xavante recordam que, em 1946, quando foi estabelecido contato permanente com o SPI perto de Wedezé, o grupo de Apöwẽ estava em Arobonhipo'opá (Sereburã et al. 1998). De acordo com Warodi, filho mais velho de Apöwẽ, foi este, e não o SPI, quem "iniciou e controlou o contato", salvando os sertanistas dos outros Xavante que estavam zangados (Graham 1995:33-34). No entanto, essa decisão não foi unânime; enquanto o grupo de Apöwẽ aceitou o contato, outros permaneceram afastados. Logo após o contato com

o SPI, o grupo de Apöwẽ mudou-se para o local chamado Etênhiritipá, onde estão situadas as atuais aldeias de Pimentel Barbosa e Etênhiritipá.

Posteriormente, quando o grupo de Apöwẽ já mantinha relações pacíficas com os não-índios, decidiram se mudar de Etênhiritipá para Wedezé, próximo ao posto do SPI na margem direita do Rio das Mortes. De acordo com um velho, "Foi daqui, de Etênhiritipa que houve uma divisão. Foi daqui que voltamos para [o Rio das Mortes] [...]. Atravessamos o rio das Mortes para onde nossos avós viviam [...]" (Sereburã et al. 1998:133). Muitos Xavante que ainda vivem nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa nasceram naquela época em Wedezé.

Naquela época, enquanto a maioria do grupo habitava Wedezé, um subgrupo ficou por aproximadamente dois anos no Rio Cristalino, na aldeia antiga Pi'ahö, identificada por um velho Xavante como localizada na margem direita desse rio, perto da confluência do Rio Água Preta. De acordo com o relato de velhos da T.I. Pimentel Barbosa, Pi'ahö tinha aproximadamente 35 habitantes, a maior parte constituída de grupos familiares que não se alinhavam politicamente com o grupo de Apöwẽ. A morte de aproximadamente vinte pessoas de Pi'ahö em um curto período de tempo foi interpretada como resultante de feitiçaria[12]. A redução populacional e a diminuição do conflito fizeram com que os sobreviventes se reunissem ao grupo de Wedezé.

Durante o período de residência em Wedezé, os Xavante utilizaram uma vasta região da margem direita do Rio das Mortes para caça e coleta. Como uma velha da aldeia Wedezé, Wautõmõ'aba, contou:

> Aqui [em Wedezé] os Xavante faziam longas caminhadas em busca de alimentos e ainda atravessavam o Rio Cristalino [...]. Nossa mãe nos levava à região da serra, no Rio Cristalino, em busca de alimentos para coletar. A gente ia lá para arrancar cará e inhame. Nossa mãe tirava esses alimentos e os colocava em cestas para nós carregarmos [...]. Nossa mãe fazia longas caminhadas nessa região. Fazia casas provisórias para acamparmos (indicando com a mão para o leste, até o Rio Cristalino, para o sul até Arobo're, e ao norte até Wedezé).

Apesar de a região da atual T.I. Wedezé ter sido ocupada no período entre 1956 e 1972, algumas famílias saíram antes. O primeiro grupo a deixar Wedezé formou a aldeia Ötõ, localizada nas margens de uma lagoa no lado esquerdo do Rio das Mortes, rio abaixo de Wedezé. De acordo com Maybury-Lewis, esse deslocamento ocorreu entre 1958 e 1962 (Maybury-Lewis 1984). Pouco tempo depois, outro grupo estabeleceu a aldeia Pazahöi'wapré, também na margem esquerda, porém rio acima. Nessa época, outro grupo viveu temporariamente em Asereré, localizado perto da aldeia Caçula. Após alguns anos, esses diferentes grupos, incluindo familias que permaneceram em Wedezé, se reuniram em Pazahöi'wapré para realizarem os rituais de iniciação dos meninos adolescentes. De acordo com Tsuptó Buprewên Wa'iri Xavante, atual cacique da aldeia Pimentel Barbosa, essa realocação gradual de Wedezé para a margem esquerda do Rio das Mortes foi motivada pela presença crescente de não-indígenas no P.I. Pimentel Barbosa (anteriormente denominado São Domingos) e não pretendia ser definitiva. Como ele explicou:

12 *Segundo relatos de velhos em julho de 2010, a lista de homens (h) e mulheres (h) que foram enterrados na aldeia Pi'ahö, no Rio Cristalino, inclui Biwéwãwe (m), Duiwe (h), Höinhirobowẽ (h), Hönhi'robowẽ (h), Paraptõwé (h), Pezé (m), Répári'õ (m), Sõwazé (h), Uiní (m), Urebepté (h), Uwá (m), Wa'aihö (h), Wautomo'terõtó (m), Wautomo'wa (m), Wautomo'wehö (m), Wedeté (h) e Wẽnhõ'rã (h).*

> O que eu ouço quando os velhos contam a história [de Wedezé] é que não sabiam se a mudança para [Pazahöi'wapré] seria uma coisa definitiva. Mas, quando os velhos resolveram, por exemplo, mudar para [Pazahöi'wapré], os brancos estavam incomodando […]. É a partir daí que os velhos decidiram chamar o resto do grupo, mas os outros grupos já tinham atravessado porque tinha muito branco entrando aí […]. E depois, quando mudaram para lá, viram que eles não podiam voltar naquele lugar. Por quê? Logo depois que eles saíram para [Pazahöi'wapré], os brancos já tinham ali, uns já colocando cavalo, colocando gado. E os velhos nem imaginavam por que tinha esse movimento em Wedezé. Então, acharam muito esquisito isso […].

Ainda segundo Tsuptó, antes da mudança definitiva do grupo inteiro de Pazahöi'wapré para Etênhiritipá, alguns Xavante foram lá para escolher o local de uma provável aldeia. Ao perceberem que alguns Xavante estavam em Etênhiritipá, e que a comunidade considerava se mudar para lá, proprietários de terras locais, em concordância com servidores da FUNAI, construíram prédios e uma pista de pouso para que o P.I. Pimentel Barbosa fosse transferido para a margem esquerda do Rio das Mortes. Segundo vários depoimentos, isso ocorreu sem que a comunidade Xavante tenha sido consultada.

O novo assentamento em Etênhiritipá acabou por se tornar permanente devido à rápida circunscrição das terras Xavante pelos fazendeiros e pela presença continuada do posto da FUNAI naquele local e, mais recentemente, do posto de saúde da FUNASA/SESAI. A pressão dos fazendeiros intensificou-se, a ponto de fazendas terem se estabelecido a poucos quilômetros da aldeia. Como explicou o velho Serezabdi, "O limite da reserva estava bem ali no [local] Séwari. Os [brancos] estavam perto de nós, apertando a gente […]. Aí tomamos a decisão de expulsar os fazendeiros, por nossa conta mesmo" (Sereburã et al. 1998:154). Depois de uma série de investidas dos Xavante, vários fazendeiros das proximidades de Etênhiritipá se retiraram.

Segundo relatos de velhos, os Xavante nunca deixaram de visitar e utilizar a região de Wedezé, até mesmo depois da realocação para o lado esquerdo do rio. Nos anos seguintes continuaram a usar Wedezé para caça, pesca e atividades de coleta. Em 2009, cerimônias de grupos etários foram feitas lá e, a seguir, o grupo de Caçula construiu uma aldeia. Nas palavras da velha Wautõmõ'aba:

> Nessa terra, onde estou hoje, construíamos casas provisórias. Há cemitérios espalhados nessa região onde nossos avôs foram enterrados. Eu me sinto feliz aqui, como se tivesse nenhum branco. Agora têm os brancos aqui, mas estou aqui para morar para sempre.

A continuidade da ocupação Xavante das terras de Wedezé é inclusive reconhecida por fazendeiros da região, conforme depoimentos de lideranças das aldeias das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa que, há décadas, costumam contatar os gerentes ou outros funcionários das fazendas para avisá-los sobre eventuais entradas para visitar cemitérios, realizar caçadas ou outras atividades. Também há evidências de reconhecimento por parte dos proprietários

das fazendas acerca do uso contínuo da T.I. Wedezé pelos Xavante. Por exemplo, em um fax datado de 30 de junho de 2000, a Empresa Scopel Empreendimentos, representante legal da Fazenda Remanso, solicita à FUNAI providências diante da presença de índios Xavante que se encontravam nos limites da fazenda para a realização de caçada (vide o Anexo IV).

História do contato permanente e reconhecimento oficial do território

Segundo os documentos históricos, logo após o seu estabelecimento na região do Rio das Mortes no século XIX, os Xavante enfrentaram novas invasões de seu território. Colonizadores estavam chegando a Mato Grosso e se estabelecendo às margens do Rio das Mortes. Os Xavante ocasionalmente emboscavam e matavam esses pioneiros. Em retaliação, os colonos organizavam grupos para invadir as aldeias Xavante, matando os habitantes e queimando as habitações (Maybury-Lewis 1984). Gradualmente, os Xavante adquiriram uma reputação nacional de ferocidade. Eles seriam considerados tão traiçoeiros, que, segundo um relato, "[…] até corriam com os pés apontando para a direção contrária, a fim de desorientar seus perseguidores" (Smith 1971:34).

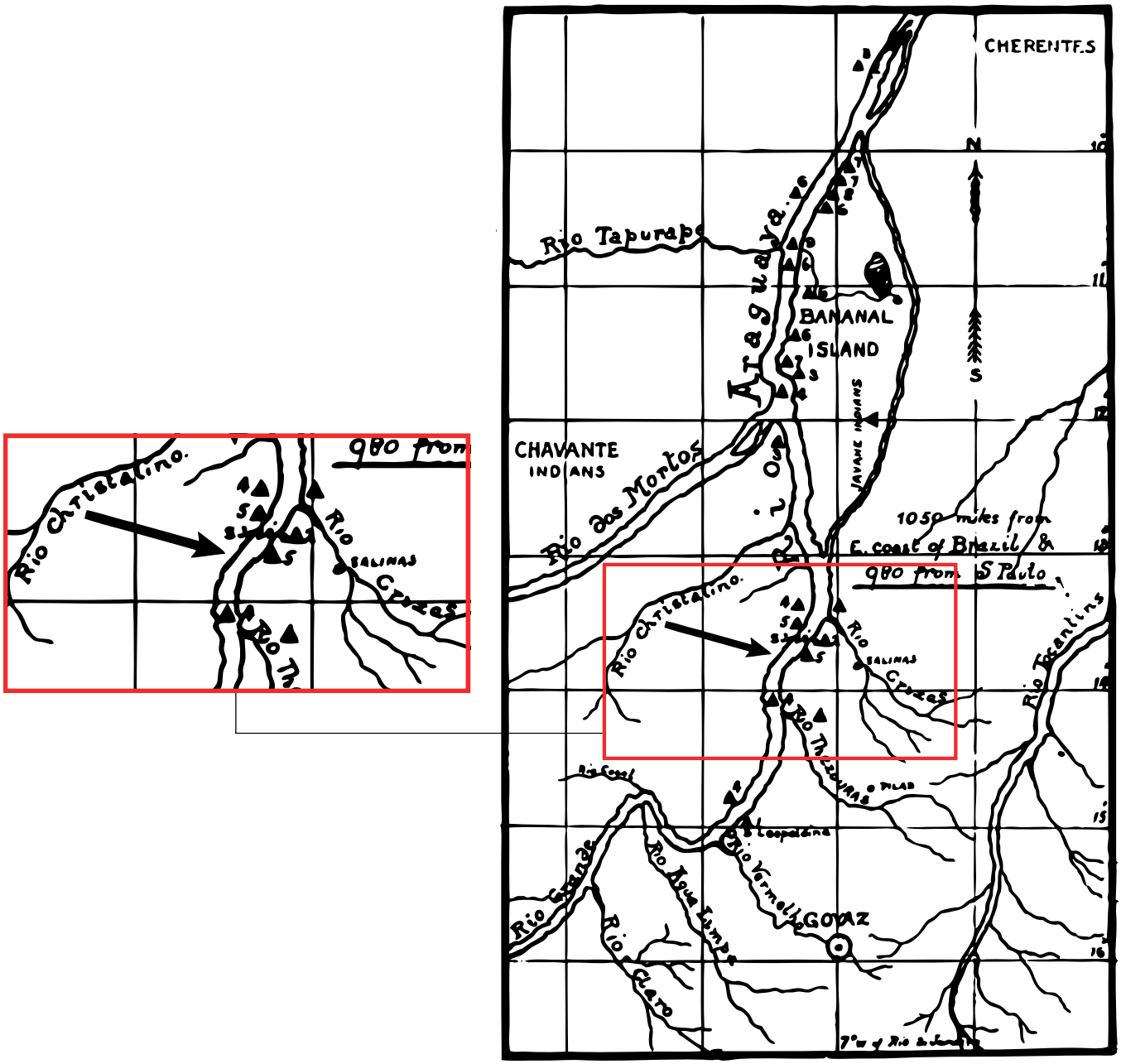
Nos meses de julho e agosto de 1909, uma expedição de reconhecimento da Missão Evangélica Sul-Americana de Liverpool, Inglaterra, visitou a Ilha do Bananal com o objetivo de investigar os índios Karajá. Em uma descrição dessa viagem (Glass 1911:18-19) há menção de terem visto um grupo Xavante na margem esquerda do Rio das Mortes, em uma localidade acima da Ilha do Bananal, além do povoado de São José, aproximadamente na mesma latitude do Morro de Wedezé (Figura 2.3):

> No raiar da manhã seguinte, seguimos viagem e, após três horas remando, paramos para tomar café da manhã em uma pequena ilha. Enquanto Sylverio estava preparando arroz, Odidi começou a explorar as redondezas e logo retornou com a notícia que um grupo dos terríveis Chavante estava fazendo uma refeição do outro lado da mesma ilha. Pela areia, caminhando cuidadosamente uma curta distância, pude ver o grupo de selvagens vermelhos sentados no entorno de uma fogueira. Com seus olhos e ouvidos apurados, rapidamente perceberam nossa presença e entraram no mato, e não mais os vimos.

Em um momento posterior à viagem, após chegar à Ilha do Bananal, em um ponto localizado entre o Rio das Mortes e o Rio Tapirapé, aproximadamente na latitude onde se localiza atualmente a T.I. Marãiwasede, Glass (1911:31) observou:

> Naquela ocasião a lua nasceu tarde e as noites eram escuras. Mas a luz das estrelas era suficiente para indicar a linha escura da margem do rio onde viviam os Xavante, uma milha distante além do Araguya. Uma queimada da mata, não muito distante da margem oposta do rio, lançava um brilho vermelho sobre as águas, e se refletia em uma nuvem da fumaça acima da superfície, gerando uma cena impressionante e

Figura 2.3. Mapa de Frederick C. Glass (1911:75) com a indicação do local onde os Xavante foram avistados em 1909 nas margens do Rio Araguaia.



Nota: a localização aproximada na qual foi avistado o grupo Xavante, indicada pela seta, foi por nós estimada com base na descrição de Glass (1911:75).

> espetacular, ainda mais por causa do entorno imediato. Acima e abaixo da margem do rio onde estávamos era território dos Carajás, enquanto que logo do outro lado era terra dos temidos Chavantes. Estes, uns poucos meses antes, haviam atacado e matado alguns Carajás que tinham se aventurado a abrir uma pequena roça do outro lado do rio [...]. Qualquer trabalho missionário com foco na tribo Carajá estaria em contato direto com todos esses outros [indígenas] [...].

O autor menciona também que havia aproximadamente 2.000 Xavante vivendo nas "redondezas" da Ilha do Bananal em 1909. Essas várias citações

demonstram que, na primeira década dos anos 1900, os Xavante estavam amplamente distribuídos nas terras localizadas na margem esquerda do Rio Araguaia. Seu território incluía tanto as margens esquerda e direita do Rio das Mortes, em locais tão distantes como a região a sul da T.I. Wedezé, até o norte, na região do Rio Tapirapé. Essa última citação é também importante porque menciona a ocorrência de uma grande queimada no território Xavante, algo típico no contexto das práticas tradicionais desse povo, qual seja, o uso de fogo em caçadas coletivas, que são realizadas durante a época de seca (vide Capítulo 5).

O avanço no território Xavante durante as décadas de 1930 e 1940 foi planejado e conduzido segundo política governamental da época. A década de 1930 tornou-se um momento decisivo na história econômica e política brasileira, quando um governo fortemente centralizador, presidido por Getúlio Vargas, reforçou o nacionalismo e a intervenção estatal na economia e na sociedade[13]. Durante esse período, o governo enfatizou a necessidade de estimular o desenvolvimento e a integração nacional. Expressando essa ideologia, em 1938 o regime Vargas lançou a "Marcha para o Oeste", um programa para tornar acessíveis as regiões centrais do Brasil e desenvolvê-las, vistas naquela época como desabitadas e isoladas do processo de desenvolvimento econômico do país como um todo.

A "Marcha para o Oeste" tomou corpo pela primeira vez no esforço exploratório batizado de Expedição Roncador-Xingu, organizada por uma agência governamental – a Fundação Brasil Central (FBC) – criada por meio de decreto-lei em 1943 (Garfield 1996; Menezes 2000; Villas Boas e Villas Boas 1994). O mandado da FBC era construir a infraestrutura que permitiria o subsequente assentamento e desenvolvimento econômico das regiões centrais do Brasil. Essa infraestrutura incluía estradas, escolas, hospitais, aeroportos, etc. Foram definidas metas específicas, como o assentamento de duzentas famílias por ano na região ao longo do Rio das Mortes e na Serra do Roncador. O plano previa que a criação de gado se tornasse a base da economia regional (Garfield 1996:82-91).

A presença dos Xavante na região obviamente impunha uma barreira que teria de ser superada se os planos da FBC fossem cumpridos. A intensificação dos esforços do SPI[14] no início da década de 1940 para estabelecer contato com os Xavante se devia, em parte, ao fato de que a rota planejada para a Expedição Roncador-Xingu cruzava territórios que se sabiam ocupados por eles. Isso foi claramente expresso em um documento de instrução de 1944 do SPI, endereçado ao indigenista desse Serviço, Francisco Meireles, que coordenaria o esforço de estabelecer o contato permanente (SPI 1944). Esse documento enfatiza a urgência de estabelecer contato pacífico com os Xavante, já que a Expedição Roncador-Xingu em breve cruzaria o Rio das Mortes e, necessariamente, atravessaria o território desse povo. A FBC colaboraria com o SPI, contribuindo com recursos financeiros para acelerar o processo de atração, uma vez que a FBC não tinha qualquer intenção de atrasar as próprias atividades para esperar "a pacificação desses índios, que ainda são arredios e hostis, já que sabemos que esse processo leva muito tempo para produzir resultados" (SPI 1944:1-2).

A dificuldade de estabelecer contato pacífico com os Xavante ficou evidente na década de 1930. No ano de 1931, dois padres salesianos, Sacilotti e

13 Vide Carone (1976), Fausto (1994), Levine (1970) e Skidmore (1967) sobre Vargas e o "Estado Novo".

14 O SPI era uma agência do governo federal brasileiro, fundada na década de 1910, tendo um oficial militar, Cândido Mariano da Silva Rondon, como diretor. O objetivo declarado da agência era contatar grupos indígenas isolados e protegê-los dos efeitos destrutivos da expansão das fronteiras. Sobre a história do SPI, vide Souza Lima (1995) e Stauffer (1955).

Fuchs, foram mortos em uma tentativa que não foi bem sucedida (Duroure e Carletti 1936; Lopes da Silva 1992).

Em 1936, um grupo de homens Xavante matou o filho de um posseiro. Em retaliação, uma expedição bem-armada foi formada e, de acordo com os guias Bororo, dizimou completamente uma aldeia Xavante (Maybury-Lewis 1984).

Em 1937, uma expedição que partiu de São Paulo, chamada Bandeira Anhangüera, liderada por Hermano Ribeiro da Silva, encontrou um campo de caça Xavante abandonado perto do Rio Cristalino. Eles exploraram as terras a leste do Rio das Mortes, no sentido da Serra do Roncador, e encontraram uma aldeia Xavante. Apesar dos presentes distribuídos pelos expedicionários, os Xavante responderam com flechadas. Os membros da expedição reagiram estourando fogos de artifício e com isso os índios fugiram, segundo os relatos. Os exploradores então entraram nas casas e pegaram os objetos que encontraram, deixando em troca alguns itens industrializados. Concluído o saque, partiram em retirada (Brasileiro 1938).

Em 1938, outra expedição oriunda de São Paulo, a Bandeira Piratininga, liderada por Willi Aureli, entrou em uma aldeia Xavante localizada na margem esquerda do Rio das Mortes, mas foi repelida. Os Xavante os perseguiram até o Rio das Mortes e espancaram a pauladas um expedicionário que tentou fugir a nado (Aureli 1943).

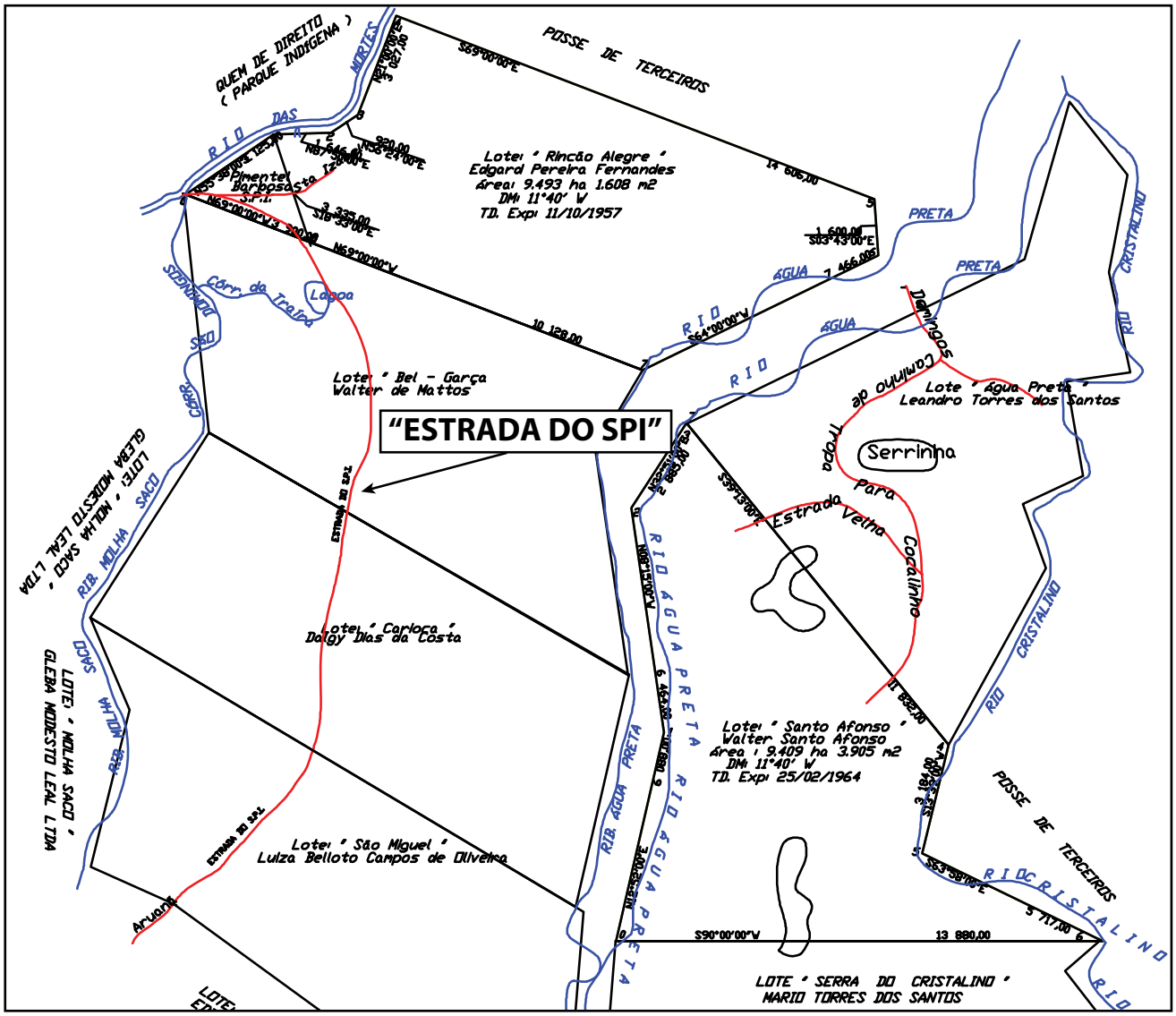
Por essa época, o SPI também sofreu importante revéz. Em 1941 o inspetor do SPI Genésio Pimentel Barbosa montou um "posto de atração" no Rio das Mortes (Freitas Filho 1954; Maybury-Lewis 1984). O posto foi construído onde, em 1931, o Padre Hippolyto Chovelon estabeleceu uma base de operações da Missão Salesiana com vistas a catequizar os Xavante. Esse local, chamado São Domingos, estava localizado na margem direita do Rio das Mortes, aos pés do Morro de Wedezé. Os funcionários do SPI começaram a deixar presentes como facas, lâminas de machado, panelas e outros bens manufaturados ao longo de trilhas. A equipe de atração entusiasmou-se quando os índios começaram a pegar os presentes. Contudo, inesperadamente, Pimentel Barbosa, com vários de seus homens, foi emboscado e morto. O posto foi posteriormente renomeado de São Domingos para Pimentel Barbosa em homenagem ao falecido inspetor do SPI.

Vale destacar que há documentos oficiais que atestam não somente a localização específica do P.I. Pimentel Barbosa como também suas ligações com outras localidades do leste de Mato Grosso. A Figura 2.4 apresenta o detalhe de um mapa do Instituto de Terras de Mato Grosso (Intermat) do ano 2002, que tem indicações relevantes sobre o Posto e também as vias de acesso ao mesmo na década de 1950, quando ocorreram as primeiras titulações de terras da região de Wedezé (Almeida 2002). Vê-se uma chamada "Estrada do SPI" que parte do posto indígena na direção sul, paralela ao Corixo (Córrego de) São Domingos, atravessando diversas propriedades. Jurandir Barros, atual funcionário da FUNAI em Água Boa, Mato Grosso, que nasceu e cresceu em São Domingos nas décadas de 1940 e 1950, indicou em entrevista que essa estrada era utilizada regularmente, pois era a principal via de contato entre o posto indígena e as cidades de Aruanã e Cocalinho, que abasteciam de alimentos e outras provisões os funcionários do SPI que trabalhavam no posto.

As áreas de ocupação e uso Xavante na região do Rio das Mortes foram objeto de debates entre 1930 e 1950, especialmente no que diz respeito à sua presença na margem direita do Rio das Mortes. Documentos históricos confirmam a presença deles nos dois lados do rio não apenas durante esse período, mas desde longa data, conforme referido anteriormente, onde descrevemos relatos de visualização de pessoas Xavante às margens do Rio Araguaia no início do século XX (Glass 1911).

Segundo o relatório do SPI referente ao ano de 1930, "Esses índios tem o seu habitat nas margens do Rio das Mortes, que corre todo o estado do Mato Grosso, mas se aglomeram, principalmente, nas proximidades da sua confluência com o Araguaya" (Fernandes da Costa 1931:76). Um relatório do SPI do mesmo ano relata um ataque Xavante contra os Karajá na Ilha do Bananal (Garfield 1996). De acordo com uma versão do relatório (Silva 1935), um grupo

Figura 2.4. Detalhe do mapa do Instituto de Terras de Mato Grosso (Intermat) que mostra uma "Estrada do SPI" que parte do antigo P.I. Pimentel Barbosa (São Domingos), 2002.



Obs. Observar no mapa a indicação da "Estrada do SPI".

de Xavante matou dois Karajá que estavam pescando numa praia, desaparecendo em seguida. Outros Karajá morreram ou desapareceram quando entraram no território Xavante.

Um registro de 1935 indicou, tomando como referência o Rio Araguaia, "O livre patrimonio desses selvagens bravios distende-se agora por toda a margem esquerda até o Tapirapés, no trecho de perto de 120 leguas indevassadas por christãos" (Silva 1935:62).

Em 1938, o Padre Hippollyto Chovelon (1938) relatou ter estabelecido contato pacífico com os Xavante na margem direita do Rio das Mortes, nas redondezas de Wedezé. De acordo com esse relato, eles subiram o Morro de Wedezé (ou São Domingos), localizado na margem direita do Rio das Mortes, e "[...] nas fraldas do morro vimos rastos dos índios Chavantes a procura dos cocos babassús". Posteriormente, seguindo o curso do rio, "duas flechas partem da matta direita e veiu cahir deante da proa de nosso barco". Quando investigaram a origem das flechas, encontraram índios, arcos e flechas em mãos, calmamente os observando. Segundo o Padre Chovelon, o território Xavante naquele tempo era vasto, pois se estendia do Rio das Mortes até o Rio Xingu, no lado oeste, e ao sudeste, até a estrada que ligava a cidade de Goyaz (atualmente conhecida como Goiás Velho) a Cuiabá.

Também em 1938, Szaffka (1942) relatou ter encontrado "primitivas balsas" dos Xavante na margem esquerda do Rio das Mortes, que eram usadas para cruzar o rio. Segundo esse relato (Szaffka 1942:173):

> No outro lado do rio [margem direita] via-se o princípio dum caminho. Os donos das balsas vinham por esse caminho – como mais tarde verificamos – de suas aldeias situadas sobre o Rio das Mortes e o Rio Araguaia. Vinham buscar mantimentos (caça etc.) nos terrenos já secos, ou faziam apenas uma visita aos seus parentes da aldeia deste lado do rio [...].

De acordo com um documento do SPI de 1944 que descreve detalhadamente ações que deveriam ser tomadas em prol da pacificação dos Xavante, "O Chavante tem a região Mortes-Cristalino como campo de caça, como se tem verificado nas suas penetrações agora no verão" (SPI 1944). O mesmo documento menciona um subgrupo específico que passou o inverno na região Cristalino-Mortes.

Em 1948, Herbert Baldus escreveu sobre os Xavante (Baldus 1948:157):

> Parece que os 'isolacionistas' [os Xavante] atravessaram freqüentemente o rio das Mortes, mas não o Araguaia, isto é, mataram Karajá e brancos só na margem esquerda deste rio [Araguaia], mas Bororo e brancos também no interior da margem direita do rio das Mortes. Por outro lado, houve invasões dos brancos na margem oposta do mesmo rio [das Mortes].

Segundo Baldus, os Xavante nunca invadiram as terras pertencentes a outras etnias nem de colonizadores, limitando-se a defender o território onde se refugiaram. Ainda segundo esse autor, "Os choques que os Karajá tiveram com estes sempre se deram na margem esquerda do Araguaia", que era parte do território Xavante naquele tempo (Baldus 1951:126-127).

Em torno de 1954, um médico sanitarista do SPI relatou que os Xavante ocupavam ambas as margens do Rio das Mortes e, no sentido leste, até o Rio Cristalino (Freitas Filho 1954). Da mesma forma, Freitas Filho (1954) citou que em 1954 havia roças utilizadas pelos Xavante nas margens do Rio Água Preta, tributário do Rio Cristalino[15].

Em 1958, Maybury-Lewis observou várias famílias deixando Wedezé para realizar longas expedições de caça e coleta, conhecidas na literatura antropológica como *treks*. Essas expedições ocorriam em regiões localizadas em ambas as margens do Rio das Mortes (Maybury-Lewis 1984). De acordo com um mapa preparado por esse antropólogo e reproduzido em sua monografia, os grupos familiares chegaram a se deslocar até a região do Rio São João, localizada a oeste do Rio das Mortes. Do outro lado do Rio das Mortes, a leste, alcançavam a desembocadura do Rio Cristalino, no extremo sul da Ilha do Bananal, continuando ao longo da margem esquerda do Rio Araguaia, até próximo da localidade de Bandeirante.

Esses documentos históricos indicam que nas décadas precedentes ao estabelecimento do contato pacífico com o SPI, os Xavante viviam e utilizavam terras em ambas as margens do Rio das Mortes, incluindo a área de Wedezé. Maybury- Lewis resumiu a situação da seguinte maneira (Maybury-Lewis 1984:47):

> Houve tempo em que os Xavante decididamente consideravam o Araguaia como sendo o limite oriental de seus domínios pois atacavam regularmente as pessoas que tentavam se estabelecer a oeste do rio. Mais tarde, os Xavante recuaram para além do rio das Mortes mas ainda percorriam as terras situadas entre este e o Araguaia, de modo que só os brasileiros mais destemidos estabeleciam-se ali. Mesmo depois da "pacificação" dos índios, suas andanças preocupavam a população local. Os habitantes de povoados distantes como Cocalinho e Aruanã, mesmo em 1958 ainda se sentiam amedrontados e inibidos quando grupos de Xavante vinham às cidades.

Desde muitas décadas atrás, os Xavante já estavam bem conscientes de que o mundo exterior estava, mais uma vez, avançando em sua direção. Segundo Ravagnani (1978:162-163), os Xavante estavam:

> Encurralados, sem possibilidades de novas migrações, cercados por criadores de gado, com o território invadido por todos os lados, seus rios navegados por poderosas lanchas motorizadas, seus campos cortados por várias expedições, as ald eias tomadas por surpresas e atacadas por armas eficientes, suas casas vasculhadas e roubadas, fazendas e povoados florescendo em suas terras [...].

O poder e a determinação dos invasores eram evidentes. Nos jornais e revistas publicados antes do contato oficial entre o primeiro grupo Xavante e o SPI há o registro de que voos sobre aldeias Xavante eram comuns. Em 1940, Getúlio Vargas, numa viagem à região do Araguaia para promover a Marcha para o Oeste, deu instruções para que seu avião sobrevoasse aldeias não

15 Jurandir Barros indicou em entrevista que nasceu em Wedezé em 1948, sendo filho de João de Souza Barros, que trabalhava no P.I. Pimentel Barbosa (São Domingos) na época. Outros cinco irmãos também nasceram em Wedezé. Jurandir viveu em São Domingos até os 12 anos, tendo saído por quatro anos para fins de estudo e retornando a seguir. Residiu em São Domingos até 1973, quando o posto foi removido para a margem esquerda do Rio das Mortes. Segundo ele, quando lá vivia, havia roças do SPI e dos Xavante nas duas margens do Rio Água Preta. Jurandir também indicou que a região do Água Preta era um local tradicionalmente utilizado pelos Xavante para fins de agricultura. Outros comentários de Jurandir disseram respeito aos usos dos Xavante da região do Cristalino e do Forquilha para atividades de caça.

contatadas de índios Xavante "extremamente ferozes" (Garfield 1997:749). A imprensa brasileira, com relatos sensacionalistas de investidas ousadas em território Xavante, buscava satisfazer a curiosidade do público. O editor de *O Cruzeiro*, a mais importante revista semanal de notícias do Brasil na época, enviou um avião com um repórter e um fotógrafo para sobrevoar aldeias Xavante em baixa altitude (Morais 1994; Nasser 1944). Quando o avião mergulhou em direção às habitações, homens armados de arcos e flechas e bordunas tentaram revidar. O avião voava tão baixo que uma borduna arremessada pelos Xavante o atingiu, danificando a cauda (Figura 2.5).

O progresso da equipe de "pacificação" do SPI, organizada em 1944 sob a liderança de Francisco Meireles, e instalada no "posto de atração" às margens do Rio das Mortes, era lento. Todavia, em um período de dois anos, Meireles pôde reportar que o primeiro grupo Xavante tinha aceitado presentes e que, após poucos meses, estavam visitando o posto[16]. Em 1945, a expedição Ronca-

16 Vide Garfield (1996) para uma descrição da pacificação dos Xavante por Meireles.

Figura 2.5. Foto aérea de uma aldeia Xavante em 1944, publicada na revista *O Cruzeiro*.

Foto: Jean Manzon.
Obs.: Note na parte inferior da fotografia a sombra do avião.

dor-Xingu, liderada pelos irmãos Villas Boas, atravessou o território Xavante em direção às cabeceiras do Rio Xingu. A expedição foi seguida pelos Xavante, que em dado momento atiraram pedras no seu acampamento. Em certa ocasião, quando a expedição se aproximou de uma aldeia e foi atacada pelos Xavante, os membros da expedição afugentaram os índios atirando para cima (Villas Boas e Villas Boas 1994).

O grupo que primeiro aceitou o contato, em 1946, era liderado por um homem nascido na antiga aldeia Sõrepré, chamado Apöwẽ. A população das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, na qual este estudo se baseia, tem suas origens diretamente ligadas ao grupo de Apöwẽ. Testemunhas presentes na época do contato relataram que os Xavante, depois de se acostumarem com as trocas de presentes promovidas pelos agentes do SPI, frequentemente iniciavam a permuta oferecendo arcos em troca de algo (Fonseca 1948). O grupo de Apöwẽ, que se tornou mais próximo da equipe do SPI, recebeu grande quantidade de presentes. Por volta de 1949, Meireles tinha distribuído aproximadamente 4.000 facões e 2.000 lâminas de machado, bem como uma variedade de outras ferramentas e utensílios (Souza 1953a, 1953b).

Em 1950, uma expedição da Força Aérea Brasileira construiu uma pista de pouso em uma localidade próxima da Serra do Roncador. Em um dado momento, os militares foram visitados por um grande grupo de Xavante, que incluiu pela primeira vez mulheres e crianças (Souza 1953b). No mesmo ano, Francisco Meireles e sua equipe visitaram a aldeia de Apöwẽ, tornando-se os primeiros não-índios a entrarem pacificamente em uma aldeia Xavante no século XX (Souza 1953b). Em 1956, o grupo de Apöwẽ mudou-se da margem esquerda do Rio das Mortes para a oposta, vindo a se instalar em Wedezé, o mesmo local que já tinham habitado anteriormente, antes de estabelecerem a aldeia de Sõrepré. Essa última mudança parece ter sido realizada para se aproximarem do P.I. Pimentel Barbosa, que tinha sido estabelecido nesse local pelo SPI na década anterior.

Esforços oficiais para alocar terra para o povo Xavante começaram em 1950, por meio da doação de grande extensão de terras situadas na margem esquerda do Rio das Mortes feita pelo Estado de Mato Grosso. Essa doação foi formalizada pelo Decreto Estadual nº 903 de 1950 e somava 1.931.000 ha. Essas terras compreendiam uma vasta área entre o Rio São João, cerca de 88 km a noroeste do limite superior da atual T.I. Pimentel Barbosa, e a cidade de Xavantina. Esses limites abrangiam uma região bastante maior se comparada àquela que, posteriormente, foi demarcada como a T.I. Pimentel Barbosa. O decreto estipulava ainda que, se a terra não fosse medida e demarcada pelo SPI no prazo de dois anos, deveria ser revertida ao estado. Em 1956, com o Decreto Estadual nº 948, essa área foi substancialmente reduzida com a retirada de 1.114.500 ha, resultando em 816.500 ha, menos da metade do estabelecido pelo Decreto nº 903. Novo prazo de dois anos para medição e demarcação foi estabelecido. De acordo com relatórios de agentes do SPI, essas áreas já estavam sendo vendidas pelo Estado de Mato Grosso ao público muito antes do prazo de dois anos ter sido alcançado (Maybury-Lewis 1984).

Após 1956, houve pouca mobilização com vistas ao estabelecimento de uma reserva para os Xavante de Wedezé e Pimentel Barbosa. Contudo, documentos internos do SPI e correspondências trocadas entre a agência indige-

nista e interessados locais na década de 1960, revelam um debate contínuo sobre se o povo Xavante teria direito às terras da margem direita do Rio das Mortes, incluindo a região de Wedezé. No cerne desse debate estava um conflito entre proprietários de terras, principalmente Jayme Rodrigues Barbosa e o SPI e, posteriormente, a FUNAI, a respeito da mudança do P.I. Pimentel Barbosa da margem direita do Rio das Mortes para a margem esquerda, que correspondia à área que o Estado de Mato Grosso havia doado para os Xavante viverem. As terras localizadas na margem direita, parte das quais de propriedade de J. R. Barbosa, foram vendidas pelo estado para particulares em 1953, antes mesmo das aldeias Xavante terem sido mudadas para a região localizada à esquerda do Rio das Mortes (Barbosa 1963).

> O aspecto da maior gravidade no caso, está na venda feita pelo Govêrno do Estado de Mato Grosso, de terras indígenas, à terceiros. Existindo índios na gleba em questão, a eles pertencem a gleba, tanto faz que seja ela situada na margem direita ou na margem esquerda do rio das Mortes. O simples fato de ter sido doada outra gleba para os referidos índios, não invalida o direito de posse dos silvícolas às terras onde estão atualmente localizados [...].

Como discutido anteriormente, as terras na margem direita do Rio das Mortes eram ocupadas e utilizadas pelos Xavante desde aproximadamente 1850. As propostas de demarcação e proteção da terra para os Xavante não foram adiante por falta de fundos e funcionários (Garfield 1996). Os agentes do SPI eram instruídos a patrulhar a área do posto para evitar invasões e não permitir a legalização das terras invadidas, mas seus relatos e apelos à sede raramente surtiam efeito.

Leitão relatou de forma indignada que o governo do Mato Grosso havia vendido por valor irrisório a terra onde o posto do SPI se localizava desde os anos 1940 (Garfield 1996). Porém, em uma carta de 23 de janeiro de 1964, Leitão argumentou que as terras da margem direita, onde se localizava o P.I. Pimentel Barbosa, já pertenceriam ao proprietário J. R. Barbosa porque ele tinha um título de posse dessas terras (Leitão 1964). Naquele mesmo ano, Luiz de France Pereira Araujo, chefe da Seção do Patrimônio Indígena do SPI, escreveu (Araujo 1964):

> A área, onde está o Pôsto 'Pimentel Barbosa', é domínio original dos Xavantes, de permanência efetiva como 'domicílio coletivo', desde sua pacificação pelo serviço. Sua venda ao Sr. Jayme Rodrigues Barbosa, pelo Govêrno do Estado de Mato Grosso, ferindo preceitos constitucionais, pode ser contestada judicialmente. O outro lado do Rio das Mortes, local pretendido para mudança do Pôsto em questão, é, também, domínio original dos Xavantes.

Em 1965, Nilo Oliveira Vellozo, diretor substituto do SPI, autorizou J. R. Barbosa a entregar nove cabeças de gado da raça zebu como pagamento parcial pela cessão da área ocupada pelo P.I. Pimentel Barbosa (vide o Anexo III) (Vellozo 1965). O mesmo documento especificava que o posto não seria

transferido para a margem esquerda do Rio das Mortes até que J. R. Barbosa pagasse um adicional de quinhentos mil cruzeiros para o SPI. Passaram-se vários anos até que o posto fosse transferido. De 1965 a 1969, J. R. Barbosa solicitou diversas vezes que o posto indígena fosse transferido de suas terras para a margem esquerda do Rio das Mortes.

Finalmente, em 1973, o posto foi definitivamente transferido para o local onde um grupo de índios já havia se estabelecido, chamado Etênhiritipá, liberando a área de Wedezé para interesses privados. O assunto dos direitos dos índios sobre as terras da margem direita do Rio das Mortes foi abordado em um documento escrito no ano de 1969 por Romildo Carvalho, diretor da FUNAI, que afirmou, diferindo da evidência histórica, que a presença do P.I. Pimentel Barbosa na margem direita do Rio das Mortes ocorria por motivos meramente estratégicos, de caráter temporário, afirmando que os Xavante anteriormente ocupavam somente a margem esquerda do rio (Carvalho 1969).

Embora Meireles tenha conseguido estabelecer contato com um grupo Xavante em 1946, ainda levariam muitos anos até que todos os Xavante entrassem em contato permanente. Enfraquecidos por doença e esgotados pelos confrontos com colonos, vários grupos Xavante começaram a estabelecer relações pacíficas com diferentes representantes da sociedade brasileira durante as décadas de 1950 e 1960. Muitos grupos Xavante refugiaram-se em missões católicas salesianas ou em postos do SPI, onde frequentemente chegavam doentes e famintos[17].

Dos anos 1950 aos anos 1970, o grupo que ocupava a região das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa mudou-se várias vezes. Em 1956, uma década depois de estabelecer contato com o SPI, esse mesmo grupo construiu sua aldeia a pouca distância do P.I. Pimentel Barbosa, naquele tempo na região de Wedezé, na margem direita do Rio das Mortes. O posto, que um dia pareceu ser uma fonte inesgotável de bens de troca (Figura 2.6), viu sua importância ser drasticamente reduzida uma vez que os Xavante não eram mais temidos. Um inspetor do SPI que visitava o local criticou severamente Leitão, o chefe do P.I. Pimentel Barbosa, por seu método "obsoleto e paternalista" de lidar com os índios, já que o agente permitia que eles continuassem sua rotina de caça e coleta, ao mesmo tempo em que distribuía remédios, ferramentas e roupas, sem obrigar os Xavante a trabalhar por isso (Velloso 1957).

Em 1957-1958, o antropólogo David Maybury-Lewis viveu com esse grupo em Wedezé (Maybury-Lewis 1965a, 1984). Naquela época (Maybury-Lewis 1984:70):

> [...] os Xavante raramente passavam mais do que uma ou duas semanas na aldeia, por ocasião de ceremômias importantes. Viam o posto como uma fonte de provisões e de bens manufaturados. A influência do encarregado do Posto parecia diretamente proporcional ao suprimento de presentes de que dispusesse. Ele tinha o cuidado de reservar a parte de leão para o chefe e para os membros da linhagem deste [...].

Todavia, quando Maybury-Lewis retornou em 1962 com uma equipe de geneticistas e antropólogos (vide Neel et al. 1964), encontrou a situação alterada (Maybury-Lewis 1984:70-72):

17 Vide Silva (1992) e Maybury-Lewis (1984) para relatos acerca da história de contatos de diferentes grupos Xavante.

Figura 2.6. Distribuição de presentes entre os Xavante de Wedezé feita por agente do SPI, 1954.

Fonte: Acervo do SPI, Museu do Índio/FUNAI, Rio de Janeiro (Fundo SPI, Relatórios SPI, 1954, Caixa 486, Planilha 087, Microfilme 379, Posto 888, Documento 07).

> Em 1958, a aldeia era formada por 17 casas e mais uma casa dos solteiros. Em 1962, havia apenas dez, além da casa dos solteiros. Houvera um decréscimo considerável em sua população devido à epidemias e guerras fatais [...].

Segundo esse autor, muitas dessas lutas foram provavelmente provocadas por ciúme gerado a partir da distribuição de mercadorias industrializadas

de troca. Acusações de feitiçaria também aumentaram com o crescimento das mortes devido às epidemias, que levaram a conflitos internos e, eventualmente, a mortes. Ademais, os Xavante agora usavam roupas e haviam se tornado altamente dependentes das mercadorias industrializadas que o posto fornecia.

Nessa mesma época, houve uma cisão da aldeia, quando algumas pessoas de Wedezé se mudaram para um lugar chamado Ötõ, que se situava na margem oposta do Rio das Mortes. Mais tarde, parte desse grupo se juntou novamente ao grupo de Wedezé, enquanto outros foram para São Marcos. Por volta de 1964, outra parte da população migrou para um local conhecido como Pazahöi'wapré, que também ficava na margem esquerda do Rio das Mortes, seguindo rio acima a partir de Wedezé. No início da década de 1970, esse grupo mudou-se novamente, dessa vez de volta para o local conhecido como Etênhiritipá, que posteriormente recebeu da FUNAI o nome de Pimentel Barbosa, quando o posto indígena com o mesmo nome, localizado na região de Wedezé, foi transferido para lá (Graham 1995; Maybury-Lewis 1984). Segundo o indigenista F. S. Magalhães, um não-índio que morava com os Xavante em Wedezé desde criança, já havia grande parte do grupo morando em Etênhiritipá antes da mudança definitiva do restante em 1973[18].

F. S. Magalhães, que trabalhou na realocação do posto Pimentel Barbosa de Wedezé para Etênhiritipá, descreveu em uma entrevista suas memórias sobre a mudança e as negociações que ocorreram. Segundo ele:

> Aí o Jamiro [Batista Arantes, chefe do posto], por determinação do ex-presidente da FUNAI, determinou que fosse feito um fechamento de negociação, que já tinha iniciado anteriormente, da mudança do posto para onde está hoje [em Etênhiritipá]. Então esta mudança deste posto eu fiz utilizando transporte de carroça, tração animal, para transportar todos os pertences do posto. Mais de um mês para poder fazer o transporte. Os índios já estavam morando lá [em Etênhiritipá]. Parte dos índios morava na [Pazahöi'wapré]. Já em 1973, quando houve definitivamente a mudança do posto, aí os índios saíram do posto e foram para a aldeia onde é hoje.
>
> Eles [os índios] foram praticamente forçados [a se mudarem de Wedezé para Etênhiritipá]. Foram incentivados a ir para lá. Quem incentivou na época foi o Jamiro. Foi a pedido do [Presidente da FUNAI] para poder ser negociada onde está hoje a terra que está sendo reinvidicada [Wedezé]. A Fazenda Bonança, que na época o proprietário era Ivo e o Plínio, tudo lá da região de São Paulo. Eles que concretizaram a negociação para levar o posto para lá [para Etênhiritipá].
>
> [A negociação] envolveu construção de quatro casas, uma casa de chefe de posto, um escritório, uma enfermaria com residência, uma escola com residência, uma pista de pouso medindo 1.200 metros de comprimento por 50 metros de largura, três pontes, recuperação da estrada até as margens do Rio das Mortes, confrontando com a Bonança.
>
> Na época, em 1971, quando boa parte dos índios estava naquele local, lá na [Etênhiritipá] [...] eu com o rádio-telegrafista, de nome Herbert de Souza [...] então nós saímos lá de [Wedezé], fomos lá onde estava os ín-

18 F. S. Magalhães, em sua juventude morou no P.I. Pimentel Barbosa (São Domingos) antes da mudança deste para o lado esquerdo do Rio das Mortes. Magalhães é fluente na língua Xavante e é atualmente funcionário da FUNAI em Água Boa, Mato Grosso.

dios levando naquela época 200 e poucos mil cruzeiros. Isso em espécie. Então levou lá para distribuir entre os índios [...]. [Esse dinheiro foi entregue] pelo Jamiro [...].

Quando o Presidente da FUNAI esteve lá [em Wedezé], praticamente na última visita dele, que esteve reunido lá o Jamiro [e outros] então o Presidente determinou que o Jamiro conversasse com os índios para que eles atravessassem, fossem para o outro lado do Rio das Mortes [...]".

A localidade onde se situa Etênhiritipá, que depois também veio a ser conhecida como a aldeia Pimentel Barbosa, tem estado ocupada desde então[19]. No presente, desde 2006, há duas aldeias no local, quais sejam, Pimentel Barbosa e Etênhiritipá.

Em 1966, as terras dos Xavante de Marãiwasede, o único grupo que ainda não havia sido "pacificado", foram compradas por investidores de uma corporação de São Paulo para o estabelecimento de uma grande fazenda de gado. Os Xavante de Marãiwasede, alguns dos quais eram parentes dos que naquela época moravam nas áreas das atuais T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa (Maybury-Lewis 1984), foram reunidos e transportados em um avião da Força Aérea Brasileira para a Missão Salesiana em São Marcos. No ano seguinte, quase um terço dos que para lá foram levados morreu em uma epidemia de sarampo (Garfield 1996). Desde 1985, sobreviventes de Marãiwasede, que deixaram São Marcos, se instalaram em uma aldeia nova (Água Branca) na extremidade sul da T.I. Pimentel Barbosa. Ainda que a T.I. Marãiwasede tenha sido homologada em 1998 e muitas famílias tenham se mudado para lá em 2004, um grupo da então aldeia Água Branca permaneceu na T.I. Pimentel Barbosa, na aldeia cujo nome atual é Belém.

A partir de 1969, uma série de decretos e portarias da FUNAI redefiniu e, no cômputo final, reduziu as terras localizadas na margem esquerda do Rio das Mortes que foram alocadas para o uso do povo Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé (Tabela 2.1). O Decreto Federal nº 65.212, de 23/09/1969, diminuiu a área para 286.000 ha, uma redução de 530.500 ha em relação à originalmente reservada pelo Decreto nº 948. O Decreto Federal nº 65.405, de 12/10/1969, indicou os termos de identificação de limites e localização das áreas referidas no Decreto nº 65.212.

Por meio da Portaria 1.104, de 19/09/1972, o Ministério do Interior diminuiu a área para 265.000 ha, uma redução de 21.000 ha. Essa área compreendia uma porção de terra na margem esquerda do Rio das Mortes, definida por suas margens a leste, o Rio Corixão ao norte, a então planejada rodovia BR-158 a oeste e o Rio Curuá (ou Água Suja) ao sul. Em 27/02/1975, o Decreto Federal nº 75.426 diminuiu a área para 204.00 ha, uma redução de 61.000 ha. Essa redução pretendia "corrigir" o limite oeste da área, de modo a acomodar uma divergência entre a localização proposta e a localização atual da rodovia, que foi tomada como base para o limite oeste de acordo com a Portaria nº 1.104, o que resultou no estabelecimento de propriedades privadas na terra indígena (Reis 1974). Contudo, segundo o superintendente regional do SPI Ismael da Silva Leitão, em entrevista concedida à Nancy Flowers, a maior parte da área dentro dos limites da terra indígena havia sido vendida para particulares. Isso aconteceu por intermédio da emissão de certidões

19 A atual aldeia Pimentel Barbosa, por estar situada no lugar conhecido pelos Xavante como Etênhiritipá, era designada por esse nome antes de vir a ser chamada de Pimentel Barbosa, o que aconteceu com a mudança do P.I. Pimentel Barbosa da margem direita para a esquerda do Rio das Mortes. A atual aldeia Etênhiritipá, que foi estabelecida em 2006, está também situada no mesmo local, a menos de um quilômetro de distância da aldeia Pimentel Barbosa. Apesar dessa segunda aldeia ter adotado o nome Etênhiritipá para fins oficiais, na memória cultural dos velhos da aldeia Pimentel Barbosa o nome se aplica igualmente às duas aldeias.

Tabela 2.1. Cronograma de alocação e demarcação de terras para os Xavante de Wedezé e Pimentel Barbosa.

Data	Título	Descrição
28/03/1950	Decreto Estadual nº 903	Formaliza a doação de uma área de 1.931.000 ha na margem esquerda do Rio das Mortes pelo Estado de Mato Grosso, para uso dos índios Xavante.
15/12/1956	Decreto Estadual nº 948	Diminui a área reservada para os Xavante pelo decreto nº 903 para 816.500 ha (redução de 1.114.500 ha).
23/09/1969	Decreto Federal nº 65.212	Diminui a área reservada para os Xavante pelo decreto nº 948 para 286.000 ha (redução de 530.500 ha).
12/10/1969	Decreto Federal nº 65.405	Indica os termos de identificação de limites e localização das áreas referidas no decreto nº 65.212.
19/09/1972	Portaria 1.104 do Ministério do Interior	Diminui a área reservada para os Xavante pelo decreto nº 65.212 para 265.000 ha (redução de 21.000 ha).
27/02/1975	Decreto Federal nº 75.426	Diminui a área reservada para os Xavante pela portaria nº 1.104 para 204.000 ha (redução de 61.000 ha).
09/03/1979	Decreto Federal nº 83.262	Aumenta a área reservada para os Xavante pelo decreto nº 75.426 para 300.600 ha (aumento de 96.600 ha).
12/08/1980	Decreto Federal nº 85.025	Aumenta a área reservada para os Xavante pelo decreto nº 83.262 para 328.966 ha (aumento de 28.366 ha).
20/08/1986	Decreto Federal nº 93.147	Homologa a T.I. Pimentel Barbosa identificada pelo decreto nº 85.025, com uma área de 328.966 ha.
23/12/2011	Despacho do Presidente da FUNAI no 676	Aprova estudos de identificação e delimitação da T.I. Wedezé, com uma área de 145.881 ha.

negativas pela FUNAI, que declaravam que não havia índios naquelas terras. O relato de Leitão sugere que as reduções mencionadas anteriormente, que aconteceram entre 1969 e 1975, visaram a regularizar essas vendas ilegais de terras dos Xavante.

Durante as décadas de 1970 e 1980, os Xavante envolveram-se profundamente nos esforços para recuperar seus territórios não incluídos nas demarcações, sobre os quais reivindicavam direitos (Garfield 1996; Graham 1995; Lopes da Silva 1992; Menezes 1982). Em 1976, quando Flowers chegou a Pimentel Barbosa para realizar sua pesquisa (vide Flowers 1983a, 2011), a interação entre os líderes Xavante com os proprietários ou administradores das fazendas que circundavam a reserva era caracterizada por uma tolerância tensa, marcada por suspeitas e ressentimentos. Dois anos antes, os Xavante foram persuadidos a concordar com a troca de 62.000 ha de terra da reserva por gado, máquinas de costura e pela promessa de construção de uma ponte. A terra foi subsequentemente dividida e vendida. Como o gado nunca chegou, desenvolveu-se uma luta entre as lideranças que apoiaram a troca e outras que se opuseram. Os Xavante também questionavam a fronteira sul da reserva, onde diziam que cartógrafos da FUNAI que pesquisaram o local haviam trocado os nomes de dois rios, demarcando, portanto, uma área menor e permitindo que a área deixada de fora fosse vendida. Durante esse período, a terra disponível para os Xavante estava diminuindo consideravelmente à proporção que fazendeiros ocupavam áreas cada vez mais próximas, a ponto de serem estabelecidas fazendas distantes há alguns poucos quilômetros da

aldeia. Quando Flowers deixou a reserva em 1977, grupos de homens Xavante estavam abrindo uma trilha para marcar o que a comunidade considerava ser o correto limite de sua reserva.

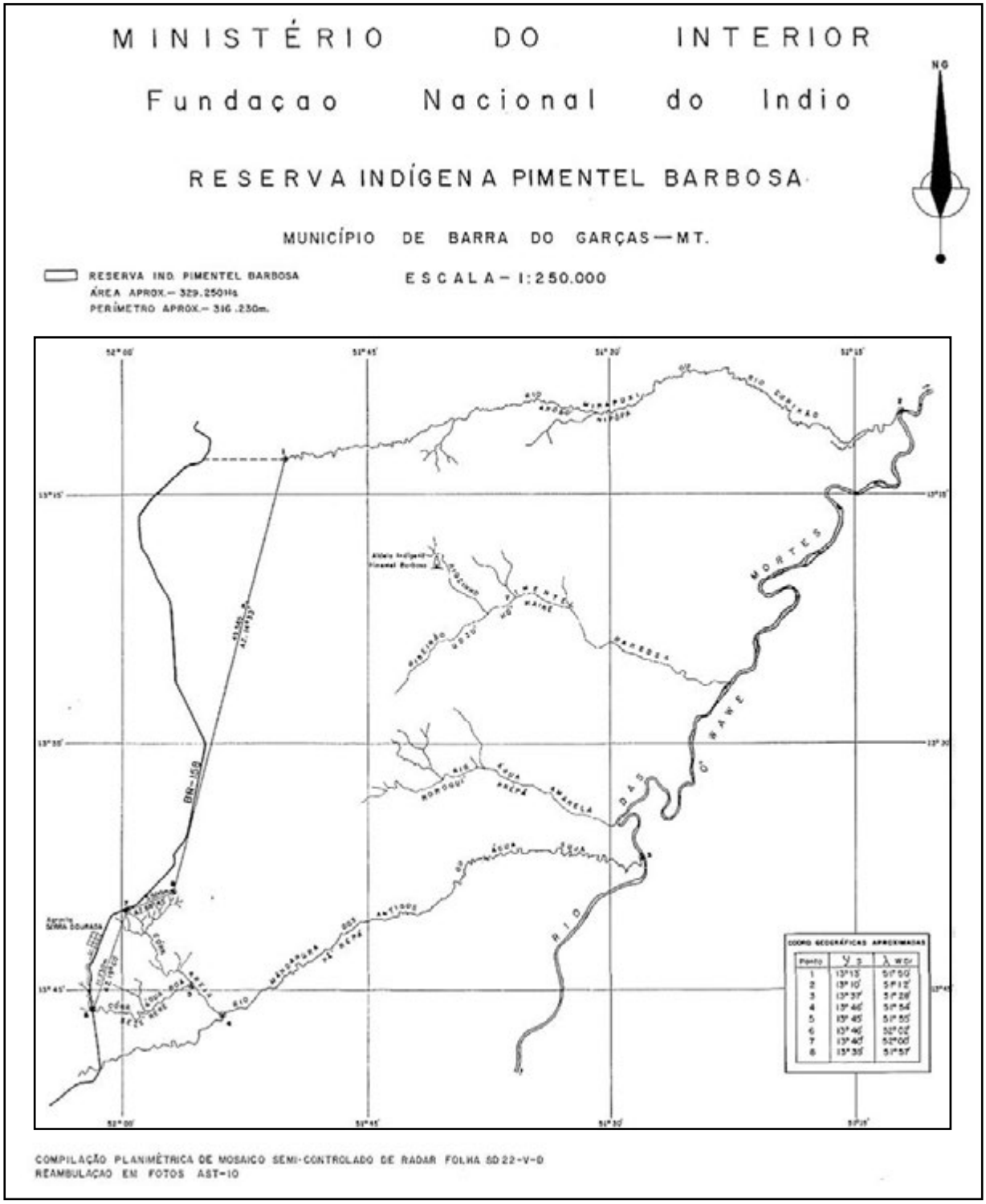
Os líderes do povo de Wedezé e Pimentel Barbosa, assim como de outras terras indígenas Xavante, fizeram inúmeras viagens a Brasília, tornando-se cada vez mais combativos na medida em que a inércia da FUNAI continuava (Vale 1980a, 1980b). Em maio de 1980, um grupo de líderes Xavante tomou de assalto o escritório do presidente da FUNAI e se recusou a sair, exigindo de forma agressiva que "[...] ele faça alguma coisa para garantir suas terras e que ele acabe com a corrupção na própria FUNAI" (Maybury-Lewis 1983:55). Esse incidente recebeu ampla cobertura da imprensa brasileira. Por fim, os Xavante da T.I. Pimentel Barbosa, naquele momento morando em uma única aldeia (Etênhiritipá ou Pimentel Barbosa), decidiram expulsar os fazendeiros invasores, com ou sem o apoio da FUNAI. Em Pimentel Barbosa, homens pintados e armados com bordunas e arcos e flechas cercaram a sede de uma das fazendas antes do amanhecer. Um funcionário da fazenda descreveu o que aconteceu (Graham 1995:38):

> Ao amanhecer a casa estava cercada. Um deles (Xavante) chamou o capataz para dizer-lhe que tínhamos até o meio-dia para ir embora. Então ele fez um sinal, um chamado, e vários Xavante imediatamente tomaram de assalto a casa [...]. Então eles nos ajudaram a carregar a picape com tudo o que pudéssemos levar. Pouco antes do meio-dia eles nos mandaram embora. Eles sempre foram amigáveis conosco, mas Jesus, eles estavam furiosos naquela ocasião! Nós nem tentamos resistir. Quando estávamos partindo vimos as mulheres chegando com seus cestos, para carregar tudo o que conseguissem.

A tomada do local completou-se sem violência e sinalizou de forma clara a determinação Xavante. Em 1979, seguindo-se a um encontro em Etênhiritipá com líderes de outras terras Xavante, o povo de Pimentel Barbosa intensificou seus esforços políticos para conseguir a demarcação de suas terras conforme o que consideravam correto.

A partir do ano de 1979, em resposta às reivindicações da comunidade indígena e face aos achados de uma comissão especial constituída para investigar irregularidades na definição dos limites estabelecidos anteriormente (Albuquerque et al. 1978), dois decretos aumentaram o tamanho da área. Em 09/03/1979, o Decreto Federal no. 83.262 aumentou a área para 300.600 ha, ou seja, um acréscimo de 96.600 ha. Em 12/08/1980, o Decreto Federal no. 85.025 aumentou a área para 328.966 ha, um acréscimo de 28.366 ha. Esses decretos pretendiam retificar erros cometidos anteriormente pela própria FUNAI, que resultaram em drásticas reduções na extensão das terras dos Xavante de Wedezé e Pimentel Barbosa (Figura 2.7). Dentre os erros mais graves estavam a troca dos nomes dos rios Água Suja e Curuá e o reposicionamento do Rio Água Boa, de modo a reduzir artificialmente os limites da terra que foi demarcada (Albuquerque et al. 1978; Reis 1979). A última alteração no tamanho da área foi em 1980, antes da nova Constituição Brasileira de 1988. Vale mencionar que no mapa reproduzido na Figura 2.7 constam os nomes dos rios que cru-

Figura 2.7. Mapa de demarcação da T.I. Pimentel Barbosa, FUNAI, 1980.



zam a T.I. Pimentel Barbosa tanto em português como em Xavante, de modo a deixar evidentes as corretas localizações dos cursos de água.

Pelo Decreto Federal nº 93.147, de 20/08/1986, a área à esquerda do Rio das Mortes, com 328.966 ha, foi homologada. Comparada à área original da reserva, de 1950, esse decreto resultou em uma redução de cerca de 1.602.034 ha.

A demarcação da região de Wedezé como terra indígena também tem sido um ponto de contínuo interesse e preocupação por parte dos Xavante. Em 13 de junho de 2000, o indigenista F. S. Magalhães escreveu uma carta para o presidente da FUNAI informando a ocupação iminente de um local adjacente ao antigo P.I. Pimentel Barbosa, que hoje se encontra em uma fazenda localizada na margem direita do Rio das Mortes, por famílias da T.I. Pimentel Barbosa (Magalhães 2000a). Nessa carta ele explicou que, devido a negociações irregulares conduzidas por Jamiro Batista Arantes, um antigo funcionário da FUNAI, essas áreas de moradia foram temporariamente deixadas pelos índios no início da década de 1970, o que resultou na instalação da Fazenda Remanço Assú na antiga área do P.I. Pimentel Barbosa e a subsequente relocação dos Xavante para a margem esquerda do Rio das Mortes. Segundo esse indigenista (Magalhães 2000a):

> As lideranças buscam com este ato, não apenas a retomada do que lhes pertence, porém acima de tudo, a preservação dos diversos cemitérios, inclusive o local onde foram enterrados os corpos do Coronel Pimentel Barbosa e seis dos seus acompanhantes, quando do massacre ocorrido [...].

Em memorando de 20 de junho de 2000, F. S. Magalhães requereu a urgente formação de uma comissão para conduzir estudos antropológicos (Magalhães 2000b). No dia 10 de outubro de 2000, o presidente da FUNAI publicou a Portaria nº 1054/Pres, posteriormente complementada pela Portaria nº 618/2001, que constituiu um Grupo de Trabalho (GT) para realizar estudos e levantamentos de identificação e delimitação, sob a coordenação do antropólogo Ricardo Manoel Calaça.

Para o ano de 2003, há documentos que mostram que houve significativa mobilização por parte das lideranças políticas de Mato Grosso contra a iniciativa de demarcação de novas terras indígenas no estado. Em 31 de março de 2003, o Governador de Mato Grosso, Blairo Borges Maggi, encaminhou documento ao Ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, pressionando contra novas demarcações (vide o Anexo I) (Maggi 2003). Segundo o governador, mesmo sem qualquer respaldo técnico específico para substanciar a declaração, "as terras já demarcadas são mais do que suficientes para atender às necessidades dos mesmos [povos indígenas]". O governador criticava a existência, no âmbito da FUNAI, de nove portarias de processos de identificação e delimitação, e de dezesseis outras para estudos e reestudos de áreas. Na visão do governador, "a questão do índio não é de agregar mais terras à sua população e sim a implantação de uma política de atenção à população indígena, que garanta a sua pluralidade cultural e étnica".

Adicionalmente, em 10 de junho de 2003, a Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, por intermédio de seu presidente, o Deputado Riva, encaminhou ao Ministro da Justiça uma "moção de congratulações" pela "suspensão de demarcação de áreas indígenas" (Riva 2003). Tal documento afirmava, "A Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso, por seus membros e a requerimento do Deputado Riva, manifesta sua mais veemente congratulação ao Ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, em virtude da sensata de-

cisão em suspender a demarcação das áreas indígenas, buscando um estudo completo sobre a situação indígena no Estado antes de homologar relatórios visando a ampliação de áreas indígenas". Esse documento conclui indicando que "[...] foram suspensas as demarcações e há um prazo de 24 meses para que sejam realizados os estudos e levantamentos".

Em 15 de abril de 2003, o Chefe de Gabinete do Ministro da Justiça, Sérgio Sérvulo da Cunha, encaminhou memorando (nº 884/GM) ao Presidente da FUNAI solicitando "manifestação de Vossa Senhoria acerca do contido na correspondência do Governador do Estado de Mato Grosso, que trata da demarcação de áreas indígenas naquele Estado" (Cunha 2003).

Deduz-se pelo descrito anteriormente que o clima político, a partir da pressão exercida pelo Governador Maggi e demais lideranças políticas de Mato Grosso, impactaram sobre os estudos de identificação e delimitação das terras Xavante. Assim, em 21 de novembro de 2003, o então Presidente da FUNAI, Mércio Pereira Gomes, dirigiu carta (nº 229/2003/Pres. FUNAI) a diversas lideranças indígenas da região de Parabubure indicando "a suspensão dos trabalhos de campo do GT nomeado pela Portaria nº 592/Pres/FUNAI/03 encarregada dessa revisão, bem como a análise técnica por parte da Diretoria de Assuntos Fundiários do material até o momento produzido pelo referido GT" (Gomes 2003).

Eventualmente, em 2004, após vários transtornos resultantes de grande pressão política tanto sobre a FUNAI quanto sobre os índios, o processo foi retomado pela presidência da FUNAI. Além da pressão política no âmbito federal, já referida, foram também realizadas tentativas de acordos de cooperação de caráter econômico. Em agosto de 2004, uma proposta foi submetida à FUNAI pela Associação de Produtores Cana Rica, que representava 400 proprietários de terras ao norte da T.I. Pimentel Barbosa. A proposta envolvia promover projetos de produção de alimentos nas aldeias da T.I. Pimentel Barbosa e em outras terras Xavante, em troca da exclusão de suas terras do processo de demarcação (vide o Anexo II) (Associação de Produtores de Cana Rica 2004; Zopone Jr. 2004). Os objetivos anunciados por essa proposta incluíam a redução da fome, a intensificação da agricultura, o desenvolvimento de atividades educacionais, a recuperação da paisagem do cerrado no entorno das aldeias e a introdução da agricultura mecanizada. Vale destacar que a proposta menciona a necessidade de recuperação do cerrado perto das aldeias, com base na justificativa incorreta de que o mesmo teria sido desmatado durante queimadas promovidas pelos Xavante. Essa proposta contava com o suporte do Governo do Estado de Mato Grosso e dos municípios na área, que participariam por meio de assistência escolar e a reconstrução de estradas. De acordo com líderes da T.I. Pimentel Barbosa, tal proposta de oferecer suporte agrícola em troca da exclusão de terras que estavam indicadas no processo de identificação e delimitação foi feita sem o conhecimento da comunidade Xavante, tampouco seu consentimento.

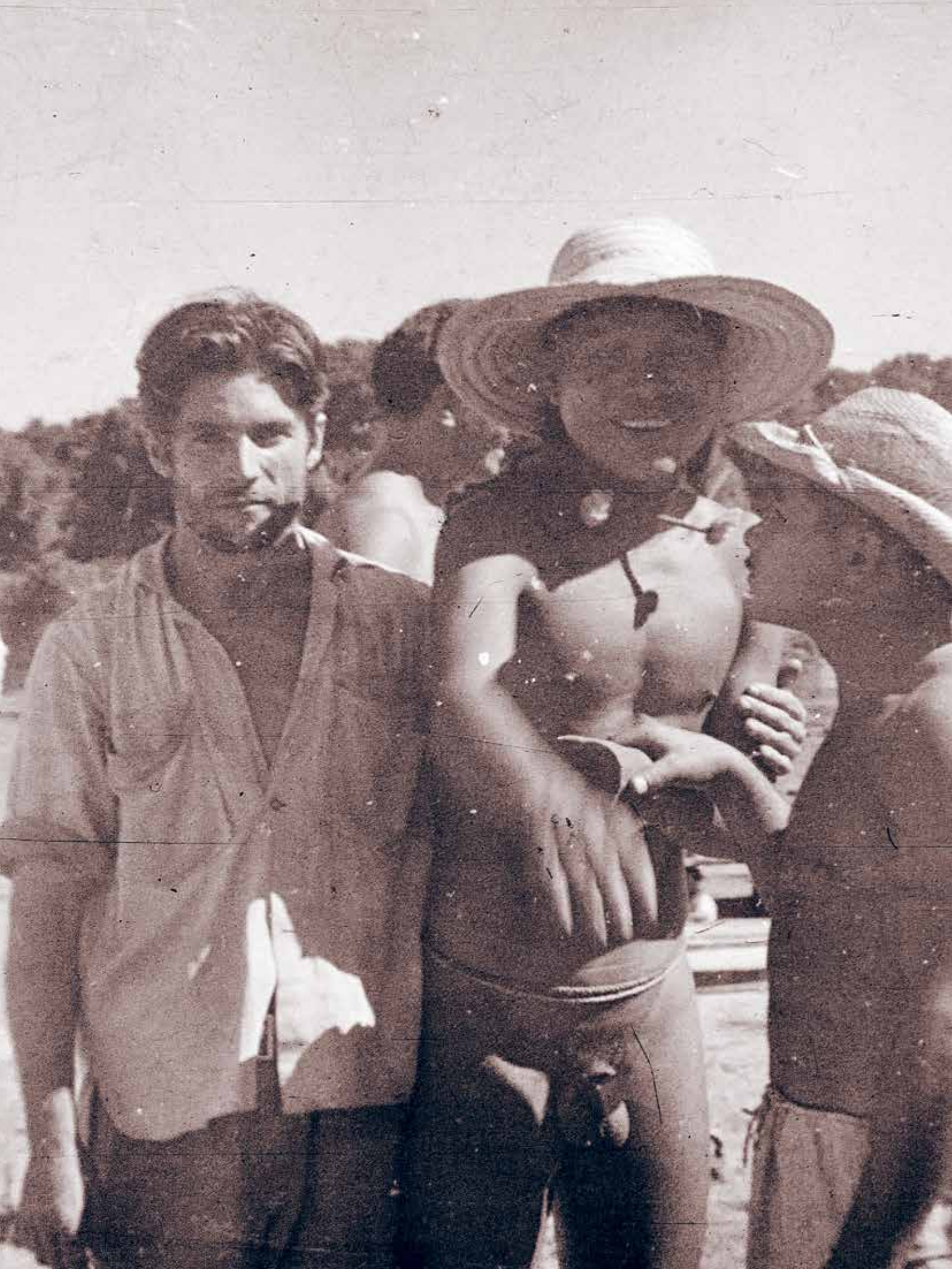
Em 2009, desesperados por terem esperado nove anos pela disposição legal da FUNAI a respeito do estado do estudo demarcatório, os Xavante decidiram ocupar novamente terras em Wedezé, conforme já referido (Silva Filho 2009). Famílias oriundas da Aldeia Caçula estabeleceram uma aldeia no mesmo local anteriormente ocupado pelos Xavante nas décadas de 1950 e 1960 (Figura 2.8).

Figura 2.8. A atual aldeia em Wedezé, Mato Grosso, 2009. Foto: James R. Welch.

Em 8 de outubro de 2009, foi publicada no Diário Oficial da União (DOU) a Portaria nº 1242/Pres/2009, que revogou a Portaria nº 1054/Pres/2000, publicada em 10/10/2000, e suas alterações (relativas ao GT anterior). Foi assim constituído o novo GT para estudos "de natureza antropológica e ambiental em áreas de uso tradicional dos índios Xavante, contíguas a Terra Indígena Pimentel Barbosa, situada nos municípios de Canarana, Ribeirão Cascalheira e Cocalinho/MT [...]". Trata-se do GT que produziu o relatório a partir do qual o presente livro é baseado. Após estudos de campo realizados no período de outubro de 2009 a julho de 2010, o *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação: Wedezé – População Indígena Xavante* foi aprovado pelo presidente da FUNAI no dia 23 de dezembro de 2011, conforme indicado em Despacho do Presidente nº 676, que aprovou o relatório de identificação e delimitação da T.I. Wedezé, com uma área de 145.881 ha (FUNAI 2011).

Esses primeiros passos dados pela FUNAI na direção de formalmente reconhecer o fato histórico da ocupação tradicional dos Xavante em Wedezé consistem apenas no mais recente capítulo em uma série histórica de eventos que incluíram mudanças e restrições territoriais, acompanhados de manobras legais engendradas por agentes do governo junto com interesses do agronegócio. Enquanto isso, o povo Xavante de Wedezé resistiu tenazmente, mantendo vínculos físicos, ideológicos e espirituais a esse pedaço de terra, ao

mesmo tempo em que lutava e luta pelo reconhecimento desses fatos e do direito legal à essa terra que, em essência, constitui o seu lar. As histórias documentais e orais apresentadas nesse capítulo demonstram um ponto acima de qualquer outro – a ocupação Xavante de Wedezé tem sido contínua, desde muito antes da chegada de brasileiros não-indígenas à região e apesar das afirmações maliciosas e incorretas por partes interessadas que, de alguma maneira, estas terras estariam fora do raio de ocupação indígena tradicional. Como as evidências apresentadas nesse capítulo demonstram, Wedezé foi o refúgio dos Xavante após tentativas mal sucedidas de os assentarem em Goyaz, vindo a se tornar, através de gerações aí vividas e perdidas, o fundamento de sua experiência e vida coletiva. Nos capítulos que se seguem enfocamos nas dimensões físicas e biológicas do povo Xavante de Wedezé, incluindo sua trajetória demográfica e relações com o ambiente.



3. Aspectos demográficos

Neste capítulo apresentamos uma caracterização demográfica geral dos Xavante, com foco na distribuição das aldeias e da população segundo as terras indígenas, bem como os padrões que tendem a nortear a localização, construção e permanência das aldeias. Em particular, exploramos dados demográficos acerca dos Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa. Veremos que, para um entendimento mais abrangente acerca do perfil populacional dos Xavante em seus diversos componentes (crescimento, natalidade, mortalidade e migração), é fundamental contextualizar os dados à luz da história desse povo e de suas interações com os não-índios ao longo dos séculos.

Deslocamentos populacionais em uma perspectiva histórica

A história do povo Xavante, tanto a documental como aquela baseada em registros orais, indica que ocorreu uma série de divisões e migrações desde a época em que eles viviam na Província de Goyaz, nos séculos XVIII e XIX, até os dias de hoje. Como abordado anteriormente (vide Capítulo 2), o povo Xavante se separou dos Xerente em meados de 1800, quando começaram a se deslocar em direção ao leste mato-grossense. Apesar de divisões anteriores serem mencionadas na história oral Xavante, uma das mais marcantes ocorreu na aldeia de Sõrepré, que foi ocupada desde o final do século XIX até a década de 1920, quando ocorreu uma fase de intenso conflito interno. De acordo com entrevistas com velhos Xavante, até aquela época o povo Xavante era unificado politicamente. Ou seja, mantinham uma estrutura de liderança única, baseada na reunião do conselho de homens (*warã*), que tomava decisões a partir do consenso, após ouvidos os homens maduros. Mesmo que, eventualmente, grupos familiares se ausentassem para atividades de caça, pesca e coleta, os homens adultos desses grupos continuavam a fazer parte do *warã* e a respeitar as decisões desse conselho. Subsequentemente, depois do início do processo de cisão dos diversos subgrupos a partir de Sõrepré, as novas aldeias ganharam autonomia política e passaram a respeitar principalmente as decisões tomadas pelos seus próprios *warã*.

De acordo com Lopes da Silva (1992), com a escalada dos conflitos internos aconteceu uma série de cissões em Sõrepré. Inicialmente, um grupo saiu e se deslocou para o noroeste, provavelmente se estabelecendo na região do Rio Sete de Setembro. Em torno dessa mesma época, outro grupo se mudou para a região do Rio Couto de Magalhães. Posteriormente, dois outros grupos deixaram Sõrepré, o primeiro rumo a Arobonhipo'opá, localizado na cabeceira do Rio São João, não muito distante de Sõrepré, e o outro indo para Marãiwasede,

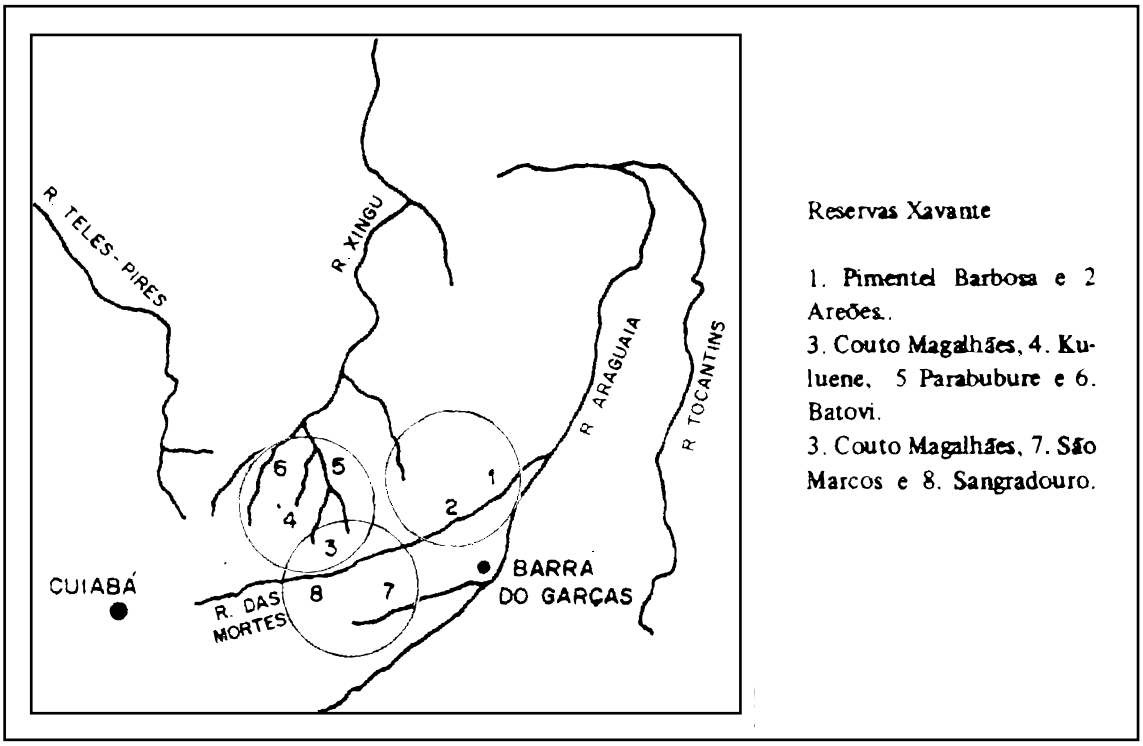
próximo ao Rio Suiá-Missu. As separações em Sõrepré parecem ter ocorrido devido a conflitos políticos internos e por pressões associadas à chegada de colonizadores não-indígenas, o que teria levado ao surgimento de epidemias (Lopes da Silva 1992).

Perseguidos e sofrendo os efeitos devastadores de epidemias, dois grupos que viviam na região do Rio Couto de Magalhães refugiaram-se com os salesianos nas missões de Sangradouro e Merure, sendo que o último foi posteriormente realocado para a missão de São Marcos (Lopes da Silva 1992). De forma semelhante, muitos grupos Xavante do leste, e posteriormente do sul de Pimentel Barbosa e Wedezé, passaram por divisões e realocações devido a pressões das doenças e dos conflitos.

Maybury-Lewis descreveu a organização geopolítica da população Xavante durante as décadas de 1950 e 1960 em termos de regiões distintas (os do oeste e os do leste) (Maybury-Lewis 1984). Os Xavante do oeste abarcavam grupos da região do Xingu, no Rio Batoví e em Simões Lopes, e os de Sangradouro e São Marcos. Os Xavante do leste incluíam aqueles que viviam em Areões, Capitariquara, Santa Terezinha, Wedezé e Marãiwasede. De acordo com o antropólogo, os Xavante que viviam nessas duas regiões mantinham pouco contato entre si.

Aracy Lopes da Silva (1986) propôs um modelo diferente para a distribuição da população Xavante. Ela os separou em três regiões de acordo com a intensidade do contato e da relação entre as aldeias; se eles continuaram a morar na região ocupada durante o período inicial de contato; e de acordo com a presença de agentes governamentais e/ou religiosos que mediavam sua relação com a sociedade nacional (Figura 3.1).

Figura 3.1. Classificação das comunidades Xavante segundo Lopes da Silva (1986:34).



O primeiro agrupamento consiste nos Xavante com os quais Meireles fez contato em 1946 e seus descendentes, que estão atualmente assentados nas terras indígenas de Pimentel Barbosa e Areões (Figura 3.2). Na década de 1950, esse grupo se dividiu. Aqueles que aceitaram a liderança de Apöwẽ se mudaram em 1956 para as proximidades do posto de atração do SPI em Wedezé (P.I. Pimentel Barbosa, anteriormente conhecido como São Domingos), onde permaneceram até 1973. Alguns dos dissidentes, após uma série de mudanças, acabaram por se estabelecer em um posto do SPI próximo a Xavantina, que passou a se chamar Areões, enquanto outros foram para São Marcos.

O segundo agrupamento vive atualmente nas proximidades de duas missões salesianas. Na década de 1950, chegaram à missão salesiana localizada em Merure, onde viviam índios Bororo e vários grupos Xavante refugiados. Uma vez que os Xavante eram inimigos tradicionais dos Bororo, os salesianos construíram duas novas missões, uma em Sangradouro e outra em São Marcos, ambas mais próximas da cabeceira do Rio das Mortes. Durante a década de 1960, São Marcos recebeu mais famílias Xavante, inclusive todo o grupo de Marãiwasede, vindo do norte, pois eles haviam perdido suas terras para um grande conglomerado pecuarista de São Paulo. Assim, os Xavante em São Marcos e Sangradouro foram intensamente expostos à influência missionária. Em 2004, parcela dessa população retornou à T.I. Marãiwasede após decisão do Supremo Tribunal Federal permitindo sua reocupação.

A maioria dos membros do terceiro agrupamento tem origem que remonta à aldeia Parabubure, anterior ao contato, localizada nas cabeceiras do Rio Couto Magalhães, afluente do Rio Culuene, que por sua vez deságua no Xingu (Lopes da Silva 1992). Na década de 1950, por causa de conflitos com colonos, essa aldeia se dividiu em grupos menores, os quais foram obrigados a avançar mais para o oeste, para fora de seus limites tradicionais. A maioria acabou sendo assentada em dois postos do SPI criados para eles, um no Rio Batovi e o outro em Simões Lopes. Esses Xavante foram catequizados por missionários protestantes americanos da Missão Indígena Sul-Americana.

Para os Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé, o início do período pós-contato foi semelhante em alguns aspectos aos relatos daqueles que partiram para regiões mais distantes. Eles também sofreram doenças e conflitos e viveram muitos episódios de tensões internas. No entanto, nem todas as divisões ocorreram por causa de conflitos políticos. A tradição oral Xavante também inclui muitos exemplos de separações que ocorreram pacificamente. Por exemplo, de acordo com os velhos, a partida sucessiva de diferentes grupos de Wedezé, nos anos 60, não ocorreu por conta de um conflito, mas pelo fato de muitos grupos familiares terem decidido se deslocar em épocas diferentes devido à crescente presença de não-indígenas naquela região. Eles também expressaram opiniões divergentes sobre para onde ir a partir de Wedezé. Cada grupo se deslocou para o local que julgou ter o solo mais fértil e maior abundância de animais para a caça. Em contraste com os grupos Xavante que deixaram a região de Pimentel Barbosa e Wedezé, esses grupos se reuniram mais tarde, quando se mudaram para Pazahöi'wapré e depois para Etênhiritipá. Esse tipo de separação temporária e reunificação pode ser interpretado como uma variação do padrão de mobilidade que caracterizou os Xavante desde tempos remotos antes do contato, envolvendo o assenta-

mento de novas aldeias por mais de um ano sem a finalidade de separação definitiva.

Depois que os antigos ocupantes de Wedezé se mudaram para Etênhiritipá e a T.I. Pimentel Barbosa foi estabelecida, iniciou-se novo processo de divisões. De 1973 a 1980, quase toda a população viveu em Etênhiritipá. A população total em 1975 era de 275 indivíduos. Em 1980, após os Xavante terem lutado e conseguido recuperar mais terras para a reserva, o grupo de Etênhiritipá separou-se. A facção dissidente fundou uma aldeia no local onde havia uma fazenda abandonada, dando-lhe o nome de Caçula. Outra facção partiu em 1983 para fundar Tanguro (Garfield 1996; Graham 1995). Em 1996, fundou-se Wederã. Algumas dessas comunidades foram subsequentemente divididas pelo menos uma vez com o estabelecimento das aldeias de Canoa, Asereré, Reata e Santa Rosa em anos recentes. Ao que parece, todas essas divisões se deram por causa de disputas políticas e rivalidades internas[20].

O processo de divisão de aldeias está intimamente relacionado à dinâmica política Xavante, o que gera o faccionalismo baseado no parentesco e no prestígio. Como explica Graham (1993), o *warã* se constitui em um fórum para discussão aberta de pontos conflitantes. Quando os homens falam, não constroem seus discursos apenas como representativos de suas posições individuais, mas também como posição de suas facções. Ao fazer discursos formais, os velhos falam de uma maneira especial, cujo estilo e vocabulário diferem da linguagem coloquial. Outros podem aliar seus discursos ao do orador, ampliando seu coletivo. Segundo Graham (1993:718), "as práticas discursivas das reuniões *warã* dissolvem física e acusticamente as fronteiras entre os indivíduos a fim de promover a coesão social e neutralizar o faccionalismo que constantemente ameaça dividir a comunidade".

Como já enfatizado, o faccionalismo é um elemento central do processo político Xavante. Envolve questões ligadas a poder e prestígio individuais, assim como o alcance das influências sobre a comunidade por parte de grupos familiares específicos. Atualmente, o poder e prestígio de um líder dependem em grande parte de sua habilidade de lidar de forma eficaz com pessoas estranhas ao grupo e de obter para a sua comunidade concessões e benefícios oriundos de fontes externas, inclusive da FUNAI ou da FUNASA/SESAI, e de ONGs nacionais e internacionais que possam prestar assistência material ou oferecer oportunidades de desenvolvimento da comunidade. Se um líder e sua facção não conseguirem obter os resultados previstos, correm o risco de perder o respeito da comunidade e, potencialmente, sua posição política. A divisão em facções que permeia a política interna Xavante pode ter ajudado a conscientizar os líderes do valor da opinião geral da comunidade ao lidar com instituições externas, pois é apenas com o apoio coletivo que podem manter sua posição.

Distribuição espacial

Os Xavante vivem hoje, como no passado, em uma região do planalto brasileiro, caracterizada por áreas de altimetria situada na faixa de 400 metros, drenadas por rios que correm para o norte: o Tocantins, o Araguaia e o Xingu

20 O histórico da divisão das aldeias na T.I. Pimentel Barbosa é também discutido no Capítulo 2.

(Figura 3.2). A maior parte dessa região, localizada na porção sudeste da bacia do rio Amazonas, à qual a literatura frequentemente se refere de forma pouco precisa como "Brasil Central", é coberta predominantemente pelos vários tipos de vegetação presentes no cerrado.

O povo Xavante está distribuído em nove terras indígenas, que são Pimentel Barbosa, Areões, Marãiwatsede, São Marcos, Parabubure, Ubawawe, Chão Preto, Marechal Rondon e Sangradouro/Volta Grande (Figura 3.2). A localização, situação jurídica e extensão dessas terras indígenas são apresentadas na Tabela 3.1. Os critérios históricos e culturais determinantes dessa distribuição são discutidos no Capítulo 2.

Localização, construção e permanência das aldeias

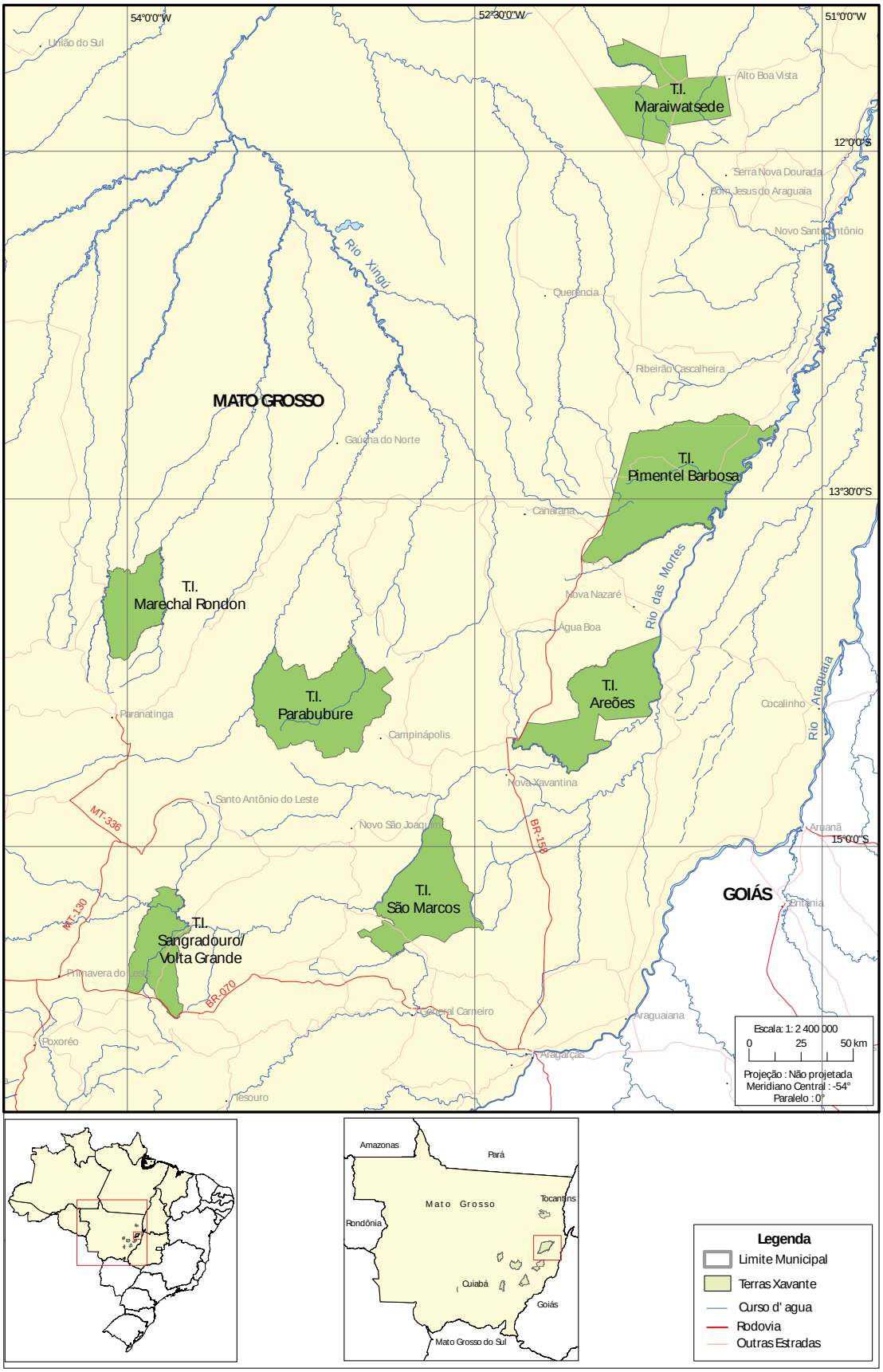
Conforme indicado no Capítulo 2, no ano 1973, a totalidade da população residente na T.I. Pimentel Barbosa vivia em uma única aldeia, localizada no lado esquerdo do Rio das Mortes, cujo nome era Etênhiritipa ou Pimentel Barbosa, com uma população de aproximadamente 275 pessoas. Desde então aconteceram várias divisões da população, resultando em onze aldeias. Como em outras áreas Xavante, no contexto contemporâneo, as diversas razões que levam às divisões incluem disputas políticas internas, acesso e uso dos territórios, perspectivas diferentes sobre estratégias de desenvolvimento econômico e padrões de interação e proximidade com os não-índios, entre outros.

De um ponto de vista esquemático, é possível, considerando a aldeia Wedezé e as existentes na T.I. Pimentel Barbosa, definir três conjuntos principais. O primeiro é composto pelas aldeias de Pimentel Barbosa, Etênhiritipá e Wederã; o segundo pelas aldeias de Asereré, Caçula, Canoa, Reata, Tanguro, Santa Rosa e Belém; finalmente, o terceiro, por Wedezé.

O primeiro conjunto está situado na região norte da terra indígena, derivando diretamente da aldeia formada no início da década 1970, quando a população Xavante se deslocou das margens do Rio das Mortes para as cabeceiras do Riozinho ou Rio Pimentel Barbosa. Duas das aldeias desse primeiro conjunto (Wederã e Etênhiritipá) resultam de subdivisões da aldeia principal de Pimentel Barbosa (também conhecida como Etênhiritipá antes da segunda divisão), que aconteceram respectivamente em 1996 e 2006. Das três aldeias que compõem o primeiro conjunto, as duas que são vizinhas (Pimentel Barbosa e Etênhiritipá) estão localizadas no mesmo local de uma aldeia ocupada pelos Xavante anteriormente, na década de 1950. Os velhos Xavante se recordam que, no passado, o entorno desse sítio era valorizado pela abundância de caça. Os sítios onde se localizam todas essas três aldeias também serviram, ao longo da história de ocupação dos Xavante na região do Rio das Mortes, como importantes lugares de acampamento. Grupos familiares que viviam em aldeias localizadas em outras áreas rotineiramente visitavam, para fins de caça e coleta, esses locais onde estão atualmente as três aldeias (vide Capítulo 5).

O segundo conjunto de aldeias está situado mais ao sul da terra indígena. De maneira semelhante ao descrito para o primeiro conjunto, as aldeias do segundo têm em comum o fato de estarem localizadas em áreas que, em épo-

Figura 3.2. Mapa de localização das terras indígenas Xavante homologadas, Mato Grosso, 2010.



Obs.: Parabubure inclui as T.I. Chão Preto, Parabubure e Ubawawe.

Tabela 3.1. Localização, situação jurídica e extensão das terras indígenas Xavante.

Nome da Terra Indígena	Municípios	Situação Jurídica	Extensão (ha)
Areões	Água Boa	Homologada (1996)	218.515
Chão Preto	Campinápolis	Homologada (2001)	12.741
Marãiwatsede	Alto Boa Vista, Bom Jesus do Araguaia e São Félix do Araguaia	Homologada (1998)	165.241
Marechal Rondon	Paranatinga	Homologada (1996)	98.500
Parabubure	Água Boa, Campinápolis e Nova Xavantina	Homologada (1991)	224.447
Pimentel Barbosa	Canarana e Ribeirão Cascalheira	Homologada (1986)	328.966
Sangradouro/Volta Grande	General Carneiro, Novo São Joaquim e Poxoréo	Homologada (1991)	100.280
São Marcos	Barra do Garças	Regularizada/Declarada Reservada Indígena pelo SPI (1972)	188.478
Ubawawe	Novo São Joaquim	Homologada (2000)	52.234
Wedezé	Cocalinho	Identificada (2011)	145.881

cas passadas, antes da década de 1940 quando aconteceu o contato permanente com o SPI, terem servido como importantes sítios de acampamentos para os Xavante. Segundo os velhos da T.I. Pimentel Barbosa, os locais onde se situam as aldeias atuais de Caçula, Tanguro, Canoa, Asereré, Reata e Belém eram visitados frequentemente por grupos familiares durante suas expedições de caça e coleta. Além disso, alguns desses mesmos lugares (como, por exemplo, as áreas atualmente ocupadas por Caçula, Tanguro, Reata e Canoa) eram anteriormente fazendas que foram retomadas pelos Xavante nas décadas de 1970-80. É possível que tais localidades tenham sido valorizadas pelos fazendeiros por alguns dos mesmos motivos que levaram os Xavante a escolhê-las para suas atividades produtivas em vários momentos no passado, tais como a disponibilidade de água, a qualidade dos solos e a produtividade ambiental.

Desse segundo conjunto, a primeira aldeia a ser estabelecida foi a Caçula. Segundo relato de F. S. Magalhães:

> A primeira aldeia depois de Pimentel Barbosa foi Caçula. Parreri foi o anfitrião da aldeia. Ele decidiu e foi para lá [local da aldeia Caçula]. Ele e a família dele. Ainda era fazenda. Ainda não tinha sido desapropriada aquela área não quando [Parreri] foi para lá. Foi o primeiro passo que deu para uma futura ampliação. Ele foi para lá em 1974. O nome da fazenda era Fazenda Caçula. Ele ficou acima da Fazenda Caçula, numa das cabeceiras do Riozinho, ou Rio Pimentel Barbosa. Essas aldeias novas, como Caçula, Tanguro, Reata e Canoa, são todas nomes de fazendas antigas. A única aldeia que não teve nome de fazenda foi Água Branca, que é onde é [a atual aldeia] Belém, ali era a fazenda de [...] não lembro o nome da fazenda.

Na década de 1980 e no início dos anos 1990, aconteceram novas divisões na aldeia Pimentel Barbosa. Algumas famílias se mudaram para a aldeia Caçula, aumentando seu tamanho. Em 1983, uma facção da aldeia Caçula

Figura 3.3. A atual aldeia em Wedezé, Mato Grosso, 2009. Foto: James R. Welch.

fundou a aldeia Tanguro (Garfield 1996; Graham 1995). As aldeias Asereré, Canoa, Reata e Santa Rosa foram estabelecidas a partir de 2000 por famílias vindas, sobretudo, de Caçula e Tanguro.

Outra característica desse segundo conjunto é que várias aldeias (Asereré, Tanguro e Reata) estão próximas do vilarejo da Matinha, situado às margens da rodovia BR-158. Assim, além do critério de ocupação de áreas que foram anteriormente sítios de acampamento, aldeias antigas e fazendas, o estabelecimento desse segundo conjunto está relacionado à menor distância em relação a centros urbanos, como Matinha, Água Boa e Canarana. Se as aldeias de Pimentel Barbosa, Etênhiritipá e Wederã, do primeiro conjunto, estão localizadas a 40-50 km da Matinha, a população do segundo conjunto (Asereré, Reata e Tanguro) pode se deslocar a pé até lá.

Vale destacar que nesse segundo conjunto está incluída a aldeia Belém, anteriormente conhecida como Água Branca. A população que vive nessa aldeia não é diretamente relacionada ao grupo que se manteve na região do Rio das Mortes após a dispersão do povo Xavante de Sõrepré, como as demais existentes em Pimentel Barbosa. Essa aldeia foi fundada na década de 1980. Recentemente, houve uma diminuição no tamanho dessa aldeia, já que parte da população se mudou para Marãiwatsede. Essa foi a região para onde esse

grupo havia se deslocado originalmente, após a dispersão que se deu a partir de Sõrepré. Na década de 1960 esse grupo foi transferido para a T.I. São Marcos, onde permaneceu até a fundação da aldeia Água Branca. Segundo Paula e Paula (2005), uma parte desse grupo foi primeiramente para a T.I. Parabubure, onde residiram por um tempo até se mudarem para Água Branca.

Finalmente, o terceiro conjunto é representado por uma única aldeia, Wedezé, criada em 2009 (Figura 3.3). Não está localizada na T.I. Pimentel Barbosa, mas sim na outra margem do Rio das Mortes. Wedezé foi fundada por um grupo vindo de Caçula em um local anteriormente ocupado pelos Xavante. Tal como é o caso de várias outras aldeias da T.I. Pimentel Barbosa, Wedezé se situa em um local que foi previamente habitado pelos Xavante e também serviu como importante sítio de acampamento em várias fases da história dos Xavante na região do Rio das Mortes.

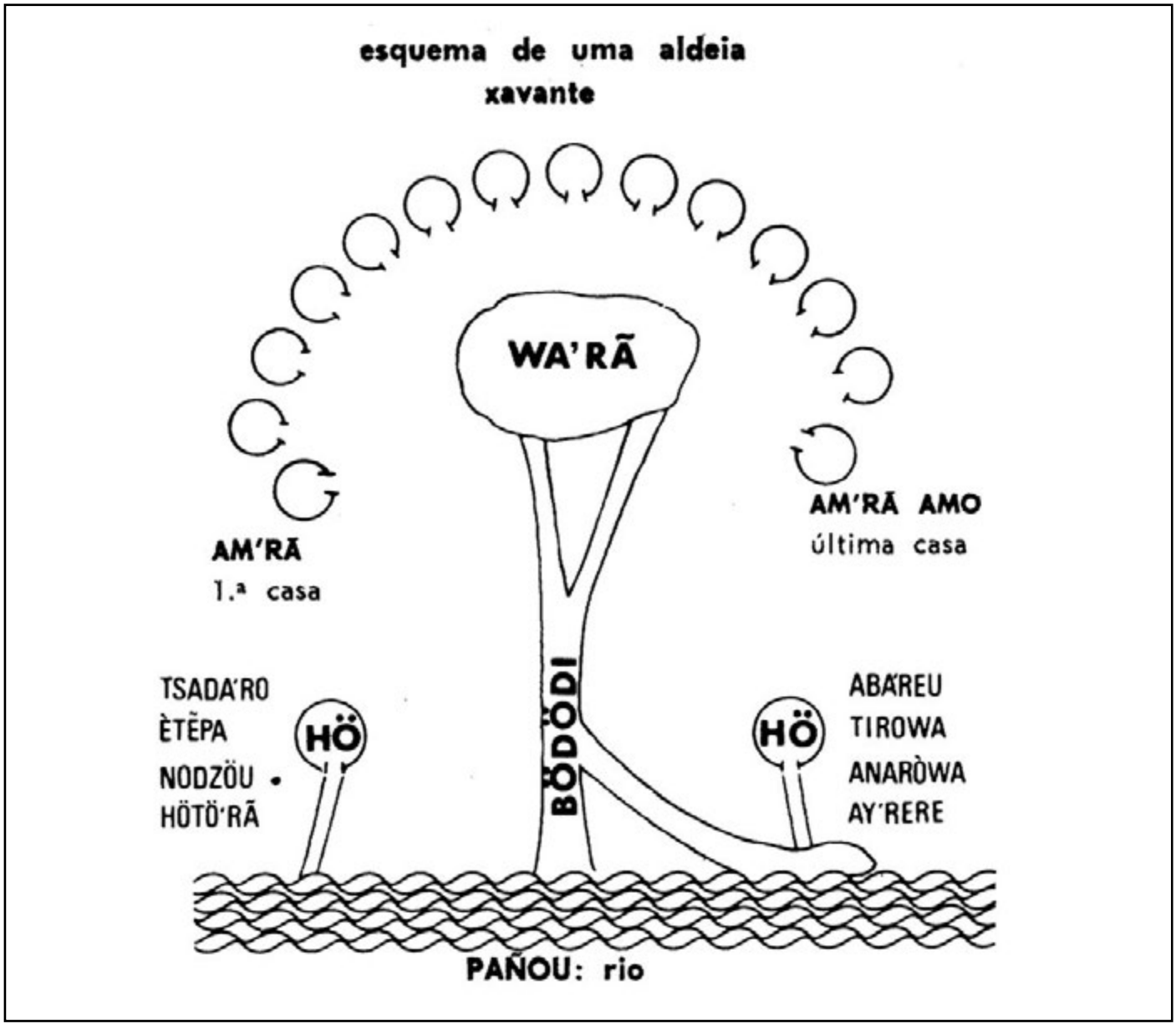
Tanto as aldeias antigas como as novas, mesmo se formadas em locais que foram anteriormente fazendas, seguem em geral um mesmo padrão ambiental. O bioma do cerrado é um ambiente que inclui diversos tipos de vegetação, desde o campo limpo até a mata ciliar, e as aldeias Xavante aqui consideradas são construídas em regiões de cerrado *stricto sensu*.

Historicamente, as aldeias Xavante da região das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa situavam-se nas proximidades de cursos d'água pequenos ou grandes, lagoas, ou mesmo áreas de solo úmido. Nesse último caso, seus habitantes obtinham água em pequenos buracos por eles escavados. Trata-se de um padrão que, de modo geral, se aplica para as aldeias atuais dessa região. No presente, diferentemente do que ocorreu no passado, todas as onze aldeias estão situadas próximas de cursos d'água pequenos.

Há também um aspecto temporal importante na distribuição das aldeias, associado a mudanças territoriais e econômicas que aconteceram nas últimas décadas. No passado, os Xavante faziam *trekking* (conhecido como *zömori* e *hömono* pelos Xavante), prática que se tornou menos frequente nas últimas décadas. Essa atividade era associada à grande mobilidade das aldeias Xavante do passado. Em alguns casos, as aldeias eram temporárias, durando um ano ou menos. Em outros casos, permaneciam no mesmo local por alguns anos ou mais, ainda que não fossem fixas, já que seus residentes anteviam mudar para outros locais, a depender das circunstâncias políticas e da disponibilidade de recursos naturais. No caso das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, o padrão de elevada mobilidade se alterou a partir da década de 1970 devido a diversos fatores. Em primeiro lugar, houve uma redução e circunscrição do território devido à crescente ocupação da região por fazendeiros, com isso restringindo o acesso dos índios a uma adequada extensão de terra necessária à realização de expedições e mudanças de localização das aldeias. Além disso, os postos estabelecidos pelo SPI e depois pela FUNAI estimularam a sedentarização, já que se tornaram locais de oferta de serviços de saúde, distribuição de itens industrializados e alimentos, suporte agrícola e também fonte de recursos financeiros por conta do trabalho assalariado (Coimbra et al. 2002; Graham 1995; Lopes da Silva 1992; Maybury-Lewis 1984).

No presente, a presença de postos de saúde, escolas e serviços de água e energia continua a ser fator de estímulo à permanência de algumas aldeias Xavante em um mesmo local, ainda que outros fatores estejam ganhando im-

Figura 3.4. Esquema de uma aldeia Xavante segundo Giaccaria e Heide (1984:56).

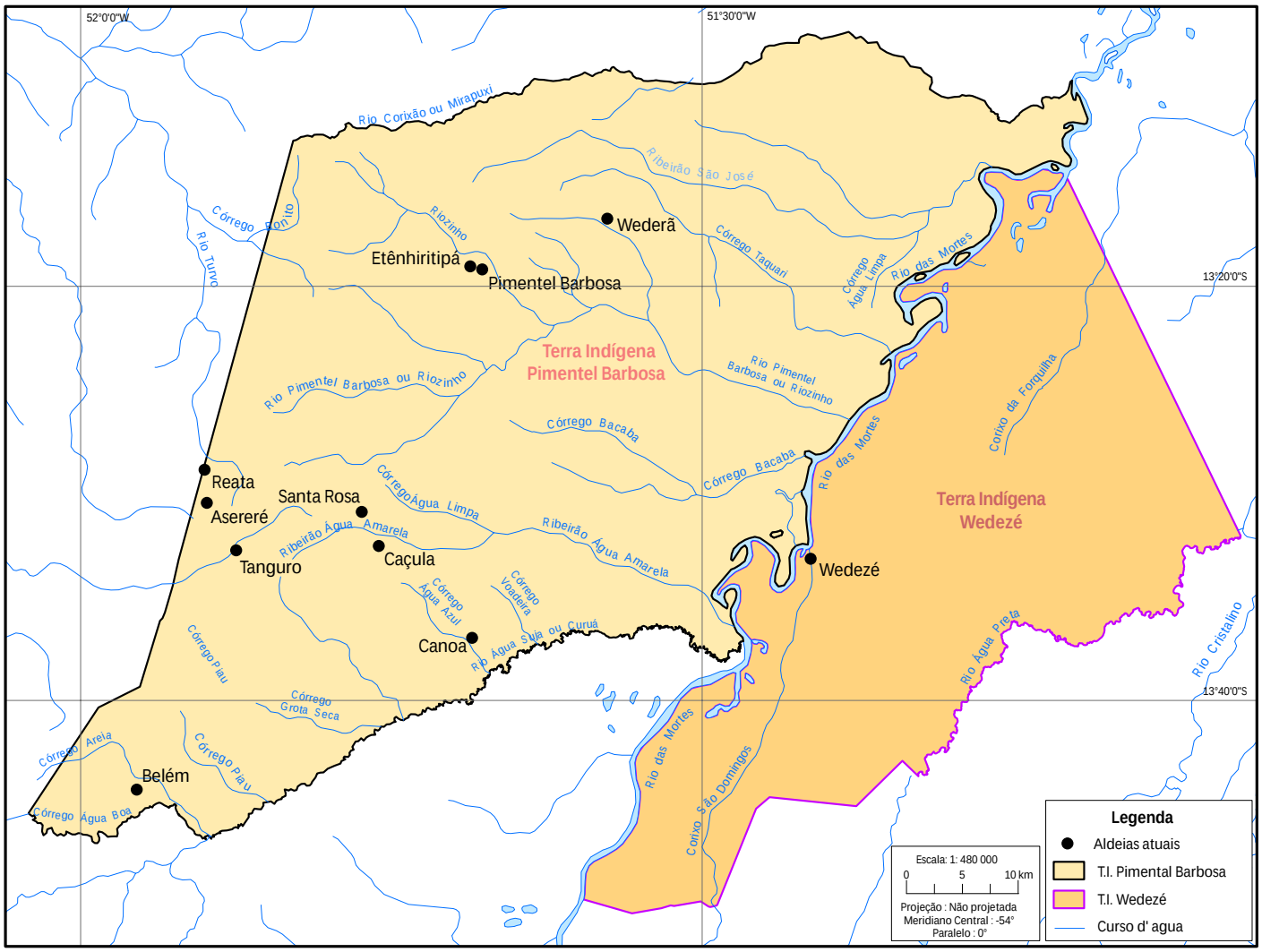


portância no que tange à dinâmica espacial da população. Devido à restrição territorial e ao rápido crescimento populacional, observa-se uma tendência de divisão e não simplesmente realocação de aldeias. Em outras palavras, atualmente há uma tendência para que aldeias inteiras não se mudem como um todo, mas sim em se dividirem, com parte da população permanecendo no mesmo local e outra se deslocando para a nova localidade, muitas vezes nas proximidades da aldeia original. Portanto, as aldeias tendem a permanecer no mesmo local, ao mesmo tempo em que cresce o número total de aldeias. Desde que os Xavante se mudaram do Rio das Mortes para Etênhiritipá, processo finalizado em 1973, nenhuma aldeia deixou de existir, mas várias outras foram fundadas.

Em relação à sua disposição, as aldeias atuais das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa seguem um padrão tradicional, que expressa de várias maneiras tanto a organização social como a ideologia da comunidade (Lopes da Silva 1983). Essa disposição é caracterizada pela distribuição das casas em semicírculo, com a abertura voltada para um riacho, cuja água é usada para fins domésticos e banho (Figura 3.4).

A área no centro da aldeia é onde o *warã* (reunião do conselho dos homens) se reúne duas vezes por dia. Muitas das atividades que são realizadas nessa área central dizem respeito, de alguma forma, à vida social da aldeia: um grupo de caçadores retorna com a caça, joga-se o futebol no final da tarde, os times da corrida de toras chegam e largam seus troncos, rapazes formam círculos de dança e cantam na frente das casas ou um homem grita para que todos ouçam a decisão tomada no *warã*. Durante o dia, as mulheres passam pelo centro da aldeia para pegar água, em direção às roças ou no caminho para visitar parentes ou ir a outros lugares. No semicírculo de casas, as portas

Figura 3.5. Localização das atuais aldeias nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, 2010.



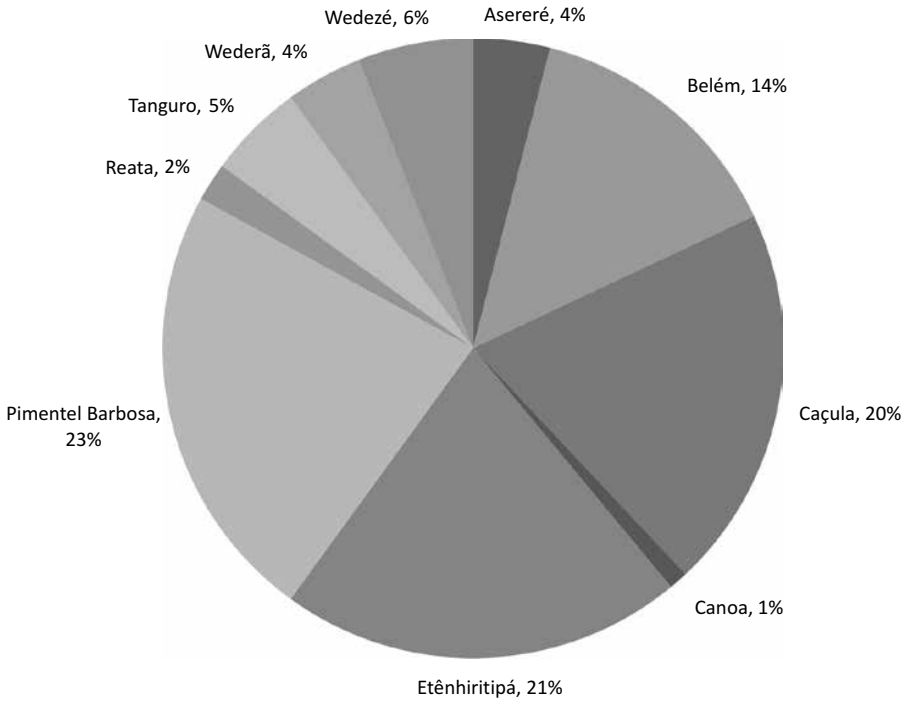
estão voltadas para o centro. A vida doméstica acontece dentro de cada casa, em seus arredores imediatos, nas roças ou em outros espaços.

Atualmente, existem onze aldeias nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa. Como pode ser visto na Figura 3.5, há aldeias tanto na parte norte como na parte sul da T.I. Pimentel Barbosa. Quanto ao sentido leste-oeste, a maior concentração de aldeias é na parte oeste da terra indígena. Ou seja, todas as aldeias, com exceção de Wedezé, estão relativamente distantes das margens do Rio das Mortes.

Dados derivados do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI), referentes ao Distrito Sanitário Indígena Barra do Garças, indicam que a população da T.I. Pimentel Barbosa em 2009 era de 1.466 pessoas (Figura 3.6 e Tabela 3.2). A aldeia com maior população era Caçula (383 pessoas)[21]. Outras duas apresentavam 300 ou mais pessoas, quais sejam, Pimentel Barbosa (332) e Etênhiritipá (306). Há uma quarta aldeia relativamente populosa (Belém, com uma população de 200 pessoas). Todas as demais apresentavam uma população inferior a 100 pessoas, com duas delas registrando menos de 50 pessoas (Canoa e Reata). A população da aldeia Wedezé, de 88 pessoas, representava 6% do total das dez aldeias. Em julho de 2011, a população da aldeia Wedezé era de 100 pessoas.

21 As aldeias Wedezé e Santa Rosa foram estabelecidas em 2009 e 2011, respectivamente. Por isso, não constam nas tabelas demográficas aqui apresentadas.

Figura 3.6. Distribuição da população da aldeia Wedezé e das aldeias da T.I. Pimentel Barbosa, 2009.



Fonte: Distrito Sanitário Especial Indígena Xavante, Barra do Garças.
Obs.: Não foram realizados censos em 2009 nas aldeias Etênhiritipá, Pimentel Barbosa e Wederã. Estimativas populacionais para essas aldeias foram calculadas adicionando-se os nascimentos e retirando-se os óbitos do quantitativo de pessoas indicado nos relatórios mensais das equipes da FUNASA. A aldeia Wedezé ainda não existia na época do último levantamento. A população de Wedezé foi determinada durante pesquisa de campo. O número de pessoas residentes na aldeia Caçula foi estimado com base na subtração das pessoas que migraram para Wedezé. A aldeia Santa Rosa não existia na época do último levantamento.

Tabela 3.2. População Xavante na T.I. Pimentel Barbosa segundo aldeia, sexo e grupo etário, 2009.

Idade (anos)	Asereré			Belém			Caçula			Canoa			Etênhiritipá			Pimentel Barbosa			Reata			Tanguro			Wederã			Total Geral		
	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total
0 a 4	6	4	10	14	20	34	41	39	80	2	1	3	27	26	53	32	31	63	5	0	5	8	10	18	4	11	15	139	142	281
5 a 9	6	9	15	18	19	37	46	36	82	1	2	3	29	31	60	34	32	66	3	7	10	6	6	12	6	4	10	149	146	295
10 a 14	2	6	8	11	15	26	36	22	58	2	1	3	33	27	60	28	24	52	3	2	5	5	9	14	4	3	7	124	109	233
15 a 19	3	4	7	17	7	24	18	17	35	1	0	1	21	19	40	15	23	38	1	1	2	6	3	9	3	3	6	85	77	162
20 a 24	3	3	6	11	13	24	17	18	35	0	0	0	15	4	19	11	11	22	2	1	3	2	2	4	0	2	2	61	54	115
25 a 29	2	2	4	8	7	15	15	12	27	0	0	0	5	5	10	10	10	20	0	1	1	3	1	4	4	1	5	47	39	86
30 a 34	0	0	0	1	4	5	6	8	14	0	0	0	7	13	20	7	9	16	2	3	5	1	2	3	1	3	4	25	42	67
35 a 39	2	2	4	4	5	9	4	4	8	1	1	2	6	10	16	8	5	13	0	0	0	2	3	5	1	0	1	28	30	58
40 a 44	1	2	3	4	4	8	7	4	11	0	0	0	4	2	6	5	6	11	0	0	0	0	1	1	1	1	2	22	20	42
45 a 49	1	0	1	1	1	2	6	6	12	0	0	0	3	4	7	3	3	6	0	0	0	2	0	2	0	1	1	16	15	31
50 a 54	1	0	1	1	0	1	0	0	0	0	1	1	0	3	3	2	2	4	0	0	0	1	1	2	0	0	0	5	7	12
55 a 59	0	0	0	1	0	1	3	1	4	0	0	0	1	0	1	1	1	2	0	0	0	0	1	1	0	0	0	6	3	9
60 a 64	0	0	0	0	2	2	0	2	3	0	0	0	3	0	0	2	0	1	0	0	0	1	0	1	1	0	1	7	4	8
65 a 69	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	3	0	0	0	0	0	0	1	0	1	3	2	4
70 a 74	0	0	0	0	1	1	0	1	1	0	1	1	0	1	1	1	4	5	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	9	10
75 a 79	0	0	0	3	1	4	1	6	7	1	0	1	0	0	0	3	0	3	0	0	0	0	0	0	1	1	2	9	8	17
80 a 84	0	0	0	0	0	0	2	2	4	0	1	1	0	5	5	0	1	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	2	10	12
85 e +	0	3	3	2	5	7	1	1	2	1	0	1	1	1	2	1	4	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	6	14	20
Total	27	35	62	96	104	200	204	179	383	9	8	17	155	151	306	164	168	332	16	16	32	37	39	76	27	31	58	735	731	1466

Fonte: Distrito Sanitário Especial Indígena Xavante, Barra do Garças.
Obs.: Não foram realizados censos em 2009 nas aldeias Etênhiritipá, Pimentel Barbosa e Wederã. Estimativas populacionais para essas aldeias foram calculadas adicionando-se os nascimentos e retirando-se os óbitos do quantitativo de pessoas indicado nos relatórios mensais das equipes da FUNASA. As aldeias Wedezé e Santa Rosa ainda não existiam na época do último levantamento.

Tabela 3.3. Distribuição da população Xavante segundo aldeia, sexo e grupo etário, T.I. Pimentel Barbosa, 2009.

Idade (anos)	Asereré			Belém			Caçula			Canoa			Etênhiritipá			Pimentel Barbosa			Reata			Tanguro			Wederã			Total Geral		
	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total
0 a 4	0.4%	0.3%	0.7%	1.0%	1.4%	2.3%	2.8%	2.7%	5.5%	0.1%	0.1%	0.2%	1.8%	1.8%	3.6%	2.2%	2.1%	4.3%	0.3%	0.0%	0.3%	0.5%	0.7%	1.2%	0.3%	0.8%	1.0%	9.5%	9.7%	19.2%
5 a 9	0.4%	0.6%	1.0%	1.2%	1.3%	2.5%	3.1%	2.5%	5.6%	0.1%	0.1%	0.2%	2.0%	2.1%	4.1%	2.3%	2.2%	4.5%	0.2%	0.5%	0.7%	0.4%	0.4%	0.8%	0.4%	0.3%	0.7%	10.2%	10.0%	20.1%
10 a 14	0.1%	0.4%	0.5%	0.8%	1.0%	1.8%	2.5%	1.5%	4.0%	0.1%	0.1%	0.2%	2.3%	1.8%	4.1%	1.9%	1.6%	3.5%	0.2%	0.1%	0.3%	0.3%	0.6%	1.0%	0.3%	0.2%	0.5%	8.5%	7.4%	15.9%
15 a 19	0.2%	0.3%	0.5%	1.2%	0.5%	1.6%	1.2%	1.2%	2.4%	0.1%	0.0%	0.1%	1.4%	1.3%	2.7%	1.0%	1.6%	2.6%	0.1%	0.1%	0.1%	0.4%	0.2%	0.6%	0.2%	0.2%	0.4%	5.8%	5.3%	11.1%
20 a 24	0.2%	0.2%	0.4%	0.8%	0.9%	1.6%	1.2%	1.2%	2.4%	0.0%	0.0%	0.0%	1.0%	0.3%	1.3%	0.8%	0.8%	1.5%	0.1%	0.1%	0.2%	0.1%	0.1%	0.3%	0.0%	0.1%	0.1%	4.2%	3.7%	7.8%
25 a 29	0.1%	0.1%	0.3%	0.5%	0.5%	1.0%	1.0%	0.8%	1.8%	0.0%	0.0%	0.0%	0.3%	0.3%	0.7%	0.7%	0.7%	1.4%	0.0%	0.1%	0.1%	0.2%	0.1%	0.3%	0.3%	0.1%	0.3%	3.2%	2.7%	5.9%
30 a 34	0.0%	0.0%	0.0%	0.1%	0.3%	0.3%	0.4%	0.5%	1.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.5%	0.9%	1.4%	0.5%	0.6%	1.1%	0.1%	0.2%	0.3%	0.1%	0.1%	0.2%	0.1%	0.2%	0.3%	1.7%	2.9%	4.6%
35 a 39	0.1%	0.1%	0.3%	0.3%	0.3%	0.6%	0.3%	0.3%	0.5%	0.1%	0.1%	0.1%	0.4%	0.7%	1.1%	0.5%	0.3%	0.9%	0.0%	0.0%	0.0%	0.1%	0.2%	0.3%	0.1%	0.0%	0.1%	1.9%	2.0%	4.0%
40 a 44	0.1%	0.1%	0.2%	0.3%	0.3%	0.5%	0.5%	0.3%	0.8%	0.0%	0.0%	0.0%	0.3%	0.1%	0.4%	0.3%	0.4%	0.8%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	1.5%	1.4%	2.9%
45 a 49	0.1%	0.0%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.4%	0.4%	0.8%	0.0%	0.0%	0.0%	0.2%	0.3%	0.5%	0.2%	0.2%	0.4%	0.0%	0.0%	0.0%	0.1%	0.0%	0.1%	0.0%	0.1%	0.1%	1.1%	1.0%	2.1%
50 a 54	0.1%	0.0%	0.1%	0.1%	0.0%	0.1%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.1%	0.1%	0.0%	0.2%	0.2%	0.1%	0.1%	0.3%	0.0%	0.0%	0.0%	0.1%	0.1%	0.1%	0.0%	0.0%	0.0%	0.3%	0.5%	0.8%
55 a 59	0.0%	0.0%	0.0%	0.1%	0.0%	0.1%	0.2%	0.1%	0.3%	0.0%	0.0%	0.0%	0.1%	0.0%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.1%	0.1%	0.0%	0.0%	0.0%	0.4%	0.2%	0.6%
60 a 64	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.1%	0.1%	0.0%	0.1%	0.2%	0.0%	0.0%	0.0%	0.2%	0.0%	0.0%	0.1%	0.0%	0.1%	0.0%	0.0%	0.0%	0.1%	0.0%	0.1%	0.1%	0.0%	0.1%	0.5%	0.3%	0.5%
65 a 69	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.1%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.1%	0.1%	0.2%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.1%	0.0%	0.1%	0.2%	0.1%	0.3%
70 a 74	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.1%	0.1%	0.0%	0.1%	0.1%	0.0%	0.1%	0.1%	0.0%	0.1%	0.1%	0.1%	0.3%	0.3%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.1%	0.1%	0.1%	0.6%	0.7%
75 a 79	0.0%	0.0%	0.0%	0.2%	0.1%	0.3%	0.1%	0.4%	0.5%	0.1%	0.0%	0.1%	0.0%	0.0%	0.0%	0.2%	0.0%	0.2%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.1%	0.1%	0.1%	0.6%	0.5%	1.2%
80 a 84	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.1%	0.1%	0.3%	0.0%	0.1%	0.1%	0.0%	0.3%	0.3%	0.0%	0.1%	0.1%	0.0%	0.1%	0.1%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.1%	0.7%	0.8%
85 e +	0.0%	0.2%	0.2%	0.1%	0.3%	0.5%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.0%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.3%	0.3%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.4%	1.0%	1.4%
Total	1.8%	2.4%	4.2%	6.5%	7.1%	13.6%	13.9%	12.2%	26.1%	0.6%	0.5%	1.2%	10.6%	10.3%	20.9%	11.2%	11.5%	22.6	1.1%	1.1%	2.2%	2.5%	2.7%	5.2%	1.8%	2.1%	4.0%	50.1%	49.9%	100.0%

Fonte: Distrito Sanitário Especial Indígena Xavante, Barra do Garças.
Obs.: Não foram realizados censos em 2009 nas aldeias Etênhiritipá, Pimentel Barbosa e Wederã. Estimativas populacionais para essas aldeias foram calculadas adicionando-se os nascimentos e retirando-se os óbitos do quantitativo de pessoas indicado nos relatórios mensais das equipes da FUNASA. As aldeias Wedezé e Santa Rosa ainda não existiam na época do último levantamento.

Ainda que haja grande variação nos volumes de população entre as diversas aldeias, em todas elas mais de 50% das pessoas apresentavam idade inferior a 15 anos (Tabela 3.2). Por outro lado, a quantidade de pessoas idosas, com mais de 60 anos, é baixa, totalizando 4,8% para o conjunto das aldeias.

Quanto à composição por sexo (Tabela 3.2), observa-se que o número de homens e mulheres é muito semelhante (735 e 731, respectivamente). Há diferenças entre as aldeias no que diz respeito à composição por sexo, o que se deve possivelmente a variações aleatórias devido aos pequenos números de população (vide também a Tabela 3.3).

Já que diferem significativamente em tamanho da população, o número total de casas varia bastante entre as diversas aldeias (Figura 3.7). Em 2009, a aldeia Reata era a que apresentava o menor número de casas (3). Nas três aldeias maiores (Pimentel Barbosa, Etênhiritipá e Caçula), a quantidade de casas variava entre 20 e 24.

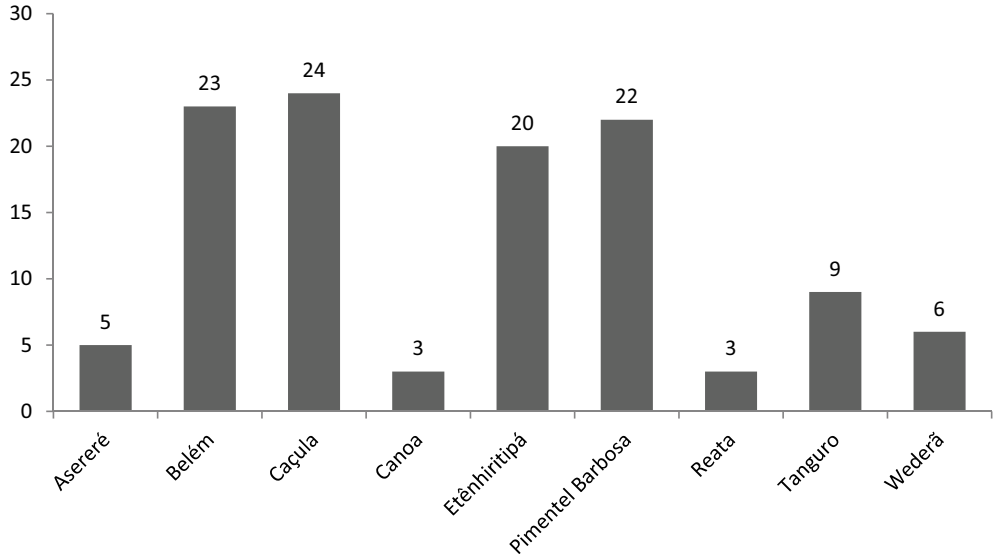
Ao se calcular a média de moradores por domicílio, nota-se, em geral, valores superiores a 10. É nas aldeias maiores que se observam as médias mais elevadas, alcançando 16 moradores por domicílio em Caçula. Canoa é a aldeia com a menor média, de 5,7. No conjunto das aldeias, a média foi de 12,7 moradores por domicílio (Figura 3.8).

População Xavante nas diversas terras indígenas

Dados derivados do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI), coletados pelo Distrito Sanitário Indígena Xavante, em Barra do Garças, os mais recentes localizados, indicam que a população Xavante em 2008 era de 14.469 pessoas (Tabela 3.4)[22]. Desse total, o maior número de pessoas residia

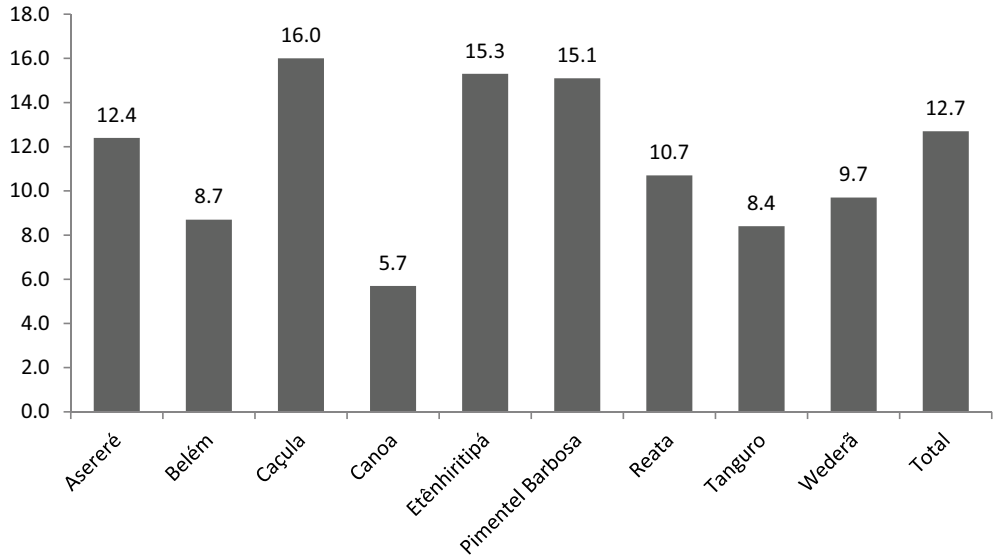
22 Recentemente foram divulgados os resultados do Censo Demográfico de 2010, que indicou uma população total Xavante no Brasil de 19.259 pessoas, dos quais 15.953 residiam em terras indígenas (IBGE 2012, Tabela 12). Considerando a diferença de dois anos entre os dados do SIASI e do IBGE, conclui-se que as estimativas são bastante próximas, em torno de 15 mil pessoas.

Figura 3.7. Número de casas, segundo aldeia, da T.I. Pimentel Barbosa, 2009.



Obs.: A aldeia Wedezé ainda não existia por ocasião do último levantamento da FUNASA, que serviu de base para a construção deste gráfico. Sua população está somada à da aldeia Caçula. As aldeias Wedezé e Santa Rosa não existiam na época do último levantamento.

Figura 3.8. Número médio de moradores por domicílio nas aldeias da T.I. Pimentel Barbosa, 2009.



Obs.: A aldeia Wedezé ainda não existia por ocasião do último levantamento da FUNASA, que serviu de base para a construção deste gráfico. Sua população está somada à da aldeia Caçula. As aldeias Wedezé e Santa Rosa não existiam na época do último levantamento.

em Parabubure (39,5%), seguido de São Marcos (21,4%). Ou seja, nessas duas terras vivem aproximadamente 60% da população total da etnia. Com exceção de Sangradouro (11,4%), todas as demais terras indígenas apresentam tamanhos de população que não atingem 10% do contingente populacional total Xavante.

Uma característica demográfica importante da população Xavante, que é também comum em outros povos indígenas (Pagliaro et al. 2005), é que aproximadamente 20% da população é composta de menores de 5 anos (Tabela 3.5). Algumas terras indígenas, como Marãiwatsede e Pimentel Barbosa, apresentam quantidades de crianças menores de 5 anos que alcançam aproximadamente 23%. Tal padrão de estrutura etária bastante jovem fica evidente ao se analisar as pirâmides etárias das várias terras indígenas (Figura 3.9). Tais pirâmides apresentam bases largas, que são típicas de populações com alta fecundidade, como veremos adiante neste capítulo.

Como se pode observar na Tabela 3.6, ao se analisar a composição da população segundo grupos etários mais agregados, nota-se que mais de 50% têm idade inferior a 15 anos. Por outro lado, a proporção de pessoas idosas, com mais de 60 anos, é baixa, totalizando 5% para todas as terras Xavante, variando de 4,0% em São Marcos a 6,6% em Marãiwatsede. Vale mencionar que as pirâmides etárias (Figura 3.9) apresentam incrementos nas idades mais elevadas, o que se deve ao fato de agruparem todos os indivíduos acima de 75 anos.

Quanto à composição por sexo (Tabela 3.4), observa-se que a porcentagem de homens (7.452 ou 51,5%) é superior à de mulheres. Pessoas do sexo masculino predominam em todas as terras, com exceção de Marãiwatsede e Pimentel Barbosa, onde há proporcionalmente mais mulheres.

Tabela 3.4. População Xavante segundo grupo etário, sexo e terra indígena, 2008.

Idade (anos)	Areões			Marechal Rondon			Marãiwatsede			Pimentel Barbosa			Parabubure			Sangradouro			São Marcos			Total Geral		
	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total
0 a 4	135	112	247	75	65	140	71	84	155	142	177	319	559	503	1062	178	184	362	313	273	586	1473	1398	2871
5 a 9	125	112	237	68	53	121	67	69	136	140	145	285	543	527	1070	137	128	265	293	235	528	1373	1269	2642
10 a 14	87	90	177	37	40	77	34	52	86	88	99	187	403	361	764	114	107	221	226	182	408	989	931	1920
15 a 19	75	64	139	40	38	78	39	30	69	81	78	159	310	324	634	106	93	199	196	181	377	847	808	1655
20 a 24	59	56	115	27	27	54	27	27	54	54	49	103	279	281	560	77	68	145	168	139	307	691	647	1338
25 a 29	47	47	94	26	38	64	28	22	50	37	39	76	200	225	425	70	51	121	141	108	249	549	530	1079
30 a 34	34	44	78	15	20	35	17	20	37	30	37	67	157	144	301	37	43	80	102	75	177	392	383	775
35 a 39	21	21	42	21	12	33	18	12	30	26	25	51	118	118	236	33	30	63	71	63	134	308	281	589
40 a 44	21	16	37	5	11	16	3	5	8	14	23	37	95	82	177	24	27	51	48	54	102	210	218	428
45 a 49	22	16	38	10	5	15	2	3	5	14	15	29	56	39	95	18	16	34	30	26	56	152	120	272
50 a 54	3	1	4	2	1	3	2	1	3	6	5	11	20	17	37	5	4	9	14	9	23	52	38	90
55 a 59	3	5	8	2	0	2	2	0	2	8	4	12	14	9	23	9	8	17	15	7	22	53	33	86
60 a 64	4	1	5	5	3	8	0	0	0	3	1	4	15	10	25	10	3	13	11	10	21	48	28	76
65 a 69	4	3	7	2	0	2	2	4	6	2	5	7	12	14	26	9	4	13	7	9	16	38	39	77
70 a 74	2	2	4	0	9	9	1	1	2	5	5	10	17	19	36	5	15	20	6	12	18	36	63	99
75 +	29	27	56	9	6	15	14	23	37	20	25	45	112	102	214	19	17	36	38	31	69	241	231	472
Total	671	617	1288	344	328	672	327	353	680	670	732	1402	2910	2775	5685	851	798	1649	1679	1414	3093	7452	7017	14469

Fonte: Distrito Sanitário Especial Indígena Xavante, Barra do Garças.
Obs.: Parabubure inclui as T.I. Chão Preto, Parabubure e Ubawawe.

Tabela 3.5. Distribuição da população Xavante segundo grupo etário e terra indígena, sexos combinados, 2008.

Idade (anos)	Areões	Marechal Rondon	Marãiwatsede	Pimentel Barbosa	Parabubure	Sangradouro	São Marcos	Total geral
0 a 4	19,2%	20,8%	22,8%	22,8%	18,7%	22,0%	18,9%	19,8%
5 a 9	18,4%	18,0%	20,0%	20,3%	18,8%	16,1%	17,1%	18,3%
10 a 14	13,7%	11,5%	12,6%	13,3%	13,4%	13,4%	13,2%	13,3%
15 a 19	10,8%	11,6%	10,1%	11,3%	11,2%	12,1%	12,2%	11,4%
20 a 24	8,9%	8,0%	7,9%	7,3%	9,9%	8,8%	9,9%	9,2%
25 a 29	7,3%	9,5%	7,4%	5,4%	7,5%	7,3%	8,1%	7,5%
30 a 34	6,1%	5,2%	5,4%	4,8%	5,3%	4,9%	5,7%	5,4%
35 a 39	3,3%	4,9%	4,4%	3,6%	4,2%	3,8%	4,3%	4,1%
40 a 44	2,9%	2,4%	1,2%	2,6%	3,1%	3,1%	3,3%	3,0%
45 a 49	3,0%	2,2%	0,7%	2,1%	1,7%	2,1%	1,8%	1,9%
50 a 54	0,3%	0,4%	0,4%	0,8%	0,7%	0,5%	0,7%	0,6%
55 a 59	0,6%	0,3%	0,3%	0,9%	0,4%	1,0%	0,7%	0,6%
60 a 64	0,4%	1,2%	0,0%	0,3%	0,4%	0,8%	0,7%	0,5%
65 a 69	0,5%	0,3%	0,9%	0,5%	0,5%	0,8%	0,5%	0,5%
70 a 74	0,3%	1,3%	0,3%	0,7%	0,6%	1,2%	0,6%	0,7%
75 +	4,3%	2,2%	5,4%	3,2%	3,8%	2,2%	2,2%	3,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Distrito Sanitário Especial Indígena Xavante, Barra do Garças.
Obs.: Parabubure inclui as T.I. Chão Preto, Parabubure e Ubawawe.

Tabela 3.6. Distribuição da população Xavante segundo grupo etário e terra indígena, sexos combinados, 2008.

Idade (anos)	Areões	Marechal Rondon	Marãiwatsede	Pimentel Barbosa	Parabubure	Sangradouro	São Marcos	Total geral
0 a 14	51,3%	50,3%	55,4%	56,4%	50,9%	51,4%	49,2%	51,4%
15 a 29	27,0%	29,2%	25,4%	24,1%	28,5%	28,2%	30,2%	28,1%
30 a 44	12,2%	12,5%	11,0%	11,1%	12,6%	11,8%	13,4%	12,4%
45 a 59	3,9%	3,0%	1,5%	3,7%	2,7%	3,6%	3,3%	3,1%
60+	5,6%	5,1%	6,6%	4,7%	5,3%	5,0%	4,0%	5,0%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Distrito Sanitário Especial Indígena Xavante, Barra do Garças.
Obs.: Parabubure inclui as T.I. Chão Preto, Parabubure e Ubawawe.

Natalidade e mortalidade em Wedezé e Pimentel Barbosa

Os dados mais atualizados sobre a demografia Xavante, incluindo natalidade e mortalidade, datam de 1999-2004, compondo um dos mais detalhados perfis demográficos existentes para um povo indígena no Brasil[23]. Tais dados foram sistematizados em pesquisa de doutorado realizada por Luciene Guimarães de Souza (na época, técnica da Fundação Nacional de Saúde/FUNASA) na ENSP/FIOCRUZ (Souza et al. 2011; Souza 2008). Os dados analisados por Souza dizem respeito não somente aos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé, como também àqueles de outras terras indígenas, o que torna possível um olhar comparativo. Fica evidente, entre outros aspectos, que os Xavante de Pimentel Barbosa apresentam, no conjunto das terras indígenas Xavante, as mais elevadas taxas de crescimento populacional no período sob análise.

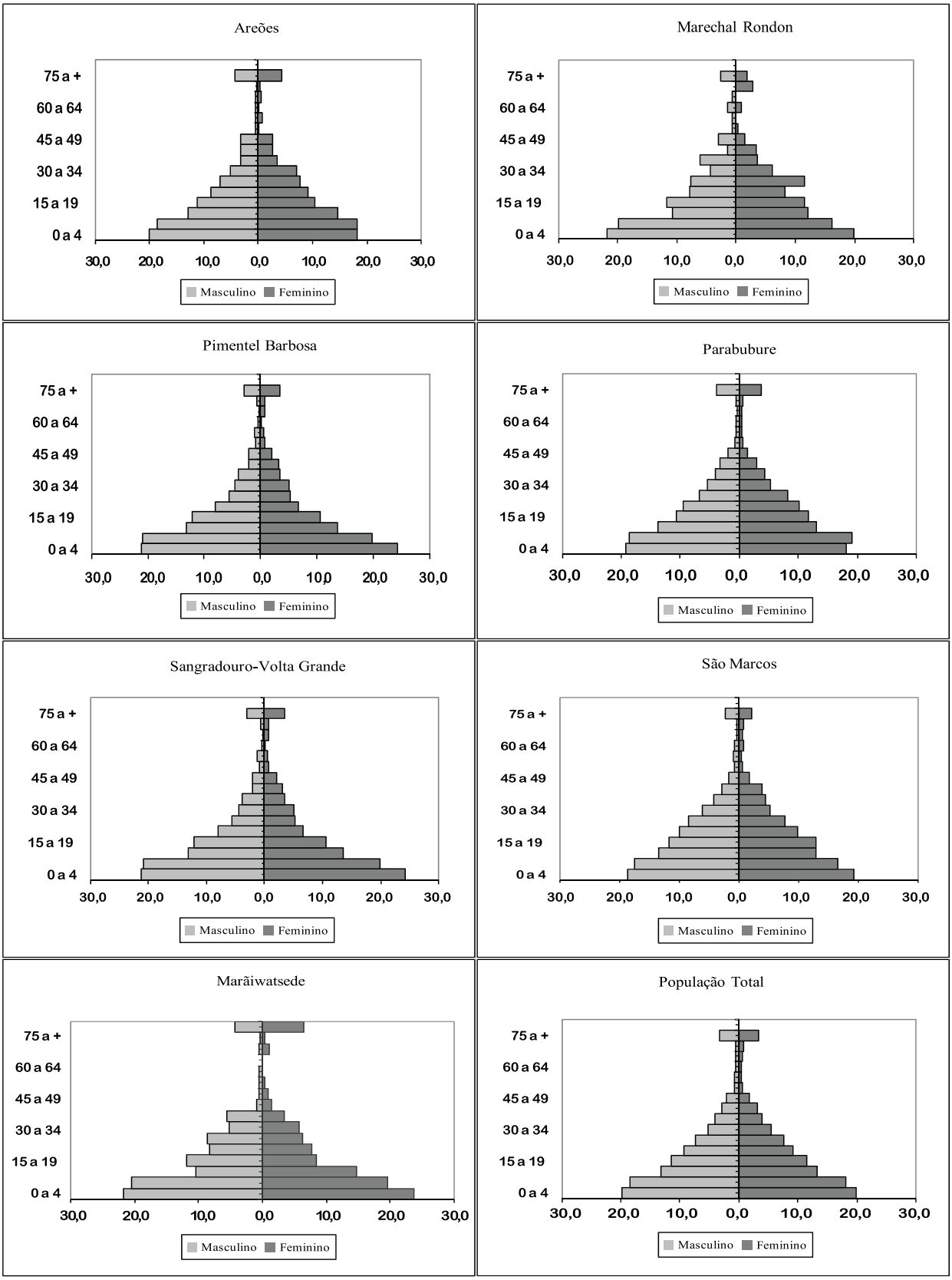
Os dados demográficos abordados a seguir advêm de duas fontes principais: listagens domiciliares e registros de eventos vitais (vide detalhamento em Souza et al. 2011; Souza 2008)[24]. As informações populacionais, em nível domiciliar, foram coletadas de 1999 a 2004 com o preenchimento do Cadastro da Família Indígena (CAFI). O CAFI é o instrumento de coleta do módulo demográfico que serviu de base para a implantação do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI) da FUNASA. Essas fichas foram atualizadas pelo menos uma vez a cada ano, gerando um fluxo de registros contínuos de eventos vitais, casamentos, composição dos domicílios e migração. Os recenseamentos e suas atualizações foram realizados pelas Equipes de Saúde do Distrito Sanitário Especial Indígena Xavante, que atuavam nas aldeias, polos-base e Casas de Saúde do Índio. Os quantitativos de eventos vitais (mortes e nascimentos) foram derivados de relatórios mensais enviados pelas equipes dos Polos-Base e das Casas de Saúde do Índio à sede do Distrito Sanitário Especial Indígena Xavante (DSEI Xavante). Conforme detalhado por Souza (2008), os registros produzidos em serviço eram encaminhados especificamente para o setor de operações do DSEI Xavante, em Barra do Garças, onde eram consolidados e avaliados.

Para fins de apresentação dos resultados demográficos foram estimados indicadores para dois triênios (1999-2001 e 2002-2004). A população da T.I. Marãiwatsede foi considerada no conjunto da população de Pimentel Barbosa

23 Aqui utilizamos dados demográficos para o período 1999 a 2004, pois é para este intervalo que há a disponibilidade de detalhados indicadores demográficos, com base no trabalho realizado por Luciene Guimarães de Souza.

24 Reiteramos o agradecimento a Luciene Guimarães de Souza pela disponibilização dos dados demográficos Xavante.

Figura 3.9. Pirâmides etárias da população Xavante, segundo terra indígena e total, 2008.



Fonte: Distrito Sanitário Especial Indígena Xavante, Barra do Garças.
Obs.: Parabubure inclui as T.I. Chão Preto, Parabubure e Ubawawe.

no segundo triênio. Na análise de migração e evolução do número de aldeias, essa população foi avaliada em separado. Um detalhamento sobre os procedimentos de construção do banco de dados e das análises demográficas conduzidas pode ser encontrado em Souza (2008) (vide também Souza et al. 2011).

Os dados indicam que, no período 1999-2004, a população Xavante passou de 9.642 para 11.988 indivíduos, apresentando um crescimento médio anual de 4,4% (Tabela 3.7). A maior concentração da população Xavante se encontrava na T.I. Parabubure, que em 2004 tinha 4.795 habitantes, representando 40% da população total. São Marcos é outra Terra Indígena com grande concentração de população (2.566 habitantes), representando 21,4% do total. O maior crescimento populacional foi registrado na T.I. Pimentel Barbosa (5,2% ao ano) (Tabela 3.7). Nessa tabela, a população Xavante residente na T.I. Wedezé está incluída juntamente com aquela da T.I. Pimentel Barbosa, pois os dados apresentados foram coletados antes do estabelecimento da aldeia Wedezé. Vale destacar que, com uma taxa de crescimento anual de 5,2%, a população de Pimentel Barbosa e Wedezé tenderá a duplicar a cada 14 anos, aproximadamente, trazendo consigo novas necessidades de utilização do espaço territorial.

As estruturas por idade e sexo do conjunto da população Xavante e das populações habitantes nas várias terras indígenas, segundo grupos quinquenais de idade, para o ano de 2004, são apresentadas em forma de pirâmides nas figuras a seguir.

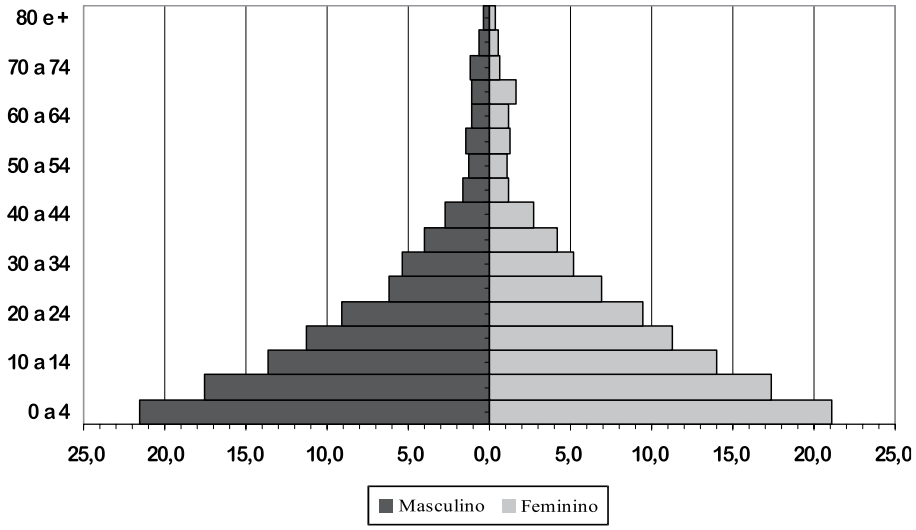
A Figura 3.10, referente à pirâmide etária do total da população Xavante, em 2004, apresenta contorno compatível com o de populações extremamente jovens, com altos níveis de natalidade e de mortalidade, combinação que proporciona elevado crescimento vegetativo. A largura da base dessa pirâmide mostra que, aproximadamente, 40% do total da população têm menos de 5 anos de idade. A reentrância acentuada, que se inicia nas idades de 40 a 44 anos, principalmente no sexo masculino, que corresponde às gerações

Tabela 3.7. População Xavante, incremento do número de aldeias e crescimento médio anual, segundo terra indígena, 1999-2004.

	1999		2004		
T.I. (hectares)	**População**	**% sobre o total da população**	**População**	**% sobre o total da população**	**Crescimento médio anual da população (r)**
Parabubure (224.447)	3857	40,0	4795	40,0	4,6
São Marcos (188.478)	2138	22,2	2566	21,4	3,9
Pimentel Barbosa (328.966)	1297	13,5	1446	12,1	5,2
Sangradouro-Volta Grande (100.280)	1033	10,7	1256	10,5	3,9
Areões (218.515)	890	9,2	1093	9,1	4,4
Marechal Rondon (98.500)	427	4,4	520	4,4	4,2
Marãiwatsede (168.000)	-	-	312	2,6	-
Total	9642	100,0	11988	100,0	4,4

Fonte: SIASI, FUNASA (DSEI Xavante) e Souza (2008).
Obs.: Parabubure inclui as T.I. Chão Preto, Parabubure e Ubawawe.

Figura 3.10. Pirâmide etária da população Xavante total, 2004.



Fonte: SIASI, FUNASA (DSEI Xavante) e Souza (2008).

nascidas antes de 1960, possivelmente reflete os efeitos da alta mortalidade vivenciada pelos Xavante nas décadas de 1950 e 60 (Figura 3.10).

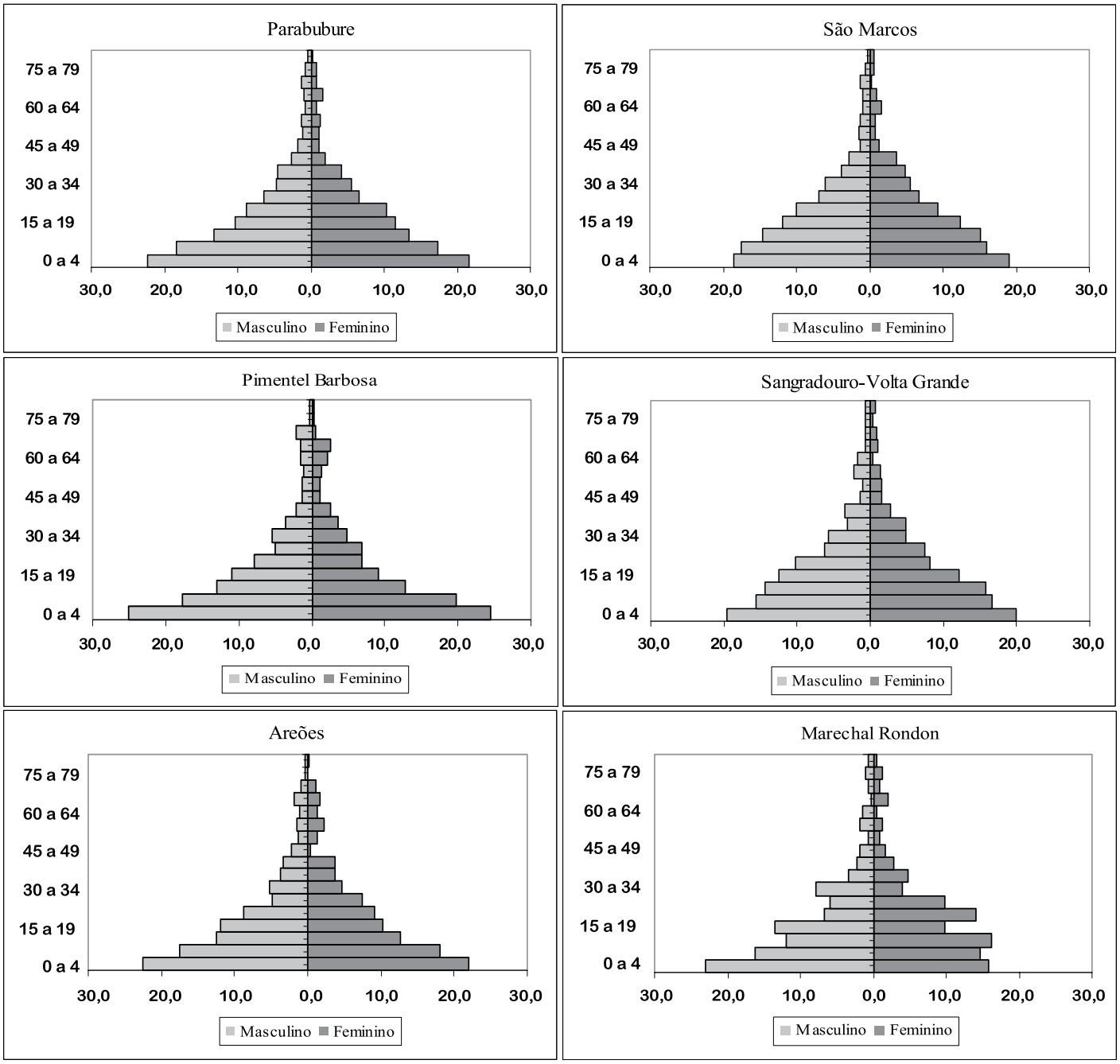
Na Figura 3.11 estão representadas as pirâmides etárias da população Xavante por terra indígena, que de maneira geral são muito semelhantes entre si. Os contornos dessas pirâmides, como mencionado para o conjunto da população Xavante, refletem os efeitos dos altos níveis de natalidade e de mortalidade, com a base larga e a diminuição desta à cúspide, sendo um indicativo de população jovem com idade mediana baixa.

A idade mediana da população Xavante é de 13 anos, ou seja, 50% da população têm menos de 13 anos e 50% mais que 13 anos. Associada à mais elevada fecundidade, Pimentel Barbosa concentra a população mais jovem, com idade mediana de 12 anos nos dois triênios considerados (Figura 3.12).

A distribuição proporcional da população segundo três grandes grupos de idade, por Terra Indígena e para o total da população, em 1999-2001 e 2002-2004, é apresentada na Tabela 3.8. Esses indicadores confirmam a estrutura etária excepcionalmente jovem da população Xavante em seu conjunto e nas seis T.I.. A proporção da população menor de 15 anos de idade se manteve estável em aproximadamente 53% nos dois triênios. O mesmo ocorreu com a proporção da população de 50 anos ou mais anos, que se manteve em torno de 7%. A maior proporção de população < de 15 anos é encontrada na T.I. Pimentel Barbosa (aproximadamente 56%).

A taxa bruta de natalidade (TBN) do conjunto da população Xavante estimada para a média do período 1999-2004 é de 59,2 nascimentos por mil habitantes. Mesmo considerando a flutuação aleatória dos pequenos números referentes aos indicadores calculados por triênios, esses dados sugerem uma queda da natalidade no conjunto da população, próxima de 6%, passando a TBN de 61,2 nascimentos por mil habitantes no período 1999-2001 para 57,3 por mil em 2002-2004, no total das Terras Indígenas (Tabela 3.9). Na mé-

Figura 3.11. Pirâmides etárias da população Xavante, segundo terra indígena, Mato Grosso, 2004.

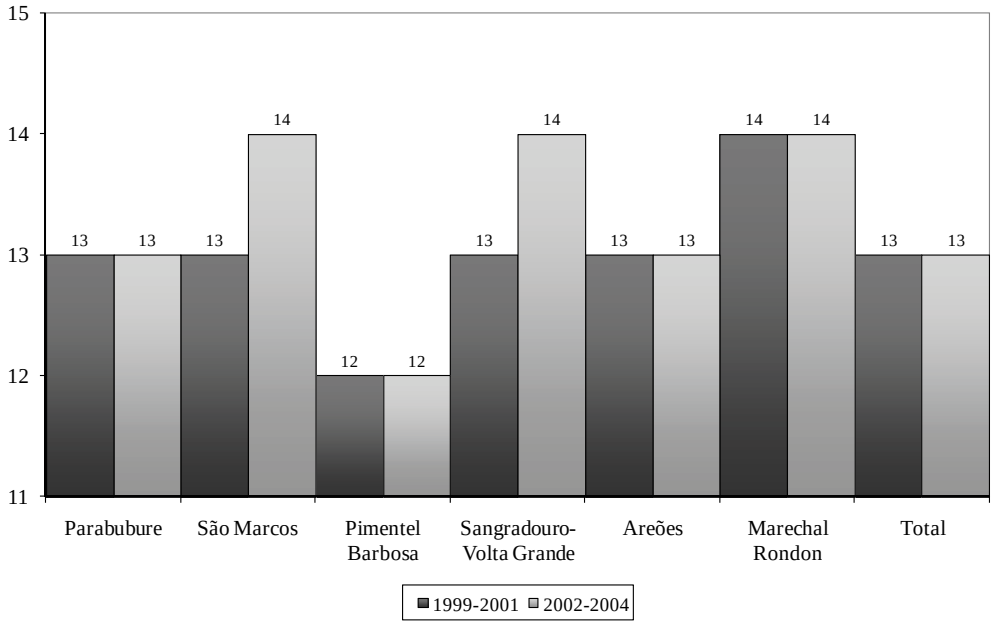


Fonte: SIASI, FUNASA (DSEI Xavante) e Souza (2008).
Obs.: A população da T.I. Marãiwatsede de 2004 foi considerada na T.I. Pimentel Barbosa, e as T.I. Chão Preto e Ubawawe foram incluídas na T.I. Parabubure.

dia do período 1999-2004, o maior nível de natalidade foi registrado em Pimentel Barbosa.

A evolução da fecundidade das mulheres Xavante pode ser observada por meio das taxas de fecundida de total (TFT) dos triênios 1999-2001 e 2002-2004, indicador que expressa o número médio de filhos nascidos vivos por mulher durante o seu período reprodutivo (Tabela 3.10). A TFT estimada para

Figura 3.12. Idades medianas da população Xavante, segundo terra indígena, Mato Grosso, 1999-2001 e 2002-2004.



Fonte: SIASI, FUNASA (DSEI Xavante) e Souza (2008).
Obs.: A população da T.I. Marãiwatsede de 2004 foi considerada na T.I. Pimentel Barbosa, e as T.I. Chão Preto e Ubawawe foram incluídas na T.I. Parabubure.

a média do período de 1999-2004 é de 7,7 filhos nascidos vivos por mulher. A despeito do elevado nível de fecundidade encontrado, o comportamento das TFT ao longo do período também aponta para uma tendência de declínio, que chega a atingir 1,4 filho a menos, em média, por mulher.

No tocante aos diferenciais por T.I., observa-se que o maior nível de fecundidade no período foi registrado em Pimentel Barbosa (10,2). Com exceção de Pimentel Barbosa e Areões, nas demais T.I. registrou-se expressivo declínio da fecundidade no segundo triênio.

As taxas brutas de mortalidade (TBM) observadas para o conjunto da população Xavante oscilaram entre 12,7 e 11,4 óbitos por mil habitantes durante os períodos 1999-2001 e 2002-2004, sendo em média de 12,1 óbitos por mil habitantes a observada e 11,4 a padronizada, apresentando uma redução (Tabela 3.11). Desagregando-se as taxas médias do período por terra indígena, verifica-se que os níveis de mortalidade diferem bastante.

A mortalidade infantil do conjunto da população Xavante estimada para a média do período 1999-2004 foi de 96,7 óbitos de crianças menores de 1 ano por mil nascidos vivos. Os dados apresentam uma tendência de queda, próxima de 15%, passando a TMI de 103,3 óbitos em 1999-2001 para 89,8 por mil em 2002-2004 no total das terras indígenas (Tabela 3.12).

Desagregando-se as taxas médias do período 1999-2004 por terra indígena, verifica-se que os níveis da mortalidade infantil diferem bastante, apresentando uma diferença de 42,5% entre o nível mais alto (129,5), em São Marcos, e o menor (74,4), em Sangradouro-Volta Grande.

As médias dos dois triênios foram reunidas em três grupos classificados por magnitudes de acordo com a Organização Mundial da Saúde: grupo I (bai-

Tabela 3.8. Distribuição da população Xavante por terra indígena, segundo grupo etário, Mato Grosso, 1999-2001 e 2002-2004.

Grupos de idade (anos)	Parabubure		São Marcos		Pimentel Barbosa		ngradouro-Volta Grande		Areões		Marechal Rondon		Total	
	1999-2001	2002-2004	1999-2001	2002-2004	1999-2001	2002-2004	1999-200	2002-2004	1999-200	2002-200	1999-2001	2002-2004	999-2001	2002-2004
0 a 14	53,7%	53,4%	53,4%	51,4%	56,2%	56,4%	53,8%	51,7%	53,4%	52,7%	51,1%	49,9%	53,8%	53,0%
15 a 49	38,8%	39,8%	40,1%	42,2%	34,2%	35,1%	38,7%	41,0%	37,9%	39,4%	41,0%	42,8%	38,4%	39,9%
50 e +	7,6%	6,8%	6,6%	6,4%	9,6%	8,5%	7,6%	7,3%	8,7%	7,9%	7,9%	7,3%	7,7%	7,1%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: SIASI, FUNASA (DSEI Xavante) e Souza (2008).
Obs.: A população da T.I. Marãiwatsede de 2004 foi considerada na T.I. Pimentel Barbosa, e as T.I. Chão Preto e Ubawawe foram incluídas na T.I. Parabubure.

Tabela 3.9. Taxas brutas de natalidade por mil habitantes e variações relativas destas taxas, segundo terra indígena Xavante, Mato Grosso, 1999- 2001 e 2002-2004.

Terra Indígena	1999 -2001	2002-2004	Variação Relativa (%)	1999-2004
Parabubure	64,1	52,7	-17,8	58,1
São Marcos	58,3	45,1	-22,6	51,4
Pimentel Barbosa	67,3	60,3	-10,4	63,5
Sangradouro-Volta Grande	52,6	46,1	-12,4	49,1
Areões	58,9	56,7	-3,7	57,7
Marechal Rondon	56,4	42,1	-25,4	48,8
Total	61,2	57,3	-6,4	59,2

Fonte: SIASI, FUNASA (DSEI Xavante) e Souza (2008).
Obs.: A população da T.I. Marãiwatsede de 2004 foi considerada na T.I. Pimentel Barbosa, e as T.I. Chão Preto e Ubawawe foram incluídas na T.I. Parabubure.

Tabela 3.10. Taxas de fecundidade total (TFT) observadas em mulheres Xavante de 10-44 anos, Mato Grosso, 1999-2001 e 2002-2004.

Terra Indígena	1999-2001	2002-2004	1999-2004
Parabubure	8,7	7,4	8,0
São Marcos	8,1	6,0	6,9
Pimentel Barbosa	10,2	10,1	10,2
Sangradouro - Volta Grande	7,7	6,0	6,7
Areões	7,9	7,7	7,8
Marechal Rondon	7,8	4,9	6,2
Total	8,5	7,4	7,7

Fonte: SIASI, FUNASA (DSEI Xavante) e Souza (2008).
Obs.: A população da T.I. Marãiwatsede de 2004 foi considerada na T.I. Pimentel Barbosa, e as T.I. Chão Preto e Ubawawe foram incluídas na T.I. Parabubure.

Tabela 3.11. Taxas Brutas de Mortalidade (TBM) por mil habitantes, segunda terra indígena, sexo e triênio, população Xavante, Mato Grosso, 1999-2001 e 2002-2004.

Terra Indígena	1999-2001	2002-2004	1999-2001	2002-2004	Observada	Padronizada
Parabubure	13,6	11,7	12,3	11,0	12,6	11,6
São Marcos	12,6	13,7	12,0	14,9	13,2	13,4
Pimentel Barbosa	11,7	10,0	9,8	9,2	10,7	9,4
Sangradouro-Volta Grande	9,3	10,5	9,8	12,9	10,1	10,4
Areões	17,7	9,8	16,3	8,9	13,5	13,0
Marechal Rondon	6,0	8,0	5,4	9,6	7,4	7,4
Total	12,7	11,4	9,1	11,1	12,1	11,4

Fonte: SIASI, FUNASA (DSEI Xavante) e Souza (2008).
Obs.: A população da T.I. Marãiwatsede de 2004 foi considerada na T.I. Pimentel Barbosa, e as T.I. Chão Preto e Ubawawe foram incluídas na T.I. Parabubure. A TBM padronizada corrige para diferenças em composição etária.

Tabela 3.12. Taxas de Mortalidade Infantil (TMI) por mil nascidos vivos, segundo terra indígena Xavante, Mato Grosso, 1999-2001 e 2002-2004.

Terra Indígena	1999 - 2001	2002 - 2004	1999-2004
Parabubure	95,4	89,4	92,5
São Marcos	123,1	136,9	129,5
Pimentel Barbosa	108,7	59,0	83,3
Sangradouro-Volta Grande	59,2	89,8	74,4
Areões	147,2	50,3	96,5
Marechal Rondon	66,7	95,2	79,7
Total	103,3	89,8	96,7

Fonte: SIASI, FUNASA (DSEI Xavante) e Souza (2008).
Obs: A população da T.I. Marãiwatsede foi considerada na T.I. Pimentel Barbosa.

xas) - valores inferiores a 20 óbitos infantis por 1.000 nascidos vivos; grupo II (médias) - valores entre 20 a 49 óbitos por 1.000 nascidos vivos; grupo III (altas) - valores superiores a 50 óbitos por 1.000 nascidos vivos. Observa-se que São Marcos apresentou um índice acima de 100 por mil. As taxas são altas em todas as terras indígenas, ainda que em algumas (Areões, Parabubure e Pimentel Barbosa) houvesse redução.

Demografia em contexto

Os dados acima expostos mostram que, de 1999 a 2004, a população Xavante apresentou um crescimento médio anual de 4,4%, com as taxas de crescimento oscilando em torno dos 4,0%. O maior crescimento foi registrado na T.I. Pimentel Barbosa (5,2%). A elevada taxa de crescimento populacional dos Xavante encontra paralelo no que vem sendo reportado para diversos outros povos indígenas no Brasil (Pagliaro et al. 2005).

Os dados demográficos para os Xavante indicam que o crescimento vegetativo ou natural, diferença entre nascimentos e mortes, foi o principal fator responsável no expressivo aumento da população. O componente migração foi irrelevante. Do ponto de vista da fecundidade, as análises indicam uma TFT de 7,7 filhos por mulher no período de 1999 a 2004. Numa sociedade na qual o casamento e a maternidade são praticamente universais, as mulheres iniciam seu período reprodutivo na primeira metade da segunda década de vida, atingindo o pico da fecundidade entre os 20-29 anos. Em consequência, tem-se uma população demograficamente jovem, com 54,0% abaixo de 15 anos. Esses resultados para os Xavante, seja no tocante à estrutura populacional e aos indicadores demográficos específicos, são bastante similares ao que tem sido reportado para outros povos indígenas que apresentam elevadas taxas de crescimento populacional (Pagliaro et al. 2005).

Um aspecto demográfico-epidemiológico de grande importância é que os elevados níveis de crescimento dos Xavante se fazem acompanhar de taxas de mortalidade bastante elevadas. Assim, a taxa bruta de mortalidade no período de 1999 a 2004 foi de 12,1 por mil. Já a mortalidade infantil foi de 96,7

por mil crianças nascidas vivas. Para fins de comparação, vale ressaltar que para o Brasil, em 2000, a taxa de mortalidade infantil foi de 29,6 por mil, e a do Centro-Oeste de 21,2 por mil (Simões 2002).

Lunardi et al. (2007) realizaram uma análise das causas de hospitalização dos Xavante no período de 2000 a 2002. Foram pesquisados prontuários em oito hospitais que atendem aos Xavante das terras indígenas Areões, Pimentel Barbosa, Sangradouro e São Marcos. Observou-se que mais da metade dos pacientes eram crianças < 5 anos (65,8%). As cinco principais causas de hospitalização foram: doenças do aparelho respiratório (41,5%); doenças infecciosas e parasitárias (17,4%); gravidez, parto e puerpério (12,7%); doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (9,7%); e lesões, envenenamentos e consequências de causas externas (3,7%). Se excluídas as causas relacionadas à gravidez, parto e puerpério, a distribuição passou ser a seguinte: doenças do aparelho respiratório (47,7%); doenças infecciosas e parasitárias (19,9%); doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (11,2); e lesões, envenenamentos e consequências de causas externas (4,3%). As crianças Xavante foram proporcionalmente mais hospitalizadas por doenças infecciosas e parasitárias, respiratórias e desnutrição que as não-indígenas de Mato Grosso. Os autores concluíram que o perfil de morbidade hospitalar Xavante é coerente com a reconhecida precariedade do perfil sanitário e nutricional predominante nas aldeias.

Os resultados demográficos aqui apresentados evidenciam uma expressiva variabilidade interna dos grupos Xavante quanto aos indicadores demográficos e epidemiológicos. As diferenças se manifestam em praticamente todas as dimensões analisadas, incluindo natalidade, fecundidade e mortalidade. No caso da taxa de fecundidade total, no período de 1999 a 2004 houve uma variação de 6,2 (Marechal Rondon) a 10,2 (Pimentel Barbosa).

As análises apontam também para uma tendência de redução da mortalidade infantil ao se comparar os triênios 1999-2001 e 2002-2004. Como apontado por Souza (2008) e Souza et al. (2011), é bastante provável que essa redução se deva à implantação do Subsistema de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas a partir de 1999. Ainda que o subsistema de atenção à saúde indígena apresente muitas deficiências, é inquestionável que houve uma ampliação do acesso dos indígenas aos serviços e programas de saúde. Não obstante, vale destacar que a mortalidade infantil do povo Xavante é extremamente elevada quando comparada aos dados nacionais (quase 5 vezes mais), o que aponta para desigualdades importantes e que precisam ser enfrentadas.

Especificamente no que diz respeito aos Xavante de Wedezé e Pimentel Barbosa, compartilham com os demais grupos Xavante um padrão de elevada natalidade e mortalidade. Quanto às crianças, a mortalidade infantil, incluindo aquelas de Pimentel Barbosa, é bastante mais elevada, indicando deficiências na atenção à saúde. Chama atenção que os Xavante de Pimentel Barbosa apresentam as mais elevadas taxas de fecundidade total dentre todos os grupos Xavante, o que faz com que apresentem também a mais jovem população. Com uma taxa de crescimento anual de aproximadamente 5%, a população de Pimentel Barbosa tenderá a duplicar a cada 14 anos.

4. Contexto ambiental

Falar do ambiente onde vive o povo Xavante é falar dos cerrados. Exímios conhecedores de seus campos e matas, chapadões, rios e nascentes, há séculos os Xavante vivem de maneira sustentável nos cerrados. Infelizmente o mesmo não se pode dizer acerca dos brasileiros não indígenas que aí também vivem. Devido à política desenvolvimentista traçada para a região, em especial a partir da década de 1960, o cerrado está sucumbindo ao rápido avanço do agronegócio e hoje se encontra listado dentre as vegetações savânicas mais ameaçadas do mundo. Mais de metade da produção brasileira de carne bovina, grãos e cereais provêm de áreas originalmente recobertas por cerrado. Independente do que é semeado ou criado nas vastas fazendas mato-grossenses e goianas, o denominador comum da agricultura de larga escala praticada na região é o da terra arrasada, ou seja, toda a vegetação de uma área é literalmente arrancada, em geral por meio de tratores que arrastam grossas correntes enquanto desenterram as árvores a partir de suas raízes. Nesse capítulo, faremos uma descrição sucinta sobre os aspectos distintivos do ambiente das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, com ênfase em características gerais do clima, relevo, vegetação e fauna. Vale observar que, no presente, essas terras Xavante constituem verdadeiras "ilhas" verdes circundadas por monoculturas e pastos.

Clima

Não é possível obter dados meteorológicos e climáticos específicos para a região das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa face à inexistência de estação meteorológica nas proximidades. No entanto, é razoável admitir que o clima dessa região se comporta como no restante da planície interfluvial Mortes-Araguaia. A temperatura média anual na região é de 20-22°C e as médias das temperaturas máximas no mês mais quente, setembro, podem atingir 30-36°C. Nos meses mais frios (junho/julho), as médias de temperatura diária variam entre 15-24°C (máxima) e 8-18°C (mínima) (Gonçalves et al. 1993; Nimer 1977, 1979).

A média pluviométrica anual na região varia de 1.750 mm a 2.000 mm. As chuvas, entretanto, não são distribuídas uniformemente ao longo do ano. Assim como em outras áreas da região Centro-Oeste, as estações são divididas em um período chuvoso (novembro/abril) e outro seco (maio/setembro). Nos meses mais secos, a média pluviométrica cai para 10-30 mm ou menos (Eiten 1972, 1994; Nimer 1977, 1979). Apesar da curta duração da estiagem, esta deixa suas marcas na paisagem, conforme observou o botânico Aylthon B. Joly (1970:38):

Toda a vegetação herbácea e arbustiva baixa em geral seca e desaparece. As gramíneas ficam com folhas e colmos esturricados, com cor amarelo-dourada característica. Os arbustos esparsos perdem suas folhas, os ramos secos persistem.

Relevo, hidrografia e solos

O relevo da região das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa é marcado por duas formações principais. No sentido norte-sul, e principalmente na área atualmente demarcada da T.I. Pimentel Barbosa, destaca-se a Serra do Roncador, com predomínio de relevo levemente ondulado, intercalado por chapadões e escarpas íngremes (Askew et al. 1970b). A altimetria oscila entre 300 e 400 m nos pontos mais altos, situados a oeste da terra indígena. Essa serra constitui um importante divisor de bacias hidrográficas, pois os rios que ali nascem e seguem para o oeste compõem a Bacia do Rio Xingu, enquanto os que rumam para o leste alimentam a Bacia do Rio Araguaia (Innocêncio 1977; Moreira 1977).

A segunda formação geológica que se destaca na região é a Depressão do Araguaia, onde se situa a vasta planície sedimentar do Araguaia (ou do Bananal), também conhecida como Pantanal Mortes-Araguaia ou, simplesmente, Pantanal do Araguaia. Essa planície caracteriza-se pela regularidade do relevo, com altitudes que podem chegar a 200 e 300 m (Innocêncio 1977; Moreira 1977; Regis 1993). Apresenta uma complexa rede de drenagem, que inclui inumeráveis córregos e rios que carreiam grande volume d'água, típico de planícies fluviais.

Essa planície localiza-se no limite leste da T.I. Pimentel Barbosa, acompanhando ambas as margens do Rio das Mortes e se estendendo para o leste em direção ao Rio Araguaia. Portanto, trata-se de relevo dominante na T.I. Wedezé, vindo a exercer grande influência sobre a vegetação nessa área.

Dentre os rios que se destacam na etnogeografia Xavante, seja por motivos históricos ou ecológico-econômicos, figuram os Curuá ou Sujo (Höpöre Pá em Xavante), Água Amarela (Nõrõsupré Pá), Riozinho (Uzöhuiré) e Corixão (Etẽzaítipá), todos afluentes da margem esquerda do Rio das Mortes (Öwawe). Vale mencionar que os rios Curuá e Corixão estabelecem os limites sul e norte, respectivamente, da T.I. Pimentel Barbosa. Ao leste do Rio das Mortes, na T.I. Wedezé, destaca-se o Rio Água Preta (Ö Zahire), afluente da margem direita do Rio Cristalino (Öwa Omoware), que por sua vez deságua na margem direita do Rio das Mortes, há vários quilômetros de distância ao norte de Pimentel Barbosa e Wedezé (vide Figura 4.1). O Corixo São Domingos (Wedezé Pá) assume relevância na história do contato pois, próximo à sua desembocadura no Rio das Mortes, localizavam-se o antigo posto do SPI e a aldeia que foi instalada logo após o contato. Finalmente, em relação ao Rio das Mortes propriamente dito, constitui um curso d'água de fundamental importância para os Xavante, tanto do ponto de vista cerimonial como econômico. Tanto o curso principal do Rio das Mortes quanto as muitas lagoas situadas em ambas as margens são continuamente utilizadas para fins de subsistência e obtenção de matérias-primas, principalmente penas para a confecção de artefatos de uso cotidiano e ritual.

Figura 4.1. Etnogeografia Xavante da T.I. Wedezé.

Os solos mais frequentes na Planície do Araguaia são do tipo plintossolos e gleissolos, que se caracterizam por não apresentarem boa drenagem, permanecendo inundados por longos períodos (Martins et al. 2006; Reatto et al. 1998). Os poucos estudos edafológicos disponíveis para a região evidenciam solos de baixo potencial agrícola devido à sua elevada acidez, baixa capacidade de troca catiônica e carência de nutrientes essenciais (Martins et al. 2006). Por se tratar de uma área de inundação, a vegetação que predomina em Wedezé é adaptada ao encharcamento sazonal dos solos, proporcionando as condições para o desenvolvimento de um padrão vegetacional complexo e raro que, do ponto de vista ecológico, é muito frágil.

Vegetação

A vegetação que cobre a maior parte da região das T.I. Pimentel Barbosa e Wedezé é conhecida como "cerrado", que inclui diferentes fitofisionomias (vide Figura 4.2). Trata-se do segundo maior bioma do Brasil, caracterizado por se apresentar de maneira altamente diversificado, podendo variar desde floresta densa a campo de gramíneas, com ou sem árvores e arbustos (Eiten 1972, 1994; Ferri 1980; Ratter et al. 1973).

A adaptação ao fogo constitui um traço distintivo do cerrado. Segundo vários autores, essa característica se desenvolveu em resposta a uma história de incêndios frequentes (antropogênicos ou não) e resultou no desenvolvimento de uma enorme variedade de biomassa subterrânea. Essa biomassa inclui diversos tipos de tubérculos, rizomas, caules subterrâneos e outros órgãos que constituem uma importante reserva de água e de nutrientes (Castro e Kauffman 1998; Eiten 1972; Rizzini e Heringer 1961). No cerrado, mais de 70% da biomassa vegetal podem estar sob a superfície, o que, na visão de vários ecólogos, configura "uma floresta de cabeça para baixo" (Castro e Kauffman 1998:264). Essas adaptações permitem que a vegetação cresça vigorosamente após as queimadas, mesmo antes das primeiras chuvas (Coutinho 1990; Eiten 1972; Miranda et al. 2002).

Além da frequência de queimadas, outros fatores ambientais podem atuar na determinação do tipo de cerrado que se desenvolve em uma dada região, como a profundidade e drenagem dos solos, seu nível de acidez e saturação de alumínio (Askew et al. 1970a, 1971; Eiten 1972; Ferri 1977; Freitas e Silveira 1977; Goodland e Ferri 1979; Malavolta et al. 1977).

Segundo os botânicos, cinco tipos estruturais básicos de cerrado podem ser distinguidos em Pimentel Barbosa e Wedezé[25]: a) *campo limpo* – em sua maioria, campos de gramíneas com pequenos arbustos e/ou palmeiras surgindo aqui e ali; b) *campo cerrado* – cerrado aberto com predominância de gramíneas e herbáceas, com árvores e arbustos dispersos e de altura variável; c) *cerrado* (*stricto sensu*) – geralmente composto por 30%-40% (ou menos) de cerrado semiaberto ou formas arbóreas baixas, com árvores dispersas variando de três a cinco metros de altura; d) *cerradão* – forma arbórea mais alta, com árvores atingindo 10-15 metros e, ocasionalmente, formando um dossel fechado; e) *matas ciliares e de galeria* – mata perenifólia formando dossel fechado que se desenvolve em áreas de solos úmidos e bem drenados, além de

25 Para os fins deste livro, seguiremos a nomenclatura fitofisionômica dos tipos de cerrado proposta por Eiten (1972, 1994), com algumas adaptações baseadas em Ribeiro e Walter (2008).

bem estruturados, ricos em húmus e micronutrientes essenciais, geralmente acompanhando cursos d'água ou em torno de lagoas e nascentes. A Figura 4.2 apresenta os principais tipos de vegetação presentes nas T.I. Pimentel Barbosa e Wedezé. Esse mapa, que serve como referência para o restante dessa seção, foi gerado segundo metodologia detalhada no Capítulo 1.

A Tabela 4.1 apresenta o sistema Xavante de etno-classificação das diferentes fitofisionomias presentes em Pimentel Barbosa e Wedezé. Em linhas gerais, nota-se grande correspondência entre os principais padrões vegetacionais identificados pelos Xavante e aqueles reconhecidos por ecólogos e botânicos que estudaram a região. Há, contudo, tendência a um maior detalhamento de tipos e subtipos no caso de ambientes complexos e que apresentam particular interesse para os Xavante, como no caso dos buritizais e tabocais.

É importante observar que, apesar das peculiaridades botânicas e edáficas de cada um desses domínios, a variação das formas estruturais no cerrado é, nas palavras de Eiten (1972:231):

Figura 4.2. Tipos de vegetação nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, 2010.

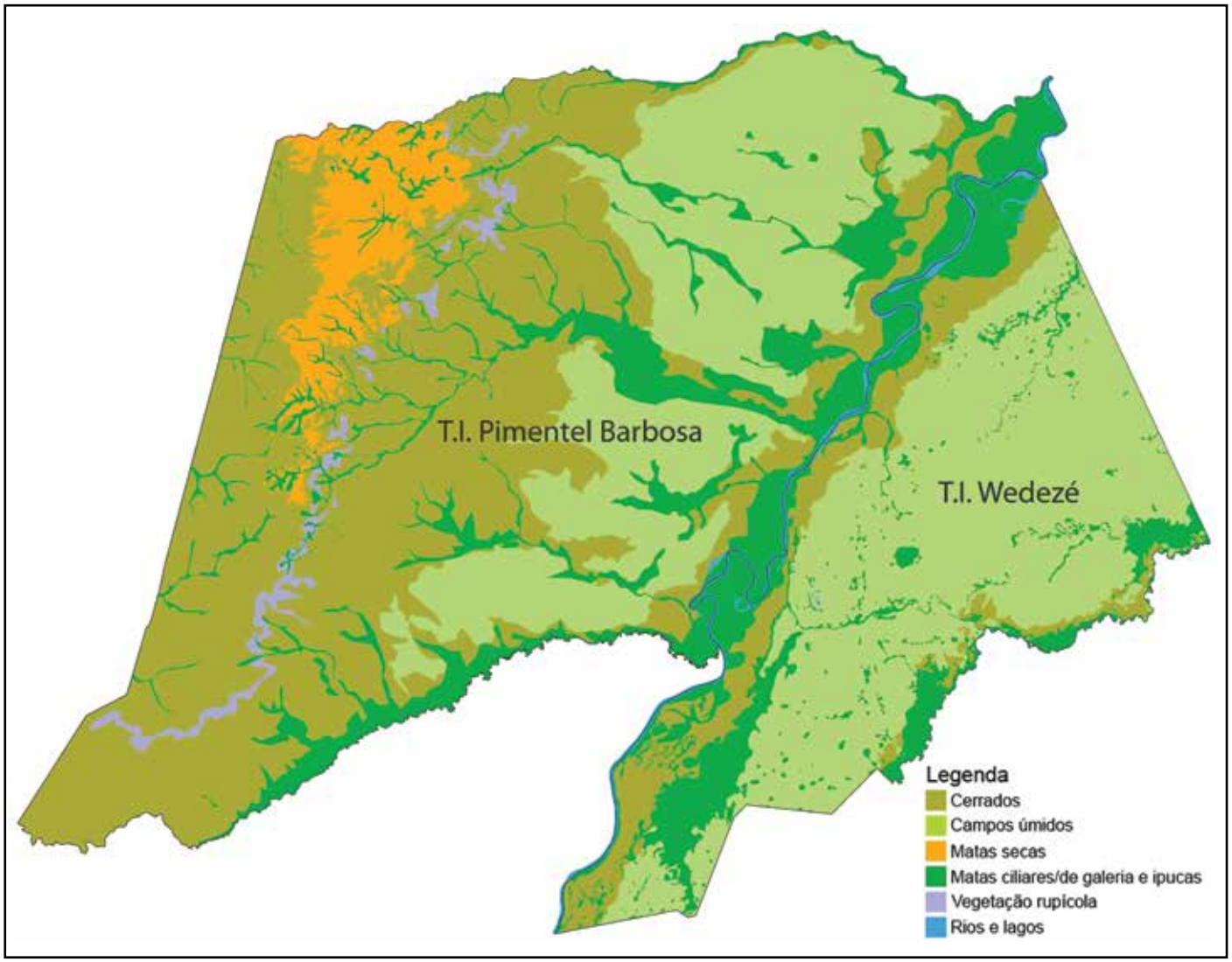


Tabela 4.1. Etno-classificação Xavante de tipos de vegetação do cerrado.

Nome em Xavante	Descrição em português	Ocorrência em Wedezé
amhú	Cerrado *stricto sensu*	Sim
apé	Campo limpo (inclui campo de murundu)	Sim, muito
buru	Capoeira (a expressão também é usada para "roça")	Sim
buru'rã	Ipuca	Sim, muito
ĩtehudu (ou *rop'tehudu*)	Mistura de campo sujo e cerradão no qual predominam árvores de murici	Não
mãrã	Matas ciliares/de galeria	Sim, muito
nõrõwede	Babaçual extenso	Sim
sadarã	Faixa de campo limpo úmido situado entre mata ciliar e cerrado	Sim
sai'iti'ré	Mata seca alta ou cerradão em meio ao cerrado	Sim
sirãpré	Vegetação rupícola	Sim, pouco
sisuiré	Área de brejo caracterizada pela presença de poucas palmeiras de buriti	Sim, muito
u'mrãnã	Mata seca com tabocal em áreas elevadas	Não
u'mrãtaré'hiwasede	Tabocal na beira do rio	Sim
uiwedehu	Buritizal denso em área de brejo	Não
uiwedenom'rohö	Buritizal com quilômetros de extensão	Sim
wataiwede	Matas inundadas, perto de lagoas, onde predominam solos arenosos	Sim, muito

> [...] completamente contínua no sentido de que grupos de árvores podem ser encontrados em qualquer região, o que pode abranger uma sequência que vai desde formações arbóreas, passando por todas as categorias de cerrado e savana estrutural, até (usualmente) somente campo de gramíneas.

Esse mosaico de fitofisionomias oferece vasta extensão de recursos florísticos e faunísticos que são explorados periodicamente pelos Xavante, tanto na obtenção de alimentos como na produção tecnológica (cestaria, cordoaria, construção, etc.).

No fundo dos vales ou às margens dos muitos rios e riachos sinuosos de águas claras que atravessam o território Xavante, desenvolvem-se matas de galeria ou ciliares, constituídas por formações arbóreas densas, com árvores atingindo alturas de 15 a 40 m, formando uma franja de largura variável (geralmente entre 100 e 200 m de largura, mas podendo estender-se) que acompanha os cursos d'água em ambas as margens. Os solos que sustentam esse tipo de vegetação são do tipo podzólicos e latossolos, apresentando-se com altos teores orgânicos, bem estruturados e drenados. Essas áreas são especialmente valorizadas pelos Xavante para a abertura de roças, onde plantam milho, mandioca, feijão, abóbora, arroz e outros cultivares.

Alternativamente, em áreas onde o lençol freático atinge a superfície durante a maior parte do ano e onde os solos tendem a permanecer encharcados, as espécies lenhosas dão lugar às palmeiras, que em determinadas áreas podem se desenvolver formando extensas veredas dominadas pelo buriti (*Mauritia flexuosa*). Nessas áreas também cresce a buritirana (*Mauritiella armata*),

sob a forma de densas touceiras. Isoladamente, observa-se a presença do açaí (*Euterpe* sp.), além de numerosas espécies herbáceas típicas de ambientes brejosos, com destaque para as famílias Cyperaceae, Poaceae, Juncaceae, Lentibulariaceae e Pontederiaceae.

Nas duas seções que se seguem são descritos os aspectos distintivos da fitofisionomia das áreas das T.I. Pimentel Barbosa e Wedezé.

Aspectos distintivos da vegetação da T.I. Pimentel Barbosa

Do ponto de vista fitofisionômico, a T.I. Pimentel Barbosa é predominantemente recoberta por cerrado *stricto sensu* e suas principais gradações ou tipos e cobertura de gramíneas (Figura 4.3). Esse cerrado, denominado *amhú* pelos Xavante (Tabela 4.1), apresenta basicamente um estrato herbáceo com a presença de árvores de pequeno e médio portes, de aspecto retorcido e cascas profundamente sulcadas.

Predominam espécies lenhosas de hábito arbustivo ou arborescente, destacando-se o araticum (*Annona crassiflora*), baru (*Dipteryx alata*), bate-caixa (*Palicourea rigida*), cagaiteira (*Eugenia dysenterica*), chapéu-de-couro (*Salvertia convallariaeodora*), caju (*Anacardium* spp.), curiola (*Pouteria ramiflora*), faveira (*Dimorphandra mollis*), ipê ou pau d'arco (*Tabebuia* spp.), jacarandá-do-cerrado (*Dalbergia* sp.), jatobá (*Hymenaea stigonocarpa*), jenipapo-de-cavalo (*Tocoyena formosa*), lixeira (*Curatella americana*), mama-cadela (*Brosimum gaudichaudii*) man-

Figura 4.3. Cerrado *stricto sensu*, T.I. Pimentel Barbosa, 2009.

Foto: Carlos E.A. Coimbra Jr..

gaba (*Hancornia speciosa*), muxiba (*Erythroxylum tortuosum*), pau-doce (*Vochysia* spp.), pau-santo (*Kielmeyera* spp.), pau-terra (*Qualea grandiflora*), pau-terra-roxo (*Qualea parviflora*), paineiras (*Pseudobombax* spp. e *Eriotheca pubescens*), sucupira-branca (*Pterodon* spp.), pequi (*Caryocar brasiliense*) e vassoura-de-bruxa (*Ouratea* sp.)[26]. Variações locais na densidade e altura do estrato arbóreo são comumente observadas, sendo relacionadas principalmente à profundidade e drenagem dos solos. Portanto, a pouca distância uma da outra, podem ser observadas áreas de cerrado denso e copado alto e áreas de cerrado ralo, com árvores baixas e esparsas, onde predominam as gramíneas.

Em meio aos cerrados de Pimentel Barbosa, vislumbra-se rica flora de palmeiras. Essas podem crescer isoladamente ou formar touceiras, a depender da espécie ou do ambiente específico no qual se encontram. Observa-se também certa tendência à concentração de indivíduos de uma mesma espécie em determinada área. Dentre as espécies mais altas, destaca-se a macaúba (*Acrocomia aculeata*), por prover cocos muito procurados pelos Xavante como alimento. O gênero *Syagrus* encontra-se representado por diferentes espécies produtoras de frutos comestíveis, com destaque para a guariroba (*Syagrus oleracea*) e o coquinho-catolé (*Syagrus comosa*). A palmeira indaiá (*Atallea* sp.), de caule subterrâneo, tem suas folhas utilizadas na cobertura de casas. O butiá (*Butia* sp.), também de caule subterrâneo, é outra espécie produtora de frutos comestíveis. Do ponto de vista alimentar, além dos frutos, os Xavante valorizam muito os palmitos obtidos a partir de várias espécies de palmeiras do cerrado, como descrito no Capítulo 5.

Além de usarem produtos de diferentes espécies de palmeiras na alimentação e tecnologia, os Xavante reconhecem a forte interação destas com a fauna de aves e de mamíferos, devido à atração que exercem sobre animais de caça, como a anta, cutia e porcos-do-mato.

Ainda em relação às palmeiras, chama a atenção o fato de não haver muitos babaçuais[27] na área da T.I. Pimentel Barbosa, o que comumente é mencionado pelos Xavante como uma de suas motivações para excursionarem frequentemente a Wedezé em busca dos muitos produtos fornecidos por esta palmeira, de uso alimentar, cosmético/cerimonial e tecnológico (vide também o Capítulo 6). Vale mencionar que o babaçu tem sido amplamente reconhecido, tanto por ecólogos quanto por antropólogos, como espécie indicativa de áreas antropizadas, ou seja, paisagens modificadas por atividades humanas (Balée 1994; Eiten 1972; Ribeiro e Walter 2008). Nesse sentido, sua ocorrência como espécie dominante em determinadas áreas da T.I. Wedezé, formando extensos babaçuais, constitui forte indício da antiguidade da ocupação humana (e Xavante em particular) no lado leste do Rio das Mortes.

No nordeste da T.I. Pimentel Barbosa, ao longo da sinuosa estrada que faz a ligação das aldeias Pimentel Barbosa e Etênhiritipá com a aldeia Wederã, há extensas áreas de campo sujo, denominadas pelos Xavante de *ẽntehudo* ou *rop'tehudo*. Trata-se de um tipo de cerrado que cresce em áreas de solos rasos, pedregosos e bem drenados, apresentando poucos arbustos ou árvores baixas, geralmente agrupadas em pequenas "ilhas". A presença de gramíneas e ciperáceas é marcante. Nesses campos, verificou-se a presença de grande concentração de murici (*Byrsonima* spp.). Esse fruto, conhecido pelos Xavante como *wesu'are*, possui polpa agridoce muito apreciada.

26 *Espécies observadas às margens da estrada que liga a BR-158 à aldeia Pimentel Barbosa e ao longo de uma pequena estrada no interior da reserva que liga esta mesma aldeia à margem esquerda do Rio das Mortes.*

27 *Formações vegetais dominadas pelo babaçu* (Attalea speciosa).

A oeste das aldeias Pimentel Barbosa, Etênhiritipá e Wederã, no sentido da BR-158, o relevo sobe rapidamente em direção ao chapadão que cruza a terra indígena no sentido norte-sul. A altimetria nessa área oscila de 350 a 400 metros. Principalmente nas bordas da serra, nota-se a presença de vegetação rupícola, típica de ambientes rupestres, caracterizados por apresentarem solos rasos em meio a afloramentos rochosos. As famílias botânicas de maior destaque incluem espécies de Asteraceae, Cyperaceae e Poaceae. Encontra-se também nesse ambiente a característica canela-de-ema (*Velozia* sp.), cactos globosos (*Discocactus* sp.), além de várias espécies de orquídeas e bromélias terrestres. Há poucas espécies de hábito arbustivo, em geral crescendo por entre as fendas das rochas, com destaque para as famílias Melastomataceae, Myrtaceae e Rubiaceae. A ocorrência desse tipo de vegetação em Pimentel Barbosa é restrita e, para os Xavante, pouco relevante economicamente.

Os cerradões e matas secas na T.I. Pimentel Barbosa não se apresentam em grandes áreas contínuas. Ocorrem de maneira dispersa em meio ao cerrado *stricto sensu*, geralmente em regiões de solos mais férteis não sujeitas a alagamento. Do ponto de vista florístico, cerrado e cerradão compartilham muitas espécies arbóreas. No entanto, nas áreas de cerradão, tendem a se desenvolver mais, geralmente formando um dossel que pode atingir a altura de 12-15 m. Dentre algumas espécies mais comuns, destacam-se o carvoeiro (*Sclerolobium* sp.), lixeira (*Curatella americana*), sucupiras (*Bowdichia* sp. e *Pterodon* sp.), pequi (*Caryocar brasiliense*), jacarandá (*Dalbergia miscolobium*), pauterrra (*Qualea* sp.) e unha-de-vaca (*Bauhinia sp.*), dentre outras.

Na porção noroeste da T.I. Pimentel Barbosa, em particular associadas às chapadas, há áreas relativamente extensas de matas secas, caracterizadas pela presença de vigoroso crescimento de bambus (*Bambusa* spp. e *Guadua* spp.) em alguns trechos. Essas matas são identificadas pelos Xavante como tabocais (*u'mrãnã*), ambientes que se aproximam do conceito de "florestas-de-bambu" ou florestas ombrófilas com bambu (vide IBGE 1991) ou ainda que indicam áreas de perturbação antropogênica. Na T.I. Pimentel Barbosa, esse complexo vegetacional se desenvolve em terrenos não sujeitos a inundações. Em alguns trechos o crescimento das tabocas forma verdadeiros chavascais de difícil penetração. Isso porque as espécies de bambu que ali se desenvolvem, por terem hábito escandente (ou seja, apoiam-se nas árvores), formam intrincadas redes de ramos que crescem em todas as direções (Burman e Filgueiras 1993; Clark 1990). Segundo os Xavante, essas áreas funcionam como abrigos para queixadas e caititus, assim como para mamíferos de pequeno porte, como paca e cutia. Além disso, os Xavante também utilizam os tabocais para coletar hastes para as flechas e determinados tipos de tubérculos apreciados como alimento, assim como para estabelecer roças devido aos seus solos férteis e profundos.

No sentido leste, a partir das aldeias Pimentel Barbosa, Etênhiritipá e Wederã, ao longo de uma estrada que dá acesso ao Rio das Mortes, visualiza-se heterogêneo mosaico de fitofisionomias de cerrado. O viçoso e extenso cerrado *stricto sensu* que domina a maior parte desse trajeto é caracterizado pela presença do cajueiro-do-cerrado (*Anacardium humile*), araticum (*Annona crassiflora*), pau-santo (*Kielmeyera* spp.), pau-doce (*Vochysia* spp.), lixeira (*Curatela americana*), cagaita (*Eugenia dysenterica*), jenipapo-bravo (*Tocoyena formosa*),

jacarandá-do-cerrado (*Dalbergia miscolobium*), lobeira (*Solanum lycocarpum*), mandioqueira (*Didymopanax macrocarpum*), ipê (*Tabebuia* sp.), paineiras (*Pseudobombax grandiflorum* e *Pseudobombax tomentosum*), mangaba (*Hancornia speciosa*), tingui (*Magonia pubescens*), baru (*Dipteryx alata*), faveira (*Dimorphandra molis*), bolsa-de-pastor (*Zeyheria montana*) e pequi (*Caryocar brasiliense*), dentre outras árvores. Ao longo desse mesmo percurso estão ainda presentes as seguintes espécies de palmeiras: *Syagrus oleracea*, *Butia* sp., *Acrocomia aculeata* e *Atallea* sp. Em meio a esse extenso cerrado, há manchas de vegetação onde predomina o pau-terra (*Qualea grandiflora*) ou o murici (*Byrsonima* spp.). Passados cerca de vinte quilômetros do percurso, o cerrado que marca esse trajeto é subitamente interrompido. A vegetação torna-se arbustiva e logo surgem os campos, dominados por extrato herbáceo, nos quais se veem espécies de Poaceae, Cyperaceae e Orchidaceae, dentre outras famílias botânicas. A umidade do solo aumenta de acordo com a proximidade do rio. Surgem então extensos campos de murundu onde se veem espécies lenhosas, de hábito arbustivo ou arbóreo, no topo das ilhotas associadas a cupinzeiros que se destacam em meio ao tapete herbáceo. As margens das lagoas são recobertas por matas ciliares. Portanto, ao longo de um trajeto de aproximadamente vinte e cinco quilômetros, existem diferentes tipos de cerrado, campo e mata. Para os Xavante, essa diversidade de paisagens é de grande importância, pois possibilita múltiplos usos.

Aspectos distintivos da vegetação da T.I. Wedezé

A vegetação em Wedezé está constituída por distintas fitofisionomias que incluem áreas de cerrado (incluindo seus principais subtipos, como cerrado *stricto sensu*, campo sujo, campo limpo e cerradão), campos úmidos (com ou sem murundu) e matas (ciliares, de galeria, palmeirais de buriti ou babaçu e ipucas)[28].

Na margem direita do Rio das Mortes, onde se situa a T.I. Wedezé, e seguindo para o leste, rumo aos rios Cristalino e Araguaia, chamam a atenção na paisagem as extensas áreas conhecidas como campos limpos com murundus ou, simplesmente, campos de murundus (Figuras 4.4 e 4.5). Esses campos, denominados *apé* em Xavante, apresentam solos pouco férteis e com baixa capacidade de drenagem, sujeitos a inundações anuais. Do ponto de vista da flora, os extensos campos de murundu são recobertos por um tapete herbáceo constituído principalmente por espécies de Poaceae, Ciperaceae e Asteraceae. Em algumas localidades observam-se concentrações de *Paepalanthus* spp. (Eriocaulaceae). Em meio aos campos se distribuem incontáveis morrotes de diferentes tamanhos recobertos por vegetação arbóreo-arbustiva denominada murundus (*ratô* em Xavante). Na época das chuvas, quando os campos estão alagados, os murundus funcionam como ilhas, o que propicia o desenvolvimento de espécies lenhosas típicas do cerrado *stricto sensu* que tendem a não ultrapassar 3-4 m de altura. Destam-se as seguintes especies lenhosas sobre os murundus: caju (*Anacardium* spp.), pau-terra (*Qualea* spp.), unha-de-boi (*Bauhinia bongardii*) e murici (*Byrsonima* spp.). Sobre os murundus também observam-se palmeiras do gênero *Syagrus*, de pequeno a médio porte.

28 Para os fins desse capítulo, palmerais de buriti ou de babaçu são incluídas na categoria matas (ciliares e de galeria).

Figura 4.4. Campo de murundu, T.I. Wedezé, 2010. Foto: James R. Welch

Outra característica importante dos murundus é sua associação com cupins de montículo, insetos típicos do cerrado[29]. Segundo vários autores, a gênese do campo de murundu estaria associada à atividade de determinadas espécies de cupins. A ação desses insetos promove modificações nas condições do solo no entorno do montículo que constitui a colônia, permitindo assim a sucessão vegetacional gradativa, porém localizada, de espécies de hábito arbóreo-arbustivo. Esse tipo de paisagem é marcante na T.I. Wedezé, recobrindo cerca de 75% de toda a área (vide Figura 4.2).

Em meio aos campos de murundu destacam-se fragmentos florestais descontínuos, como que ilhas de vegetação densa, denominadas ipucas[30] (*buru'rã* entre os Xavante). Essa interessante e rara formação paisagística é frequente na região de Wedezé, e considerada típica da planície de inundação interfluvial do complexo Mortes-Araguaia, constituindo um ecossistema fragilíssimo por sua baixa capacidade de regeneração frente à ação antrópica (vide Parte 4.4). Essa região é ciclicamente inundada pelas cheias dos rios das Mortes

29 *Cupins dos gêneros* Armitermes *e* Cornitermes *têm sido comumente associados aos murundus (Oliveira-Filho 1992a, 1992b).*

30 *A palvra ipuca é corruptela da palavra Tupi* ï'puera *(ï = 'água'; puera = 'que já foi') que se referere a terrenos alagados, onde as águas se conservam por vários meses (Cunha 1982).*

Figura 4.5. Ipuca em meio a campo de murundu, T.I. Wedezé, 2009. Foto: James R. Welch.

e Araguaia, tratando-se de extensa superfície rebaixada, com inúmeras depressões e altimetria variando ente 150 e 180 m (Innocêncio 1977; Martins et al. 2006).

Apesar de, fisionomicamente, assemelharem-se às matas ciliares, as ipucas são distintas do ponto de vista de sua composição florística, pois as espécies que ali crescem são altamente adaptadas às inundações. Segundo Martins e colaboradores (2006; 2002), as espécies arbóreas mais frequentes e de maior porte encontradas nesses ambientes são a jacareúba (*Calophyllum brasiliense*) e *Vochysia* sp. Do ponto de vista ecológico, as ipucas constituem elementos essenciais à drenagem da planície, pois durante a estação das chuvas concentram água e estabelecem ligações hídricas entre os vários rios, córregos e lagoas da região (Martins et al. 2006). Tais ligações são de grande importância para a dispersão de micronutrientes, sementes e várias espécies de peixes. Durante os meses de estiagem, quando o campo está seco e até mesmo os cursos d'água menores secam, as ipucas exercem forte atração sobre a fauna

de mamíferos de médio e grande porte (como anta, porcos do mato, veados), assim como de aves, como o mutum e o jacu, que lá se concentram em busca de água. Os campos de murundu e ipucas exercem grande influência sobre a economia de subsistência dos Xavante por proporcionarem oportunidades únicas para a caça e coleta, conforme indicado no Capítulo 5. Grupos de caçadores Xavante anualmente planejam extensas caçadas na região, principalmente durante os meses de estiagem.

O cerrado que circunda o Morro de Wedezé (Figura 4.6) e a atual aldeia de mesmo nome apresenta áreas vegetacionais dominadas por fruteiras comestíveis como uma de suas características mais destacadas. Em uma dessas áreas, situada na face oeste do morro, há grande adensamento de cajueiros (*Anacardium occidentale*), em meio aos quais se alternam jatobazeiros (*Hymenaea stigonocarpa*) e pequizeiros (*Caryocar brasiliense*), dentre outras. Nota-se também nessas áreas a presença de palmeiras de macaúba (*Acrocomia aculeata*) e guariroba (*Syagrus oleracea*). Ao longo da trilha que leva à aldeia Wedezé, por sua vez, a espécie de fruteira que predomina é o oiti (*Couepia grandiflora*), chegando a formar grandes adensamentos em alguns pontos. A distribuição

Figura 4.6. Foto aérea do Morro de Wedezé, T.I. Wedezé, 2009. Foto: James R. Welch.

atípica de espécies de uso alimentar pelos Xavante, parecendo verdadeiros pomares em meio ao cerrado, constitui importante evidência botânica de uso continuado desta região por este povo indígena desde tempos remotos. Digno de nota é o fato de, durante uma de nossas visitas a essa região, um velho Xavante da aldeia Wedezé que nos acompanhou identificou inúmeros fragmentos de cerâmica Xavante antiga, parcialmente enterrados, justamente em uma dessas áreas onde cresciam muitos cajueiros.

De modo geral, os principais cursos d'água que cruzam a T.I. Wedezé são margeados por matas ciliares ou de galeria. Em alguns casos, como nas margens dos rios São Domingos (Öwawe em Xavante) e Água Preta (Ö Zahire), na porção sul de Wedezé, as matas ciliares são particularmente densas e largas, podendo se estender por até 5 a 6 km de largura.

Dentre as espécies arbóreas observadas nas matas ciliares de Wedezé de uso potencial na alimentação, etnomedicina e/ou tecnologia Xavante, destacam-se o ipê (*Tabebuia* sp.), pequi-da-mata (*Caryocar* sp.), mirindiba (*Terminalia glabrescens*), pau-breu (*Protium* sp.), imbaúba (*Cecropia* spp.), ingá (*Inga* spp.), jatobá-da-mata (*Hymenaea coubaril*), faveiro (*Platypodium elegans*), copaíba (*Copaifera langsdorffii*) e guapeva (*Pouteria torta*).

Ainda nas áreas de matas ciliares, ou próximo destas, os Xavante utilizam frequentemente os palmeirais ou palhais. Essas formações se caracterizam por apresentarem o predomínio de uma mesma espécie de palmeira, como que ilhas em meio à mata ciliar. Para os Xavante, destacam-se os palhais de tucum-da-mata (*Astrocarium tucuma*), pela madeira utilizada na confecção de arcos, e de babaçu (*Attalea speciosa*), pelas amêndoas apreciadas na alimentação.

O babaçu (*nõrõ*) constitui um importante recurso alimentar ente os Xavante, podendo as amêndoas ser consumidas puras ou combinadas a outros pratos. A presença do babaçu na T.I. Pimentel Barbosa é rara, mas na região de Wedezé há extensos palmeirais. Segundo entrevista com F. S. Magalhães:

> [Na junção do Rio Água Preta com o Rio Cristalino] tem muito coco de babaçu. [Os Xavante] íam muito lá pegar coco de babaçu, a castanha para uso de rituais e no dia a dia também. Eles utilizam o coco para passar no cabelo, na pele. Não tem [babaçu na atual terra indígena]. Não sei por que não tem. Eu já andei em toda a reserva, todos os pontos […] não tem babaçu. Não é uma região de babaçu. Tem mais é macaúba, piaçava, que é aquele coquinho do cerrado. [Para substituir o babaçu] tinha o coquinho da piaçava que não é tão rico em óleo, mas eles utilizavam […] mas sempre estavam voltando lá, no São Domingos, na região lá da serra do Água Preta, para buscar coco de babaçu.

Em áreas de solos mal drenados ou brejosos, a heterogeneidade de espécies de angiospermas dá lugar a formações praticamente contínuas de buritis (*Mauritia flexuosa*), conhecidas regionalmente como buritizais ou veredas (Ribeiro e Walter 2008). Em Wedezé, comumente observa-se também nessas áreas a presença de densas touceiras da palmeira buritirana (*Mauritiella armata*). Costumeiramente, essas formações vegetacionais são encontradas nas nascentes e cabeceiras de rios e na T.I. Wedezé assumem grandes proporções ao norte, em especial nas cabeceiras do Corixo da Forquilha. Além de consti-

tuírem importante fonte de alimento por seus frutos e de matéria prima para a confecção de trançados, adornos e objetos de uso ritual (como a tora utilizada nas tradicionais "corridas de tora de buriti"), os buritizais são reconhecidos pelos Xavante como relevantes à fauna, por proverem abrigo e alimento para aves, assim como para diversos animais terrestres e aquáticos.

5. Atividades de subsistência e economia

Tanto no passado como no presente, o sistema de subsistência dos Xavante pode ser caracterizado como uma combinação de coleta, caça, pesca e agricultura, o que envolve a utilização do território das mais diversas maneiras. A importância de cada uma dessas práticas mudou com o tempo, à medida que os Xavante vivenciaram diferentes processos históricos e sociopolíticos. No presente, embora modificações substanciais tenham ocorrido, os Xavante de Wedezé e Pimentel Barbosa continuam, em larga medida, a depender do bioma do cerrado, de forma que descrições etnográficas anteriores acerca das atividades produtivas e de subsistência (vide, por exemplo, Giaccaria e Heide 1984; Maybury-Lewis 1984) permanecem muito atuais.

A partir da década de 1950, com a maior interação da comunidade com os postos do SPI e involvimento no mercado regional, diversas outras atividades produtivas foram realizadas em momentos distintos, incluindo cultivo de arroz, criação de gado e trabalho assalariado, além da introdução de benefícios sociais de origem federal. Pode-se afirmar que a economia dos Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa nos dias atuais é uma complexa combinação entre as atividades concebidas pelos próprios Xavante como tradicionais (coleta, caça, pesca e agricultura de certos cultivares) e as outras que foram introduzidas nas últimas décadas.

A seguir, detalhamos aspectos da produção alimentar e outras dimensões da economia Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa. Ao mesmo tempo em que localizamos a importância dessas diversas dimensões nas atividades produtivas dos Xavante, abordamos as transformações que aconteceram ao longo do tempo. Nos capítulos que se seguem, discutimos em mais detalhe os espaços, ambientes e recursos naturais das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa relacionados à subsistência.

Coleta

Segundo Maybury-Lewis (1984:87):

> Sem a caça, a cultura Xavante seria muito diferente; mas sem a coleta, os Xavante não seriam jamais capazes de existir. Em 1958, os Xavante de São Domingos [ou Wedezé] não comiam carne todos os dias e chegavam a ficar sem carne durante vários dias seguidos quando estavam muito ocupados para ir caçar. Nunca se passava um dia, porém, sem que os produtos naturais da região estivessem à mão.

Essa afirmação ilustra de forma clara a importância, na alimentação Xavante, de produtos silvestres obtidos na coleta, especialmente raízes e tubérculos.

A flora do cerrado continua a ser uma fonte vital de diversidade na subsistência dos Xavante de Wedezé e Pimentel Barbosa. Espécies importantes de palmeiras que podem fornecer palmitos e cocos incluem o babaçu (*Atallea speciosa*), tucum (*Astrocaryum* sp.), macaúba (*Acrocomia aculeata*) e espécies de *Syagrus*, *Acanthococcus* e *Bactris*. Os palmitos do tucum e da macaúba podem ser comidos crus, desidratados ou preparados na forma de bolo (Figura 5.1). Os frutos do buriti (*Mauritia flexuosa*) são também bastante apreciados pelos Xavante, sendo comidos crus.

Enquanto vários produtos de palmeiras são obtidos durante a maior parte do ano, outros recursos vegetais estão disponíveis em estações específicas. Importantes frutos sazonais incluem caju (*Anacardium* spp.), murici (*Byrsonima* spp.), mangaba (*Hancornia speciosa*) e jatobá (*Hymenaea* spp.), dentre muitos outros. De particular importância é o pequi (*Caryocar brasiliense*), que os Xavante consomem em grande quantidade nos meses de novembro a janeiro.

Figura 5.1. Polpa de palmito secando ao sol, T.I. Pimentel Barbosa, Mato Grosso, 2005.

Foto: James R. Welch.

Figura 5.2. Mulher Xavante mostrando tubérculo comestível, T.I. Pimentel Barbosa, Mato Grosso, 2005.

Foto: James R. Welch.

Além dos frutos, uma ampla variedade de raízes e tubérculos comestíveis é apreciada pelos Xavante (Figura 5.2). No apêndice de sua etnografia, Maybury-Lewis (1984) lista os nomes Xavante para sete tipos de raízes do cerrado comumente consumidas. Giaccaria e Heide (1984) listam 14 tipos diferentes de raízes silvestres que os Xavante identificam como comestíveis, enquanto pesquisas mais recentes identificam 22 tipos distintos (Leeuwenberg et al. 2007). De acordo com Giaccaria e Heide (1984:79):

> [...] duas ou três variedades de batatas são recolhidas e também cultivadas; os tubérculos pequenos se conservam recolhidos em cestos postos na cabana ou colocados fora em cima de paus até o tempo da plantação.

As raízes e tubérculos são altamente valorizados pelos Xavante por serem percebidos como particularmente benéficos à saúde.

Figura 5.3. Mulher Xavante tirando mel e larvas de abelha, T.I. Pimentel Barbosa, 2005. Foto: James R. Welch.

Os Xavante também coletam grande variedade de plantas usadas para outros fins que não alimentícios, como medicinal, tecnológico (construção de casas e cestaria, por exemplo) e ritual/cerimonial (adornos). As palmeiras buriti, buritirana, babaçu e indaiá figuram dentre as mais importantes no fornecimento de fibras utilizadas para fins tecnológicos e artesanais.

Os Xavante identificam mais de dez variedades de méis obtidos a partir de diferentes espécies de abelhas silvestres (Apidae; Meliponinae) encontradas no cerrado e/ou nas matas ciliares/de galeria (Giaccaria e Heide 1984; Maybury-Lewis 1984). Ainda dentre os insetos, Maybury-Lewis (1984) e Giaccaria e Heide (1984) registraram o consumo de formigas saúva (*Atta* sp.), gafanhotos (Acrididae), além de larvas de abelhas e de alguns besouros (Curculionidae) (Figura 5.3).

Apesar de não exclusiva, a coleta é uma das principais atividades de subsistência desempenhada pelas mulheres Xavante. Elas são responsáveis pela maior parte da coleta de alimentos consumidos no domicílio, assim como de fibras usadas na confecção de cestas e outros utensílios. Os homens também

se envolvem na coleta quando, por exemplo, são necessárias grandes quantidades de folhas de palmeira, postes e estacas a serem utilizadas no reparo de uma casa ou na construção de uma nova. Em algumas ocasiões, grupos de mulheres podem sair juntos para coletar quantidades maiores de tubérculos, palmitos e frutos silvestres. Algumas das dinâmicas sociais da coleta praticada pelas mulheres são abordadas em dois documentários cinematográficos recentemente produzidos por comunidades da T.I. Pimentel Barbosa (Flória 2008; Xavante e Parinai'á 2007).

Na década de 1950, os Xavante passavam vários meses do ano fazendo *trekking*, que são longas expedições pelo cerrado, quando se dividiam em grupos menores. Durante essas viagens dependiam exclusivamente de alimentos silvestres. Atualmente, a maior parte das atividades femininas de coleta é executada a pé em locais cujo acesso se dá através de excursões que duram um único dia.

Uma imagem comum no entorno das aldeias é a de mulheres voltando das roças com cestas cheias de produtos vegetais coletados, além dos alimentos produzidos nas roças. Algumas vezes também trazem consigo grandes quantidades de folhas de palmeira, cestas contendo lenha ou frutos silvestres e tubérculos. Por vezes, as mulheres mandam seus filhos das roças para a aldeia com esses materiais amarrados na garupa de suas bicicletas, para entregá-los a seus parentes. Portanto, ainda que tenham ocorrido importantes mudanças nos padrões de coleta dos Xavante, essa atividade permanece central na economia.

Caça

Maybury-Lewis (1984:79) destaca que embora a caça não fosse economicamente tão importante quanto a coleta, "[...] a carne supera – e muito – qualquer outro item de sua dieta em sua escala de preferência". Certamente isso ainda se mantém no presente. Várias décadas depois do contato permanente, a caça continua sendo uma atividade fundamental para os Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa.

Porcos do mato, incluindo queixada (*Tayassu pecari*) e caititu (*Tayassu tajacu*), são possivelmente a caça favorita dos Xavante. A anta (*Tapirus terrestres*) e o cervo (*Blastocerus dichotomus*) são também muito apreciados. O veado catingueiro, em geral, tem seu território na mata ciliar/de galeria, embora possa ser visto em áreas de cerrado margeando a floresta. Tamanduás, tatus e roedores de porte médio (paca e cutia) são também caçados como alimento pelos Xavante. Enquanto o tamanduá-bandeira e a maioria dos tatus são avistados no cerrado, roedores como a paca são habitantes típicos das matas ciliares/de galeria e, consequentemente, de mais difícil visualização. Quatis, os únicos carnívoros considerados comestíveis pelos Xavante, preferem áreas de mata fechada, mas também podem ser encontrados em cerrados densos. As cutias são comuns em praticamente todos os tipos de ambientes das T.I. Pimentel Barbosa e Wedezé.

As matas ciliares/de galeria são locais onde os Xavante caçam várias espécies de aves de tamanho médio, incluindo mutum (*Crax* sp.), macuco (*Cryp-*

turellus sp. e *Tinamus* sp.), jacu (*Penelope* sp.) e jacutinga (*Pipile* sp.). Espécies de pombo (*Columba* spp.) podem ser encontradas tanto nas matas ciliares/de galeria quanto no cerrado. O pato-do-mato (*Cairina moschata*) habita lagoas e margens de rios. A ema (*Rhea americana*) é caçada no cerrado aberto, onde corre em grupos de 15 a 20 animais. Outra ave do cerrado que pode ser caçada como alimento é a seriema (*Cariama cristata*). Papagaios (*Amazona* spp.), arara (*Ara ararauna*) e tucanos (*Ramphastus* spp.) podem ser usados como alimento após as penas terem sido cuidadosamente retiradas para a confecção de enfeites.

Alguns répteis são comidos pelos Xavante. Entre eles, podem ser citados o jabuti (*Geochelone* sp.), a tartaruga (*Podocnemis expansa*) e o tracajá (*Podocnemis unifilis*). Nos meses de estiagem, quando são muitas as praias ao longo do Rio das Mortes, os Xavante coletam ovos de tartaruga e tracajá. Segundo os Xavante de Pimentel Barbosa, seus antepassados também comiam outros répteis, incluindo cobras como sucuri (*Eunectes* sp.), jiboia (*Boa constrictor*) e outras não peçonhentas.

As atividades de caça (*aba*) entre os Xavante acontecem de diferentes formas, podendo ser tanto particulares ou coletivas. As caçadas particulares podem envolver um homem somente como também um pequeno grupo de caçadores. Nesses casos, participam geralmente filhos, irmãos, primos (que são irmãos classificatórios) e/ou amigos. Por vezes, a esposa do caçador o acompanha, mas não participa diretamente das atividades de caça propriamente ditas. Por outro lado, as caçadas coletivas são organizadas no âmbito comunitário e envolvem grande proporção dos homens da aldeia. Por vezes, homens de outras aldeias também participam. Essas caçadas podem ser de curta ou de mais longa duração. As mais longas podem se estender por uma semana ou mais e incluir somente homens (*hömono*) ou grupos familiares, nesse caso com a presença de mulheres e crianças (*zömori*). As caçadas coletivas podem envolver o uso de fogo (*du*) para proporcionar maior rendimento. Por vezes, as caçadas coletivas estão associadas a atividades cerimoniais.

Nas caçadas particulares, geralmente um ou poucos homens deixam a aldeia a pé ou, nos dias atuais, de motocicleta, comumente portando um rifle calibre 0,22, munição, faca e outros poucos apetrechos. Essas caçadas podem acontecer em diversos locais, com preferência dada aos cerrados e campos, mas também em matas secas, cerradões e, com menos frequência, nas matas ciliares/de galeria. A caçada particular pode ocorrer também oportunisticamente quando, por exemplo, os homens se deslocam para as roças a pé ou para outros locais pelas estradas existentes na terra indígena. Desse modo, estão sempre prontos para abater um animal caso o avistem.

O produto das caçadas particulares é propriedade daqueles que integraram o grupo de caçadores e se destina ao consumo de seus respectivos domicílios. No entanto, também pode haver partilha de carne entre os membros do grupo de caçadores. Durante diferentes fases da caçada, os homens costumam dividir animais inteiros ou partes deles, de modo que cada um possa retornar com alguma quantidade de carne, independentemente de seu sucesso individual. Ao chegarem à aldeia, os homens geralmente entregam a carne para suas sogras ou esposas que, por sua vez, dividem-na com outros membros do próprio domicílio, com vizinhos e outros parentes. Nesse sentido, a produção

individual obtida em uma caçada possui forte caráter coletivo, apesar de restrito à rede social dos caçadores envolvidos.

Na década de 1950, Maybury-Lewis (1984:86) observou que caçadas coletivas eram muito mais produtivas do que as individuais:

> Estas caçadas sempre propiciavam enorme quantidade de carne: suficiente para alimentar os homens enquanto estavam fora da aldeia e suficiente para alimentar toda a comunidade durante três ou quatro dias depois de sua chegada.

Uma pesquisa da década de 1970 confirmou tal observação, ao mostrar que caçadas coletivas foram bem-sucedidas em 67% das vezes, enquanto que caçadas individuais tiveram um porcentual de sucesso de apenas 21% (Flowers 1983b).

Durante a estiagem, as caçadas coletivas envolvem frequentemente o uso de fogo. Essa estratégia implica em atear focos de fogo no perímetro de um grande círculo e, logo depois, iniciar focos de incêndio no centro desse mesmo círculo. Cria-se uma situação na qual os animais, atordoados, passam a se deslocar em várias direções. Com isso, se tornam presas mais fáceis de serem abatidas pelos caçadores. O aumento da visibilidade propiciado pela queima do capim é outro elemento que aumenta a eficiência da caçada. Portanto, ao contrário do que se imagina, a estratégia de uso de fogo para fins cinegéticos não direciona os animais para um único ponto onde possam ser mais facilmente abatidos, mas aumenta a sua vulnerabilidade pelo atordoamento do animal e melhor visibilidade do caçador.

O uso de fogo nas caçadas coletivas constitui característica central da estratégia de caça Xavante, podendo render grande quantidade de carne, frequentemente para fins cerimoniais. Esse tipo de caçada coletiva é considerada tão eficaz pelos Xavante, além de amplamente praticada, que Flowers observou que, nas noites de agosto, "[...] o brilho dos fogos pode ser visto a uma longa distância e uma nuvem de fumaça paira sobre a aldeia" (1983a:235). As caçadas coletivas com fogo geralmente acontecem nos campos abertos no início da estiagem (em torno de maio-junho) e em áreas de cerrados e cerradões em julho-agosto, quando a vegetação e o solo estão mais secos. No passado, a caçada coletiva com o fogo constituiu um dos principais motivos para os Xavante empreenderem longas e extensas expedições de caça e coleta (Maybury-Lewis 1984). Nos dias de hoje, a caçada com o fogo permanece sendo uma atividade valorizada, apesar de ocorrer em um contexto socioeconômico um tanto diferente.

Em comparação com as caçadas particulares, as coletivas envolvem uma mais ampla divisão da carne obtida. Por exemplo, os primeiros membros de uma das metades exogâmicas (*poreza'õno* ou *öwawe*) que chegarem ao local onde o caçador (da outra metade) abateu o animal podem solicitar determinadas partes do mesmo. Ainda que essa partilha varie segundo a espécie de caça, o padrão mais comum é aquele no qual os homens da metade oposta àquela do caçador terem direito a uma das patas, porções do abdômen, lombo, fígado, cabeça e estômago. Se uma caçada coletiva não estiver sendo conduzida para fins cerimoniais, nenhuma outra redistribuição acontecerá

até que os caçadores retornem às suas casas, onde a carne será distribuída de acordo com os mesmos princípios da caçada individual.

A caçada coletiva continua sendo importante nos dias de hoje não só como fonte de alimento, mas também por sua relação com as atividades cerimoniais. Ainda que essas caçadas possam ser organizadas unicamente para os fins de obtenção de carne, são geralmente conduzidas com objetivos cerimoniais específicos. A cerimônia mais frequentemente associada a uma caçada coletiva é o casamento (*dabasa*). Outros momentos cerimoniais associados às caçadas coletivas ocorrem no contexto das atividades vinculadas às classes de idade masculinas e, portanto, envolvem unicamente os homens. Os contextos cerimoniais e as formas pelas quais a carne de caça é dividida estão descritos no Capítulo 7.

As caçadas coletivas vêm adquirindo ainda mais importância na vida contemporânea por serem avaliadas pelos Xavante como um símbolo de tradicionalismo, inclusive entre os jovens. Apesar de outras formas de caçar terem se tornado menos frequentes nos últimos anos, as caçadas coletivas continuam atraindo os membros mais jovens das comunidades das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, despertando grande interesse e entusiasmo entre eles. A relevância cultural das caçadas coletivas está relacionada, em parte, à sua importância para a realização de cerimônias significativas, como o casamento e a iniciação de jovens, conforme mencionado anteriormente. Além disso, a utilização de novas tecnologias, como armas de fogo e veículos motorizados, facilitam a sua compatibilidade com a vida contemporânea nas aldeias, sem comprometer o seu valor sociocultural como atividade ritual tradicional.

O uso de transporte motorizado resultou em mudanças na distribuição espacial das caçadas coletivas. Enquanto caçadas individuais são geralmente feitas a pé ou, em menor escala, de motocicleta, veículos maiores são geralmente utilizados para transportar um maior número de caçadores para locais mais distantes. Consequentemente, áreas que antes eram acessíveis somente se o caçador deixasse a aldeia antes do nascer do sol e retornasse depois de escurecer, ou se passasse vários dias acampando, atualmente podem ser alcançados saindo-se da aldeia pela manhã e retornando ao final da tarde.

Uma maior facilidade de deslocamento torna a caçada coletiva mais viável em uma era de crescentes demandas para os Xavante devido a novos fatores, como a intensificação agrícola, dependência de serviços de saúde providos por postos da FUNASA/SESAI, além de frequentes compromissos políticos ou comerciais fora da terra indígena. Ainda, o uso de veículos motorizados permite que os Xavante de Wedezé e Pimentel Barbosa organizem melhor a distribuição espacial e temporal de caçadas coletivas para reduzir a pressão dessa atividade sobre os estoques silvestres e controlar a frequência de queimadas em cada local. A consciência acerca da necessidade de conservação parece ter aumentado nos últimos anos, parcialmente como consequência de projetos de manejo de caça que chamam atenção para a necessidade de planejar a distribuição das caçadas a fim de evitar sua prática excessiva próximo às aldeias (Leeuwenberg 1995, 1997; Leeuwenberg e Robinson 1999).

Nossas pesquisas realizadas entre 2004 e 2012 mostraram que Wedezé permanece sendo um local favorável à caça coletiva por sua abundância de

animais de grande porte e pelo seu valor histórico, como local de importantes aldeias ancestrais e cemitérios, tipicamente sendo visitado diversas vezes ao ano (vide Capítulo 7). Essas ocasiões são valorizadas pelas comunidades das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa não só pela oportunidade de se obter carne, mas também para a realização de cerimônias de casamento e aquelas relacionadas às classes de idade. O uso contínuo de Wedezé para a caça coletiva tem contribuído para a manutenção de atividades culturais tradicionais enquanto redistribui pressões ambientais na T.I. Pimentel Barbosa.

Fogo antropogênico e sustentabilidade ambiental

Como descrevemos acima, o fogo é usado pelos Xavante para a realização de caçadas coletivas em determinadas épocas do ano. Avaliações insuficientemente informadas acerca da prática de caçadas de fogo no cerrado comumente partem do princípio de que esta constitui um importante fator de destruição desse bioma (p. ex., Alves 2008). Essa visão também tem sido expressa por partes interessadas na região, sendo utilizada para sustentar argumentos contrários à demarcação de terras indígenas em Mato Grosso (p. ex., Zopone Jr. 2004). Agências ambientalistas, por sua vez, não têm incorporado, para os fins de gestão ambiental, a noção de que o emprego controlado de fogo pode ter efeitos ecológicos positivos no contexto do manejo de áreas de cerrado protegidas (Pivello 2006; Ramos-Neto e Pivello 2000). Devido à pouca atenção prestada à literatura científica por parte de técnicos e até mesmo pesquisadores, o debate acerca dos efeitos ecológicos do fogo no cerrado tem sido parcial, inclusive não levando em consideração as estratégias indígenas de manejo da paisagem usando o fogo. Além disso, também tem sido pouco considerada a importância da caçada de fogo como central ao empenho dos Xavante em manterem a sua cultura, em particular face às recentes transformações verificadas na esfera de sua economia alimentar (Coimbra et al. 2002; Welch et al. 2009).

Ao longo das últimas décadas, botânicos e ecólogos desenvolveram extensa literatura que demonstra que o cerrado evoluiu na presença de incêndios naturais e que o regime de queimadas pode ter um efeito positivo sobre a biodiversidade desse bioma (Miranda et al. 2002; Pivello 2006). O botânico Leopoldo M. Coutinho afirma que (Coutinho 2002:90):

> O fogo não deve, porém, ser considerado sempre um desastre para a fauna. Ele também pode proporcionar-lhe certos benefícios. Após uma queimada, os insetos polinívoros e nectarívoros beneficiam-se da resposta floral das plantas, nas quais encontram grande disponibilidade de pólen e néctar. Algum tempo depois, essas flores produzirão frutos e sementes que alimentarão outros animais. O próprio rebrotamento vegetativo é de grande importância para aqueles que se alimentam de folhas e brotos tenros, como o veado-campeiro, a ema etc. Por isso, a densidade desses animais torna-se maior nas áreas queimadas, que funcionam para eles como um oásis em plena estação seca.

Segundo esse mesmo autor, figura dentre os aspectos mais interessantes dos estudos ecológicos disponíveis o fato de muitas plantas e animais do cerrado apresentarem uma gama de adaptações ao fogo que lhes permitem não apenas sobreviver aos incêndios, mas tornarem-se melhor adaptados. Dentre as plantas, exemplos de tais adaptações incluem a rápida regeneração das partes aéreas, estímulo à floração e à germinação, assim como a dispersão de sementes após o fogo (Coutinho 1980). Outros estudos, por sua vez, também mostraram que regimes de queimadas que variam em intensidade, sazonalidade e frequência, assim como o tipo de vegetação existente anteriormente à queima, podem ter efeitos significativamente distintos sobre a biomassa e estrutura da vegetação após o fogo (Castro e Kauffman 1998; Kauffman et al. 1994). Uma análise recente concluiu que a queima periódica de uma área resultaria em incêndios de menor intensidade e mais fragmentados, sendo consequentemente menos destrutivos que queimadas em áreas protegidas do fogo (Ramos-Neto e Pivello 2000). O conjunto dessas investigações demonstra que o fogo no cerrado não deve ser abordado como um fenômeno uniforme, pois são muitos os fatores envolvidos na determinação de incêndios que podem vir a ser mais ou menos destrutivos. Sugerem ainda que incêndios esporádicos podem ser vantajosos para a biodiversidade do cerrado, podendo ser considerados como importante técnica de manejo ambiental (Miranda et al. 2002).

Um tema sobre o qual não há consenso diz respeito às consequências ecológicas da intensificação da frequência de incêndios. Resultados de pesquisas recentes demonstram que mesmo a queimada anual não é uniformemente destrutiva, apesar de ser possível verificar alterações ecológicas mais significativas no ambiente. Uma série de estudos controlados foi realizada para testar os efeitos da queima repetida sobre diversos indicadores ecológicos. Uma dessas investigações concluiu que incêndios anuais em uma mesma área teriam impacto limitado sobre a riqueza e a diversidade de espécies arbóreas, segundo medições da biomassa radicular (Castro-Neves 2007). Outra pesquisa concluiu que, se por um lado incêndios anuais em uma mesma área reduziriam a riqueza de espécies, por outro estimulariam o aparecimento de espécies vegetais específicas (Silva e Batalha 2008).

O manejo indígena do cerrado tem sido documentado para diversos grupos étnicos do Centro-Oeste, incluindo os Kayapó e Krahô, que pertencem ao mesmo grupo linguístico Jê que os Xavante (Anderson e Posey 1985, 1987; Hecht 2009; Mistry et al. 2005; Posey 1985). Esses estudos mostram como que esses povos possuem amplo conhecimento acerca dos efeitos do fogo sobre o ambiente e o empregam com frequência para produzir transformações ecológicas desejáveis. Como veremos a seguir, tal como essas outras sociedades Jê, os Xavante possuem um rico etnoconhecimento sobre o uso do fogo para caçar.

Usualmente, a caçada de fogo entre os Xavante é organizada pelos velhos em meio a longas conversas que levam em conta inúmeros fatores capazes de afetar a produtividade da caça em uma dada área a curto e longo prazos. A conjunção de uma gama de fatores é considerada no planejamento de uma caçada de fogo, que inclui o momento mais apropriado para a sua realização, estação do ano, posição das estrelas no céu, condições meteorológicas, umidade do solo, secura das folhas e quantidade de matéria vegetal seca na

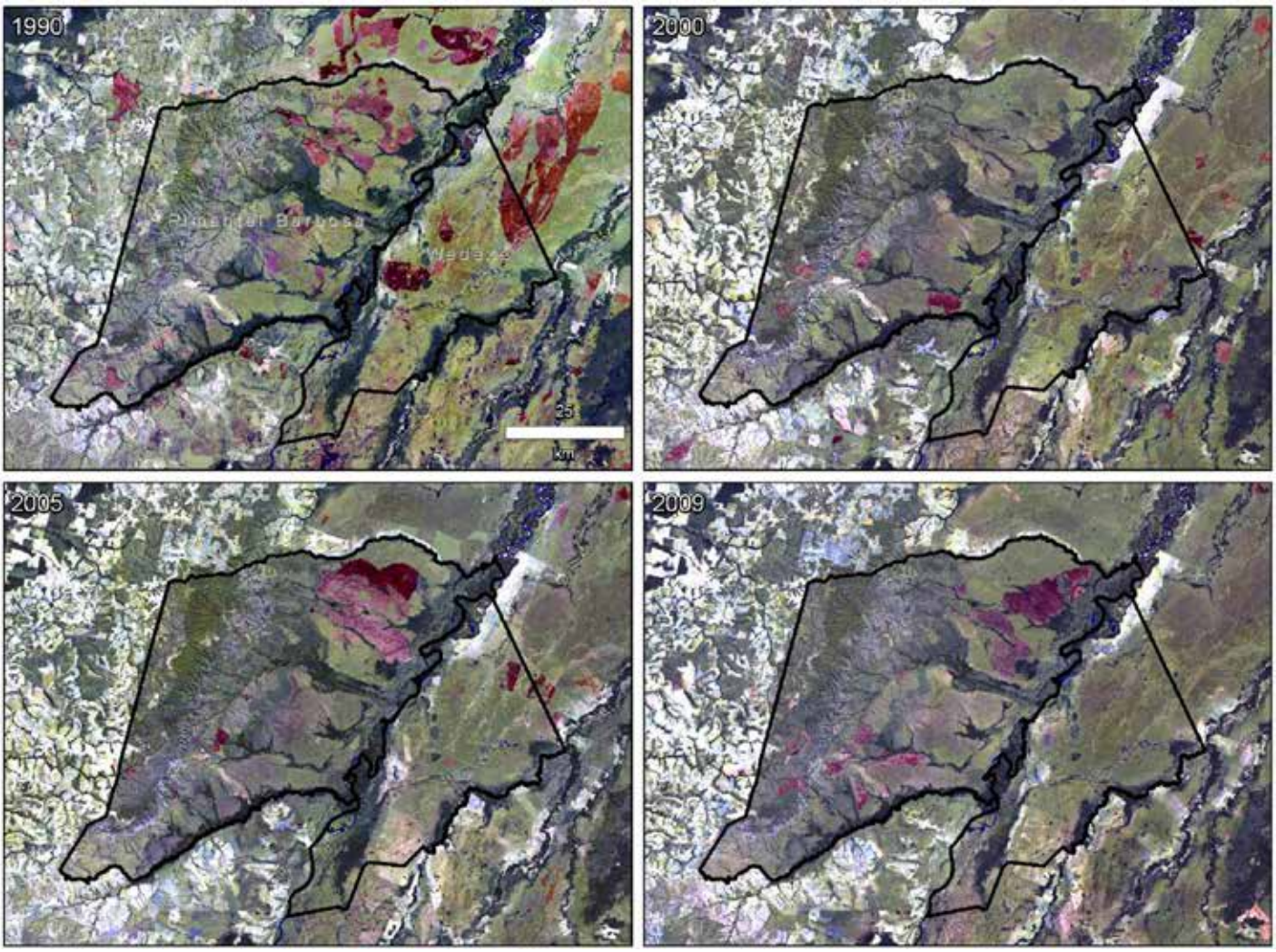
superfície do solo. O planejamento da caçada de fogo contempla ainda a distribuição espacial dos focos de fogo com o objetivo de minimizar os efeitos do incêndio (Fragoso et al. 2000) segundo os tipos de vegetação na área e a disposição de barreiras naturais ao fogo como cursos d'água, brejos e matas ciliares/de galeria.

Muita atenção é dada à sustentabilidade das caçadas de fogo, como evidenciado pelo debate interno à comunidade. Por exemplo, a adequação de dada caçada de fogo, realizada em um momento específico, pode ser alvo de críticas por parte dos velhos, segundo os quais os caçadores jovens teriam ateado fogo em local ou ocasião inadequado. Além dos fatores mencionados acima, ao planejarem uma caçada de fogo os velhos comumente discutem o tempo que se passou desde a última queimada em uma dada área para assegurar que houve tempo necessário à recuperação da vegetação, e para que suficiente biomassa seca tenha se acumulado na superfície para garantir um bom fogo. Segundo os Xavante, na eventualidade de tempo suficiente desde a última caçada não ter se passado, a vegetação não queimará de modo a propiciar uma caçada bem-sucedida. Por outro lado, eles asseguraram que, caso tenha se passado muito tempo, o resultado será um fogo que queimará muito rápido e quente, tornando-se perigoso para os caçadores e levando a uma caçada menos produtiva.

Um dos efeitos desse processo de planejamento é que, em um dado ano e de um ano para outro, as queimadas antropogênicas tendem a ser espacialmente distribuídas no território. Essa dinâmica é ilustrada na Figura 5.4, que inclui dados obtidos com base em quatro imagens de satélite disponíveis para as T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, referentes aos anos de 1990, 2000, 2005 e 2009. A comparação das áreas queimadas nesses anos (indicadas em tons vermelhos) mostra diferenças importantes ao longo do tempo. Além disso, fica evidente que, no período de 2000-2009, as queimadas foram menos frequentes na área hoje identificada como a T.I. Wedezé. Isso ocorreu possivelmente porque os Xavante não tem caçado com fogo em Wedezé de modo a minimizar eventuais conflitos com os fazendeiros que lá vivem. Na T.I. Pimentel Barbosa, por sua vez, os Xavante continuam a manejar a paisagem utilizando técnicas tradicionais que incluem o fogo.

Intrínseco a essa discussão é o conhecimento cultural dos Xavante acerca dos efeitos positivos do fogo sobre o cerrado. Mesmo os caçadores mais jovens reconhecem, com base em suas próprias experiências, que o rebrotamento após o fogo se dá rapidamente e é vicejante. Segundo caçadores Xavante, a única mudança visível quatro a oito semanas após muitos incêndios é o surgimento de folhagem de coloração verde intensa em áreas onde anteriormente predominava um tom amarelo-queimado e sem brilho (Figuras 5.5 e 5.6). Passado algum tempo, esses caçadores retornam aos campos queimados, pois sabem que lá encontrarão vários mamíferos atraídos pelas folhas frescas e macias do capim recém-brotado. Os velhos são ainda mais sutis em sua leitura da paisagem, reconhecendo as espécies de plantas que rapidamente rebrotam após as queimadas, assim como o fato de a fauna terrestre ser pouco impactada pelos incêndios devido à sua mobilidade e a tendência de os mesmos ocorrerem em padrão de mosaico, possibilitando múltiplas rotas de fuga para a fauna entre os vários focos de fogo.

Figura 5.4. Imagens de satélite das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa referentes aos anos 1990, 2000, 2005 e 2009, evidenciando em vermelho a distribuição de áreas queimadas.



Estudos recentes que têm avaliado a eficácia do manejo ambiental praticado pelos Xavante demonstram a sua sustentabilidade de longo prazo. Por exemplo, Marimon & Felfili (2001), com base em estudo etnobotânico realizado na T.I. Areões, mostraram a eficiência do manejo de áreas de cerrado dominadas pelo pau-brasil-do-cerrado (*Brosimium rubescens*), em oposição aos fazendeiros vizinhos. Para os Xavante, essa espécie reveste-se de grande importância tecnológica e cerimonial por fornecer a madeira utilizada na confecção das bordunas de cor vermelha. Por sua vez, os fazendeiros destroem extensas áreas de cerrado onde se concentra essa espécie para utilizar a madeira na confecção de mourões para cercas e currais.

Outros trabalhos concluíram que espécies importantes do ponto de vista cinegético não apresentaram reduções populacionais significativas após as queimadas ou evidência de caça excessiva sob o regime atual de caçadas (Fragoso et al. 2000; Villalobos 2002; Villalobos e Marinho-Filho 2004). Em relação ao impacto do fogo sobre a fauna de pequenos mamíferos do cerrado,

Briani et al. (2004) concluíram que esses animais se apresentam altamente adaptados a incêndios na vegetação, sugerindo que os estágios de sucessão pós-fogo podem estimular a biodiversidade deste grupo faunístico. Em um estudo sobre a ecologia de répteis no cerrado, Leite (2007) sugere que as queimadas também podem contribuir para a manutenção da biodiversidade deste grupo zoológico. No entanto, esse autor adverte que no caso das queimadas antrópicas, "[…] a alta frequência e curta periodicidade, bem como a completa supressão das queimadas devem ser evitadas" (2007:x).

No caso da T.I. Pimentel Barbosa, é importante destacar o processo de recuperação vegetacional que se deu a partir da retirada das fazendas dos limites da terra indígena. Conforme descrevemos no Capítulo 2, quase toda essa área chegou a ser ocupada por fazendas que praticaram extenso desmatamento até pouco antes da homologação de seus limites atuais em 1986.

Figura 5.5. Sucessão vegetacional em área de cerrado na T.I. Pimentel Barbosa, evidenciando o rápido rebrotamento aproximadamente cinco semanas após a queimada, maio de 2005. Foto: James R. Welch.

Figura 5.6. Comparação entre área não-queimada (lado direito) e área queimada quatro semanas atrás (lado esquerdo), em campo de murundu na T.I. Pimentel Barbosa, junho de 2010. Foto: James R. Welch.

A Figura 5.4 mostra, em quatro momentos diferentes, como se deu a expansão do desmatamento no entorno da área. Em oposição a esse cenário, o processo no interior da terra indígena foi no sentido de recuperação do cerrado em áreas previamente destinadas a pastagens ou cultivo de arroz. Essa análise comparativa demonstra o potencial das estratégias de manejo ambiental Xavante no tocante à preservação e recuperação de áreas de cerrado degradadas pelo agronegócio.

Em resumo, as evidências disponíveis, baseadas em pesquisas realizadas em diferentes ecossistemas no leste de Mato Grosso, apontam para a eficácia das estratégias indígenas de manejo ambiental e para os graves impactos negativos ocasionados pela intensificação das atividades agropecuárias de larga escala na região.

Enquanto a atenção acadêmica acerca do uso do fogo pelos indígenas tem se voltado quase que exclusivamente para os seus impactos sobre o cerrado, os Xavante também atribuem grande importância ao papel das caçadas de fogo na esfera sociocultural. Para os Xavante, queimar a vegetação não se reduz a uma técnica de caça ou a uma estratégia de manejo da paisagem. Para eles, caçar com fogo é também um importante símbolo de identidade étnica e uma maneira altamente valorizada de promover valores e capacidades sociais entre os homens jovens. Além disso, esse tipo de caçada constitui um componente central no âmbito da vida cerimonial Xavante, sendo considerada por eles como crucial para sua integridade sociocultural. Essa realidade é comumente obscurecida pela atenção externa voltada quase que exclusivamente para o debate sobre a sustentabilidade ecológica, que raramente leva em consideração o ponto de vista indígena.

Pesca

Os Xavante de Wedezé e Pimentel Barbosa pescam preferencialmente quando o nível da água dos rios e ribeirões está baixando (março-abril), ou durante a seca, quando o nível da água é menor. Esse também é o período do ano no qual as atividades agrícolas demandam menos investimento de tempo por parte da população.

Dentre os ciclídeos mais comumente pescados pelos Xavante, destacam-se o tucunaré e diversas espécies de cará, que são encontrados em diferentes ambientes aquáticos, principalmente nas lagoas. Diversas espécies de bagres (Pimelodidae) encontrados em locais com águas mais profundas são também valorizadas, como o pintado e o filhote. A família Caracidae inclui o maior número de espécies capturadas nos rios e lagoas da região, destacando-se as piranhas, sardinhas, pirapitinga, pacu e matrinchã. Outras espécies de peixes comumente pescados pelos Xavante incluem o curimatã, pescada e piaus. Também merecem destaque o peixe-cachorra e a traíra, ambos muito apreciados.

A pesca nos riachos menores é eventual. Um grupo de mulheres pode sair para um dia de pesca, levando consigo suas crianças. Meninos pequenos também organizam seus próprios grupos de pesca e se dirigem aos pequenos cursos d'água próximos das aldeias.

A pesca é mais produtiva no Rio das Mortes e nas lagoas próximas. A composição dos grupos que participam de expedições de pesca mais longas é variada e pode incluir famílias inteiras. Frequentemente, essas pescarias duram vários dias. Outra forma de pescaria envolve grupos de homens organizados segundo classes de idade, cujos membros normalmente viajam juntos para o Rio das Mortes, acampando em suas margens. Nessas ocasiões, grupos de jovens e seus mentores passam de um a vários dias pescando e conduzindo importantes atividades cerimoniais, que devem ser mantidas em segredo dos demais, razão pela qual não podem ser realizadas nas proximidades das aldeias (Welch 2009). Qualquer oportunidade para pescar no Rio das Mortes ou em suas lagoas é altamente valorizada para atender à demanda familiar por alimentos e, no caso dos homens jovens, de fornecer alimentos aos seus mentores, segundo o sistema de classes de idade.

De acordo com Maybury-Lewis, os Xavante "não são muito hábeis em flechar os peixes na água e não dispõem de flechas pontiagudas que atravessam as escamas dos peixes ao invés de simplesmente ricochetear" (Maybury-Lewis 1984:97). Apesar dessa caracterização negativa das décadas de 1950 e 1960 acerca da tecnologia de pesca Xavante, coleções etnográficas existentes no Museu do Índio, no Rio de Janeiro, incluem flechas de ponta serrilhada que, segundo nos foi explicado por velhos de Pimentel Barbosa, eram projetadas especialmente para a pesca.

Ainda que pouco frequentes, as técnicas de pesca atuais incluem o uso de arco e flecha, geralmente combinado com o uso de uma planta tóxica aos peixes, o timbó (*Paullinia* sp.). Esse tipo de pesca é geralmente realizada nas lagoas do Rio das Mortes, em particular as da margem direita, na T.I. Wedezé. Essa técnica é utilizada durante a estação seca e em locais onde o nível da água corrente é relativamente baixo.

Mais comumente, a pesca é realizada com linhas de náilon, anzóis e chumbada nos dias atuais. A linha pode ser diretamente arremessada com as mãos, sem o uso de vara. No Rio das Mortes, a pesca é feita nas margens ou na água, com o emprego de canoa ou barco de alumínio. Em Wedezé, os locais de pesca preferidos são os bancos de areia e pedras próximos às várias ilhas do Rio das Mortes, perto das bocas dos cursos d'água que desembocam no rio principal ou ao longo de ambas as margens. As lagoas também são consideradas excelentes locais para a pesca.

Agricultura

Embora os Xavante, assim como outros grupos indígenas classificados na família linguística Jê, tenham sido descritos na literatura etnográfica como "agricultores incipientes" (Neel e Salzano 1967), há poucos motivos para se acreditar que eles sejam, tradicionalmente, caçadores-coletores exclusivos, apenas recentemente convertidos à agricultura. Uma indicação de que os Xavante vêm praticando a agricultura há muito tempo é a presença de diversas variedades de milho indígena, distintas daquelas cultivadas em escala comercial. As variedades indígenas de milho são consideradas muito antigas, o que pode indicar um traço de independência nos estágios iniciais da domesticação desse cereal (Brieger et al. 1958).

De acordo com registros etnográficos anteriores (Maybury-Lewis 1984) e relatos orais dos velhos, os Xavante tinham três alimentos vegetais domesticados antes do contato permanente com o SPI. Esses eram o milho (*Zea mays*), feijões (*Phaseolus* sp.) e abóbora (*Cucurbita* sp.). Eles também cultivavam plantas não comestíveis, como o algodão (*Gossypium* sp.) e o urucum (*Bixa orellana*). Além disso, diversos tipos de tubérculos e raízes silvestres são trazidos para serem plantados nas roças. Existe certa discordância entre os velhos Xavante quanto ao *status* histórico da mandioca (*Manihot esculenta*). Apesar de Maybury-Lewis (1984) não a considerar presente antes do contato, alguns velhos afirmam que os Xavante cultivavam uma variedade com caule vermelho, que foi perdida e posteriormente substituída pela atual variedade em uso. No entanto, segundo outros depoimentos, a mandioca de caule vermelho

não era, de fato, tradicionalmente Xavante, mas teria sido adquirida algum tempo depois de chegarem à região do rio das Mortes, porém antes do contato com o SPI. Atualmente, diversas variedades de outras plantas introduzidas são cultivadas pelos Xavante (Tabela 5.1).

O milho tradicional Xavante apresenta sementes variando do branco e amarelo ao vermelho brilhante e preto arroxeado, com misturas dessas cores. Os Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé classificam as sementes principalmente com base em suas cores. Essas categorias são apresentadas na Tabela 5.2. O milho também é classificado de acordo com o tempo que leva para maturar. Por exemplo, as variedades *nõzö m'rari'* e *nõzö m'rari topré* amadurecem mais rapidamente, já as *nõzö p'a* e *nõzö pré* demoram mais. Esses diversos tipos são plantados em épocas diferentes de modo a levar em consideração os tempos de maturação próprios. Os Xavante apreciam bastante as diversas cores de milho, especialmente a vermelha brilhante, estocando cuidadosamente sementes das várias colorações em cabaças separadas, que são vedadas com cera de abelha (Flowers 1983a, 1983b). Manter essas variedades de cor e forma de sementes e espigas de milho requer um conhecimento técnico apurado sobre seleção e cultivo de plantas, o que demanda profundo conhecimento agrícola.

No passado, as safras agrícolas abasteciam plenamente os Xavante somente em épocas específicas do ano. Conforme observado por Maybury-Lewis (1984), em 1958, após terem colhido o milho e comido parte dele, em março os Xavante saíram em expedições pelo cerrado, alimentando-se de tubérculos silvestres e palmito, além de carne de caça. Segundo o antropólogo, economizavam o resto do milho para consumirem no auge da estiagem (junho a agosto), quando os grupos familiares se reencontravam na aldeia. Ao chegarem,

Tabela 5.1. Alimentos comumente cultivados nas roças das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, 2009.

Nome	Nome Xavante	Tradicional	Introduzido
Arroz	*asaro*		X
Milho Xavante	*nõzö*	X	
Milho não-indígena	*wa´ru*		X
Abóbora	*uzöné*	X	
Feijão Xavante	*uhí*	X	
Feijão não-indígena	*warazú nhip uhi*		X
Mandioca	*upá*		X
Tubérculos	*mö´õni* (e outros)	X	
Melancia	*um'rẽzeiré*		X
Cana-de-açúcar	*buzé*		X
Banana	*pa'o*		X
Mamão	*momo*		X
Batata doce	*batata*		X

Tabela 5.2. Sistema Xavante de classificação de milhos tradicionais segundo a cor.

Nome Xavante	Descrição
nõzöm'rari	Milho preto
nõzö m'rari topré	Milho vermelho escuro
nõzö p'a	Milho branco
nõzö p'uzé	Milho amarelo
nõzö pré	Milho vermelho claro
nõzö wawawi	Milho rajado de preto, vermelho e branco

também já era possível colher feijão e abóboras, plantados alguns meses antes. Como menciado acima, Maybury-Lewis (1984) afirmou que essas eram as únicas plantações dos Xavante nessa época. Os períodos de colheita agrícola correspondiam com a época da realização das cerimônias mais importantes no ciclo de rituais (vide o Capítulo 7).

Os homens limpam novas áreas para o estabelecimento de roçados derrubando árvores nas matas ciliares/de galeria nos primeiros meses da estação seca, de modo que a matéria orgânica seque e queime antes das primeiras chuvas, em meados de setembro. Na escolha de locais para roças, são também valorizadas as matas secas, inclusive aquelas associadas a tabocais localizadas nas áreas mais elevadas na porção noroeste da T.I. Pimentel Barbosa, reconhecidas como de solos férteis. As matas ciliares preferidas para os roçados são geralmente localizadas nas margens de pequenos rios ou, de acordo com a tradição oral Xavante, na margem do Rio das Mortes ou nas lagoas próximas. O solo nessas áreas é geralmente escuro, indicando riqueza de matéria orgânica. Ademais, os locais escolhidos para a abertura de roças frequentemente exibem sinais de ocupação humana prévia, incluindo resíduos de carvão e fragmentos de cerâmica que os velhos identificam como caracteristicamente Xavante devido ao seu estilo (vide o Capítulo 7). O cerrado aberto *per se* não é utilizado como local para estabelecer roças. Entretanto, de alguns anos para cá, por vezes roças de arroz mecanizadas têm sido abertas no cerrado, geralmente em associação com projetos promovidos pela FUNAI e outras organizações.

A época de abrir clareiras e plantar é trabalhosa para os Xavante, tanto que as famílias comumente se mudam para a proximidade das novas roças e lá acampam. No presente, muitas famílias mantêm casas semipermanentes nas roças, onde residem durante as épocas mais intensivas de trabalho agrícola. As roças são semeadas, capinadas e colhidas pelas famílias. Considera-se que a produção pertence à família que abriu e cuidou da roça. De acordo com Graham (1995:43-44):

> [...] cada mulher possui um ou mais roçados próprios, que são estabelecidos pelo seu marido e localizados em áreas adjacentes àquelas de suas irmãs e mãe. Comumente acompanhada de seus filhos pequenos, ela vai aos roçados diversas vezes por semana.

Não é incomum que pessoas ofereçam ajuda para trabalhar nas roças de parentes residentes em outros domicílios, geralmente com a expectativa de receber parte da produção.

Os Xavante plantam os diversos cultígenos em áreas específicas das roças. Segundo observações realizadas por Nancy Flowers (1983a), abóboras são plantadas entre fileiras de milho. Feijões são semeados nos lugares onde anteriormente se plantou milho. Plantações de banana normalmente crescem ao redor do roçado. Arroz é comumente plantado em trechos distintos das roças. Outras plantas cultivadas incluem mandioca-mansa, batata-doce, cará e melancia. Mamão e mandioca não são somente cultivados nas roças como também podem ser encontrados no entorno das aldeias. Por vezes, o arroz é plantado por até três anos na mesma roça, o que nem sempre acontece com o milho. Banana e mandioca são as culturas mais comuns nos roçados após o terceiro ano.

O milho amadurece entre janeiro e fevereiro. A colheita do arroz é uma atividade que se prolonga por vários meses, pois os Xavante o plantam desde o início de novembro a dezembro. Os homens cortam e empilham o arroz com a ajuda das mulheres. Elas pilam o arroz conforme as necessidades da família (Flowers 1983a, 1983b). Após dois ou três anos, as roças deixam de ser cultivadas. Entretanto, isso não significa que sejam abandonadas. Mandioca, batata-doce e cará, por exemplo, podem continuar a ser produzidos nessas áreas por dois anos ou mais. Mamoeiros e bananeiras também continuam a frutificar e até mesmo se propagam nas capoeiras por um período maior de tempo. Além disso, diversas plantas invasoras típicas de sucessão secundária podem crescer nesses ambientes. Entre esse grupo de plantas figura o ingá (*Inga* spp.), cujos frutos são muito apreciados por seu sabor doce.

Uma vez que a produção agrícola em solos de matas ciliares decai depois de dois ou três anos, é necessário deixá-los "descansar" por vários anos antes de novo plantio. Os Xavante planejam a rotatividade de suas plantações visando a maximizar a produção e permitir a recuperação do solo antes de estabelecer novo plantio em um mesmo local. No passado, as aldeias eram frequentemente realocadas quando a produtividade dos solos era reduzida. Hoje, a combinação de aldeias permanentes, aumento populacional, maior dependência da agricultura (especialmente associada à produção de arroz) e a necessidade de permitir a regeneração dos solos utilizados têm feito com que as novas roças sejam abertas cada vez mais longe das aldeias.

Animais domésticos

Nas aldeias das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, muitos animais silvestres capturados ainda filhotes são mantidos como de estimação por períodos de tempo variados, embora não possam ser considerados domesticados. Não é incomum ver periquitos, papagaios e araras voando livremente nas aldeias. Com frequência, pais capturam e trazem para a aldeia filhotes de porcos-do-mato, antas e emas para agradar as crianças. Atualmente há também galinhas criadas para a provisão de carne e ovos.

Desde sua relocação de Wedezé para a T.I. Pimentel Barbosa no início da década de 1970, os Xavante não mantêm gado na área da T.I. Wedezé. Nas últimas décadas, a depender do período, o rebanho bovino na T.I. Pimentel Barbosa variou bastante. Enquanto no passado as rezes foram comumente vendidas para levantar recursos para alguma necessidade coletiva (conserto de veículos, compra de combustível, etc.), mais recentemente houve uma diminuição significativa do número de rezes na terra indígena.

Ecologia humana e economia

Na seção anterior abordamos as atividades de coleta, caça, pesca e agricultura, sinalizando seus produtos principais, as tecnologias e estratégias nelas envolvidas e os principais locais nas quais são realizadas. Nesta seção, apresentamos um resumo da economia Xavante, incluindo o calendário de produção anual, a economia doméstica, a reciprocidade interfamiliar, a produção coletiva e a relação entre as atividades produtivas e a organização social.

O estudo mais aprofundado sobre a variação sazonal das atividades produtivas entre os Xavante foi feito por Nancy Flowers na década de 1970 (1983b). Apesar de certos aspectos terem mudado desde a época do pré-contato, especialmente no que diz respeito ao crescimento das atividades agrícolas, seus achados, em geral, se aplicam igualmente à economia tradicional. Flowers observou que o ciclo agrícola se iniciava em julho e agosto, quando as famílias começavam a abrir clareiras para o estabelecimento das novas roças (Tabela 5.3). Em agosto, aquelas que não estavam abrindo roças saiam em expedições de caça e coleta. Maybury-Lewis relatou que, na década de 1950, os Xavante saíam em excursões frequentemente entre maio e dezembro, quando as roças ainda não estavam produzindo (Maybury-Lewis 1984).

As atividades agrícolas continuavam até a colheita de alguns produtos em abril. Durante a entressafra, as mulheres dedicavam menos tempo às roças, concentrando seus esforços na coleta de alimentos silvestres, o que ocorria com maior frequência de abril a dezembro. Apesar da caça particular acontecer durante todo o ano, caçadas coletivas eram mais frequentes durante o período de seca, de maio a agosto. Entretanto, segundo Maybury-Lewis, caçadas coletivas podiam ocorrer até dezembro, em associação com a realização de expedições de *trekking*. Infere-se que, nesses últimos casos, as caçadas coletivas não envolviam o uso de fogo, comum durante a estiagem.

Um aspecto importante da economia tradicional Xavante é a sua dimensão doméstica, que envolve a colaboração de membros do mesmo domicílio nas atividades produtivas. Os domicílios Xavante comumente são compostos por um homem adulto e uma ou mais esposas, suas filhas e seus genros. Mesmo depois das filhas se casarem e terem filhos, permaneciam com os filhos na mesma casa, o que em larga medida ocorre até hoje. Devido aos Xavante praticarem padrão de residência uxorilocal, apenas seus filhos e netos deixam as casas onde nasceram. No contexto social domiciliar, recursos e esforços de produção podem ser compartilhados. Por exemplo, genros tradicionalmente demonstram respeito aos seus sogros por meio de uma série de comportamentos, incluindo evitar o contato olho a olho e a comunicação

Tabela 5.3. Calendário de produção anual na economia Xavante tradicional.

Atividade	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez
Coleta	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Caça individual	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Caça coletiva					X	X	X	X	X	X	X	X
Pesca				X	X	X	X	X	X			
Abertura de roças							X	X	X			
Capina de roças									X	X	X	X
Plantio de roças											X	X
Colheita nas roças	X	X	X	X								
Excursões/Trekking				X	X	X	X	X	X	X	X	X

verbal, além de oferecerem ajuda na roça e trazerem carne de caça (Flowers 1983b; Maybury-Lewis 1984). As filhas, por sua vez, demonstram seu respeito para com os seus pais ajudando nas roças, no preparo de alimentos e no cuidado do domicílio e das crianças. As meninas participam desde cedo dos serviços domésticos. As mulheres da casa, geralmente grupos de irmãs de múltiplas gerações, participam na economia doméstica de maneira coletiva. Por exemplo, os cuidados das crianças são geralmente feitos pelas avós, tias e irmãs.

Como indicado anteriormente, a produção na roça é, a princípio, uma atividade doméstica, com o esforço do trabalho e os produtos divididos entre os membros de um mesmo domicílio. No entanto, a divisão da comida entre domicílios diferentes também é uma prática muito comum e constitui um aspecto importante da economia tradicional Xavante. A circulação de alimentos entre os domicílios parece ser mais comum no caso da carne de caça e peixe do que de alimentos cultivados e entre domicílios pequenos do que entre domicílios maiores, que são economicamente mais independentes. Um estudo comparou o consumo de carne em dois domicílios de tamanhos diferentes (Flowers 1983b). Apesar de ambos domicílios consumirem aproximadamente a mesma quantidade de carne, o menor, que não tinha adultos ativamente caçando, conseguia 100% da carne que consumia através de outros domicílios, enquanto os maiores apenas 40%.

A circulação de comida ocorre tanto por ocasião de trocas diárias rotineiras quanto em contextos cerimoniais mais formais. No cotidiano, parentes e amigos se visitam. Em tais contextos, pessoas comumente levam presentes de uma casa para a outra ou aproveitam a oportunidade para pedir comida. Tais pedidos raramente são negados, exceto quando é impossível, apesar de algumas famílias tomarem medidas para esconder seus estoques de alimentos de pessoas de outras casas para que estas não sejam estimuladas a pedir (Flowers 1983b). Como foi descrito anteriormente, indivíduos também se envolvem no trabalho nas roças de outros domicílios na expectativa de receber algo em troca. Essas trocas são parte da moral Xavante de reciprocidade, segundo a qual a oferta de presentes é altamente valorizada e o recebimento

dos mesmos traz consigo a responsabilidade do retorno em algum momento futuro. O resultado dessa dinâmica social implica o fluxo constante de alimentos e outros bens entre os domicílios aparentados ou com outras formas de laços sociais.

A divisão de alimentos ocorre também em uma série de contextos ritualizados. Por exemplo, a carne obtida durante uma caçada coletiva pode estar associada a cerimônias de casamento ou ritos de iniciação. Caçadas coletivas frequentemente produzem grandes quantidades de carne, que são cuidadosamente distribuídas para toda a comunidade (Figura 5.7). De modo geral, os mais jovens caçam e pescam para realizar atividades cerimoniais secretas, o que ocorre em locais distantes das aldeias. Nesses contextos, os homens jovens reservam uma quantidade da sua produção para os seus mentores. Outro contexto no qual a divisão de alimentos é institucionalizada refere-se às

Figura 5.7. Carne de caça obtida durante caçada coletiva sendo distribuída para a comunidade, T.I. Pimentel Barbosa, 2006. Foto: James R. Welch.

Figura 5.8. Trabalho coletivo de ensacar arroz produzido em uma lavoura comunitária, T.I. Pimentel Barbosa, 2006.

Foto: James R. Welch.

cerimônias nas quais as crianças são pintadas por um tio materno imbuído de responsibilidades cerimoniais especiais (*danhorebzu'wa*). Depois de serem pintadas, as crianças recebem grandes bolos de milho, que são levados às suas casas. Nesse ritual, uma relação especial é criada entre o tio e os sobrinhos, no qual os tios tornam-se pais cerimoniais e, posteriormente, padrinhos nos casamentos. A divisão de alimentos também ocorre em rituais espirituais (*wai'a*), quando os iniciados presenteiam os seus mentores espirituais com uma variedade de alimentos. Nesse contexto, as comidas preferidas como presentes são tubérculos silvestres e bolos de milho, mas outros itens também podem ser ofertados.

Outra forma de divisão de alimentos ocorre quando uma aldeia recebe contribuições de fora, por exemplo, da FUNAI ou de comerciantes locais. Quando isso ocorre, a comida é disposta de modo proeminente no centro da aldeia e é equitativamente repartida entre os domicílios.

A prática de abrir roças domésticas, como foi descrito antes, permanece importante na economia atual dos Xavante de Wedezé e Pimentel Barbosa. Algumas aldeias, contudo, cultivam roças coletivas. Nos tempos atuais, atividades agrícolas coletivas restringem-se às lavouras mecanizadas de arroz, cultivadas com o auxílio da FUNAI e de outros recursos externos. Apesar desses campos serem limpos, semeados e colhidos com suporte externo, a maior parte do trabalho é feita coletivamente por membros da aldeia, particularmente durante as safras (Figura 5.8). O arroz produzido nas áreas de plantio comunitário é então distribuído entre as famílias, complementando a produção das roças domiciliares, particularmente no final da seca, quando as reservas domésticas de alimento estão reduzidas.

Outro aspecto importante da economia tradicional é o *trekking*, a prática de grupos de famílias viajarem para longe de suas aldeias em expedições de caça e coleta prolongadas (Maybury-Lewis 1984). Essa prática é conhecida na língua Xavante como *zömori* ou, no caso de expedições envolvendo exclusivamente homens, *hömono*. No passado, como já indicado, a maior parte da comunidade se deslocava por vastas áreas em determinados períodos do ano, quando passavam semanas ou meses longe da aldeia principal. Todavia, mantinham uma aldeia principal onde se reuniam na época do plantio e após a colheita. Segundo Maybury-Lewis (1984:99):

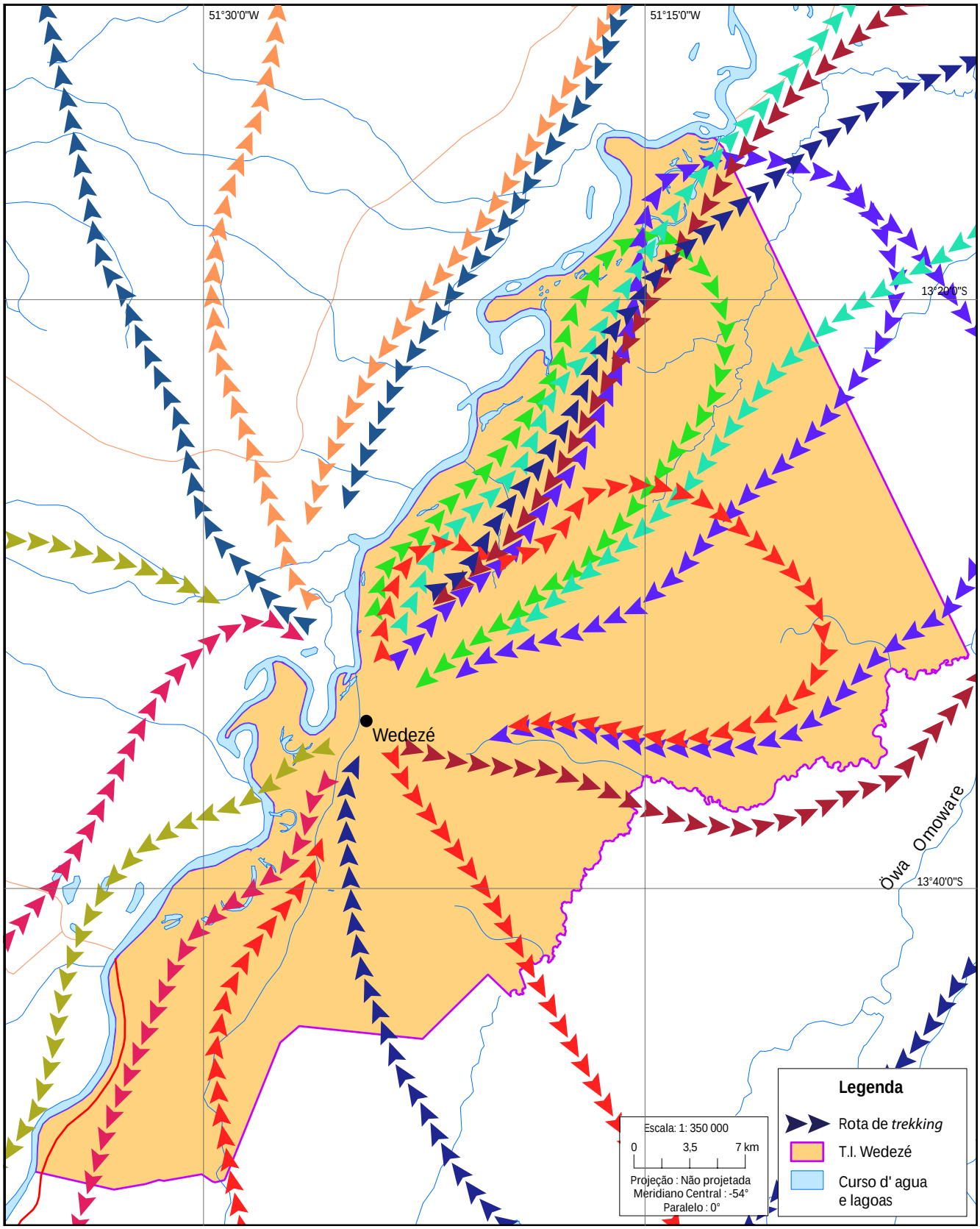
> Não raro a comunidade divide-se em grupos que tomam inicialmente direções diferentes, mas que voltam a se reunir depois de um pequeno intervalo [...]. De modo geral, é possível dizer que o território de uma determinada comunidade era a área que ela conseguia explorar nas suas andanças, durante o espaço de um ano.

Ainda segundo esse autor, quando os Xavante viveram em Wedezé nos anos 1950, as excursões eram combinadas por ocasião das reuniões do conselho dos homens (*warã*) e duravam entre seis semanas a quatro meses, com muitas pessoas passando boa parte do ano longe da aldeia principal (Maybury-Lewis 1984). Segundo mapa preparado por Maybury-Lewis referente ao ano de 1958 (Maybury-Lewis 1984:100), seis diferentes grupos familiares deixaram Wedezé, partindo nas seguintes direções: (1) rumo ao nordeste, seguindo a margem direita do Rio das Mortes até próximo do ponto no qual o Rio Cristalino encontra o Rio Araguaia; (2) também rumo ao nordeste, cruzando o Rio Cristalino para até próximo do extremo sul da Ilha do Bananal; (3) para o sudeste, na direção de Cocalinho; (4) para o sudoeste, após cruzar o Rio das Mortes; (5) para o noroeste, após cruzar o Rio das Mortes e alcançando o Rio São João; e (6) também para o noroeste, rumo a Marãiwasede.

A Figura 5.9 apresenta, de forma combinada, os dados sobre as rotas de *trekking* registradas por Maybury-Lewis para 1958, com aqueles obtidos com base nas entrevistas realizadas entre outubro de 2009 e julho de 2010, para o período de 1956-1972. Esse mapa indica, de forma evidente, um aspecto frequentemente enfatizado pelos velhos – segundo eles, quando viviam em Wedezé, toda a área era utilizada durante as excursões de *trekking* e muitas dessas excursões ultrapassavam os limites da T.I. Wedezé propriamente. Segundo as entrevistas, as excursões realizadas na região de Wedezé sempre seguiam as cabeceiras dos rios, onde a diversidade de alimentos e outros recursos é maior. Ao acampar nessas áreas, as mulheres tinham maior acesso aos vários produtos da coleta valorizados pelos Xavante. Considerando o objetivo dos homens de realizar caçadas coletivas durante as excursões, por vezes saiam dos acampamentos e rumavam em direção aos campos localizados nos interflúvios, com vistas a aproveitar a abundância da caça lá existente.

Essa priorização resultou em diversos padrões de movimentação em Wedezé. Primeiro, muitas excursões eram iniciadas com os grupos se dirigindo para a região mais ao norte, ao longo da margem direita do Rio das Mortes. Nesse caso, o retorno se dava por diferentes rotas pelo leste e sudeste, cruzando

Figura 5.9. Rotas de *trekking* percorridas pelos Xavante de Wedezé entre as décadas 1950 e 1970.



Fontes: Maybury-Lewis, (1984:100) e entrevistas concedidas pelos velhos das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa.
Obs.: Diferentes cores são utilizadas para indicar as rotas específicas. Cada rota originou-se da aldeia histórica de Wedezé e para lá retornou.

rios e áreas de palmais, brejos, ipucas ou matas secas. Outras rotas dirigiam-se para o sul e sudeste, retornando pelo leste ou oeste. Como indicado pelos velhos durante as entrevistas, mudanças nas rotas podiam acontecer face à disponibilidade de caça e das plantas que os Xavante tinham interesse em coletar. Essas decisões faziam com que as rotas fossem planejadas de modo a cruzar rios ou campos de murundu. Era comum que os Xavante atravessassem os rios das Mortes, Água Preta e Cristalino durante essas excursões de *trekking*. Os recursos existentes, assim como os acampamentos visitados, continuam até hoje a ser reconhecidos pelos Xavante. Isso porque as excursões envolviam repetidas visitas a certos locais em diferentes estações do ano e em diferentes anos. Como descrito no Capítulo 3, a maioria das atuais aldeias Xavante está situada em locais que, no passado, eram utilizados para acampamentos.

Na maior parte dos casos, a sequência de locais onde se acampava durante as excursões seguia um padrão comum, baseado no conhecimento quanto aos recursos lá existentes e também no tempo necessário para que as famílias ou os grupos de homens viajassem entre eles. Para dar um exemplo, a partir da margem esquerda do Rio das Mortes, uma sequência comum de locais de acampamento durante excursões de *trekking* que partiam de Wedezé era a seguinte: (1) um local às margens do Ribeirão Água Amarela, no lado oeste do Rio das Mortes; (2) o local onde atualmente se situa a aldeia Caçula; (3) o local onde existiu no passado uma aldeia chamada Asereré; (4) o local onde se localiza a atual aldeia de Pimentel Barbosa e (5) o local onde se situa a atual aldeia de Wederã.

Tradicionalmente, essas expedições constituíam um aspecto importante da economia Xavante porque permitiam que as famílias obtivessem recursos alimentares presentes em abundância em épocas específicas e em locais dispersos pelo território (Maybury-Lewis 1984). Isso era especialmente importante em épocas do ano quando os produtos agrícolas não estavam disponíveis. No passado, o *trekking* teve consequências importantes para a composição populacional das aldeias e para as formas de atividades produtivas praticadas. Por exemplo, a população das aldeias era altamente variável dependendo da época do ano. Durante o período de colheita, quando muitas cerimônias importantes aconteciam, as aldeias estavam geralmente com uma população maior. Em outras épocas, quando a maior parte das famílias estava praticando *trekking*, ficavam com menos pessoas. O *trekking* também resultou em uma forma de territorialidade particular. Já na fase de expansão das frentes demográficas e econômicas não-indígenas, enquanto vastas áreas de cerrados da região eram rapidamente substituídas por pastagens e agroindústria, a população Xavante protegia ativamente seu território de invasões externas. A alta mobilidade possibilitada pelo *trekking* em certa medida conferiu uma vantagem defensiva aos Xavante ao mesmo tempo que alimentou sua reputação de "ferocidade", desencorajando a instalação de colonos e fazendeiros no leste mato-grossense até meados do século XX. Nas últimas décadas, a frequência da prática de *trekking* diminuiu devido ao fato de os Xavante serem circunscritos geograficamente por fazendas e experimentarem um processo de sedentarização associado a um conjunto de fatores históricos e socioeconômicos, o que a frente será discutido com maior detalhe.

Uma breve revisão acerca da forma como se deu a "pacificação" e subsequente assentamento dos Xavante é de fundamental importância para se entender o atual padrão de territorialidade e economia. Historicamente, sua alta mobilidade, levando-os a explorar grandes extensões territoriais, era vista como um dos principais desafios para o sucesso de uma política indigenista que almejava assentar os povos indígenas em territórios circunscritos e liberar o restante da terra para a colonização. A agricultura era vista como a principal estratégia por meio da qual os Xavante poderiam vir a ser convencidos a abandonar seus costumes "nômades" e a permanecer dentro dos limites de um território pré-definido e demarcado pelo órgão indigenista. Segundo Maybury-Lewis (1984:94):

> O Serviço de Proteção aos Índios tentou insistentemente persuadir os Xavante a cultivar outras plantas, especialmente o aipim (macaxeira), arroz e bananas. As razões para esse procedimento são facilmente identificáveis: enquanto os Xavante continuassem sua existência nômade eles não explorariam satisfatoriamente, do ponto de visto econômico, seu território. Eles ocupavam uma extensão de terra que poderia sustentar um número bem maior de agricultores. Estava claro que, com o passar do tempo, essa região do Mato Grosso seria aberta à colonização e que os Xavante teriam de enfrentar o problema de sobreviver numa fração de seu território original. Se pudessem ser induzidos a incorporar a agricultura, teriam a vantagem de poder se adaptar, aos poucos, a uma situação inevitável; além disso, a tarefa de administrá-los seria bem mais fácil.

No que pese os investimentos iniciais do SPI, foram necessárias algumas décadas após a "pacificação" para que os Xavante efetivamente iniciassem o processo de sedentarização das aldeias, passando a habitar um mesmo local durante a maior parte do ano e a fixar suas aldeias de maneira quase permanente, geralmente próximas a um posto indígena ou missão. Segundo Silva (1992), a década de 1960 foi um período no qual os Xavante absorveram os impactos do contato, foram expostos à rotina diária das missões e postos governamentais e acostumaram-se a usar produtos industrializados.

As décadas de 1960 e 1970 não foram apenas as imediatamente subsequentes ao contato permanente dos Xavante, mas também aquelas quando o Governo Federal deu início e efetivamente implantou uma série de programas planejados para desenvolver o leste de Mato Grosso. Esses programas envolveram basicamente a construção de rodovias e a intensificação da migração, associadas ao estabelecimento de projetos agrícolas e de colonização que mudaram definitivamente a cartografia da região. Foram implantados núcleos urbanos de apoio rural que, gradativamente, transformaram-se nas principais cidades que hoje exercem influência sobre a vida dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé – Água Boa, Canarana e Ribeirão Cascalheira, dentre outras (Jepson 2006; Oliveira 1981; Santos 1993).

As atuais terras homologadas pertencentes ao povo Xavante foram demarcadas no fim da década de 1960 e início da de 1970, em meio a essas rápidas e profundas transformações sociais. Não é de se surpreender que esse tenha sido um período de intensas disputas e generalizada especulação fundiária.

Fortes interesses econômicos estiveram envolvidos nesse processo. Ao final, os territórios destinados à ocupação pelos grupos Xavante foram limitados a pequenas frações de terra isoladas umas das outras, ao passo que as terras em volta das missões e postos do SPI eram compradas e ocupadas por colonos e fazendeiros, algumas dessas somando milhares de hectares.

Passados anos durante os quais fazendeiros adquiriram grandes extensões de terras dentro do território tradicional Xavante, quando a FUNAI deu início ao processo demarcatório, os resultados não agradaram a ninguém, nem aos índios nem aos proprietários. Por um lado, os fazendeiros alegavam que as reservas subtraíam "terras produtivas" ao Estado de Mato Grosso. Por outro, os índios reclamavam que as áreas que haviam sido demarcadas não eram adequadas ou suficientes para sua sobrevivência, além de não incluírem áreas tradicionais onde se localizavam aldeias antigas, cemitérios e outros sítios de valor histórico, cultural e cosmológico.

Fruto desse processo, os Xavante de Wedezé e Pimentel Barbosa experimentaram grandes mudanças na sua ecologia e subsistência entre as décadas de 1970 e 1990 (Coimbra et al. 2002). Essas mudanças estiveram intimamente associadas a processos socioeconômicos e políticos que ocorriam em nível nacional naquele período. O leste de Mato Grosso era um alvo importante dessa política (Brandford e Glock 1985; Hees et al. 1987; Menezes 1982; Oliveira 1981). Vários programas de colonização, financiados pelo capital privado, foram implementados com amplo apoio do governo por meio de crédito e incentivos fiscais. Como resultado dessa expansão, a população de Barra do Garças, a cidade mais importante da região, teve um crescimento superior a dez vezes entre meados da década de 1960 e final da de 1980, passando de 14 mil para 150 mil habitantes (Menezes 1982). A região tradicionalmente habitada pelos Xavante, que nos primórdios da colonização esteve dominada pela pecuária extensiva e agricultura de subsistência, em poucos anos tornou-se um polo de desenvolvimento econômico calcado na agricultura comercial de grande escala (Jepson 2006).

No final da década de 1970, técnicos da FUNAI em Brasília elaboraram o Plano de Desenvolvimento Integrado para a Nação Xavante, que ficou conhecido como Projeto Xavante (Coimbra et al. 2002; Garfield 2001; Graham 1995). As repercussões desse projeto foram profundas e duradouras na economia indígena. O Projeto Xavante foi uma manifestação da ideologia desenvolvimentista que predominou no Brasil nas décadas de 1970 e 1980.

O objetivo dessas iniciativas, alinhadas com as políticas governamentais e desenvolvimento econômico que ocorriam no leste do Mato Grosso, era transformar os Xavante em grandes produtores de arroz, por meio da agricultura mecanizada. A estratégia Xavante de subsistência, baseada na exploração extensiva do cerrado sem almejar a produção de excedentes, era considerada incompatível com os processos econômicos que ocorriam na região, direcionados para a agricultura de escala comercial. Com isso, em poucos anos, a economia Xavante transformou-se radicalmente, passando a requerer investimentos maciços em sementes, fertilizantes e pesticidas, bem como máquinas com alto custo de manutenção.

O Projeto Xavante foi provavelmente o mais ambicioso em extensão e escala que qualquer outro projeto elaborado pela FUNAI no início dos anos

1970. Os antropólogos que testemunharam as várias fases do projeto nas terras indígenas Xavante referem-se a ele como "colossal" (Graham 1995:44), envolvendo "investimentos altíssimos" (Lopes da Silva 1992:376). Maybury-Lewis, que visitou várias terras indígenas Xavante em uma época em que o projeto estava em plena atividade, escreveu, "O Projeto Xavante é inquestionavelmente o projeto de desenvolvimento mais ambicioso já empreendido nos últimos anos pela FUNAI em benefício de um único grupo indígena" (Maybury-Lewis 1985:77).

Entre 1980 e 1985, o Projeto Xavante estava no auge. A rápida proliferação de novas aldeias nas terras indígenas Xavante nessa época foi, em parte, o resultado das condições criadas pelo projeto. Uma nova aldeia poderia reivindicar um "projeto" próprio, com um trator, um caminhão e salários (Graham 1987). Mas, se nos gabinetes de Brasília os burocratas imaginaram que o projeto manteria os líderes Xavante em suas aldeias, envolvidos nas plantações de arroz, ocorreu algo muito diferente. Os líderes Xavante passaram a se deslocar frequentemente para Brasília, fazendo constantes exigências à administração da FUNAI, que na época atravessava um período crítico de instabilidade.

Não demorou muito para que o projeto mostrasse sinais de que não iria tornar os Xavante economicamente autônomos. Ao contrário, ficou evidente que, para continuar em operação, o programa requereria subsídios constantes. Uma das razões do fracasso foi que o projeto não forneceu aos Xavante a preparação técnica necessária para administrar um empreendimento que exigia conhecimento de finanças, *marketing* e agricultura mecanizada em larga escala.

A conclusão a que a maioria dos observadores chegou com relação ao Projeto Xavante é a de que este não foi apenas um desastre econômico, mas trouxe também consequências sociais não previstas para as comunidades envolvidas. Uma consequência direta do Projeto Xavante foi a incorporação do arroz como alimento básico na economia do grupo, apesar de não ter logrado a autossuficiência econômica. Particularmente nos anos 1970 e 1980, mas também nos dias de hoje, a produção de arroz passou a se constituir em uma das principais atividades produtivas das famílias Xavante. Tanto naquela época quanto agora, quando o arroz é produzido nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa exclusivamente para consumo indígena, trata-se de um item básico na maioria das refeições, por vezes consumido sem quaisquer outros itens oriundos da caça, pesca, coleta ou agricultura tradicionais. Essa mudança fundamental no padrão alimentar contribuiu para a emergência de diversos problemas de saúde, incluindo a desnutrição em crianças, a obesidade em adultos, o aumento dos níveis tensionais e surgimento de casos de hipertensão, diabetes e outras doenças crônicas (Coimbra et al. 2002; Welch et al. 2009).

O Projeto Xavante ocorreu em conjunção com outras importantes mudanças políticas e socioeconômicas que, somadas, resultaram em um estilo de vida mais sedentário para os Xavante de Wedezé e Pimentel Barbosa. Num curto prazo, o projeto estimulou maior acesso a fontes de recursos financeiros e maior participação na economia de mercado, assim como a intensificação do envolvimento dos homens em atividades políticas externas às aldeias, tanto nos níveis regional quanto nacional. Nessa ocasião, os limites atuais da T.I. Pimentel Barbosa tinham sido estabelecidos há pouco tempo e se en-

contravam em processo de homologação, o que contribuiu para consolidar o padrão de circunscrição territorial dessa terra indígena pelas fazendas. Além disso, durante esse período, a FUNAI disponibilizou atendimento básico de saúde nos postos indígenas e amplo acesso a bens industrializados. Esses e outros fatores de cunho histórico deflagaram um longo processo de transição que tendeu a distanciar os Xavante do padrão de mobilidade que caracterizou os períodos pré e imediatamente pós-contato. A prática do *trekking* tornou-se menos frequente, conforme as pessoas tendiam a permanecer em suas aldeias e nas proximidades dos postos da FUNAI. Os Xavante também passaram a utilizar cada vez mais veículos motorizados para viajarem tanto no interior como além dos limites da T.I. Pimentel Barbosa.

Do ponto de vista biomédico, o processo de sedentarização entre os Xavante contribuiu para a redução da diversidade da alimentação e diminuição dos níveis de atividade física, o que tem tido impacto negativo sobre a saúde da população (Coimbra et al. 2002; Welch et al. 2009). Além disso, entre os mais jovens a tendência à sedentarização restringiu o acesso a locais dispersos no território onde existem importantes recursos naturais, desse modo impactando negativamente na reprodução intergeracional de saberes culturalmente relevantes referentes ao ambiente.

Outra consequência do Projeto Xavante foi o aumento no faccionalismo, resultando na intensificação do processo de divisão de aldeias e no aparecimento de um número crescente de comunidades relativamente pequenas (Graham 1987, 1995; Lopes da Silva 1992). O modo como o projeto foi implementado incentivou líderes emergentes a fundar suas próprias aldeias com o objetivo de receber benefícios diretamente da FUNAI. O número de aldeias reconhecidas pela FUNAI saltou de 16 em 1980 para 35 em 1985. Cinco dessas 35 tinham menos de 30 habitantes (Graham 1995). Na T.I. Pimentel Barbosa surgiram duas novas aldeias (Caçula e Tanguro) nesses anos.

Na década de 1990, houve um visível recuo da presença da FUNAI nas terras Xavante. Esse fato coincidiu com amplos realinhamentos políticos no nível federal, que se deram ao longo dos anos 1990 e incluíram a redução do quadro administrativo, descentralização, redução da participação do Estado na economia e liberalismo econômico. Os programas assistenciais da FUNAI foram seriamente afetados por essa reorganização. Com o orçamento reduzido, os postos indígenas foram abandonados e a pouca assistência nas áreas de educação e saúde que a FUNAI oferecia foi praticamente suprimida (Coimbra et al. 2002).

Do ponto de vista de sua participação na politica e econômica regional e nacional, a sociedade Xavante passou por importantes transformações desde meados da década de 1980. Desde então, verificou-se um envolvimento crescente das lideranças Xavante na política nacional, inclusive por ocasião da realização da Assembleia Constituinte que resultou na promulgação da Constituição de 1988 (Juruna et al. 1982; Souza et al. 1981). Durante a assembleia, a presença de um efetivo *lobby* indígena, constituído em sua maior parte por índios Kayapó e Xavante ritualisticamente pintados e adornados, manteve presente na mídia a questão dos direitos indígenas. Segundo Ramos (1998), a eficácia desse *lobby* deveu-se grandemente aos esforços da UNI (União de Nações Indígenas), uma organização fundada em 1980 por Ailton Krenak e

um grupo de lideranças jovens que incluía representantes de diversas terras indígenas Xavante. No bojo dessa militância política, em 1988 foi fundada a Associação dos Xavante de Pimentel Barbosa.

Com o fracasso do projeto de cultivo mecanizado de arroz em meados da década de 1980, bem como as mudanças estruturais na provisão de serviços públicos para as populações indígenas, as diversas comunidades Xavante começaram a buscar alternativas para sua histórica dependência da FUNAI. Um resultado foi que os Xavante, a partir da participação de um conjunto de jovens que saíram da terra indígena nas décadas de 1970 e 1980 para estudar em cidades no interior de São Paulo, se envolveram com ONGs nacionais e internacionais, especialmente as que apoiam as culturas indígenas e programas ambientais (Coimbra et al. 2002; Franca 2007). Ao retornarem, eram jovens não apenas alfabetizados e fluentes em português, como também com crescentes ligações nacionais e internacionais, e que se empenharam na divulgação da cultura Xavante. Esse realinhamento teve paralelo com o que acontecia em outras regiões da Amazônia, onde havia uma presença crescente de ONGs promovendo programas de proteção ambiental associados ao desenvolvimento comunitário.

O padrão de subsistência dos Xavante observado a partir dos anos 1990 foi particularmente influenciado pelo fluxo de dinheiro oriundo de salários e pensões da previdência social. Na época do Projeto Xavante, alguns Xavante se tornaram funcionários da FUNAI nas funções de motorista, tratorista, assistente administrativo ou encarregado do posto indígena, e muitos ainda mantêm esses cargos. No presente, há um conjunto expressivo de idosos recebendo aposentadorias. Esses recursos possibilitam a compra de produtos manufaturados aos quais se habituaram e que hoje são necessários à sua vida cotidiana.

No final dos anos 1990, os caciques, alguns dos quais eram aqueles jovens que haviam estudado fora, continuaram a estabelecer relações com indivíduos e instituições em níveis nacional e internacional. Assim, foram desenvolvidos diversos projetos voltados para a questão ambiental, alguns dos quais com desdobramentos até hoje. O lançamento, em 1994, pela Quilombo Música e Warner Music Brasil, de *Etenhiritipá*, um CD de músicas Xavante, levou a uma sessão de gravação na aldeia de Pimentel Barbosa, então também conhecida como Etênhiritipá, com o grupo de *rock* Sepultura, com grande repercussão na mídia (Almudena 1995; Anônimo 1995; Vianna 1996). Em 1992, a aldeia de Pimentel Barbosa hospedou, por duas semanas, um grupo de adolescentes alemães cuja visita foi patrocinada por uma revista ambientalista de circulação nacional (Pappiani 1992).

Em 1997, os Xavante da aldeia de Pimentel Barbosa, com a assistência do Núcleo de Cultura Indígena (NCI), produziram um livro, *Wamrêmé Za'ra: Nossa Palavra* (Sereburã et al. 1998), para lembrar à sua maneira os 50 anos desde o contato às margens do Rio das Mortes. Jovens da comunidade, alfabetizados em ambas as línguas, gravaram e traduziram mitos Xavante e reminiscências dos mais velhos do tempo do contato (Sereburã et al. 1998). Ao mesmo tempo, uma mostra em São Paulo incluiu fotografias da "pacificação" dos Xavante em 1946, do acervo do Museu do Índio, no Rio de Janeiro. Essas fotos históricas, juntamente com outras recentes tiradas na comunidade, constam do livro. O

NCI também produziu um vídeo que tenta apresentar a história do contato do ponto de vista dos participantes (Pereira 1997).

Essas primeiras publicações deram início a uma grande produção cultural das aldeias na década de 2000. Em colaboração com artistas e outras organizações (não governamentais e governamentais), as diferentes comunidades lançaram diversos produtos nos mercados nacional e internacional que divulgaram aspectos da cultura Xavante para o público. Na área de filmagem, foram produzidos documentários sobre os rituais espirituais (Waiassé e Prodoti 2005), as estratégias da comunidade para lidar com a sociedade nacional (Franca 2007), a alimentação tradicional (Xavante e Parinai'á 2007) e a vida das mulheres (Abreu e Flória 2010; Flória 2008), entre outros. Dentre as diversas apresentações e exposições que foram realizadas nesse período, vale mencionar que, para comemorar o Dia do Índio em 2005, o Museu do Índio/FUNAI promoveu a exposição *A'uwẽ Xavante: Múltiplos Olhares*. Membros das comunidades também têm se envolvido nas artes cênicas como consultores e atores, como na peça de 2004, intitulada *In My Dream, I Start Walking*, dirigida por Jean Lambert-Wild. Essas diversas produções culturais recentes ilustram que os Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa estão envolvidos em iniciativas que visam divulgar sua cultura junto ao público brasileiro e internacional.

6. Plantas e animais de interesse tecnológico e alimentar

Os Xavante da região de Wedezé e Pimentel Barbosa mantém estreitos laços com o ambiente em que vivem, fazendo amplo uso de elementos da flora e fauna locais. Do ponto de vista etnobiológico, jovens e adultos de ambos os sexos reconhecem grande número de espécies vegetais e animais, sendo ainda capazes de identificar os seus usos e apontar o tipo de ambiente em que vivem. O objetivo desse capítulo é introduzir o leitor ao universo das plantas e animais de interesse tecnológico e alimentar para os Xavante, contemplando a identificação das áreas do território em que as espécies são encontradas, com ênfase para a T.I. Wedezé, e indicando os seus usos.

É importante salientar que, atualmente, há uma única aldeia na região englobada pela T.I. Wedezé, ainda que em vários momentos anteriores da história Xavante tenham ocorrido múltiplas ocupações dessa área. Porém, além dos habitantes daquela aldeia propriamente dita, os Xavante de todas as aldeias existentes na T.I. Pimentel Barbosa utilizam regularmente a área de Wedezé para sua subsistência.

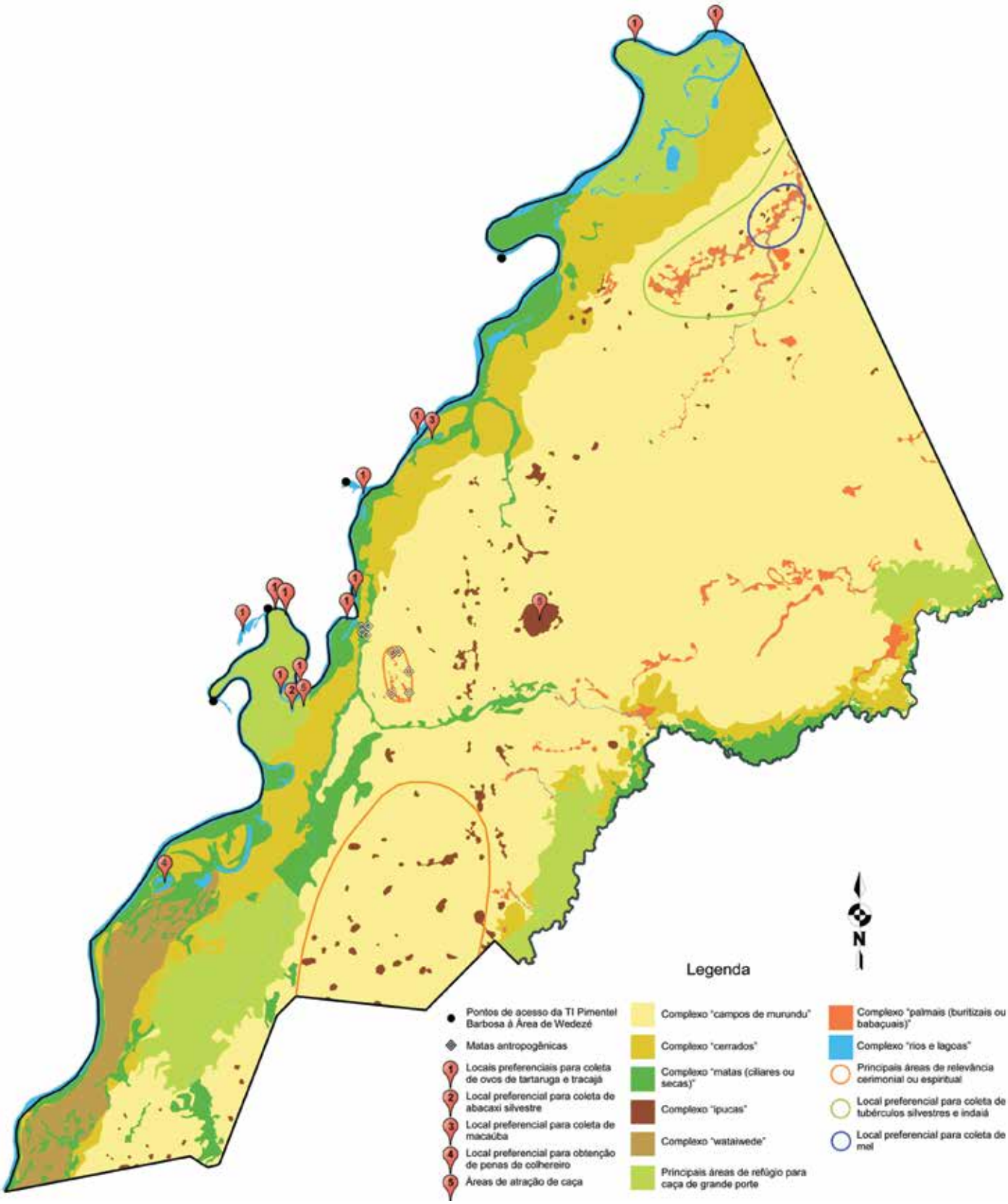
No presente, no que pese o interesse unânime dos Xavante pela região de Wedezé, muitos se mostram relutantes em visitar determinados setores da terra indígena devido à animosidade dos fazendeiros, pois não desejam conflitos. Mesmo não podendo visitar a região com a frequência desejada, os mais velhos das atuais aldeias da T.I. Pimentel Barbosa que viveram em Wedezé entre as décadas de 1950 e 1970 se recordam dos locais que eram econômica e culturalmente importantes para os Xavante, e procuram manter viva essa memória entre os jovens, estimulando-os a conhecer os rios, lagoas, matas e campos existentes em Wedezé.

A Figura 6.1 apresenta um mapa com as principais áreas de uso econômico e os locais preferenciais para a realização de atividades de subsistência na T.I. Wedezé. Ao longo deste capítulo serão feitas contínuas referências a esse mapa.

Vegetação de valor alimentar, tecnológico e cultural

Como mencionado na descrição dos métodos de pesquisa sobre o componente etnobiológico no Capítulo 1, muito do conhecimento botânico tradicional dos Xavante é, por convenção cultural, considerado secreto, pertencendo a indivíduos, famílias ou segmentos específicos da sociedade. Portanto, segundo esse princípio Xavante de propriedade de conhecimentos sobre as plantas, não é considerado apropriado compartilhar determinados saberes com pessoas que, por direito, não sejam também condideradas donas desses conheci-

Figura 6.1. Áreas de importância cultural e econômica na T.I. Wedezé, 2010.



mentos. Esse princípio se faz particularmente importante no caso das plantas de usos medicinal, cerimonial ou de valor espiritual. Por essa razão, no que diz respeito ao componente etnobiológico desse trabalho, optamos por enfocar dois domínios específicos que não são considerados de pertencimento específico na sociedade Xavante: plantas de importância alimentar e tecnológica. Vale mencionar que, no âmbito das plantas utilizadas como alimento, estamos cientes acerca da existência de restrições sobre o uso de determinadas raízes e tubérculos silvestres, cujo conhecimento é de domínio feminino. Nesse caso, serão aqui apresentados apenas os nomes na língua Xavante de conhecimento geral, omitindo-se as identificações científicas.

A Tabela 6.1 apresenta uma lista parcial das plantas silvestres (não cultivadas) de importância alimentar para os Xavante. Quando disponíveis, são indicadas as identificações científicas aos níveis de família e gênero e/ou espécie, assim como os nomes em português e em Xavante. Também são apresentadas informações sobre as partes da planta que são consumidas e os locais onde ocorrem. Do total de 57 plantas listadas, 27 têm indicações de gênero ou espécie e 21 de família. Nomes científicos não estão disponíveis para nove plantas. As famílias com maior número de plantas silvestres utilizadas como alimento são Dioscoreaceae (12 espécies), Arecaceae (10), Fabaceae (6) e Rubiaceae (4, além de uma possível espécie adicional). Quanto às partes consumidas, predominam os frutos (34 plantas), raízes e tubérculos (23), e palmitos (3).

Como descrito no Capítulo 5, no que diz respeito à economia Xavante, a coleta de alimentos é primariamente uma atividade feminina. Não obstante, os homens, quando caçando ou em excursões, por vezes também coletam produtos específicos. É comum ver mulheres chegando à aldeia com cestos cheios de frutos e outros produtos coletados, algo menos frequente no caso dos homens. Os produtos coletados são predominantemente divididos no próprio domicílio com parentes próximos e por vezes com vizinhos. Na aldeia Wedezé, talvez mais do que nas aldeias da T.I. Pimentel Barbosa, plantas coletadas constituem parte importante da dieta. Isso ocorre porque, à época de nossas pesquisas, os habitantes dessa aldeia não possuíam meio de transporte para as cidades próximas, e a maior parte não recebia salários, cestas básicas ou outros benefícios sociais. Desse modo, as mulheres da aldeia Wedezé saem regularmente para coletar.

Os alimentos silvestres de origem vegetal listados na Tabela 6.1 ocorrem em vários tipos de vegetação e são coletados nas mais diversas áreas da T.I. Wedezé. A maior parte das plantas listadas (64,9%) é encontrada em matas. Matas secas, cerradão e ipucas constituem locais preferenciais de coleta e são visitados pelas mulheres com frequência. Esses ambientes encontram-se amplamente distribuídos em Wedezé, formando manchas dispersas. Do total de plantas listadas, 45,6% ocorrem em áreas de cerrado. Na região de Wedezé, os cerrados situam-se predominantemente ao longo da margem direita do Rio das Mortes e na margem esquerda do Rio Água Preta, entre matas ciliares e campos de murundu. Esses cerrados se estendem desde o extremo norte até o sul da terra indígena.

Aproximadamente um quarto das plantas listadas na Tabela 6.1 pode ser encontrada nos campos de murundu, sendo que 35,3% dos frutos e 4,3 dos

Tabela 6.1. Lista parcial de plantas de importância na alimentação dos Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa.

Família botânica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Porção consumida	Local de ocorrência
Anacardiaceae	*Anacardium* spp.	Caju; Cajuí	*mõ'õnito*	Frutos	Campos de murundu, cerrados
Apocynaceae	*Hancornia speciosa*	Mangaba	*ritó*	Frutos	Campos de murundu, cerrados
Arecaceae	*Acrocomia aculeata*	Macaúba	*a'ódo* (*sé, se'u'ẽne*)	Frutos, palmitos	Cerrados
Arecaceae	*Astrocarium* sp.	Tucum	*zö'rãi'ró*	Frutos	Cerrados, matas
Arecaceae	*Attalea* sp.	Indaiá	*nõnõre*	Frutos	Campos de murundu, cerrados
Arecaceae	*Bactrys* sp.	Coquinho	*tirire*	Frutos	Cerrados
Arecaceae	*Mauritia flexuosa*	Buriti	*uzu*	Frutos	Matas, buritizais
Arecaceae	*Mauritiella armata*	Buritirana	*asereré*	Frutos	Buritizais, brejos, matas
Arecaceae	*Oenocarpus bacaba*	Bacabá	*wa'a*	Frutos	Matas
Arecaceae	*Atallea speciosa*	Babaçu	*nõrõ*	Frutos, palmitos	Babaçuais, cerrados, matas
Arecaceae	*Scheelea phalerata*	Uricuri	*tirisu'a*	Frutos	Cerrados
Arecaceae	—	Coquinho	*tiri*	Frutos, palmitos	Matas
Bromeliaceae	*Ananas* spp.	Abacaxi-do-cerrado	*apsí*	Frutos	Cerrados, tabocais, matas e campos de murundu
Caryocaraceae	*Caryocar brasiliense*	Pequi-do-cerrado	*abareture*	Frutos	Cerrados
Caryocaraceae	*Caryocar* sp.	Pequi-da-mata	*abaré*	Frutos	Cerrados, matas
Chrysobalanaceae	*Couepia grandiflora*	Oiti	*wede'rãwasa*	Frutos	Campos de murundu, matas
Dioscoreaceae**	*	—	*mo'õni*	Raízes e tubérculos	Matas
Dioscoreaceae**	*	—	*mo'õnihöi're*	Raízes e tubérculos	Cerrados, matas
Dioscoreaceae**	*	—	*mo'õnisupó*	Raízes e tubérculos	Cerrados, tabocal
Dioscoreaceae**	*	—	*mo'õniwapru*	Raízes e tubérculos	Matas, tabocal
Dioscoreaceae**	*	—	*parabubu*	Raízes e tubérculos	Buritizais, matas
Dioscoreaceae**	*	—	*patede*	Raízes e tubérculos	Cerrados, matas
Dioscoreaceae**	*	—	*patetehöi'wawi*	Raízes e tubérculos	Matas
Dioscoreaceae**	*	—	*patetesui'ré*	Raízes e tubérculos	Matas
Dioscoreaceae**	*	—	*pizi*	Raízes e tubérculos	Matas
Dioscoreaceae**	*	—	*pono'ẽ'ré*	Raízes e tubérculos	Cerrados, matas
Dioscoreaceae**	*	—	*tõmosu*	Raízes e tubérculos	Matas

(continuação Tabela 6.1.)

Família botânica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Porção consumida	Local de ocorrência
Dioscoreaceae**	*	—	*ubdi*	Raízes e tubérculos	Paisagens antropogênicas
Fabaceae	*	—	*wededu*	Raízes e tubérculos	Matas
Fabaceae (Caesalpinioideae)	*Hymenaea courbaril*	Jatobá-da-mata	*a'õ*	Frutos	Matas
Fabaceae (Caesalpinioideae)	*Hymenaea* sp.	Jatobá	*te'rö*	Frutos	Campos de murundu
Fabaceae (Caesalpinioideae)	*Hymenaea stigonocarpa*	Jatobá-do-cerrado	*a'õ'õirê*	Frutos	Cerrados
Fabaceae (Faboideae)	*Dipteryx alata*	Baru	*wede'rã'pó*	Frutos	Campos de murundu, cerrados, matas
Fabaceae (Mimosoideae)	*Inga* spp.	Ingá	*rẽnhõ*	Frutos	Matas
Lamiaceae	*Vitex polygama*	Tarumã	*berãsirã*	Frutos	Matas
Malpighiaceae	*Byrsonima* spp.	Murici	*wesu'a're*	Frutos	Campos de murundu, cerrados
Marantaceae**	*	—	*uzusiwã'a*	Raízes e tubérculos	Matas, tabocais
Marantaceae**	*	—	*wö*	Raízes e tubérculos	Matas
Marantaceae**	*	—	*wö uriré*	Raízes e tubérculos	Campos de murundu
Moraceae	*Brosimum gaudichaudii*	Mama-cadela	*zera'ẽ'rã*	Frutos	Campos de murundu, cerrados
Myrtaceae	*Eugenia dysenterica*	Cagaita	*warazú'asazé*	Frutos	Campos de murundu, cerrados
Rubiaceae	*Cordiera macrophylla*	Marmelo do cerrado	*tõmoti*	Frutos	Cerrados, matas
Rubiaceae	*Genipa americana*	Jenipapo	*wede'rã*	Frutos	Matas
Rubiaceae	—	—	*tõmõti'rãirudu*	Frutos	Cerrados
Rubiaceae	—	—	*tõmotitopsú*	Frutos	Cerrados
Rubiaceae (?)	—	—	*tinini*	Frutos	Campos de murundu, cerrados
Sapotaceae	*Pouteria ramiflora*	Curiola	*wai'ré*	Frutos	Campos de murundu, cerrados
Zingiberaceae**	*	—	*sibzibi*	Raízes e tubérculos	Matas, tabocais
—	*	—	*buruwö*	Raízes e tubérculos	Matas, tabocais
—	*	—	*mai'are*	Raízes e tubérculos	Matas, tabocais
—	*	—	*rãtepewé*	Raízes e tubérculos	Matas
—	*	—	*uzapódó*	Raízes e tubérculos	Campos úmidos, matas

(continuação Tabela 6.1.)

Família botânica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Porção consumida	Local de ocorrência
—	*	—	*uzusiwã'a*	Raízes e tubérculos	Matas, tabocal
—	*	—	*wapsãparahí* (*wapsãnhib'ratahí*)	Raízes e tubérculos	Matas
—	—	Coroinha	*titopré*	Frutos	Cerrados
—	—	—	*wedezé*	Frutos	Matas
—	—	—	*wetẽ'rãti*	Frutos	Matas

(–) Táxon não identificado.
(?) Táxon provável, baseado em avaliação coletiva a partir de imagens disponibilizadas em guias de campo publicadas recentemente (Silva Jr et al. 2005; Silva Jr. e Pereira 2009) durante oficina realizada com homens velhos na aldeia Pimentel Barbosa (14/05/2010).
(*) Divulgação da espécie não autorizada pelos Xavante.
(**) Apud Leeuwenberg (2007).
Obs.: "Matas" inclui matas de galeria, ciliar, cerradão e mata seca com ou sem "tabocal". Não foram incluídas plantas domesticadas.

tubérculos e raízes valorizados como alimento pelo Xavante crescem nesse ambiente. Esse é o tipo de vegetação mais comum em Wedezé, ocupando parte expressiva da área que se entende desde o Rio das Mortes até o Água Preta.

Buritizais e babaçuais ocorrem em áreas da T.I Wedezé que apresentam água de forma perene. Segundo os Xavante, buritizais com quilômetros de extensão (*uiwedenom'rohö*) estão localizados no extremo sul da terra indígena, entre os rios das Mortes e São Domingos, na área denominada Wataiwede (vide Figura 6.1). Trata-se de um ambiente que apresenta complexa composição botânica devido às influências, ao longo do tempo, do curso do Rio das Mortes. Grandes babaçuais (*nõrõwede* em Xavante) também ocorrem em Wedezé, especialmente ao longo das margens do Rio Água Preta. Verificam-se ainda extensos babaçuais no entorno do Morro de Wedezé, em associação a uma floresta antropogênica resultante de sucessivas ocupações Xavante a partir de meados do século XIX. Por sua proximidade, esse babaçual é muito usado pelos atuais residentes da aldeia Wedezé em suas atividades de coleta.

Dentre as 33 plantas cujos frutos são utilizados, 30 foram identificadas segundo família, gênero ou espécie, havendo predomínio de espécies da família Arecaceae (10 espécies). Dentre as plantas silvestres cujos frutos são consumidos pelos Xavante, 64,7% ocorrem em áreas de cerrado *strito senso* (Tabela 6.1). Outras 50,0% são obtidas em áreas de mata (de galeria, ciliares, cerradão ou matas secas) e 35,3% em campos de murundu. Além disso, 8,8% são encontradas em buritizais e babaçuais. Além dessas áreas, os Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa mencionam três locais específicos que são considerados importantes para a obtenção de certos frutos. O primeiro é a Lagoa Apsiré, localizada próxima do Rio das Mortes ao sul da aldeia Wedezé, que apresenta grande quantidade de abacaxi-do-cerrado (*Ananas* spp.) (vide o número 2 em vermelho na Figura 6.1). O segundo é a Lagoa Seré Nãrada, localizada ao norte da aldeia Wedezé, próxima a um curso d'água de mesmo nome, que se constitui em um local importante para a coleta de macaúba (vide o número 3 em vermelho na Figura 6.1). O terceiro é uma área de cerrado com palmais, no extremo norte da T.I Wedezé, valorizada pela concentração de indaiá (vide área delineada por linha verde na Figura 6.1).

Dentre as 23 plantas cujas raízes ou tubérculos são consumidos, 17 foram identificadas somente no nível de família. Dessas raízes, doze pertencem à família Dioscoreaceae, três à família Marantaceae, uma à Fabaceae e uma à Zingiberacae. A quase totalidade dessas espécies ou variedades de raízes ou tubérculos são consumidas assadas e os Xavante consideram esse grupo de alimentos como sendo extremamente saudável e capaz de fortalecer o corpo. A única raíz identificada na família Zingiberacae é utilizada no preparo de uma bebida também considerada benéfica para a saúde.

Plantas valorizadas por suas raízes e tubérculos comestíveis ocorrem em matas (87,0% das raízes e tubérculos indicados na Tabela 6.1), cerradões (13,0%), cerrados (17,4%), campos de murundu (4,3%), campos úmidos (4,3%) e ambientes antropogênicos (4,3%). As variedades de raízes e tubérculos que ocorrem em ambientes antropogênicos são cultivadas pelos Xavante nas roças. Por esse motivo, podem ser encontradas em roças antigas, inclusive naquelas abandonadas desde muitos anos.

Os palmitos de três espécies de palmeiras incluídas na Tabela 6.1 que são consumidos na alimentação (macaúba, babaçu e outra espécie não identificada) são, em geral, coletados pelas mulheres. Após secos, podem ser consumidos crús ou pilados, de modo a produzir uma farinha fina que é utilizada para preparar mingau e um tipo de bolo. Essas palmeiras ocorrem em áreas de cerrado, matas e babaçuais e encontram-se amplamente distribuídas na T.I. Wedezé.

A Tabela 6.2 apresenta uma lista parcial das plantas silvestres de usos tecnológicos, como, por exemplo, no fornecimento de madeira para a construção de casas, palha para confecção de cestos e esteiras e óleo para passar nos cabelos. Do total de 31 plantas, 24 têm indicações de gênero ou espécie. As famílias com maior número de plantas de importância tecnológica são Arecaceae (6 plantas), Fabaceae (4) e Annonaceae (3). Quanto às partes utilizadas, predominam a madeira (15 plantas), os frutos (7) e as folhas (4).

As plantas de uso tecnológico (Tabela 6.2) ocorrem principalmente nos seguintes tipos de vegetação na área de Wedezé: matas (58,1% das plantas), cerrados (25,8%), palmais e brejos (19,4%), paisagens antropogênicas (16,1%) e campos de murundu (6,5%). As matas são particularmente valorizadas pela presença do tucum, cuja madeira é empregada na confecção dos arcos de caça, e pela ocorrência de espécies de árvores que produzem resinas que os Xavante utilizam para purificar o corpo e promover o bem-estar espiritual. Destacam-se ainda nas matas algumas árvores de importância na construção de casas por possuírem fuste reto e madeira resistente, como o falso-pau-brasil, o jacarandá-da-mata (*Dalbergia densiflora*), a garapa (*Apuleia leiocarpa*) e a pindaíba-vermelha (*Cardiopetalum calophyllum*).

Para concluir esta seção, vale uma breve referência quanto ao uso de plantas para fins medicinais, cerimoniais e espirituais. Algumas dessas plantas são consideradas de conhecimento público entre os Xavante ou, por vezes, somente entre homens ou mulheres. Outras são de conhecimento ainda mais restrito, compartilhado somente entre membros de certos grupos sociais (por exemplo, homens participantes de grupos espirituais ou mulheres velhas) ou de grupos familiares (Maybury-Lewis 1984). Por exemplo, o conhecimento secreto das mulheres tende a ser transmitido matrilinearmente entre mães e filhas (Welch 2009). Alguns dos segredos mais valorizados pelas mulheres incluem plantas relacionadas à gravidez e ao parto, assim como ervas diversas empregadas em tratamentos. Os homens, por sua vez, também têm conhecimentos especializados sobre o uso de plantas de valor cerimonial e espiritual. Alguns desses conhecimentos envolvem os tipos de madeira utilizados para fazer brincos, fibras para a confecção de pulseiras e tornozeleiras, pós de origem vegetal para purificação e fortalecimento, assim como muitos outros que não são revelados. Para os Xavante, cada um desses itens apresenta qualidades específicas, como a de proteger, promover a saúde ou atrair coisas boas. Uma consequência do contexto social da etnomedicina Xavante é que esse conhecimento não é universal. Em alguns casos, indivíduos sem acesso a determinado conhecimento podem solicitar a pessoas que o detém que lhes preparem certos itens ou que lhes prestem um serviço específico. Por exemplo, um homem pode pedir a outro, de outra família, que lhe prepare um tipo específico de brinco. Homens e mulheres cotidianamente saem para coletar

Tabela 6.2. Lista parcial de plantas de valor tecnológico dos Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa.

Família botânica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Porção utilizada	Local de ocorrência
Annonaceae	*Cardiopetalum calophyllum*	Pindaíba-vermelha	*bururẽware*	Madeira, embira	Matas
Annonaceae	*Guatteria sellowiana*	Embira-preta	*wedetó'a*	Madeira, embira	Matas
Annonaceae	*Annona coriacea*	Marolo-do-cerrado	*tösiri*	Madeira	Cerrados
Arecaceae	*Attalea* spp.	Indaiá	*nõnõre*	Folha, fruto	Campos de murundu, cerrados
Arecaceae	*Mauritia flexuosa*	Buriti	*uzu*	Folha, madeira	Matas, buritizais
Arecaceae	*Mauritiella armata*	Buritirana	*asereré*	Folha	Buritizais, brejos, matas
Arecaceae	*Astrocaryum aculeatum*	Tucumã-da-mata	*umnhi'a*	Madeira	Matas, paisagens antropogênicas
Arecaceae	*Astrocaryum* sp.	Tucumã-de-touceira	*umnhi'a*	Folha	Matas, campos de murundu, tabocais
Arecaceae	*Atallea speciosa*	Babaçu	*nõrõ*	Frutos	Babaçuais, cerrados, matas
Clusiaceae	*Calophyllum brasiliense*	Jacareúba	*wautomowede*	Madeira	Matas, buritizais
Costaceae	*Costus* spp.	Cana-do-brejo	*oi'o*	Haste, raiz	Matas, buritizais, paisagens antropogênicas
Curcubitaceae	*Lagenaria* sp.	Cabaça	*u'mre*	Fruto	Paisagens antropogênicas
Cyperaceae	*Hypolytrum* sp.	Capim-navalha	*a'e*	Semente	Brejos
Fabaceae (Caesalpinioideae)	*Apuleia leiocarpa*	Garapa	*wede'a*	Madeira	Matas
Fabaceae (Faboideae)	*Dalbergia densiflora*	Jacarandá-da-mata	*wautomowede*	Madeira	Matas
Fabaceae (Faboideae)	*Dalbergia miscolobium*	Jacarandá-do-cerrado	*wẽ*	Madeira	Cerrados
Fabaceae (Faboideae)	*Pterodon pubescens*	Sucupira-branca	*uibrowede*	Madeira	Cerrados, paisagens antropogênicas
Lythraceae	*Physocalymma sacaberrimum*	Cega-machado	*wedetede*	Madeira	Matas, crrados
Lythraceae	*Lafoensia* sp.	Mirindiba	*ĩrãinhã*	Casca	Matas, cerrados, paisagens antropogênicas
Moraceae	*Brosimum rubescens*	Falso-pau-brasil	*brudu*	Madeira	Cerrados, matas
Myrtaceae	*Myrcia* sp.	–	*wede'a'rã*	Fruto	Mata ciliar
Poaceae	*Guadua* spp.	Taboca	*ti*	Colmo	Matas, tabocais
Poaceae	*Guadua* spp.	Taboca	*u'mrãnã*	Colmo	Matas, tabocais
Sapindaceae	*Paullinia* sp.	Timbó	*abawazí*	Haste	Matas, cerrados, tabocais
–	–	–	*arana'si'u*	Madeira	–
–	–	–	*böti*	Madeira	–
–	–	–	*öpinire*	Fruto	–
–	–	–	*wamaresu'a*	Madeira	–
–	–	–	*wede'nhoro'tó*	Casca	–
–	–	–	*ĩ'ru'murire*	Fruto	–
–	–	–	*ĩrãdupuré*	Fruto	–

(–) Táxon não-identificado.
Obs.: "Matas" inclui matas de galeria, ciliar, cerradão e mata seca com ou sem "tabocal".

plantas de uso medicinal, cerimonial e espiritual para serem utilizadas em rituais, para satisfazer as necessidades de alguém que esteja doente ou em atenção ao pedido de outra pessoa. A área da T.I. Wedezé é frequentemente utilizada para esses fins devido à abundância de plantas de uso secreto, algumas das quais consideradas raras ou inexistentes na T.I. Pimentel Barbosa. Contudo, devido ao caráter de segredo envolvido nessas atividades, os locais específicos onde se realiza a coleta desse conjunto de plantas não são aqui indicados.

Os Xavante e a fauna de Pimentel Barbosa e Wedezé

A fauna de ocorrência no bioma dos cerrados é destacada na maioria dos levantamentos pela grande riqueza de espécies, especialmente em alguns grupos zoológicos. Do ponto de vista histórico, é importante destacar que contribuições científicas pioneiras ao conhecimento da fauna da região Centro-Oeste do Brasil foram realizadas com base em investigações conduzidas na região que atualmente inclui as T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa. Essa área compreende uma faixa que se estende desde o Alto Rio Xingu, a oeste, até o Médio e Alto Rio Araguaia, a leste, incluindo a Serra do Roncador e o Rio das Mortes (Pine et al. 1970; Pinto e Camargo 1948; Vieira 1951).

Em um dos primeiros levantamentos sistemáticos da fauna do cerrado, Costa et al. (1981) listaram 1.501 espécies de vertebrados (excluindo peixes), das quais 935 eram aves, 298 mamíferos e 268 répteis. Silveira (2008), por sua vez, totalizou 840 espécies de aves para o cerrado, das quais 33 foram consideradas endêmicas à região. Na região do curso médio do Rio das Mortes, Melo (2007) identificou 72 espécies de peixes, incluídas em 17 famílias distintas. É, portanto, altamente diversa e rica a comunidade de peixes do complexo hidrográfico formado pelos rios Araguaia e Mortes (Araújo et al. 2007; Melo et al. 2005; Melo et al. 2004). Quanto aos insetos da região de cerrado, estima-se a existência de cerca de 90.000 espécies; porém, especialistas consideram que esse número ainda está longe de ser preciso (Aguiar et al. 2005-2007; Brown Jr. e Gifford 2002; Pinheiro et al. 1999).

Os Xavante detêm profundos conhecimentos etnozoológicos, com complexo sistema de classificação da fauna (vide, por exemplo, o estudo etno-ornitológico de Carrara 1997), e múltiplas estratégias para maximizar o rendimento de seus investimentos em atividades de caça e pesca.

Dentre os insetos utilizados pelos Xavante, nove tipos foram identificados segundo família ou gênero. Sete deles pertencem à família Apidae, um à família Formicidae e outro à Vespidae (Tabela 6.3). Dentre os insetos, as abelhas silvestres sem ferrão (família Apidae; subfamília Meliponinae) e vespas (Vespidae) se destacam na alimentação dos Xavante por produzirem mel, que é muito apreciado. Dentre as oito espécies de abelhas produtoras de mel, seis são encontradas em campos de murundu, seis em áreas de cerrado, quatro em matas secas com tabocal, três em matas de galeria e ciliares e três em buritizais. Como descrito anteriormente, todos esses tipos de vegetação estão presentes em Wedezé, com exceção de matas secas com tabocal. Ainda que muitas áreas de Wedezé sejam valorizadas devido à presença de abelhas

Tabela 6.3. Lista parcial de insetos de importância na alimentação dos Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa.

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Categoria etnoalimentar	Locais de ocorrência
Apidae	*	*	*abzö*	*ropĩ* (abelha)	Campos de murundu, cerrados
Apidae	*	*	*ameri*	*ropĩ* (abelha)	Buritizais, campos de murundu, matas secas/ tabocais
Apidae	*	*	*ẽtõmorã*	*ropĩ* (abelha)	Campos de murundu, cerrados
Apidae	*	*	*nhãnãrã*	*ropĩ* (abelha)	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/ tabocais
Apidae	*	*	*pi'u*	*ropĩ* (abelha)	Buritizais, campos de murundu, cerrados
Apidae	*	*	*rãzö*	*ropĩ* (abelha)	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/ tabocais
Apidae	*	*	*ub'rã*	*ropĩ* (abelha)	Campos de murundu
Formicidae	*Atta* spp.	Tanajura, saúva	*rã'ti'tó* (*rãti'uzé*)	*zö'mhu* (formiga)	Cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas
Vespidae	*	*	*wamnhanare*	*ropĩ* (abelha)	Buritizais, campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais

* Não identificado.

melíferas, há uma região que é particularmente conhecida por sua abundância de variedades de mel. Os Xavante identificam uma área específica, localizada na porção norte de Wedezé, em uma região que apresenta vários palmais, como sendo particularmente rica no que tange à presença de abelhas melíferas (em especial duas espécies, por eles denominadas *ub'rã* e *pi'u*). Essa área se localiza na porção norte de Wedezé, em uma região com campos de murundu e palmais, como indicado na Figura 6.1. Os Xavante também apreciam como alimento tanajuras e saúvas, insetos da família Formicidae. Esses insetos são encontrados em áreas de cerrados, matas de galeria e ciliares, e paisagens antropogênicas (pastos), todos com ampla distribuição em Wedezé.

Foram identificadas 41 espécies de peixes que os Xavante valorizam como alimento (Tabela 6.4), pertencentes a 13 diferentes famílias. Predominam espécies da família Characidae (17), Pimelodidae (7) e Anostomidae (4). De um total de 41 espécies, 78,0% ocorrem em grandes rios, 41,5% em lagoas, 34,1% em rios pequenos e 7,3% em brejos. Os dois principais rios existentes na região de Wedezé – Mortes e Água Preta – possuem inúmeras lagoas de grande significado cultural e econômico, a maioria das quais nomeadas pelos Xavante.

Para a pesca, os Xavante lançam mão de diferentes estratégias que, a depender do local e/ou da estação, pode incluir o uso do timbó, arco e flecha ou linha e anzol convencionais. A complexidade estrutural da bacia hidrográfica do Rio das Mortes, com intrincada rede de cursos d'água de variado calado, lagoas e brejos, implica em grande diversidade de abrigos e locais de alimentação para os peixes. Tamanha diversidade de hábitat aquáticos requer, por parte do pescador, profundos conhecimentos de ecologia dos rios e lagoas da região de modo a garantir o sucesso da pescaria.

Os répteis contribuem com o cardápio alimentar dos Xavante com três espécies de quelônios – a tartaruga e o tracajá, capturados principalmente

Tabela 6.4. Lista parcial de peixes de importância na alimentação dos Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa.

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Locais de ocorrência	Fontes
Anostomidae	*Leporinus affins*	Piau-flamengo	*pezató'nhihödö*	Rios grandes, rios pequenos	1, 2
Anostomidae	*Leporinus friderici*	Piau-cabeça-gorda	*pezató'wantó*	Rios grandes, rios pequenos	1, 2
Anostomidae	*Leporinus trafasciatus*	Piau-açu	*pezató'wazáhu*	Rios grandes, rios pequenos	1, 2
Anostomidae	*Schizodon vittatus*	Piau-vara	*pezató'pá*	Rios grandes, rios pequenos	1, 2
Auchenipteridae	*Ageneiosus inermis*	Boca-larga	*madubé*	Rios grandes, rios pequenos	1, 2
Characidae	*Astianax* spp.	Piaba	*pe'awawẽ*	Rios pequenos	1
Characidae	*Brycon falcatus*	Voadeira	*pehöi'ré*	Rios grandes, rios pequenos	1, 2
Characidae	*Brycon* sp.	Matrinchã	*pehöi're'wawê*	Rios grandes	1, 2
Characidae	*Chalceus spakros*	Rabo-vermelho	*pehöi'ré*	Rios grandes, rios pequenos	1, 2
Characidae	*Myleus torquatus*	Pacu	*pezapótó'wára*	Rios grandes	1, 2
Characidae	*Mylossoma duriventre*	Pacu-manteiga	*pezapótó'wára*	Rios grandes	1, 2
Characidae	*Piaractus brachypomus*	Pirapitinga	*zörõi'ro'ówariwa*	Rios grandes	1, 2
Characidae	*Pygocentrus nattereri*	Piranha-vermelha	*wa'wa'nhoripré*	Lagoas, rios grandes	1, 2
Characidae	*Serrasalmus rhombeus*	Piranha-preta	*wa'wa'rã*	Rios grandes	1, 2
Characidae	*Tetragonopterus argenteus*	Pataca	*pe'á'tomozapódô*	Lagoas, rios grandes, rios pequenos	1, 2
Characidae	*Tometes* sp.	Curupeté	*pezaptoarã'rã*	Rios grandes	1, 2
Characidae	*Triportheus auritus*	Sardinha comprida	*penhõ'ontonwá*	Lagoas, rios grandes	1, 2
Characidae	*Triportheus trifurcatus*	Sardinha	*penhõ'ontonwá*	Lagoas, rios grandes	1, 2
Characidae	*	Piabinha	*pe'apré*	Rios pequenos	1
Cichlidae	*Astronotus* spp.	Acará-açu, apaiari	*pe'wapru*	Brejos, lagoas, rios grandes, rios pequenos,	1
Cichlidae	*Cichla monoculus*	Tucunaré	*piwaratõmoné*	Lagoas	1, 2
Cichlidae	*Crenicchla lugubris*	Sabão	*pêpê*	Lagoas, rios grandes, rios pequenos	1, 2
Ctenoluciidae	*Boulengerella cuvieri*	Bicuda	*pépá*	Rios grandes	1, 2
Cynodontidae	*Hydrolycus armatus*	Cachorra	*pe'wainhipti*	Rios grandes	1, 2
Erythrinidae	*Hoplias malabaricus*	Traíra	*zu'u'e*	Brejos, lagoas, rios pequenos	1, 2
Erythrinidae	*	Yô-yô	*zusu*	Buritizais, lagoas	1
Gymnotidae	*Gymnotus carapo*	Tuvira	*paípé*	Lagoas	1, 2
Hemiodontidae	*Hemiodus unimaculatus*	Bananinha	*pewaduboní*	Lagoas, rios grandes	1, 2
Loricariidae	*Squaliforma emarginata*	Cascudo	*péhöi'réré*	Rios grandes, rios pequenos	1, 2
Osteoglossidae	*Osteoglossum bicirrhosum*	Aruanã	*pe'uware*	Lagoas	1, 2
Pimelodidae	*Brachyplatystoma filamentosum*	Filhote	*petop'ráre*	Rios grandes	1, 2
Pimelodidae	*Hemisorubim platyrhynchos*	Jurupoca	*sadahí'uptépré*	Lagoas	1, 2
Pimelodidae	*Phractocephalus hemioliopterus*	Pirarara	*pesí'wazarí'ö*	Rios grandes	1, 2
Pimelodidae	*Pimelodus blochii*	Mandi	*sadahí*	Lagoas	1, 2
Pimelodidae	*Pinirampus pirinampu*	Barbado	*pewatasupó*	Rios grandes	1, 2
Pimelodidae	*Pseudoplatystoma fasciatum*	Pintado	*sadahí'rãpó*	Lagoas, rios grandes	1, 2
Pimelodidae	*Zungaro zungaro*	Jaú	*pêrá*	Rios grandes	1, 2
Pristigasteridae	*Pellona castelnaeana*	Tubarana	*peú'zé*	Rios grandes	1, 2
Prochilodontidae	*Prochilodus nigrican*	Papa-terra	*petomrã'höpó*	Lagoas, rios grandes	1, 2
Prochilodontidae	*Semaprichilodus brama*	Jaraqui	*petomrá'zarebepré*	Lagoas, rios grandes	1, 2
Sciaenidae	*Plagioscion squamosissimus*	Curvina	*pesíwetepárá*	Rios grandes	1, 2

* Não identificado.
Fontes: (1) os autores; (2) Melo et al. (2005).

Tabela 6.5. Lista parcial de répteis de importância na alimentação dos Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa.

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Locais de ocorrência
Podocnemididae	*Podocnemis expansa*	Tartaruga	*u'rãihöpó*	Lagoas, rios
Podocnemididae	*Podocnemis unifilis*	Tracajá	*u'rãihöpó* (*u'rãihöpori*)	Lagoas, rios
Testudinidae	*Geochelone carbonaria*	Jabuti	*u'ã*	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais

em trechos de águas rasas no Rio das Mortes e nas lagoas em seu entorno, e o jabuti, que pode ser encontrado em diferentes tipos de cerrado ou nas matas (Tabela 6.5). Esses quelônios são altamente valorizados por sua carne. Na época de estiagem, quando o nível do Rio das Mortes é baixo e as praias ficam expostas, a coleta de ovos de quelônios recém-depositados nas praias é motivo de mobilização de grupos familiares. Foram identificadas 11 praias que servem como locais preferenciais para a coleta de ovos de tartaruga e tracajá.

É grande o número de aves de interesse para os Xavante, tanto pelo seu uso na alimentação quanto pelas penas, de grande relevância na produção de adereços usados em contextos cerimoniais. Por meio de entrevista coletiva realizada com velhos Xavante da aldeia Pimentel Barbosa, tendo por base o estudo etnozoológico de Carrara (1997), foi possível identificar 98 espécies de aves de valor cultural, número inferior ao total de espécies de aves por eles utilizadas (Tabela 6.6). Dessas, 64 são usadas como alimento e 81 por suas penas. Noventa e cinco foram identificadas segundo gênero e espécie. As famílias com o maior número de espécies incluem: Alcedinidae (12), Psittacidae (10), Caprimulgidae (7), Columbidae (7), Falconidae (6), Trochilidae (6), Tinamidae (5) e Anatidae (4). Consideramos importante mencionar que os Xavante consideram esta lista como sendo parcial, já que existem outras aves de importância cultural que não foram por nós identificadas. Os Xavante são exímios conhecedores das relações entre a fauna ornitológica e a vegetação, identificando, por exemplo, árvores frutíferas que atraem determinadas aves.

Devido à grande mobilidade apresentada por esse grupo zoológico, espécies de aves são geralmente encontradas nos vários ambientes de cerrado. Os Xavante reconhecem os vários tipos de hábitat e as associações específicas de diferentes espécies e grupos de aves com esses locais. As 98 espécies documentadas são buscadas pelos Xavante em nove diferentes tipos de paisagens ou vegetação. Em ordem decrescente, são encontradas em áreas de cerrado (64,3% das espécies), matas secas com tabocal (63,3%), matas de galeria ou ciliares (49,0%), campos de murundu (46,9%), rios (23,5%), paisagens antropogênicas – pastos (21,4%), lagoas (19,4%), buritizais (10,2%) e serras (2,0%). Há espécies de aves valorizadas pelos Xavante por suas penas utilizadas em contextos cerimoniais que se encontram predominantemente nas lagoas da região de Wedezé. Em particular, há uma lagoa, chamada Sipa'aprere Nhõ'u, que é conhecida por apresentar uma grande população de colhereiros. Vale

Tabela 6.6. Lista parcial de aves de importância na alimentação e para obtenção de penas (de uso tecnológico ou ritual) entre os Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa.

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Locais de ocorrência	Uso como alimento	Uso das penas
Accipitridae	*Accipiter bicolor*	Gavião-bombachinha-grande	*arobonho'wa*	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais		X
Accipitridae	*Leptodon cayanensis*	Gavião-de-cabeça-cinza	*arobonho'wa (si'u'u'é)*	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais		X
Accipitridae	*Buteo magnirostris*	Gavião-carijó	*bötöhitire*	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
Accipitridae	*Buteo platypterus*	Gavião-de-asa-larga	*bötöhitire*	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
Accipitridae	*Elanus leucurus*	Peneira	*sisiréné*	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais		X
Accipitridae	*Harpagus bidentatus*	Gavião-rapina	*tepêpanhipré*	Cerrados, matas secas/tabocais	X	X
Accipitridae	*Ictinia plumbea*	Sovi	*tepêpanhipré*	Cerrados, matas secas/tabocais	X	X
Accipitridae	*Buteo albicaudatus*	Gavião-de-rabo-branco	*wanhihöi'wa*	Campos de murundu, cerrados, serras	X	X
Accipitridae	*Buteo swainsoni*	Gavião-papa-gafanhoto	*wanhihöi'wa*	Campos de murundu, cerrados, serras	X	X
Accipitridae	*Heterospizias meridionalis*	Gavião-caboclo	*warĩpe*	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais	X	X
Alcedinidae	*Chloroceryle americana*	Martim-pescador-pequeno	*senhimi'wa*	Lagoas, rios		X
Alcedinidae	*Megaceryle torquata*	Martim-pescador-grande	*senhimi'wa*	Lagoas, rios		X
Anatidae	*Cairina moschata*	Pato-selvagem	*mã'u*	Lagoas, rios	X	
Anatidae	*Dendrocygna autumnalis*	Marreca-cabocla	*mã'u*	Lagoas, rios	X	
Anatidae	*Neochen jubata*	Pato-corredor	*mã'u*	Lagoas, rios	X	
Anatidae	*Sarkidiornis melanotos*	Pato-de-crista	*mã'u*	Lagoas, rios	X	
Anatidae	*Dendrocygna viduata*	Irerê	*mã'u'wa'are*	Lagoas, rios	X	
Anhimidae	*Anhima cornuta*	Anhuma	*a'rã'ru*	Matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	X
Anhimidae	*Chauna torquata*	Tachã	*siwai'õ*	Lagoas, rios		X
Ardeidae	*Egretta thula*	Garça-branca-pequena	*siba'a*	Lagoas, matas ciliares/de galeria	X	X
Ardeidae	*Tigrisoma lineatum*	Socó-boi	*sõ'rẽhõ*	Rios	X	X
Ardeidae	*Butorides striatus*	Socozinho	*sõrehõ'u'ere*	Lagoas, rios	X	X
Bucconidae	*Monasa* spp.	Chora-chuva	*mo'onihidi*	Matas ciliares/de galeria, rios		X
Caprimulgidae	*Chordeiles pusillus*	Bacurauzinho	*pé'ére*	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
Caprimulgidae	*Nyctiprogne leucopyga*	Bacurau-de-cauda-barrada	*pé'ére*	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
Caprimulgidae	*Podager nacunda*	Corucão	*re'pu*	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
Caprimulgidae	*Caprimulgus maculicaudus*	Bacurau-de-rabo-maculado	*sihõni*	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X

(continuação Tabela 6.6.)

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Locais de ocorrência	Uso como alimento	Uso das penas
Caprimulgidae	*Lurocalis semitorquatus*	Tuju	*sihõni*	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais		X
Caprimulgidae	*Caprimulgus rufus*	João-corta-pau	*sihõniböirã*	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
Caprimulgidae	*Hydropsalis brasiliana*	Bacurau-tesoura	*sihõniböpa (di'i'hi)*	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
Cardinalidae	*Piranga flava*	Sanhaçu-de-fogo	*si'pré*	Lagoas, rios	X	X
Cariamidae	*Cariama cristata*	Seriema	*waritire*	Campos de murundu, cerrados, paisagens antropogênicas	X	X
Ciconiidae	*Mycteria americana*	Cabeça-seca	*si'rãi'ré*	Lagoas, rios	X	X
Ciconiidae	*Jabiru mycteria*	Tuiuiú	*za'u'ê*	Lagoas, rios	X	X
Columbidae	*Columba picazuro*	Asa-Branca	*nã'pré*	Matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	
Columbidae	*Leptotila spp.*	Juriti	*nã'pré*	Matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	
Columbidae	*Zenaida auriculata*	Pomba-de-bando	*nã'pré*	Matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	
Columbidae	*Columbina squammata*	Fogo-apagou	*nãire'u'é*	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais	X	X
Columbidae	*Claravis pretiosa*	Pomba-de-espelho	*utu'u*	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	
Columbidae	*Columba speciosa*	Pomba-trocal	*utu'u*	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	
Columbidae	*Patagioenas cayennensis*	Pomba-galega	*utu'upré*	Matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	X
Corvidae	*Cyanocorax cyanomelas*	Gralha-cinza	*a'apré*	Cerrados, matas secas/tabocais	X	X
Corvidae	*Cyanocorax cristatellus*	Gralha-do-campo	*mnhã'nhã*	Campos de murundu, cerrados		X
Corvidae	*Cyanocorax* spp.	Gralha	*utörané*	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
Cotingidae	*Cotinga cayana*	Anambé-azul	*si'uzé*	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
Cracidae	*Penelope* spp.	Jacu	*a'apré*	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	X
Cracidae	*Crax fasciolata*	Mutum-de-penacho	*a'rã'ru*	Matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	X
Emberizidae	*Coryphospingus pileatus*	Tico-tico-rei-cinza	*sirãihötõmore*	Cerrados, paisagens antropogênicas	X	X
Emberizidae	*Arremon* spp.	Tico-tico	*sirãiwawi*	Cerrados, paisagens antropogênicas	X	X
Emberizidae	*Paroaria coronata*	Cardeal	*wahi'ware*	Cerrados, paisagens antropogênicas		X
Eurypygidae	*Eurypyga helias*	Pavãozinho-do-pará	*mã'u'wa'are*	Lagoas, rios	X	
Falconidae	*Falco femoralis*	Falcão-de-coleira	*arobonho'wa*	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais		X
Falconidae	*Falco rufigularis*	Cauré	*arobonho'wa*	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais		X

(continuação Tabela 6.6.)

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Locais de ocorrência	Uso como alimento	Uso das penas
Falconidae	*Micrastur ruficollis*	Gavião-caburé	*arobonho'wa*	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais		X
Falconidae	*Micrastur semitorquatus*	Gavião-relógio	*bötöhitire* (*arobonho'wa*)	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
Falconidae	*Milvago chimachima*	Gavião-carrapateiro	*pineinhure*	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais		X
Falconidae	*Daptrius ater*	Gavião-de-anta	*sihõrõpré*	Lagoas, rios		X
Fluvicolinae	*Contopus cinereus*	Papa-moscas-cinzento	*sizadahu*	Campos de murundu, cerrados	X	X
Fringillidae	*Euphonia chlorotica*	Fim-fim	*sizadahu*	Campos de murundu, cerrados	X	X
Galbulidae	*Galbula* spp.	Ariramba	*siwatapare*	Lagoas, matas ciliares/de galeria, rios, matas secas/tabocais		X
Icteridae	*Psarocolius* spp.	Japu	*simanapiteiwawẽ* (*uritidu*)	Lagoas, matas ciliares/de galeria, rios, matas secas/tabocais		X
Nyctibiidae	*Nyctibius griseus*	Urutau-comum	*hö'are*	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais		X
Psittacidae	*Brotogeris chrysoptera*	Periquito-de-asa-dourada	*abre*	Cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Psittacidae	*Brotogeris chiriri*	Periquito	*rẽri'uptabire*	Matas ciliares/de galeria	X	X
Psittacidae	*Anodorhynchus hyacinthinus*	Arara-azul-grande	*sõi'rara*	Matas secas/tabocais	X	X
Psittacidae	*Ara ararauna*	Arara-de-barriga-amarela	*sõmté*	Buritizais, campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais	X	X
Psittacidae	*Ara couloni*	Maracanã-de-cabeça-azul	*sõmté*	Buritizais, campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais	X	X
Psittacidae	*Ara macao*	Araracanga	*sõmté*	Buritizais, campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais	X	X
Psittacidae	*Ara severa*	Maracanã-guaçu	*sõmté*	Buritizais, campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais	X	X
Psittacidae	*Pionites leucogaster*	Marianinha-de-cabeça-amarela	*waihöre*	Buritizais, campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Psittacidae	*Amazona aestiva*	Papagaio-verdadeiro	*waihöre*	Buritizais, campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Psittacidae	*Amazona xanthops*	Papagaio-galego	*waihöre*	Buritizais, campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Ramphastidae	*Ramphastos* spp.	Tucano	*nõrõ'wâda*	Buritizais, campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	X
Ramphastidae	*Pteroglossus castanotis*	Araçari-castanho	*pizi'ire*	Matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	X

(continuação Tabela 6.6.)

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Locais de ocorrência	Uso como alimento	Uso das penas
Ramphastidae	*Pteroglossus bitorquatus*	Araçari-de-pescoço-vermelho	*zub'ö're*	Matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	X
Rheidae	*Rhea americana*	Ema	*mã*	Campos de murundu, cerrados, paisagens antropogênicas	X	X
Strigidae	*Bubo virginianus*	Corujão-orelhudo	*sirediti*	Buritizais, cerrados, matas ciliares/de galeria		X
Thamnophilidae	*Formicivora* spp.	Papa-formiga	*sinho'utu'uhöre*	Campos de murundu, cerrados		X
Thraupidae	*Cissopis leverianus*	Tietinga	*siwata'õtõre*	Campos de murundu, cerrados, paisagens antropogênicas	X	
Threskiornithidae	*Ajaia ajaja*	Colhereiro-americano	*siba'a'pré*	Lagoas, matas ciliares/de galeria, rios	X	X
Threskiornithidae	*Theristicus caudatus*	Curicaca	*sõta'are*	Buritizais, campos de murundu, rios, paisagens antropogênicas	X	X
Tinamidae	*Crypturellus variegatus*	Inhambu-anhangá	*aptoró'ubzu*	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	X
Tinamidae	*Tinamus major*	Inhambu-açu	*aptoró'ubzu*	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Tinamidae	*Tinamus tao*	Azulona	*aptoró'ubzu*	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Tinamidae	*Crypturellus undulatus*	Jaó	*dati'ö'u*	Lagoas, rios, matas secas/tabocais	X	
Tinamidae	*Rhynchotus rufescens*	Perdiz	*wi'i*	Campos de murundu, cerrados, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Trochilidae	*Amazilia* spp.	Beija-flor	*arãrã*	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Trochilidae	*Anthracothorax nigricollis*	Beija-flor-de-veste-preta	*arãrã*	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Trochilidae	*Eupetomena macroura*	Beija-flor-tesoura	*arãrã*	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Trochilidae	*Chrysolampis mosquitus*	Beija-flor-vermelho	*arãrãre*	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Trochilidae	*Colibri serrirostris*	Beija-flor-de-orelha-violeta	*arãrãre*	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Trochilidae	*Lophornis magnificus*	Topetinho-vermelho	*arãrãre*	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X

(continuação Tabela 6.6.)

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Locais de ocorrência	Uso como alimento	Uso das penas
Trogonidae	*Trogon* spp.	Surucuá	*sinhopré*	Matas ciliares/de galeria, rios, matas secas/tabocais	X	
Tyrannidae	*Todirostrum* spp.	Ferreirinho	*siunhoti'wairób're*	Matas ciliares/de galeria, rios	X	
*	*	*	*pa'a*	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/ tabocais		X
*	*	*	*siwawẽ*	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/ tabocais		X
*	*	*	*urébéhidi*	Cerrados	X	

* Não identificado.
Fontes: A nomenclatura zoológica e os nomes comuns em português e em Xavante seguem Carrara (1997), Sick (1985) e Costa et al. (1981). Locais de ocorrência obtidos por entrevista com velhos Xavante, utilizando os nomes indígenas fornecidos por Carrara (1997).

frisar que as frequências apresentadas segundo tipo de paisagem ou vegetação não são mutuamente excludentes, ou seja, diversas dessas espécies ocorrem em mais de um ambiente.

Quanto aos mamíferos de valor na alimentação dos Xavante, merecem destaque quatro espécies de cervos e veados, duas espécies de porco-do-mato, a anta e o tamanduá-bandeira (Tabela 6.7). A notícia de que alguém avistou (ou pressentiu por meio do cheiro ou barulho característico) uma vara de porcos nas proximidades da aldeia ou nas roças é capaz de rapidamente mobilizar um grupo de caçadores para saírem em seu percalço. Roedores de médio porte, como a paca e a cutia, o quati e diferentes espécies de tatu (Dasypodidae) são caçados de maneira oportunista quando avistados ao longo de alguma trilha. Os Xavante são exímios rastreadores, sendo capazes de seguir o trajeto recente de um determinado animal através da identificação de rastros, tipo das fezes ou marcas deixadas pelos dentes na vegetação (no caso de animais herbívoros). Além disso, conhecem bem a associação entre árvores frutíferas e a fauna, o que facilita sobremaneira a localização da espécie desejada a depender da estação de frutificação.

Ao saírem para caçar, os homens Xavante circulam por toda a área da T.I. Wedezé. Costumeiramente, os homens saem em busca de áreas de caça ou pesca geralmente seguindo para o norte, margeando os campos e matas ciliares paralelos ao Rio das Mortes, adentrando os campos de murundu e ipucas situados a nordeste e sudeste da área. O tipo de paisagem mais extenso em Wedezé e utilizado pelos Xavante para caçar consiste nos campos de murundu. Os

Tabela 6.7. Lista parcial de mamíferos de importância na alimentação dos Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa.

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante
Caviidae	*Cavia aperea*	Preá	*asãnãzé* (*rutómhö'a*)
Cervidae	*Blastocerus dichotomus*	Cervo-do-pantanal	*pozé*
Cervidae	*Mazama americana*	Veado-mateiro	*pône*
Cervidae	*Mazama gouazoubira*	Veado-catingueiro	*ponê'ê're*
Cervidae	*Ozotoceros bezoarticus*	Veado-campeiro	*aihö*
Cuniculidae	*Cuniculus paca*	Paca	*rawa*
Dasiproctidae	*Dasyprocta aguti*	Cutia	*zöhurure*
Dasypodidae	*Cabassous unicinctus*	Tatu-de-rabo-mole	*warã uhözada'a*
Dasypodidae	*Dasypus novemcinctus*	Tatu-galinha	*warã'u*
Dasypodidae	*Dasypus septemcinctus*	Tatu-galinha-pequeno	*warãré*
Dasypodidae	*Euphractus sexcinctus*	Tatu-peba	*warahöbö*
Dasypodidae	*Priodontes maximus*	Tatu canastra	*warãwawe*
Dasypodidae	*Tolypeutes* sp.	Tatu bola	*warã'hudu*
Myrmecophagidae	*Myrmecophaga tridactyla*	Tamanduá bandeira	*padi*
Myrmecophagidae	*Tamandua tetradactyla*	Tamanduá mirim	*patire*
Procyonidae	*Nasua* sp.	Quati	*wa'õ*
Procyonidae	*Nasua* sp.	Quati	*wa'õpisi*
Tapiridae	*Tapirus terrestris*	Anta	*uhödö*
Tayassuidae	*Tayassu pecari*	Queixada	*uhö*
Tayassuidae	*Pecari tajacu*	Caititu	*uhöre*

Xavante valorizam esses campos pela presença de animais de caça e por sua facilidade para caminhar e boa visibilidade devido à paisagem aberta.

Intercaladas no interior dos campos de murundu há diversas áreas de uso identificadas pelos Xavante. A primeira delas, constituída pelo complexo "ipucas", tem ampla distribuição no interior desses campos. Por apresentarem coleções d'água perenes e solos úmidos praticamente ao longo de todo o ano, as ipucas atraem animais de caça, razão pela qual são consideradas importantes pelos Xavante do ponto de vista cinegético. Por exemplo, na região central da área proposta de Wedezé há uma ipuca especialmente grande, que os Xavante denominam de Sére (indicada com um número 5 em vermelho na Figura 6.1). Essa ipuca é considerada pelos Xavante como um local de caça particularmente bom, pois provê refúgio aos animais que, de outra sorte, estariam continuamente expostos ao sol e à secura implacável dos campos de murundu. As ipucas são também locais importantes de coleta e, no passado, eram constantemente percorridas pelos Xavante durante as atividades de *trekking*. Mesmo no presente, quando os homens empreendem caçadas coletivas mais demoradas, utilizam as ipucas como local de acampamento devido à presença de água e plantas comestíveis.

O uso do fogo nas caçadas realizadas nos campos de murundu acontece em geral no começo da estação seca (maio e junho). Segundo os Xavante, nessa época o capim ainda não está completamente seco e, aliado à umidade do solo, resulta em queimadas com temperaturas mais baixas, minimizando os efeitos adversos do fogo, sendo também de mais fácil controle. Os animais preferidos de caça dos Xavante nos campos de murundu incluem queixada, caititu, diversas espécies de veado (Cervidae), tamanduá-bandeira, várias espécies de tatu e seriema, dentre outros. Os jabutis (*Geochelone carbonaria*), particularmente apreciados pelos Xavante por sua carne, são também encontrados em grande número nesses campos.

Outro tipo de paisagem considerado propício para a caça, em particular do veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), queixada e cervo-do-pantanal consiste no chamado complexo "wataiwede", localizado no extremo sudoeste de Wedezé. Como detalhado no Capítulo 4, essa área apresenta uma vegetação bastante variável devido à dinâmica de mudanças ao longo das margens do Rio das Mortes, com seus ciclos de seca e cheia, predominando campos, buritizais e matas ciliares.

Durante as expedições de caça, os homens Xavante aproveitam para coletar plantas comestíveis, pescar, localizar jabutis e abater aves. Fazem isso por diversas razões. Em primeiro lugar, caçar seguidamente por um ou mais dias é extenuante. Consequentemente, à medida em que esses outros alimentos são obtidos, os mesmos são imediatamente consumidos. Além disso, os caçadores valorizam a oportunidade de obter quantidades adicionais de alimentos, de maneira que os mesmos possam ser trazidos de volta à aldeia, onde serão compartilhados com parentes e vizinhos. No caso de uma caçada não bem-sucedida, os homens ao menos podem retornar à aldeia com alimentos coletados, ao invés de chegarem com as mãos vazias. O resultado dessa estratégia cultural pragmática é que os mesmos locais utilizados para caçar, conforme descritos antes, também são rotineiramente usados para a coleta de alimentos silvestres.

Ainda que os Xavante não cacem com frequência nas matas ciliares, este tipo de vegetação é importante pois funciona ecologicamente como áreas de refúgio para animais de grande porte, incluindo o veado-catingueiro, veado-mateiro (*Mazama americana*), queixada, caititu, anta e cervo-do-pantanal. A maior delas está situada nas duas margens do curso d'água denominado Wedezé Pá pelos Xavante (Corixo São Domingos na cartografia oficial), que se localiza na porção sul da área proposta de Wedezé. De acordo como os Xavante, é nessa área que se reproduzem algumas das mais importantes espécies de grandes mamíferos que, posteriormente, se deslocam para os locais de campo e de cerrado, situados mais ao norte. Outras matas que servem de refúgio estão localizadas nas proximidades do Rio das Mortes, no extremo norte de Wedezé e na área imediatamente a sudoeste da aldeia Wedezé, próxima do Rio Água Preta. Essas matas são consideradas pelos Xavante como essenciais para manter a integridade ecológica da região e por sua capacidade para sustentar populações de animais, de modo a garantir as necessidades alimentares por meio de carne de caça. Essas áreas de refúgio são também importantes para a manutenção de populações de aves de interesse cultural, incluindo o mutum-de-penacho (*Crax fasciolata*), jacu e diversas espécies de gaviões.

A exemplo do que se conhece com base na literatura disponível para outros povos indígenas no Brasil, os Xavante não domesticaram, no sentido estrito, animais da fauna silvestre (Carvalho 1951; Sick 1985:85). No entanto, é comum ver-se nas casas inúmeras espécies silvestres que são criadas como animais de estimação. Araras, papagaios, diversas espécies de periquitos, gaviões, jabutis e porcos-do-mato são facilmente vistos nas aldeias, geralmente soltos e junto às casas de seus donos.

Esse capítulo teve por objetivo introduzir o leitor ao vasto e diverso mundo vegetal e animal compartilhado pelos Xavante nos ambientes de Wedezé e Pimentel Barbosa. A relação dialógica que historicamente mantém com a flora e fauna assegura a continuidade da presença humana na região tendo como base o uso sustentável desses recursos. Do ponto de vista botânico e zoológico, Wedezé e Pimentel Barbosa revestem-se de interesse particular por ter sido justamente nessa região que, no final da década de 1960 e durante os anos 70, os primeiros levantamentos e estudos sistemáticos sobre a flora e fauna dos cerrados do Brasil Central foram realizados (isso, evidentemente, sem deixar de reconhecer as importantes expedições zoológicas realizadas nos Rios das Mortes e Araguaia durante a década anterior). Em seu conjunto, esses estudos constituem o pano de fundo do conhecimento atual acerca da flora e fauna desse bioma. Tentar conhecê-lo através das lentes Xavante constitui desafio a qualquer cientista de formação ocidental, pois suas maneiras de sistematizar e compreender a biodiversidade do seu ambiente nem sempre é baseada nos mesmos pressupostos. É justamente esse desafio que nos move, pois acreditamos ser o compartilhamento de conhecimentos acerca do cerrado fundamental à sua preservação e permanência como um dos biomas que ostenta tamanha biodiversidade. Os Xavante demostraram amplamente que sabem cuidar (ao mesmo tempo em que o usam para sua subsistência) desse frágil ambiente. Acreditamos que temos aí uma lição a aprender.

7. Espaços cerimoniais, sagrados e evidências dos ancestrais

Apesar de muito da informação apresentada nos capítulos anteriores abordarem o etnoconhecimento dos Xavante acerca dos recursos ambientais utilizados na provisão de seu sustento, as conexões com Wedezé enquanto espaço cultural também derivam de sua importância simbólica, ceremonial e cosmológica.

De acordo com Maybury-Lewis (1984), para entender a cosmologia Xavante é necessário primeiro compreender o tema da feitiçaria. Isso porque, na sociedade Xavante, a morte é frequentemente atribuída à feitiçaria, que esteve envolvida em muitas disputas políticas que levaram a separações de aldeias e realocações no passado. Uma forma de feitiçaria entre os Xavante envolve o uso de fórmulas secretas para a produção de diversos tipos de "pó ruim", que para fazer efeito deve ser colocado em contato com a vítima de forma secreta (Maybury-Lewis 1984:344). A tais procedimentos são geralmente imputadas doenças graves, como a tuberculose (Basta et al. 2010; Welch e Coimbra 2011).

As mortes de adultos da população Xavante nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa levam a rituais funerários elaborados, que muitas vezes duram de três a cinco dias e envolvem a presença de parentes e outras pessoas, em estado de luto, que vêm de várias aldeias. Corpos são enterrados em covas profundas nos cemitérios próximos às aldeias (Maybury-Lewis 1984). Os locais de sepultamento, inclusive aqueles em aldeias abandonadas, são frequentemente visitados pelos familiares, que limpam as sepulturas e saúdam os mortos. São locais lembrados por gerações. Os mais jovens acompanham seus parentes mais velhos durante essas visitas e aprendem as histórias e locais de sepultamento de seus ancestrais.

A cosmologia Xavante envolve grande diversidade de espíritos e divindades, sendo alguns ancestrais que efetivamente viveram no passado e outros mitológicos (Maybury-Lewis 1984). Uma maneira de invocar a influência de algumas entidades espirituais é por meio do ritual espiritual conhecido como *wai'a*. Com poucas exceções, rituais espirituais são considerados pelos Xavante como domínio exclusivo dos homens. O sistema espiritual masculino envolve uma hierarquia de classes de idade, que determinam os papéis dos indivíduos e suas responsabilidades (Welch 2010b). Adquirir poder espiritual depende do sucesso de um homem em conseguir ter acesso aos seres sobrenaturais durante esses rituais. Como explicou um velho Xavante, o meio tradicional de se curar doenças graves não é pelo xamanismo, mas por meio de cerimônias espirituais coletivas, nas quais todos os homens se unem de modo a possibilitar a cura por meios espirituais.

Aproximadamente a cada 15 anos um grupo de jovens, em processo de iniciação espiritual, passa a participar de cerimônias de iniciação (*darini*) (Welch 2010b). Nessas ocasiões, pré-iniciados se tornam iniciados (*wai'ãra*), um *status* que os acompanhará até as próximas cerimônias de iniciação espiritual. Acima da hierarquia de iniciados espirituais estão os chamados guardas (*dama'ai'a'wa*) e cantores (*zö'ra'si'wa*). Aqueles indivíduos acima do grau de cantor ocupam, juntos, o último grau espiritual de pós-oficiais (*wai'a'rada*). O grau de pós-oficial é o mais elevado na sequência espiritual e é considerado como algo próximo de uma "aposentadoria espiritual", já que o indivíduo já não mais terá uma participação formal até a sua morte.

Nesse sistema, homens de todas as idades são divididos em metades, algo que influencia outras dimensões da vida social na sociedade Xavante (Welch 2010b). Apesar de Maybury-Lewis (1984) especular que o pertencimento não se deve à adoção de um critério particular, nossas pesquisas mostram que, quando os meninos são iniciados no sistema espiritual, seus pais levam em consideração algumas características físicas na escolha da metade a qual a criança irá se filiar. Indivíduos menores ou mais baixos são designados como os "donos da madeira" (*wedehöri'wa*). Durante os rituais espirituais, nas partes inferiores de suas pernas, é desenhada uma série de três linhas verticais e eles carregam bordunas em seus braços cruzados. Indivíduos mais altos ou fortes são chamados de "donos do chocalho" (*umretede'wa*). Suas pernas são marcadas com uma série de duas linhas verticais e eles usam chocalhos nos tornozelos. Filiações a estas metades também fazem com que os participantes sejam subdivididos espacialmente, quando formam duas filas separadas ou se posicionam em lados opostos de um círculo ou, alternativamente, andam em pares (Giaccaria e Heide 1984; Müller 1976). Maybury-Lewis (1962:136) descreve a diferença entre *umretede'wa* e *wedehöri'wa* como uma "intersecção entre duas classes de espíritos, uma conferindo o poder gerativo (vida) e outra o poder agressivo (morte)". Os *umretede'wa* invocam um espírito benevolente (*danhimi'te*), que está associado com as flechas sagradas de taboca carregadas pelos iniciados mais velhos (*ti'ipê*). Por sua vez, os *wedehöri'wa* lutam para dominar um espírito malevolente (*simi'hö'pãri*), que é responsável por ventos destrutivos. Apesar de todos os participantes espirituais poderem invocar ambos os espíritos, ou um terceiro espírito considerado poderoso mas perigoso (*pi'u*), seu espírito moiático (ou seja, ligado à sua metade espiritual) afeta toda sua performance espiritual e treinamento.

Mulheres também têm seus próprios segredos, que geralmente não são compartilhados com os homens (Welch 2009). Mas há contextos cerimoniais específicos nos quais as mulheres participam com os homens. Alguns exemplos de rituais que incluem tanto homens quanto mulheres são as lutas (*wa'i*), corridas de toras (*uiwede*), casamentos (*dabasa*) e rituais etários de passagem (*danhono*). Esses rituais são realizados nas aldeias ou próximo a elas, apesar de frequentemente envolverem componentes materiais que requerem excursões para certas áreas localizadas distantes das aldeias.

Rituais

De acordo com velhos Xavante, as antigas aldeias presentes na T.I. Wedezé são especialmente valorizadas por apresentarem em seu redor cemitérios onde estão enterrados parentes queridos. Além disso, são importantes pois lá esses ancestrais, além de parentes e amigos, participaram de cerimônias importantes, como rituais espirituais (*wai'a*), lutas (*wa'i*), corridas de tora (*uiwede*), casamentos (*dabasa*) e ritos etários de iniciação (*danhono*). Esses últimos são especialmente valorizados pelos mais velhos, por ter sido por intermédio desses rituais que cada indivíduo passou a pertencer a uma dada classe de idade. Essas classes formam a base de muitas cerimônias e da identidade social de um Xavante no decorrer de sua vida. Quando os velhos visitam os locais onde se situavam as aldeias nas quais passaram sua infância em Wedezé, frequentemente lembram de suas experiências como jovens membros de uma classe de idade. Para os homens, isso inclui lembranças de morar com seus companheiros de classe de idade na casa dos pré-iniciados (*hö*), onde aprenderam com seus mentores como cantar e como serem adultos responsáveis. A antiga aldeia dos anos 1950 e 1960, próxima do posto do SPI em São Domingos, na atual T.I. Wedezé, é lembrada com emoção por muitas pessoas. De acordo com Luizinho Hipru, foi ali que a classe de idade chamada *tirowa'rada* foi iniciada na cerimônia *danhono*. Nas aldeias atuais das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa há diversos membros ainda vivos dessa classe. Luizinho relembrou que moraram na casa dos pré-iniciados e foram iniciados na antiga aldeia Wedezé.

A T.I. Wedezé não é valorizada apenas pelos rituais que lá foram conduzidos no passado, mas também por sua importância nos atuais ritos realizados pela população das aldeias das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa. Uma das principais razões pelas quais Wedezé continua sendo de extrema importância para as atividades rituais é que lá se encontra rica fonte de uma substância que os homens Xavante dizem ser extremamente valiosa na sua cultura. Essa substância, usada por eles nas cerimônias de cura e nos rituais espirituais, é considerada um segredo cultural que não pode de modo algum ser revelado para quem não participa do sistema espiritual Xavante, que geralmente inclui os não-Xavante e as mulheres Xavante. Como um homem adulto explicou, "na cultura Xavante existem alguns segredos [em Wedezé] que os velhos só revelam durante as cerimônias. Os homens sabem que existe lá e por isso eles dizem que essa área é muito rica". Os velhos indicaram que esse precioso material não pode ser nomeado ou descrito em detalhes neste livro, mas pode sim ser descrito em linhas gerais para destacar a sua importância. Segundo eles, essa substância, extremamente rara, é considerada sagrada porque atrai espíritos poderosos e pode ser usada para reduzir a dor, curar doenças graves e fortalecer a energia de uma pessoa. É encontrada com mais frequência nas áreas de campo de murundu, comuns na T.I. Wedezé.

A T.I. Wedezé também é altamente valorizada pelos Xavante por ser uma rica fonte de caça, algo não somente importante do ponto de vista alimentar, como também cerimonial. Como visto no Capítulo 5, caçadas coletivas, incluindo aquelas entre os meses de maio e agosto que utilizam o fogo, levam à produção de grande quantidade de carne, um pré-requisito para diversos

rituais. Os animais de caça preferidos são a anta, a queixada, o caititu e os veados, dentre outros (Welch 2009).

Existem dois tipos de cerimônias de casamento na cultura Xavante: um deles (*dabasa ĩsemere*) é mais elaborado e envolve presentear os pais da noiva com uma grande cesta de carne de caça; o outro (*dabasa ĩsere*) é menos elaborado e, além disso, a caça não é entregue em uma cesta. Ambos os tipos são precedidos de caçadas coletivas nas quais os homens buscam acumular grandes quantidades de carne de caça para que o noivo a entregue em frente à casa da noiva. Segundo os Xavante, quanto maior a quantidade, maior a satisfação dos pais da noiva (Welch 2009). Depois de o noivo ter entregado uma quantidade satisfatória de carne de caça, o casamento é concluído em outra cerimônia, na qual a noiva ajoelha-se em uma esteira na frente de sua casa para que colares especiais sejam retirados de seu pescoço. O presente na forma de carne de caça é depois compartilhado com toda a aldeia e também com os parentes selecionados de outras aldeias. O que ocorre é que, depois que o noivo entrega a carne, ela é rapidamente levada para a casa de um irmão da mãe da noiva (*danhorebzu'wa*, seu padrinho cerimonial). A partir daí, é distribuída para membros de outros domicílios. Em um casamento bem-sucedido, membros de todas as casas na aldeia recebem um substancial pedaço de carne, de modo que compartilhem a alegria das famílias dos noivos.

Caçadas coletivas são também realizadas no contexto de cerimônias preparatórias das classes de idade (Maybury-Lewis 1984; Welch 2010a). Uma primeira caçada coletiva (*uiwedezada'ra*) acontece geralmente um ano antes do término do ciclo de iniciação. Nessa ocasião, os mentores dos garotos que vivem na casa dos pré-iniciados promovem uma caçada coletiva, da qual participa a maior parte dos homens da aldeia. Uma modalidade especial de divisão de carne é praticada durante essas caçadas, segundo a qual a produção diária é dividida entre quatro grupos de caçadores, cada um deles composto por homens de diversas classes de idade, desde jovens a velhos. Posteriormente, ao final da expedição de caça, a carne é redividida, desta vez entre os mentores que promoveram a caçada e entre membros do grupo de idade dos adultos recém-iniciados. Ao retornarem para suas casas, esses homens geralmente entregam a carne para as mulheres de suas famílias, que por sua vez se incumbem de fazer novas distribuições entre os membros do domicílio.

Uma segunda caçada coletiva é feita durante os rituais de iniciação (*danhono*), que ocorrem aproximadamente a cada cinco anos. Nessas ocasiões, os homens realizam caçadas por algumas semanas de modo a obter bastante carne de caça que será entregue para os líderes da classe de adolescentes em fase de iniciação que irão, a seguir, distribuí-la na comunidade. Essas caçadas e as cerimônias associadas são organizadas pelos homens velhos detentores de duas prerrogativas cerimoniais (*pahöri'wa* e *tebe*). No momento da distribuição, a carne obtida é empilhada em um ponto central da aldeia. A caçada é uma parte fundamental dos rituais de iniciação não somente para que todas as famílias tenham abundância de alimentos para celebrar as cerimônias, mas também para reconhecer os líderes do grupo de iniciantes, assim como os membros da comunidade que contribuíram para a formação destes.

Além das caçadas coletivas associadas com as cerimônias preparatórias das classes de idade, excursões de caça e pesca também são organizadas pe-

las classes de idade mais jovens com o objetivo de ensaiar os cânticos a serem apresentados na aldeia em vários contextos cerimoniais. O sistema tradicional de classes de idade requer que membros das classes iniciados mais recentemente cantem e dancem em performances públicas. O sucesso dessas apresentações depende de ensaios frequentes, que em geral ocorrem em locais remotos, para que os outros membros da comunidade não ouçam as músicas com antecedência. Com frequência, os homens das classes de idade mais recentemente iniciadas utilizam os ambientes da T.I. Wedezé para caçadas coletivas ou para expedições de pesca, por ocasião das quais realizam ensaios. Apesar de não anunciarem publicamente para a comunidade, é comumente sabido que tais viagens têm como um de seus objetivos justamente oferecer a possibilidade de realização dos ensaios. Outro aspecto importante dessas viagens é a oportunidade para que os jovens em iniciação demonstrem suas capacidades de cumprir os papéis sociais esperados de homens adultos. Homens jovens participam com entusiasmo das expedições de suas classes de idade em Wedezé e outros locais para, na volta, trazerem carne e peixe para seus mentores e suas famílias.

Os locais das caçadas cerimoniais, nos casos de casamentos e de cerimônias relacionadas às classes de idade, variam e são geralmente determinados pelo conselho de homens. Muitas vezes, acontecem em locais indicados por homens mais velhos que são considerados os donos dos conhecimentos secretos da caça (*abazé'tede'wa*). Wedezé é especialmente favorável para a realização de caçadas coletivas por ter expressivas populações de animais de caça. As caçadas são realizadas nas vastas áreas de campos e de cerrado em Wedezé, e os Xavante afirmam que as áreas de mata fechada situadas nas porções sul e leste são especialmente importantes para o sucesso das caçadas, pois é lá que os animais se reproduzem. Esse padrão de utilização da T.I. Wedezé como área de caça lembra aquele que faz parte de um documento do SPI de 1944, que descreve esta região como "campo de caça" para os Xavante, que naquela época viviam em aldeias situadas no lado esquerdo do Rio das Mortes (SPI 1944).

A T.I. Wedezé é importante também para a aquisição de penas para fins cerimoniais. Penas são itens importantes da indumentária ritual Xavante, estando presentes nas "gravatas" (*danhorebzu'a*) que os homens adultos usam quase que diariamente e em diversas outras formas de indumentária cerimonial (Maybury-Lewis 1984; Müller 1976). Nas palavras do Tsuptó Xavante, cacique da aldeia Pimentel Barbosa, "na cultura Xavante, sem penas não há cerimônias".

A classificação científica das aves e seus hábitats em Wedezé é apresentada em detalhe no Capítulo 6. Vale ressaltar que algumas aves cujas penas são mais valorizadas são encontrados apenas nos campos e em ambientes ribeirinhos, que são mais prevalentes na T.I. Wedezé que na T.I. Pimentel Barbosa. Em uma oficina de resgate cultural patrocinada pelo Museu do Índio, vários velhos de Pimentel Barbosa mostraram suas coleções de penas para usos rituais e para a fabricação de flechas de vários tipos. Nesses depoimentos, os velhos enfatizaram que muitas delas haviam sido obtidas na T.I. Wedezé (gravação datada de 15/05/2009, arquivada no Museu do Índio, Rio de Janeiro).

Wedezé é também uma área importante de coleta de plantas de valor medicinal, cerimonial e espiritual. O conhecimento de muitos dos usos é considerado secreto e propriedade de homens ou mulheres de certas famílias. Sendo segredos, os usos não podem ser apresentados aqui. Porém, é possível citar alguns exemplos que ilustram, de forma geral, esses usos, sem divulgar seus segredos específicos. Por exemplo, um velho mencionou que as matas ciliares localizadas em Wedezé contêm dois tipos de resina de árvore que são aplicados na pele para purificar o corpo e atrair bons espíritos. Também são encontradas em Wedezé plantas de valor cerimonial de conhecimento geral. Por exemplo, o óleo de alguns cocos do mato, como das palmeiras babaçu e indaiá, é aplicado no cabelo em alguns contextos rituais. O óleo do coco de babaçu também é utilizado como ingrediente na produção de tinta de urucu, que é altamente valorizada em contextos cerimoniais. Esses cocos também são encontrados na T.I. Pimentel Barbosa, mas em menor quantidade que na T.I. Wedezé.

No passado, grupos de homens frequentemente realizavam excursões em Wedezé para a coleta de plantas específicas de uso cerimonial. Nessas ocasiões, aproveitavam também para caçar, coletar outros produtos e ainda pescar ao longo do caminho para se alimentarem. Por exemplo, um velho da T.I. Pimentel Barbosa descreveu uma dessas excursões da qual participou, que ocorreu quando vivia em Wedezé nos anos 1950 e 1960. Na oportunidade, o grupo se deslocou na direção nordeste, ao longo da margem direita do Rio das Mortes e retornando pela região do Corixo da Forquilha (Amhú Pá), em busca de materiais para gravatas cerimoniais. Escolheram essa rota específica não somente para poderem atravessar a área que continha os materiais desejados, como também porque na região de transição entre as matas ciliares e os campos de murundu paralelos ao Rio das Mortes havia abundância de caça, além da área situada no entorno do Corixo da Forquilha ser rica em raízes e tubérculos silvestres.

Cemitérios, sepulturas e locais sagrados

Cemitérios são de enorme importância cultural para o povo Xavante devido às conexões pessoais e cosmológicas com os ancestrais mortos, tanto os imediatos quanto os distantes, como descrito anteriormente. De acordo com a cosmologia Xavante, as pessoas, quando morrem, podem se reunir a falecidos considerados honrados e queridos, que moram em uma aldeia dos mortos, ou podem se unir a uma outra classe de espíritos, considerados perigosos e temidos (Maybury-Lewis 1984). Ancestrais benevolentes que se uniram à aldeia dos mortos servem de guias e oferecem conselhos aos seus parentes vivos através dos sonhos. Esses indivíduos mortos são relembrados por gerações. Por essa razão, cemitérios são locais valorizados, sendo visitados regularmente. Os velhos Xavante lembram onde seus parentes morreram e consideram sagrados esses locais.

Como mencionado anteriormente, todas as aldeias Xavante que foram ocupadas por tempo suficiente para que pelo menos um indivíduo morresse e fosse enterrado têm pelo menos um cemitério em suas proximidades. Com

isso, cemitérios são conhecidos pelos Xavante por serem associados com a maior parte dos sítios de antigas aldeias, sejam aquelas de um período histórico recente ou outras que foram habitadas muito tempo antes do nascimento dos indivíduos que constituem a atual população.

Velhos de Wedezé e Pimentel Barbosa identificam pelo menos quatro cemitérios no entorno do Morro de Wedezé (Figura 7.1)[31]. Desses, dois são associados a aldeias ocupadas em períodos mais antigos, por volta de meados do século XIX, quando o povo Xavante havia chegado à região do Rio das Mortes pela primeira vez. Os dois outros são mais recentes, relacionados a aldeias situadas aproximadamente no mesmo local entre as décadas de 1950 e 1970. Tanto os cemitérios mais antigos como os mais recentes contêm os restos mortais dos parentes de pessoas que ainda vivem em aldeias de Wedezé e Pimentel Barbosa. Um desses cemitérios mais recentes foi visitado pelo antropólogo David Maybury-Lewis na década de 1950. Como descrito por ele, o cemitério estava localizado próximo a uma área de mata, a cerca de 20 metros das casas (Maybury-Lewis 1984).

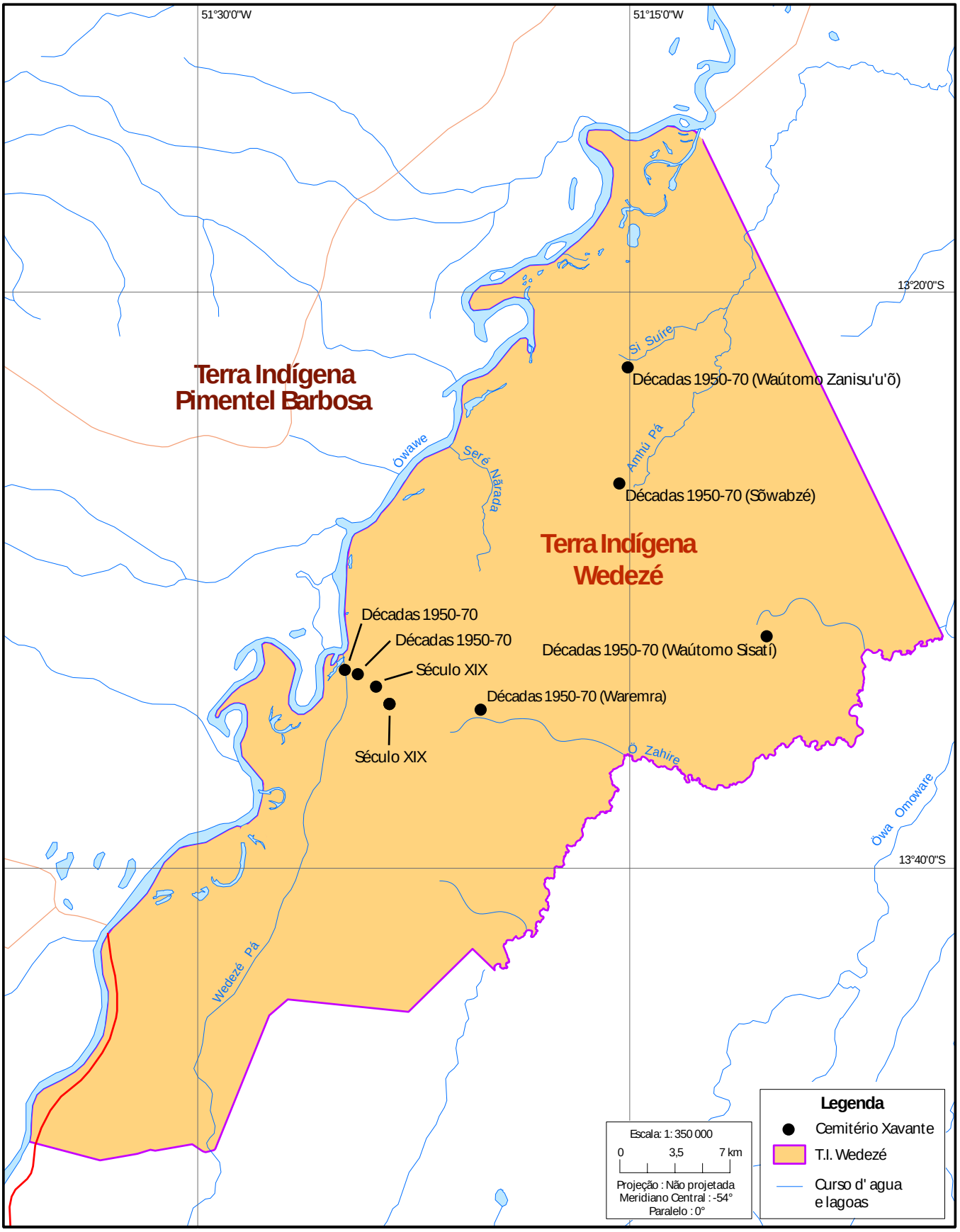
Segue uma lista parcial das pessoas enterradas nos dois cemitérios mais recentes, utilizados nas décadas 1950 e 1960, nas proximidades da atual aldeia Wedezé, acompanhada de suas relações de parentesco com residentes ainda vivos das aldeias atuais da T.I. Pimentel Barbosa e Wedezé:

1. Serewaipó, pai de Antônio, da aldeia Pimentel Barbosa, e Maria José, da aldeia Asereré, e tio paterno de Joaquim, da aldeia Reata.
2. Sere'uinwẽ, tio paterno de Hipru, da aldeia Pimentel Barbosa, e Simão, da aldeia Wedezé.
3. Perã, mãe do Hipru, da aldeia Pimentel Barbosa.
4. Wautomo'zawaté'õ, mãe de Wautomo'azu, da aldeia Etênhiritipá, e Jacinta Ro'omrami'õ, da aldeia Tanguro.
5. Sinhõse'enhiptó, tia paterna de Sereburã, da aldeia Pimentel Barbosa, e Manezinho, da aldeia Caçula, e avó de Fernanda, da aldeia Wederã.
6. Criança sem nome, filho de Fernanda, da aldeia Wederã.
7. Wa'ato, avô de Roberto, da aldeia Pimentel Barbosa.
8. Sere'uiwẽ, pai de Zilma, da aldeia Pimentel Barbosa.
9. Buruwẽ, tio paterno de Eduardo, da aldeia Pimentel Barbosa, e Manoel Rite, da aldeia Caçula.
10. Rẽzaiwẽ, primeira esposa de Daru, da aldeia Etênhiritipá.
11. Pezarini'õ, mãe de João, da aldeia Pimentel Barbosa.
12. Serezãwé, pai de Pratsé, da aldeia Etênhiritipá.
13. Awaro, irmão de Pratsé, da aldeia Etênhiritipá.
14. Ro'o'amo, filha da irmã de Hipru, da aldeia Pimentel Barbosa.
15. Rẽsipisubu, mãe de Cristina, da aldeia Pimentel Barbosa.
16. Saranãté, tio paterno de Eduardo, da aldeia Pimentel Barbosa, e Manoel Rite, da aldeia Caçula.
17. Sinhose'e'uwẽ'õ, avó paterna de Irã e Floriano, da aldeia Etênhiritipá.

Nem todas as sepulturas Xavante são localizadas próximas das aldeias. Isso porque, conforme detalhado anteriormente, os Xavante tradicionalmente faziam *trekking*, o que envolvia deslocamentos por um amplo território. No

31 Devido à tradição Xavante de enterrar os mortos numa área adjacente à aldeia, é possível que, por ocasião da redação deste livro, já exista um quinto cemitério, nas proximidades da atual aldeia Wedezé.

Figura 7.1. Localização dos cemitérios e sepultamentos Xavante na T.I. Wedezé, 2010.



caso de acontecerem mortes nessas viagens, os corpos eram sepultados em locais remotos ainda lembrados por alguns dos velhos, mas que não foram passíveis de serem identificados com precisão por nós. Um homem adulto de Pimentel Barbosa narrou porque a sepultura do pai dele, localizada dentro da T.I. Wedezé, é importante para ele:

> Eu nasci aqui em Pimentel Barbosa. O povo Xavante sempre andava de um lugar para outro. Aqui também já foi aldeia. Wedezé também foi uma aldeia muita antiga [...]. As pessoas que moraram ali, meu avô e meu pai, não existem mais [...]. Lá fica o cemitério do meu pai, Waremra. Ele faleceu lá, em Wedezé. Eu conheço bem o lugar onde ele foi enterrado, apesar de que eu não cheguei a conhecer a cara do meu pai enquanto ele estava vivo porque eu estava pequeninho. Mas eu sei através dos meus irmãos onde ele faleceu. Através deles, a história do meu pai ainda está viva. Mesmo que eu só guardo na memória, ela é passada para os filhos e os netos. Então isso não vai acabar.

Na região de Wedezé, nas antigas rotas de *trekking*, há sepultamentos de quatro pessoas cujos locais foram identificadas durante entrevistas (Figura 7.1). Os nomes dos indivíduos enterrados nesses locais eram, segundo os relatos:

1. Sõwabzé, tio paterno de Eduardo, da aldeia Pimentel Barbosa, e Manoel Rite, da aldeia Caçula.
2. Waútomo Zanisu'u'õ, relações de parentesco não identificadas.
3. Waremra, pai de Valdo, da aldeia Pimentel Barbosa, e Mãra da aldeia Caçula.
4. Waútomo Sisatí, relações de parentesco desconhecidas.

Além dos cemitérios mencionados acima, considerados sagrados pelos Xavante, eles se referem ao Morro de Wedezé (São Domingos) como local de "morada dos espíritos". De forma semelhante, a floresta em geral, seja na T.I. Wedezé, na T.I. Pimentel Barbosa ou em outros territórios tradicionais do povo Xavante, é considerada sagrada devido às classes de espíritos que lá residem e que aconselham o povo Xavante nos sonhos e nas cerimônias espirituais. Como expressou um homem adulto, ele tinha a preocupação de que seu povo poderia perder o poder espiritual se as florestas onde moram tais espíritos, incluindo as localizadas em Wedezé, fossem desmatadas pelos fazendeiros.

Sítios arqueológicos

São reconhecidos pelos Xavante dois tipos de sítios arqueológicos. O primeiro inclui antigas aldeias que apresentam artefatos e alterações de paisagem relacionados à vida cotidiana Xavante. Esse tipo de sítio arqueológico tem forma semicircular, refletindo a disposição tradicional de aldeias Xavante (Wüst e Barreto 1999). Também associados com esse primeiro tipo de sítio estão os cemitérios, que são considerados sagrados, conforme já detalhado. O segundo tipo de sítios arqueológicos reconhecidos pelos velhos Xavante inclui os

locais de acampamento. Esses sítios foram em geral constituídos no decorrer das atividades de *trekking* pelo cerrado, muitas vezes em locais distantes das aldeias. Acampamentos antigos também podem ter sepulturas próximas, em geral de um ou poucos indivíduos que morreram nesses locais remotos.

Há divergência na literatura sobre a presença de cerâmica entre os Xavante na época pré-contato. Algumas caracterizações antropológicas mais antigas, baseadas em descrições etnográficas e históricas incompletas, aventaram a hipótese de que os povos Jê do Brasil Central, incluindo o subgrupo Jê Central ao qual os Xavante pertencem, não possuíam conhecimento sobre a manufatura de cerâmica (Lowie 1946b; Willey 1949). Entretanto, evidências arqueológicas e etnográficas mais recentes demonstram que a cerâmica é característica tradicional dos povos Jê e era produzida pelos Xavante até poucas décadas atrás. Na região de Goiás e Mato Grosso, duas tradições arqueológicas de cerâmica são reconhecidas como associadas com aldeias circulares, do tipo que caracteriza os povos Jê. Essas, chamadas Uru e Aratu, duraram de 800 a.C. a 1700 a.C. e de 800 a.C. a 1500 a.C., respectivamente (Barbosa e Schmitz 2008; Wüst 1994; Wüst e Barreto 1999). A tradição Uru era mais típica de aldeias em áreas de mata onde a base da agricultura indígena era a mandioca. Por sua vez, a tradição Aratu era mais típica de áreas de cerrado, associada à agricultura de milho. Nas duas tradições, a presença de cerâmica é altamente associada com solos escurecidos, que os arqueólogos interpretam como indicação de espaços domésticos.

Apesar das especulações etnológicas segundo as quais os povos Jê nunca tiveram conhecimento da cerâmica, há ampla evidência etnográfica do período histórico que comprova a tese contrária. Segundo a arqueóloga Wüst (1989), os sítios Jê do Brasil Central geralmente apresentavam abundância de cerâmica até o contato com os europeus, quando a prática foi interrompida. No caso Xavante, desde as primeiras descrições etnográficas, é amplamente reconhecida que a tecnologia ceramista foi domínio tradicional das mulheres, que utilizavam esses utensílios no preparo de alimentos (Giaccaria e Heide 1984; Maybury-Lewis 1984). Também há relatos de episódios históricos nos quais mulheres Xavante quebraram todas as suas panelas de cerâmica, aparentemente em protesto às circunstâncias desfavoráveis que marcaram o contato com não-indígenas em meados do século XX (Wüst em Giaccaria e Heide 1984; Moran 1993:130). Segundo Giaccaria e Heide (1984:104), desde esse momento, as mulheres Xavante que guardavam o conhecimento dessa tecnologia não deram continuidade à sua fabricação. Esses autores propuseram que foi esse evento que levou muitos observadores a suporem que os Xavante nunca souberam produzir cerâmica. Como demonstração da presença de cerâmica na cultura Xavante, vale mencionar que há diversos tipos de panelas em acervos museológicos no Brasil, inclusive no Museu do Índio (vide o registro 5721, colecionado no ano de 1953).

Levantamentos de superfície e entrevistas por nós realizados indicam que tanto as aldeias quanto os acampamentos antigos nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa podem ser detectados pela presença de fragmentos de cerâmica e restos de carvão. Verificou-se que, nos locais identificados pelos Xavante como antigas ocupações, muitas vezes é observado um solo distintamente mais escuro que nas áreas das redondezas, devido aos altos níveis de matéria

orgânica. Tal padrão foi interpretado como indicação de espaços domésticos por arqueólogos que trabalharam em outras áreas com ocupação indígena no Brasil Central, conforme já mencionado (Wüst e Barreto 1999). Por ser o fogo frequente no cerrado, a presença somente do carvão é um indício pouco confiável de ocupação humana. Porém, nos sítios ocupados pelos Xavante no início dos anos 1950 e antes, há consistente presença de fragmentos de cerâmica, que é diagnóstica de ocupação humana.

Segundo os velhos Xavante, a fabricação e o uso de cerâmica pelos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé deixaram de acontecer nos anos 1950 devido à abundância de panelas de metal e outros utensílios distribuídos pelo SPI. Por meio de levantamentos na superfície (ou seja, sem escavações), sítios que foram ocupados depois da produção de cerâmica ter sido interrompida são geralmente detectáveis apenas pela presença de solos escurecidos e de alguns tipos de artefatos, incluindo ferramentas de pedra e objetos metálicos de origem industrial.

Dois tipos distintos de cerâmica foram observados nos levantamentos de superfície realizados em sítios arqueológicos identificados pelos velhos Xavante como pertencentes aos seus ancestrais próximos. O primeiro é grande em tamanho e com espessura considerável. Seu formato é redondo, com base chata e borda grossa. As dimensões de um exemplar, estimadas segundo o tamanho e a curvatura de alguns fragmentos, eram de aproximadamente 60 cm de diâmetro, 2 cm de espessura e com uma borda de 7 cm de espessura. O segundo possui dimensões e espessura variáveis, mas tende a ser consideravelmente menor, mais fino e sem borda. Nenhum dos dois tipos apresenta decorações. De acordo com velhas Xavante, ambos os tipos de cerâmica eram feitos pelas suas mães e tias, algo que presenciaram quando eram crianças. Essas mulheres, em geral já falecidas, têm descendentes em várias outras aldeias nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa. Suas descendentes se lembram que dois tipos de temperos, de origem vegetal, eram usados na preparação da cerâmica. A identificação dessas plantas é considerada um conhecimento secreto das velhas de famílias específicas e seu detalhamento não foi autorizado neste livro.

Apesar de os artefatos de cerâmica serem especialmente comuns em sítios de aldeias antigas, também podem estar presentes em acampamentos. De acordo com velhos que quando jovens participaram da prática de *trekking*, panelas de cerâmica eram levadas pelas mulheres nessas viagens, sendo descartadas quando quebravam. Há registro da presença de fragmentos de cerâmica na superfície de inúmeros sítios de acampamento e ao longo de trilhas antigas usadas pelas mulheres Xavante.

Conforme já mencionado, os velhos Xavante reconhecem quatro sítios arqueológicos de aldeias antigas na T.I. Wedezé. Visitamos três desses sítios em dezembro de 2009. Os sítios das aldeias mais antigas estão localizados na base do Morro de Wedezé, um no lado norte e outro no lado oeste. De acordo com a tradição oral Xavante (vide Capítulo 2), quando chegaram ao Rio das Mortes, depois de um longo e complexo processo de migração vindos do leste, da região de Goiás, ali se estabeleceu uma aldeia, antes portanto de Sõrepré, que fica a oeste do Rio das Mortes. Esses sítios são vistos como tendo sido ocupados pelos Xavante quando eles ainda eram politicamente unificados, antes

Figura 7.2. Cerâmica de origem Xavante encontrada nas proximidades do Morro de Wedezé, 2009. Foto: James R. Welch.

da separação dos subgrupos que agora residem nas várias terras indígenas. Considerando a história das migrações, a ocupação de sítios na região de Wedezé deve ter acontecido inicialmente em meados do século XIX. De acordo com os relatos orais, a primeira ocupação na base do Morro de Wedezé durou muitos anos, tendo terminado apenas quando colonizadores passaram a viver nas proximidades e ocorreram conflitos entre alguns deles e os Xavante.

Visitamos o sítio arqueológico localizado ao norte do Morro de Wedezé, onde foi observada abundância de pedaços de cerâmica na superfície (Figura 7.2), solo escurecido por matéria orgânica e espécies de árvores conhecidas por estarem associadas a ocupações humanas (incluindo uma concentração notável de babaçu). Velhos que atualmente vivem em Wedezé relataram que essa aldeia era voltada para o norte, com a abertura do anel semicircular de casas na direção de uma área com solos úmidos, ao invés de um curso d'água. Eles disseram que a água consumida na aldeia provinha de poços rasos escavados nesse solo úmido, o que é uma variação no padrão típico de aldeia Xavante (vide Capítulo 3). Apesar de não termos visitado o sítio a leste da Pedra de Wedezé, entrevistas com residentes de Wedezé indicaram que ele também apresenta abundância de cerâmica, talvez inclusive mais do que no sítio visitado.

Visitamos dois outros sítios de aldeias nas redondezas do Morro de Wedezé. Ambos foram identificados pelos velhos Xavante como tendo sido ocupados aproximadamente nas décadas de 1950 e 1960, quando o posto indígena do SPI era localizado na margem direita do Rio das Mortes. Foi nessa época que o antropólogo David Maybury-Lewis realizou suas pesquisas etnográficas entre os Xavante de Wedezé, que formaram a base de seu clássico livro sobre a sociedade Xavante (Maybury-Lewis 1984). Nesse livro é apresentada uma coleção de fotos de uma aldeia que, no presente, é um desses dois sítios arqueológicos.

As áreas desses dois sítios se sobrepõem e são remanescentes da presença da mesma comunidade que ocupou o local em momentos históricos distintos. Como discutido no Capítulo 2, a população de Wedezé, nos anos 1960, começou a se dividir, formando novas aldeias que se localizavam na margem esquerda do Rio das Mortes. De acordo com relatos orais, quando isso ocorreu a população e o número de casas da aldeia Wedezé diminuíram. Com a eliminação de várias casas que anteriormente faziam parte do semicírculo, típico do padrão das aldeias Xavante, os residentes reconstruíram a aldeia em um novo local, mas bastante próximo do anterior, de modo a restabelecer esteticamente o semicírculo. Nenhum desses dois sítios tem cerâmica devido à interrupção de sua produção pelas mulheres, como anteriormente descrito.

Vários locais onde se situavam aldeias antigas podem ser detectados por meio da distribuição característica e frequência de certas espécies de plantas associadas à ocupação humana. O mais antigo desses sítios históricos, situado próximo ao Morro de Wedezé, apresenta um aspecto particularmente marcante por sua mata antropogênica, que inclui árvores de médio e grande portes, que cresceram formando um semicírculo, se destacando do entorno, onde predominam áreas de campo úmido e de cerrado baixo. Esse formato vegetacional, na forma de uma aldeia Xavante típica, é tão marcante na paisagem que o visualizamos durante sobrevoo realizado em outubro de 2009 (Figura 7.3). Do ponto de vista florístico, há nessas matas o predomínio de importantes fruteiras para os Xavante, em uma frequência não vista fora desse contexto, destacando-se o jatobá, pequi, macaúba, ingá, caju e espécies de rubiáceas e mirtáceas não identificadas, cujos pequenos frutos também possuem valor alimentar. Chama também a atenção nessa mata a forte presença de plantas típicas de matas ciliares/de galeria, o que fortalece a interpretação de que a mesma deriva de práticas culturais. A concentração dessas espécies em sítios de aldeias antigas é explicada pelos velhos Xavante como conseqüência de se trazer frutas para as casas, seguindo-se o descarte das sementes no peridomicílio após o consumo. Essas observações sugerem que ocupações prévias podem permanecer aparentes nos padrões de vegetação por várias décadas.

A vegetação no entorno do Morro de Wedezé é caracterizada por rico e denso cerrado que, conforme se sobe em direção ao seu cume, vai rareando até adquirir uma fisionomia do tipo "campo sujo", caracterizado por predomínio de gramíneas e arbustos tortuosos dispersos, com poucas árvores. Nesses campos, observam-se cajuzinho-do-cerrado, murici, vassoura-de-bruxa, pau-terra e pau-santo (*Kielmeyera speciosa*). No entorno da base de Wedezé, cresce um cerrado denso formado por árvores altas e extrato herbáceo-arbustivo espesso, que inclui bambus, o que torna difícil a locomoção. Esse cerrado é

Figura 7.3. Vista aérea da antiga aldeia Xavante em Wedezé, na qual se nota crescimento diferenciado de vegetação em forma de ferradura, 2009. Foto: James R. Welch.

intercalado por extensas manchas de palmais de babaçu, constituídas por palmeiras altas, o que representa uma importante fonte de cocos, coletados pelos Xavante para sua alimentação. Dentre as espécies arbóreas que identificamos nesse entorno, destacam-se a lixeira, vassoura-de-bruxa, curiola, tingui, baru, jacarandá-do-cerrado, cagaita, bate-caixa, jenipapo-bravo, pau-terra, embiruçu (*Pseudobombax longiflorum*), paineira, mandiocão-do-cerrado (*Schefflera macrocarpa*) e pau-doce. A complexa vegetação do entorno do Morro de Wedezé inclui, ainda, áreas de provável origem antropogênicas pela grande concentração de árvores frutíferas de uso alimentar pelos Xavante, como caju, jatobá, macaúba e oiti. Nessas áreas nas quais predominam árvores frutíferas, há também locais onde podem ser encontradas grandes quantidades de cerâmica Xavante, como mostrou um velho da aldeia Wedezé que nos acompanhou em uma das visitas a essa área.

Informantes Xavante indicam que, além dos sítios arqueológicos de aldeias, também há abundantes sítios de acampamento na T.I. Wedezé. Três deles foram identificados pela presença de sepulturas individuais (vide Figura 7.1). Esses sítios de acampamentos continuam a ser reconhecidos pelos Xavante de Wedezé e Pimentel Barbosa, uma vez que eles os visitam por ocasião de caçadas, pescarias e expedições de coleta. Assim como esses sítios foram valorizados no passado pelos seus recursos naturais, continuam a sê-lo nos dias de hoje.

8. Wedezé: Implicações socioambientais para os Xavante e além

Ao longo desse livro apresentamos e analisamos argumentos de diversas perspectivas que apontam a centralidade física e cultural da região de Wedezé para os Xavante. Nessas últimas páginas apresentamos reflexões adicionais sobre aspectos humanos e ambientais relacionados à Wedezé, através das quais buscamos ir além de reiterar os argumentos referentes a essa centralidade. Em particular, chamamos atenção para a dinâmica de uso do território por seus ocupantes não-indígenas e as implicações da demarcação dessa terra indígena para a questão ambiental em uma escala mais ampla.

Decorrente de negociações escusas realizadas por funcionários dos governos federal e estadual nos anos que antecederam 1973, quando o posto indígena da FUNAI foi transferido para o lado oposto do Rio das Mortes, as terras em Wedezé vieram a ser extensamente ocupadas por fazendas. Com base em evidências documentais e entrevistas, argumentamos ao longo desse livro que essa mudança de modo algum resultou no abandono do território de Wedezé pelos Xavante. No que pese a história conflituosa e os prejuízos para a totalidade da sociedade advindos dessa mudança, o povo Xavante permanece em Wedezé, seja fisicamente, durante excursões de coleta, caça e pesca, ou mesmo através da aldeia lá construída em 2009; seja espiritualmente, ao rememorarem seus antepassados lá sepultados.

Enquanto a totalidade da população viveu em uma única aldeia em Wedezé nas décadas de 1950 a 1970, da ordem de 200 pessoas, nos dias de hoje esse grupo Xavante é bem maior. Em 2009, a população Xavante nessa região somava 1.466 indivíduos, apresentando uma das mais elevadas taxas de fecundidade e de crescimento demográfico dentre todas as terras Xavante. Acompanhando esse crecimento populacional, houve um aumento no número de aldeias, o que é relacionado ao padrão demográfico Xavante, que caracteristicamente envolve o estabelecimento de novas aldeias através da divisão de pré-existentes, em geral devido a conflitos políticos internos. Há atualmente onze aldeias nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa. Uma consequência da crescente população é que tem havido aumento na demanda por recursos naturais para sustentar a população. No presente, embora modificações substanciais tenham ocorrido e alimentos sejam também comprados no comércio da região, os Xavante de Wedezé e Pimentel Barbosa continuam, em larga medida, a depender do cerrado. Além disso, as atividades de subsistência tradicionais assumem grande importância cultural porque são intimamente envolvidas nos conceitos Xavante acerca de sua identidade. Em outras palavras, para os Xavante, a construção social e étnica da pessoa ao longo da vida depende de aprendizagem e prática acerca do uso do território e o consumo de produtos alimentares provenientes do cerrado.

Desse modo, por sua riqueza em produtos alimentares e para fins tecnológicos, a totalidade da T.I. Wedezé é central à economia Xavante, sendo utilizada continuamente desde o século XIX até o presente. Além disso, Wedezé é também importante por redistribuir pressões ambientais e demográficas da T.I. Pimentel Barbosa, mais intensamente utilizada pela população Xavante, uma vez que lá está localizada a maioria das aldeias onde vivem muitos dos que foram deslocados de Wedezé quatro décadas atrás e seus descendentes.

Wedezé é frequentemente lembrada por sua riqueza de plantas de vital importância nas atividades de coleta realizadas pelas mulheres. As mulheres que atualmente vivem na T.I. Wedezé contam que suas memórias de acompanhar suas mães durante a coleta de frutas e tubérculos têm sido reavivadas agora que lá vivem, passando a propiciar recursos que, nos dias atuais, se tornaram fundamentais para o sustento de suas famílias. Além dos alimentos, Wedezé é muito valorizada pelos Xavante por ser um local de obtenção de plantas de valor medicinal, cerimonial e espiritual.

Quanto à agricultura, aconteceram mudanças significativas na subsistência Xavante ao longo das últimas décadas, com a incorporação do arroz como alimento básico na dieta do grupo, o que deriva de projetos de desenvolvimento econômico promovidos pela FUNAI nos anos 1970. Porém, os cultivares tradicionais dos Xavante (milho, feijão e abóbora) continuam sendo plantados e contribuindo de modo significativo na alimentação.

Através da continuação dessas práticas de subsistência, o bem estar físico e cultural da crescente população Xavante das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa depende em larga medida da integridade ecológica do cerrado.

Do ponto de vista ambiental e etnoambiental, a T.I. Wedezé reveste-se de suma importância. Sua localização no interflúvio Mortes-Araguaia representa a única área com efetiva possibilidade de manejo sustentável em meio a uma região que se encontra sob grande pressão da expansão agropecuária no leste mato-grossense e oeste goiano. Os campos inundáveis de murundu que predominam na T.I. Wedezé constituem um ecossistema fragilíssimo, com limitado potencial agrícola e baixa capacidade de sustentação de rebanhos bovinos (Wilcox 1999). A introdução de gado nessas áreas leva à rápida alteração da estrutura física dos solos, reduzindo sua permeabilidade e por vezes ocasionando sua exaustão (Araújo et al. 2010; Longo et al. 1999). O pisoteio excessivo deixa verdadeiras "cicatrizes" em meio aos murundus, afetando diretamente o equilíbrio da frágil cobertura vegetal herbácea (Figura 8.1).

Apesar da importância ecológica da vasta planície hidromórfica conformada pelos rios das Mortes e Araguaia, o avanço da fronteira agrícola na região representa grave ameaça à conservação desse rico ecossistema. A intensificação da colonização do leste de Mato Grosso a partir das décadas de 1960 e 1970 (Jepson 2006; Menezes 1982; Oliveira 1981; Santos 1993) fez-se acompanhar por uma série de atividades econômicas que tem exercido forte impacto sobre o ambiente, gerando áreas extensas de desmatamento, assoreamento de cursos d'água e erosão, principalmente às margens dos grandes rios devido à destruição de matas ciliares. A implantação de monoculturas de soja, arroz e cana-de-açúcar na região trazem consigo, além dos efeitos nefastos imediatos sobre a flora e fauna nativas, o risco da poluição ambiental

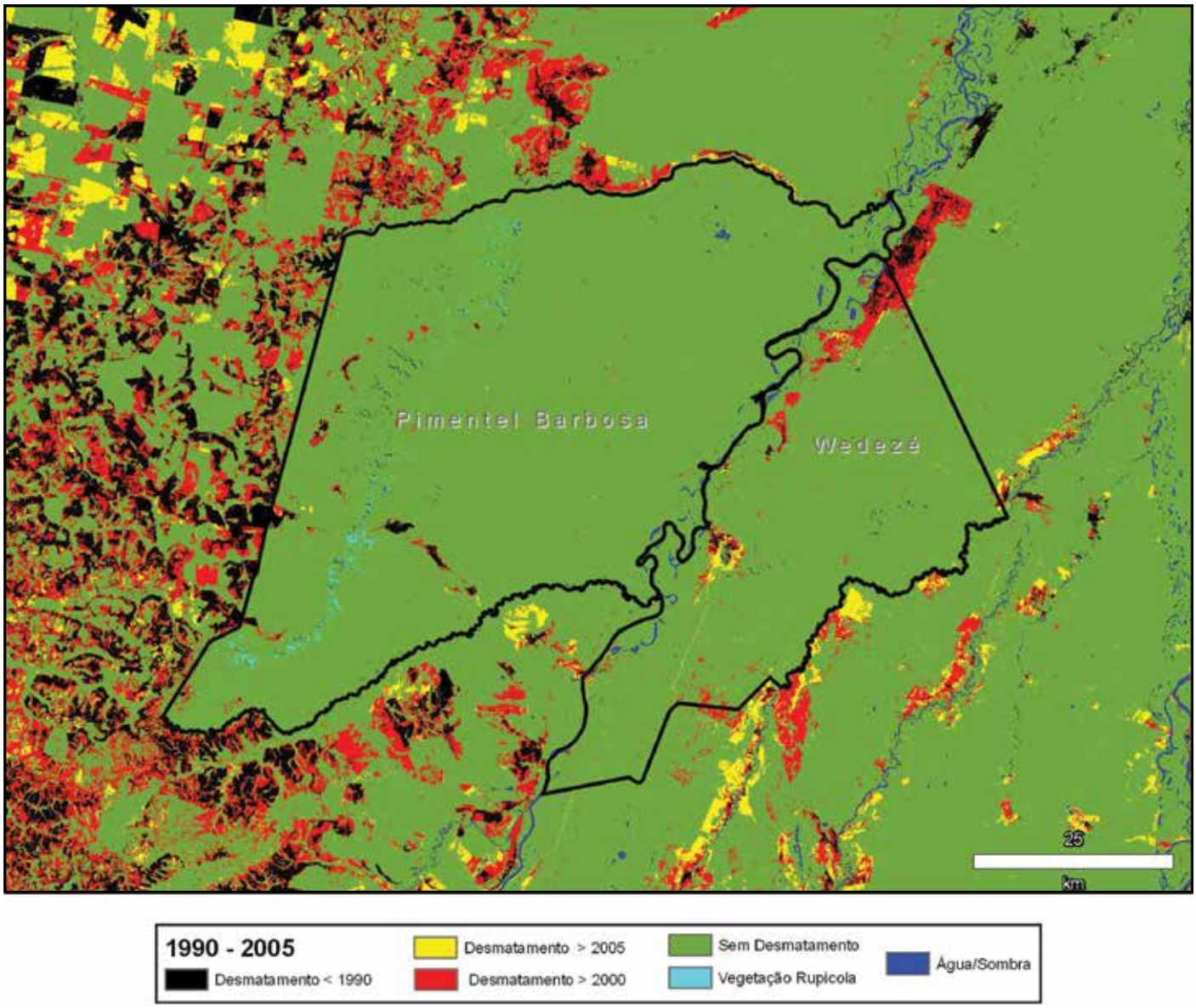
Figura 8.1. Foto aérea das trilhas feitas pelo gado em meio aos murundus, T.I. Wedezé, 2009. Foto: James R. Welch.

com herbicidas e defensivos agrícolas que, devido ao processo de lixiviação, atingem não apenas o curso principal dos grandes rios, mas também suas cabeceiras, como tem sido apontado recentemente para a região do Alto Rio Xingu (Bôas 2000; Sanches 2007).

Apesar do reconhecimento de sua importância para o bioma do cerrado, os buritizais vêm sendo progressivamente devastados na T.I. Wedezé pela expansão das atividades agropastoris (Ramos et al. 2006). Na época da seca, quando o nível d'água está baixo, o gado adentra o buritizal em busca de água e capim verde. Devido às características do solo que predominam nesse ambiente, o pisoteio pode ocasionar compactação e erosão, trazendo consequênciais aos mananciais d'água subterrâneos face à consequente redução da taxa de infiltração. Na estação das chuvas, quando os campos de murundu estão alagados, esse extenso complexo límnico propicia a dispersão de sementes, peixes e pequenos répteis por toda uma bacia hidrográfica que, em última instância, alimenta o Rio Araguaia.

A agropecuária comercial de larga escala exerce grande impacto sobre a vegetação e fauna nativas da região, transformando rapidamente áreas de cerrado em pastagens ou plantações (Klink e Machado 2005; Ratter et al.

Figura 8.2. Desmatamento no entorno de Wedezé e Pimentel Barbosa no período de 1990-2005, com base em imagens de satélite.



1997). Uma análise dos impactos ambientais em uma área de 3.646 km² situada a leste de Mato Grosso, com foco nos municípios de Canarana e Água Boa, vizinhos à T.I. Pimentel Barbosa, concluiu que aproximadamente 24% da área de cerrado da região foram profundamente transformadas pela agropecuária de larga escala (Brannstrom et al. 2008). Esse mesmo estudo apontou que apenas 40% da vegetação nativa da região permanece preservada, sendo que expressiva parcela se encontra nos limites da T.I. Pimentel Barbosa.

O mapa reproduzido na Figura 8.2, gerado com base em imagens de satélite no período 1990-2005, demonstra a extensão dos desmatamentos praticados no entorno das T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa. Aponta ainda a centralidade do território Xavante na conservação ambiental da região, por se tratar de uma das poucas áreas onde ainda prevalecem áreas extensas e contínuas

de cerrado. Esse mapa também evidencia a tendência histórica que se deu a oeste da T.I. Pimentel Barbosa, marcada por desmatamentos efetuados antes da década de 1990. Comparativamente, o processo de desmatamento a leste foi iniciado mais recentemente.

Matas ciliares de grandes proporções em diversas localidades na T.I. Wedezé, principalmente nas extremidades norte, leste e sul, são raras por sua extensão e constituem importantes áreas de refúgio de fauna. A localização geográfica desses complexos de matas é de grande relevância do ponto de vista da ecologia animal. Isso porque, entre eles, há extensas áreas de campos de murundu e ipucas. Essa zona de interflúvio dos rios São Domingos-Água Preta é, segundo os Xavante, de particular interesse para a caça, haja vista que grandes mamíferos (porcos-do-mato, anta, etc.) perambulam por esses campos em busca de alimentos, retornando às matas para evitar o calor excessivo, obter água e repousar.

Em relação aos mamíferos, as matas ciliares cumprem dois papéis fundamentais: (1) servem como corredores de fauna, promovendo a dispersão de espécies entre distintos biomas e (2) constituem áreas estratégicas para a provisão de água, alimento e abrigo (August 1983; Cole 1960; Fonseca e Redford 1985; Johnson et al. 1999; Redford e Fonseca 1986). No tocante às aves, as matas ciliares localizadas ao sul e sudeste de Wedezé representam áreas ímpares para a conservação de muitas espécies que ali aninham e encontram alimento. Segundo Silva (1997), 51,8% das espécies de aves registradas no cerrado vivem principalmente nesses hábitats e 20,8% são encontradas tanto nas matas quanto nos cerrados propriamente ditos. O destaque à importância estratégica das matas ciliares para a fauna não é exclusivo de zoólogos e ecólogos que se dedicam ao estudo do cerrado. Os Xavante também reconhecem o valor dessas matas para a conservação da fauna e sustentabilidade ambiental da T.I. Wedezé como um todo.

Apesar de ser ainda pouco conhecida, a fauna dos cerrados encontra-se fortemente ameaçada devido à expansão das fronteiras agrícolas na região Centro-Oeste. Cerca de 70% desse bioma ainda não foram amostrados do ponto de vista de faunístico (Silveira 2008). Trata-se de uma situação alarmante do ponto de vista ambiental, dado que diferentes estimativas dão conta de que, desde a década de 1960, o cerrado perdeu cerca de 40% de sua extensão original (Silveira 2008). Dentre as espécies de mamíferos listadas para o cerrado, dezessete encontram-se incluídas na lista nacional de espécies ameaçadas de extinção (MMA 2003).

Para a fauna em geral, e em especial no caso de alguns grupos zoológicos, como os mamíferos de médio e grande porte, a fragmentação de hábitats representa séria ameaça à sobrevivência de populações de artiodáctilos, primatas, carnívoros e edentados, dentre outras ordens particularmente vulneráveis à extinção. Assim como os mamíferos, inúmeras espécies de aves do cerrado também são sensíveis à fragmentação de seu hábitat, como demonstraram trabalhos recentes realizados em diferentes áreas de cerrado da região Centro-Oeste (Machado 2000; Marini 2001; Roma 2006).

Áreas extensas de refúgio florestal, como as que se encontram ao sul e sudeste da T.I. Wedezé, somadas ao corredor florestal representado pelas matas ciliares do Rio das Mortes, são estratégicas pois funcionam como vias natu-

rais que promovem o fluxo gênico entre subpopulações de diversos mamíferos (Cáceres et al. 2010; Carvalho et al. 2009; Eizirik et al. 2001; Oliveira et al.). Desse modo, as T.I. Pimentel Barbosa e Wedezé interconectam-se com a floresta amazônica ao norte, através da bacia do Rio Araguaia, assim como com outras áreas da Região Centro-oeste, através dos rios das Mortes, São Domingos e Cristalino, cujas cabeceiras localizam-se a centenas de quilômetros ao sul da terra indígena. A região onde se localiza a T.I. Pimentel Barbosa encontra-se também ligada à bacia do Rio Xingu por intermédio principalmente do Rio Tanguro. Essas intrincadas redes de intercâmbios florísticos e faunísticos existentes dentro da T.I. Wedezé somente são possíveis por meio das matas ciliares e veredas de buritis, razão pela qual é fundamental assegurar a integridade dessas, evitando sua fragmentação.

Do ponto de vista da conservação e sustentabilidade ambiental de longo prazo, a garantia da manutenção integral de ecossistemas reveste-se de suma importância. Portanto, considerando a centralidade do cerrado na cultura Xavante e do papel deste povo na conservação desse complexo bioma ao longo do tempo, é premente que sejam realizados esforços no sentido de se evitar a fragmentação de hábitats no curso de um processo de demarcação de área a ser protegida.

As matas ciliares são particularmente vulneráveis à ação antrópica. Os extensos desmatamentos praticados nas fazendas situadas na T.I. Wedezé para fins agropastoris comumente avançam pela mata até a beira do rio, como se verifica, por exemplo, em trechos situados na margem direita do Rio Preto, ou mesmo ao longo do Rio das Mortes, à montante do limite sul da T.I. Wedezé. A remoção da vegetação nessas áreas tem ocasionado rápida e contínua erosão, tornando o solo imprestável para a agricultura e alterando profundamente as características físico-químicas do curso d'água principal, com sérias consequências para a fauna aquática (Wantzen et al. 2006). Além disso, o *stress* hídrico que se verifica na vegetação das franjas, geralmente associado às queimadas, leva a importantes alterações na estrutura e composição de espécies, tanto vegetais quanto animais, o que resulta em redução da diversidade (Cáceres et al. 2010; Lobo e Guimarães 2008).

A proteção integral de ecossistemas requer também que se delimite uma zona de amortecimento ou tampão (*buffer*) no entorno da área principal a ser protegida. Do ponto de vista da conservação, um dos principais papéis desempenhados pela zona de amortecimento é evitar o efeito de borda, isto é, a alteração na estrutura ou composição das espécies nas franjas de uma área protegida, principalmente quando se trata de um fragmento de pequenas dimensões. Considerando que os desmatamentos praticados na região tendem a avançar por sobre as matas ciliares, assegurar a integridade da grande mata ciliar do Corixo São Domingos e sua continuidade até a margem direita do Rio das Mortes contribuirá sobremaneria para a manutenção da biodiversidade na região (Ratter et al. 1997; Redford e Fonseca 1986).

A atividade agropecuária traz outra ameaça à região, representada pela invasão de espécies vegetais exóticas, em especial os capins africanos, como o gordura, jaraguá, colonião e braquiária, amplamente utilizados nas fazendas atualmente situadas em Wedezé e em seu entorno como forrageiras para a criação de gado. Segundo Pivello (Pivello et al. 1999a; Pivello et al. 1999b),

essas espécies de capim adaptam-se bem ao cerrado por encontrarem condições ecológicas semelhantes àquelas de seus hábitats de origem – as savanas africanas. Do ponto de vista ecológico, os capins africanos exercem forte competição com as espécies nativas do cerrado, pois, ao formarem espesso tapete de biomassa, reduzem a luminosidade na superfície do solo, impedindo a germinação de espécies nativas e, consequentemente, a regeneração de habitats (Pivello et al. 1999b).

Ao todo, existem aproximadamente 30 lagoas de tamanhos e profundidades variados na margem direta do Rio das Mortes, que se conectam ao leito principal do rio através de canais de calado variável. As lagoas ao longo do Rio das Mortes, incluindo aquelas localizadas na T.I. Wedezé, são reconhecidas e nomeadas pelos Xavante, o que demonstra a sua importância para esse povo. Em entrevistas realizadas com os velhos Xavante, foram colocados em destaque diversos peixes de grande valor na alimentação e que se encontram nesses ambientes lacustres, como o tucunaré, trairão e pintado. Apesar de a ecologia de peixes neotropicais ainda ser pouco conhecida, algumas dessas espécies encontram-se particularmente ameaçadas pela pesca predatória, represamento de rios, assoreamento de lagoas e/ou poluição dos ambientes aquáticos por metais pesados, como o mercúrio. A pesca predatória, como a praticada por pescadores comerciais que ilegalmente atuam nas T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, gera consequências graves e irreversíveis sobre a população de determinadas espécies de peixes mais sensíveis à ação antrópica. Em contraste com esse padrão de uso predatório de recursos naturais, os Xavante pescam com fins unicamente de subsistência, de modo que suas práticas são altamente sustentáveis no longo prazo.

Por exemplo, em um estudo recente sobre a ecologia e a genética do tucunaré, peixe de alto valor comercial e que também é muito apreciado pelos Xavante, a bióloga Vera Almeida-Val e equipe demonstraram como essa espécie, cujas subpopulações vivem em lagoas separadas e se encontram e acasalam quando migram para o leito central dos rios (que no território Xavante é representado pelo complexo de lagoas e pelo Rio das Mortes), pode ser afetada quando ocorre a destruição de seu hábitat (Barletta et al. 2010; Lima et al. 2010).

A intensificação da pesca comercial no Rio das Mortes e em suas lagoas, em geral utilizando técnicas altamente danosas aos ecossistemas aquáticos da região, como o espinhel, redes de lance a até mesmo dinamite, constitui um motivo de grande preocupação para os Xavante de Wedezé e Pimentel Barbosa. Não são raras as situações de constrangimento e tensão quando grupos de Xavante encontram pescadores que, não raro, chegam a acampar na margem esquerda do Rio das Mortes, em pleno território da T.I. Pimentel Barbosa. Outra importante ameaça à T.I. Wedezé, principalmente no que diz respeito aos ecossistemas aquáticos, é o controverso projeto da Hidrovia Araguaia-Tocantins, que inclui o Rio das Mortes, e contra o qual lideranças Xavante e demais etnias da região têm exercido forte oposição face aos seus efeitos imediatos sobre a fauna de peixes, quelônios aquáticos e outros animais cujos hábitat estão relacionados a essa planície (Santilli 2008).

O complexo hidrográfico do Rio das Mortes que, além das lagoas inclui o leito do rio principal, assim como suas muitas ilhas e praias, é também estra-

tégico do ponto de vista da preservação de quelônios aquáticos. Dentre eles, destacam-se, na família Podocnemididae, a tartaruga e o tracajá; e na família Chelidae, o raro matá-matá (*Chelus fimbriatus*). Há ainda outras espécies de cágados (Chelidae) pouco conhecidas, haja vista que os levantamentos sobre a fauna de quelônios na bacia hidrográfica do Rio das Mortes são limitados. No tocante ao esforço de conservação desse ecossistema, vale mencionar a existência do Refúgio de Vida Silvestre de Quelônios do Araguaia e Rio das Mortes do Estado de Mato Grosso, criado por meio do decreto estadual nº 7.520 de 21 de setembro de 2001(Mato Grosso 2001). Esse refúgio tem uma área de aproximadamente 33.245 ha de sobreposição com as fazendas que correspondem à T.I. Wedezé. Segundo o coordenador do projeto "Refúgio", com o qual conversamos na sede do IBAMA em Canarana, essa iniciativa opera a partir de um posto avançado situado na confluência do Rio Corixão com o Rio das Mortes, e tem como foco de suas atividades a identificação e proteção de ninhos de quelônios do gênero *Podocnemis* ao longo das praias do Rio das Mortes e seus principais afluentes. Infelizmente, trata-se de um esforço isolado e subfinanciado, que oferece pouca resistência à pressão exercida pelos numerosos grupos de pescadores ilegais que circulam no Rio das Mortes principalmente na estação seca, em busca de quelônios, pirarucu e outros peixes de elevado valor comercial. Os Xavante se indignam com as invasões de trechos do rio que lhes pertence. O coordenador do projeto disse-nos que os Xavante tem sido importantes aliados dos esforços de proteção dessa bacia hidrográfica, denunciando a invasão do rio por pescadores ilegais. Com base em denúncias feitas pelos indígenas, a equipe do projeto "Refúgio" já realizou o confisco de embarcações, motores e equipamentos pertencentes aos invasores.

Ao contrário dos grandes pecuaristas, pescadores comerciais e outros brasileiros não-indígenas que se estabeleceram a leste de Mato Grosso em décadas recentes, os povos indígenas que habitam essa região têm manejado com sucesso os recursos ambientais do cerrado ao longo de milênios. O caráter conservador e sustentável do manejo ambiental Xavante *vis-à-vis* as formas de manejo empregadas pelas fazendas vizinhas às T.I. Wedezé e Pimentel Barbosa, onde se verificam extensas áreas degradadas em poucos anos de uso, fica evidente ao analisarmos as imagens de satélite geradas para a região.

Nesse livro nos debruçamos sobre evidências históricas, demográficas, ecológicas e antropológicas que apontam inequivocadamente para a profundidade temporal e cultural da relação dos Xavante com o território de Wedezé. Ali estabelecidos pelos menos desde meados do século XIX, os Xavante desenvolveram fortes vínculos com a região, podendo-se afirmar que Wedezé é nos dias de hoje fundamental para a reprodução física e a continuidade cultural da população. Em paralelo à centralidade de Wedezé para os Xavante, pode-se também afirmar que a preservação dessa região se reveste de interesse para além do plano local/regional, uma vez que os frágeis ecossistemas localizados nessas áreas do Brasil estão em rápido processo de ocupação e destruição. Assim, assegurar a região de Wedezé para os Xavante, além das dimensões antropológicas e humanitárias envolvidas, vem associada à possibilidade de proteção de recursos naturais estratégicos que, nos dias de hoje, se encontram sob forte pressão antrópica devido à expansão do agronegócio e da pecuária nas regiões centrais do país.

Bibliografia

ABREU, Ieda Estergilda de; FLÓRIA, Cristina. No mundo da mulher Xavante. *Revista Planeta*, v. 38, n. 457, p. 36-41, 2010.

AGUIAR, Ludmilla Moura de Souza; CAMARGO, Amabílio José Aires de; SOUSA, Evie dos Santos de. *Fauna do bioma cerrado: insetos*. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), 2005-2007. [http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Agencia16/AG01/arvore/AG01_77_911200585235.html]. Acesso em 30 de maio de 2010.

ALBUQUERQUE, Jayme Soares; MARCOS, José Joel; ALMEIDA JR., Antônio Augusto de. *Relatório apresentado a sua excelência o Senhor Ministro do Interior, pela Comissão Especial constituída pela Portaria No. 42, de 16 de fevereiro de 1978*. Brasília: Ministério do Interior, 1978.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Os Quilombolas e a Base de Lançamento de Foguetes de Alcântara: Laudo Antropológico*. Vols. 1 e 2. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006.

ALMEIDA, Maarla Cristina. *Mosaico de Abrangência Santa Felicidade, Cocalinho-MT*. Cuiabá: Instituto de Terras de Mato Grosso (INTERMAT), 2002.

ALMEIDA, R. H. *O Diretório dos Índios: um projeto de "civilização" no Brasil no século XVIII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

ALMUDENA, C. Sacode a tribo: Sepultura (Adöoru em Xavante) grava música e clipe em aldeia indígena. *Folha de São Paulo*, Caderno 6, 13 de novembro, 1995, p. 1.

ALVES, Alecy. Índios têm parte dos corpos queimados. *Diário de Cuiabá*, Edição 12194, August 20, 2008.

ANDERSON, Anthony; POSEY, Darrel Adison. Manejo de cerrados pelos índios Kayapó. *Boletim de Museu Paraense Emilio Goeldi (Botânica)*, v. 2, n. 1, p. 77-98, 1985.

ANDERSON, Anthony; POSEY, Darrel Adison. Reflorestamento indígena. *Ciência Hoje*, v. 6, n. 31, p. 44-50, 1987.

ANÔNIMO. 'Heavy' índio. *Jornal do Brasil*, Caderno B, 18 de novembro, 1995, p. 2.

ANTAS, Paulo de Tarso Zuquim; CAVALCANTI, Roberto Brandão; CRUZ, Maria Cândida Villela. *Aves Comuns do Planalto Central*. Brasília: Editora UnB, 2009.

ARAÚJO, Fernando Silva; SALVIANO, Adeodato Ari Cavalcante; LEITE, Luiz Fernando Carvalho; SOUZA, Zigomar Menezes de; SOUSA, Allan Charlles Mendes de. Physical quality of a yellow latossol under integrated crop-livestock system. *Revista Brasileira de Ciências do Solo*, v. 34, p. 713-723, 2010.

ARAUJO, Luiz de França Pereira de. *Carta ao Diretor do SPI na data de 02 de setembro de 1964 (localizada no acervo da Diretoria de Assuntos Fundiários – DAF, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Brasília, Processo no. SPI/2474/64)*. Brasília: Serviço de Proteção ao Índio (SPI), 1964.

ARAÚJO, Nicelly Braudes; MELO, Tatiana Lima de; Tejerina-Garro, Francisco Leonardo. *Ictiofauna do médio Araguaia: comparação entre a calha principal, o Rio das Mortes e lagos da planície de inundação*. Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil, 23 a 28 de setembro, Caxambu, 2007.

ASKEW, G. P.; MOFFATT, D. J.; MONTGOMERY, R. F.; SEARL, P. L. Interrelationships of soils and vegetation in the savanna-forest boundary zone of North-Eastern Mato Grosso. *The Geographical Journal*, v. 136, n. 3, p. 370-376, 1970a.

ASKEW, G. P.; MOFFATT, D. J.; MONTGOMERY, R. F.; SEARL, P. L. Soil landscapes in North Eastern Mato Grosso. *The Geographical Journal*, v. 136, n. 2, p. 211-227, 1970b.

ASKEW, G. P.; MOFFATT, D. J.; MONTGOMERY, R. F.; SEARL, P. L. Soils and soil moisture as factors influencing the distribution of the vegetation formations of the Serra do Roncador, Mato Grosso. In: FERRI, Mário Guimarães (Org.). *III Simpósio sobre o Cerrado*. São Paulo: Edgard Blücher/Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES DE CANA RICA. *Projeto produtivo para as aldeias indígenas Água Branca, Caçula, Pimentel Barbosa, Tanguro e Wederã (localizado no acervo do Coordenador-Geral de Identificação e Delimitação – CGID, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Brasília)*. Canarana/MT: Associação de Produtores de Cana Rica, 2004.

AUGUST, P. V. The role of habitat complexity and heterogeneity in structuring tropical mammal communities. *Ecology*, v. 64, p. 1495-1507, 1983.

AURELI, Willy. *Roncador: Expedição da Bandeira Piratininga*. Rio de Janeiro: Edições Cultura Brasileira, 1943.

BALDUS, Herbert. Tribus da bacia do Araguaia e o Serviço de Proteção aos Índios. *Revista do Museu Paulista*, nova série, v. 2, p. 137-168, 1948.

BALDUS, Herbert. É belicoso o Xavante? *Revista do Arquivo Municipal (São Paulo)*, v. 142, p. 125-129, 1951.

BALÉE, William. *Footprints of the Forest: Ka'apor Ethnobotany – The Historical Ecology of Plant Utilization by an Amazonian People*. New York: Columbia University Press, 1994.

BARBOSA, Altair Sales; SCHMITZ, Pedro Ignacio. Ocupação indígena do cerrado: esboço de uma história. In: SANO, Sueli Matiko; ALMEIDA, Semíramis Pedrosa; RIBEIRO, José Felipe (Orgs.). *Cerrado: Ecologia e Flora*. Brasília: EMBRAPA, 2008.

BARBOSA, Jayme Rodrigues. *Carta ao Diretor do SPI na data de 10 de outubro de 1963 (localizada no acervo da Diretoria de Assuntos Fundiários – DAF, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Brasília, Processo no. SPI/2757/63)*. Brasília, 1963.

BARLETTA, M.; JAUREGUIZAR, A. J.; BAIGUN, C.; FONTOURA, N. F.; AGOSTINHO, A. A.; ALMEIDA-VAL, V. M. F.; VAL, A. L.; TORRES, R. A.; JIMENES-SEGURA, L. F.; GIARRIZZO, T.; FABRÉ, N. N.; BATISTA, V. S.; LASSO, C.; TAPHORN, D. C.; COSTA, M. F.; CHAVES, P. T.; VIEIRA, J. P.; CORRÊA, M. F. M. Fish and aquatic habitat conservation in South America: a continental overview with emphasis on neotropical systems. *Journal of Fish Biology*, v. 76, n. 9, p. 2118-2176, 2010.

BASTA, Paulo Cesar; COIMBRA JR., Carlos E. A.; WELCH, James R.; ALVES, Luiz Carlos Corrêa; SANTOS, Ricardo Ventura; CAMACHO, Luiz Antonio Bastos. Tuberculosis among the Xavante Indians of the Brazilian Amazon: An epidemiological and ethnographic assessment. *Annals of Human Biology*, v. 37, n. 5, p. 643-657, 2010.

BÔAS, André Villas. SOS Rio Xingu. In: RICARDO, Carlos Alberto (Org.). *Povos Indígenas no Brasil, 1996-2000*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.

BRANDFORD, Sue; GLOCK, Oriel. *The Last Frontier: Fighting over Land in the Amazon*. London: Zed Books, 1985.

BRANNSTROM, Christian; JEPSON, Wendy; FILIPPI, Anthony M.; REDO, Daniel; XU, Zengwang; GANESH, Srinivasan. Land change in the Brazilian savanna (cerrado), 1986-2002: comparative analysis and implications for land-use policy. *Land Use Policy*, v. 25, p. 579-595, 2008.

BRASILEIRO, Francisco. *Na Serra do Roncador*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

BRIANI, Denis C.; PALMA, Alexandre R. T. Post-fire succession of small mammals in the Cerrado of Central Brazil. *Biodiversity and Conservation*, v. 13, p. 1023-1037, 2004.

BRIEGER, F. G.; GURGEL, J.; PATERNIANI, E.; BLUMENSCHEIN, A.; ALLEONI, M. R. *Races of Maize in Brazil and Other Eastern South American Countries (Publication 593)*. Washington, D.C.: National Science Foundation, 1958.

BRONDIZIO, Eduardo S.; MORAN, Emilio F.; MAUSEL, P.; WU, Y. Changes in land cover in the Amazon estuary: Integration of thematic mapper with botanical and historical data. *Photogrammetric Engineering and Remote Sensing*, v. 62, n. 8, p. 921-929, 1996.

BROWN JR., Keith S.; GIFFORD, David. Lepidoptera in the cerrado landscape and the conservation of vegetation, soil, and topographical mosaics. In: OLIVEIRA, Paulo S.; MARQUIS, Robert J. (Orgs.). *The Cerrados of Brazil: Ecology and Natural History of a Neotropical Savanna*. New York: Columbia University Press, 2002.

BURMAN, A. G.; FILGUEIRAS, T. S. A review of the woody Bamboo genera of Brazil (Gramineae: Bambusoidea: Bambuseae). *Thaiszia: Journal of Botany*, v. 3, p. 53-88, 1993.

CÁCERES, Nilton C.; NÁPOLI, Rodrigo P.; CASELLA, Janaina; HANNIBAL, Wellington. Mammals in a fragmented savannah landscape in south-western Brazil. *Journal of Natural History*, v. 44, n. 7, p. 491-512, 2010.

CALDAS, Jaci Antonio L. Tupi. *A Exploração do Rio das Mortes pelo Tenente Coronel Antonio Tupi Ferreira Caldas*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas Globo, 1941.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Les études Gé. *L'Homme*, v. 33, n. 2-4, p. 77-93, 1993.

CARONE, Edgar. *O Estado Novo (1937-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1976.

CARRARA, Eduardo. *Tsi Tewara: Um Vôo Sobre o Cerrado*. 1997. Dissertação de Mestrado – Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CARVALHO, Fábio M. V.; MARCO JR., Paulo de; FERREIRA, Laerte G. The cerrado into-pieces: Habitat fragmentation as a function of landscape use in the savannas of Central Brazil. *Biological Conservation*, v. 142, p. 1392-1403, 2009.

CARVALHO, José Cândido de Melo. Relações entre os índios do Alto Xingu e a fauna regional. *Publicações Avulsas do Museu Nacional (Rio de Janeiro)*, v. 7, p. 1-39, 1951.

CARVALHO, Romildo. *Ref. Parecer No. 18/DJ-69 (localizado no acervo da Diretoria de Assuntos Fundiários – DAF, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Brasília, Processo no. FNI/BSB/712/68)*. Brasília: Fundação Nacional do Índio (FUNAI), 1969.

CASTELNAU, Francis de. *Expédition dans les Parties Centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Para, Ptie. 1: Histoire du voyage*. Paris: P. Bertrand, 1850.

CASTRO-NEVES, Beatriz Moreira de. *Efeito de Queimadas em Áreas de Cerrado Strito Sensu e na Biomassa de Raízes Finas*. 2007. Tese do Doutorado – Ecologia, Universidade de Brasília, Brasília.

CASTRO, Elmar Andrade; KAUFFMAN, J. Boone. Ecosystem structure in the Brazilian Cerrado: A vegetation gradient of aboveground biomass, root mass and consumption by fire. *Journal of Tropical Ecology*, v. 14, p. 263-283, 1998.

CHAIM, Marivone Matos. *Os Aldeamentos Indígenas na Capitania de Goiás: Sua Importância na Política do Povoamento (1749-1811)*. Goiânia: Oriente, 1974.

CHAIM, Marivone Matos. *Aldeamentos Indígenas (Goiás 1794-1811)*. 2ª. ed. São Paulo: Nobel, 1983.

CHOVELON, Padre Hippollyto. *Relatório ao Presidente Getúlio Vargas (localizado no arquivo textual do fundo SPI, Museu do Índio – FUNAI, Rio de Janeiro, microfilme 263, fotos 821-827)*. Rio de Janeiro: Missão Salesiana entre os Índios Chavantes, 1938.

CLARK, L. G. Diversity and biogeography of neotropical bamboos (Poaceae: Bambusoideae). *Acta Botanica Brasilica*, v. 4, p. 125-132, 1990.

COIMBRA JR., Carlos E. A.; FLOWERS, Nancy M.; SALZANO, Francisco M.; SANTOS, Ricardo Ventura. *The Xavánte in Transition: Health, Ecology, and Bioanthropology in Central Brazil*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2002.

COLE, M. M. Cerrado, caatinga and pantanal: The distribution and origin of the savanna vegetation of Brazil. *The Geographical Journal*, v. 126, p. 168-179, 1960.

COSTA, Cláudia Cotrim Correa da; LIMA, Jorge Pinto de; CARDOSO, Leila Dutra; HENRIQUES, Virginia Quilelli. *Fauna do Cerrado: Lista Preliminar de Aves, Mamíferos e Répteis*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 1981.

COUTINHO, Leopoldo Magno. As queimadas e seu papel ecológico. *Brasil Florestal*, v. 10, n. 44, p. 7-23, 1980.

COUTINHO, Leopoldo Magno. Fire in the ecology of the Brazilian cerrado. In: GOLDAMMER, J.G. (Org.). *Fire in the Tropical Biota: Ecosystem Processes and Global Challenges*. New York: Columbia University Press, 1990.

COUTINHO, Leopoldo Magno. O bioma do cerrado. In: KLEIN, Aldo Luiz (Org.). *Eugen Warming e o Cerrado Brasileiro: Um Século Depois*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CROCKER, William H. *The Canela (Eastern Timbira), I : An Ethnographic Introduction. Vol. 33, Smithsonian Contributions to Anthropology*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1990.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*. 2ª. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1982.

CUNHA, Sérgio Sérvulo da. *Memorando ao Presidente da FUNAI na data de 15 de abril de 2003 (localizado no acervo da Coordenação-Geral de Identificação e Delimitação – CGID, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Brasília, no. 884/GM)*. Brasília: Gabinete do Ministro, Ministério da Justiça, 2003.

DUROURE, Jean; Carletti, Ernest. *Sur le Fleuve de la Mort*. Paris: Emmanuel Vitte, 1936.

EITEN, George. The cerrado vegetation of Brazil. *Botanical Review*, v. 38, p. 201-341, 1972.

EITEN, George. Vegetação. In: PINTO, Maria Novaes (Org.). *Cerrado: Caracterização, Ocupação e Perspectivas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

EIZIRIK, E.; KIM, J. H.; MENOTTI-RAYMOND, M.; CRAWSHAW JR., P. G.; O'BRIEN, S. J.; JOHNSON, W. E. Phylogeography, population history and conservation genetics of jaguars (*Panthera onca*, Mammalia, Felidae). *Molecular Ecology*, v. 10, n. 1, p. 65-79, 2001.

EMMONS, Louise H.; FEER, FranCois. *Neotropical Rainforest Mammals: A Field Guide*. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

ESCHWEGE, Ludwig Wilhelm von. *Brasilien, Die Neue Welt*. Erster Theil: Braunschweig, 1830.

ESTADO DE MATO GROSSO. *Lei n° 7.520, de 28 de setembro de 2001 – D.O. 02.10.01 (Declara Refúgio de Vida Silvestre – Quelônios do Araguaia a área abaixo descrita, com o objetivo de proteger ambientes naturais, assegurando condições para a existência ou reprodução de espécies, comunidades da flora local, da fauna residente ou migratória, e dá outras providências)*. Cuiabá: Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, 2001.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

FERNANDES DA COSTA, Alencarliense. *Relatório do Serviço de Protecção aos Índios no Estado de Goyaz, Relativo ao Anno de 1930*. Goyaz: Serviço de Proteção ao Índio (SPI), 1931.

FERRI, Mário Guimarães. Ecologia dos cerrados. In: FERRI, Mário Guimarães (Org.). *IV Simpósio sobre o Cerrado: Bases para Utilização Agropecuária*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/ Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

FERRI, Mário Guimarães. *Vegetação Brasileira*. FERRI, Mário Guimarães (Org.) Vol. 26, *Coleção Reconquista do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

FLÓRIA, Cristina. *Piõ Höimanazé: a mulher Xavante e sua arte*. São Paulo: A 2.0 Produções Artísticas, 2008. DVD.

FLOWERS, Nancy M. *Forager-farmers: The Xavante Indians of Central Brazil*. 1983a. Tese de Doutorado – Antropologia, City University of New York, New York.

FLOWERS, Nancy M. Seasonal factors in subsistence, nutrition, and child growth in a Central Brazilian community. In: HAMES, Raymond B.; VICKERS, William T. (Orgs.). *Adaptive Responses of Native Amazonians*. New York: Academic Press, 1983b.

FLOWERS, Nancy M. *Entre os Xavante de Pimentel Barbosa: Memórias Fotográficas*. Publicação Avulsa do Museu do Índio, vol. 5. Rio de Janeiro, Museu do Índio, 2011.

FONSECA, Gustavo A. B.; REDFORD, Kent H. The mammals of IBGE's ecological reserve and an analysis of the role of gallery forests in increasing diversity. *Revista Brasileira de Biologia*, v. 44, p. 517-523, 1985.

FONSECA, Sylvio. *Frente a Frente com os Xavante*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Pongetti, 1948.

FRAGOSO, J. M. V.; SILVIUS, K. M.; VILLA-LOBOS, M. *Wildlife Management at the Rio das Mortes Xavante Reserve, MT, Brazil: Integrating Indigenous Culture and Scientific Method for Conservation*. Brasília: World Wildlife Fund-Brazil, 2000.

FRANCA, Belisário. *Estratégia Xavante*. São Paulo: Instituto das Tradições Indígenas (IDETI); Giros, 2007. DVD.

FREIRE, J. R. *Relação da Conquista do Gentio Xavante*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo (Trabalho original publicado em 1790), 1951.

FREITAS FILHO, Amaury Sadock de. *Relatório ao President Getúlio Vargas (localizado no arquivo textual do fundo SPI, Museu do Índio – FUNAI, Rio de Janeiro, microfilme 323, fotos 005-049)*. Rio de Janeiro: Serviço de Proteção ao Índio (SPI), 1954.

FREITAS, Flávio Garcia de; SILVEIRA, Clotario Olivier. Principais solos sob vegetação de cerrado e sua aptidão agrícola. In: FERRI, Mário Guimarães (Org.). *IV Simpósio sobre o Cerrado: Bases para Utilização Agropecuária*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/ Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

FUNAI. *Despacho do Presidente, No. 676, de 23 de dezembro de 2011. Resumo do Relatório Circunstanciado de Identificação e de Delimitação da Terra Indígena Wedezé*. Fundação Nacional do Índio. Brasília: Diário Oficial da União, 2011. 26 de dezembro, Seção 21, p. 222.

FUNAI. *Despacho do Presidente, No. 676, de 23 de dezembro de 2011. Resumo do Relatório Circunstanciado de Identificação e de Delimitação da Terra Indígena Wedezé*. Fundação Nacional do Índio. Cuiabá: Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, 2012. No. 25728, p. 25778.

GARFIELD, Seth. *Civilized but Discontent: The Xavante Indians and Government Policy in Brazil, 1937-1988*. 1996. Tese de Doutorado – História, Yale University, New Haven.

GARFIELD, Seth. The roots of a plant that today is Brazil: Indians and the nation-state under the Brazilian Estado Novo. *Journal of Latin American Studies*, v. 29, p. 747-768, 1997.

GARFIELD, Seth. *Indigenous Struggle at the Heart of Brazil: State Policy, Frontier Expansion, and the Xavante Indians, 1937-1988*. Durham, NC: Duke University Press, 2001.

GIACCARIA, Bartolomeu; HEIDE, Adalberto. *Jerônimo Xavante Conta: Mitos e Lendas*. Campo Grande: Casa da Cultura, 1975.

GIACCARIA, Bartolomeu; HEIDE, Adalberto. *Xavante: Auwẽ Uptabi, Povo Autêntico*. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco (Trabalho original publicado em 1972), 1984.

GLASS, Frederick C. *A Thousand Miles in a Dug-out: Being the Narrative of a Journey of Investigation among the Red-skin Indians of Central Brazil*. Liverpool: South American Evangelical Mission, 1911.

GOMES, Mercio P. *Carta aos caciques e lideranças Xavante na data de 21 de novembro de 2003 (localizada no acervo da Coordenação-Geral de Identificação e Delimitação – CGID, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Brasília, carta No. 229/2003/PRES-FUNAI)*. Brasília: Fundação Nacional do Índio (FUNAI), 2003.

GONÇALVES, Celso da Silva; MONTE, Icléa Gomes; CÂMARA, Nelly Lamarão. Clima. In: CALDEIRON, Sueli Sirena (Org.). *Recursos Naturais e Meio Ambiente: Uma Visão do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 1993.

GOODLAND, Robert; FERRI, Mário Guimarães. *Ecologia do Cerrado*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

GRAHAM, Laura R. Uma aldeia por um "projeto". *Povos Indígenas no Brasil 85/86. Aconteceu Especial 17*. São Paulo: Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), 1987.

GRAHAM, Laura R. A public sphere in Amazonia? The depersonalized collaborative construction of discourse in Xavante. *American Ethnologist*, v. 20, p. 717-741, 1993.

GRAHAM, Laura R. *Performing Dreams: Discourses of Immortality among the Xavante of Central Brazil*. Austin: University of Texas Press, 1995.

GREEN, Glen; SCHWEIK, Charles; HANSON, Mark. *Radiometric calibration of LANDSAT multi-spectral scanner and thematic mapper images: guidelines for the global change community (CIPEC Working Paper CWP-02-03)*. Bloomington: Center for the Study of Institutions, Population, and Environmental Change (CIPEC), Indiana University, 2002.

GREENBERG, J. H. The general classification of Central and South American Indian languages. In: WALLACE, A. F. C. (Org.). *Men and Cultures*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1956.

GROSS, Daniel R. A new approach to Central Brazilian social organization. In: MARGOLIS, Maxine L.; CARTER, William (Orgs.). *Brazil, Anthropological Perspectives: Essays in Honor of Charles Wagley*. New York: Columbia University Press, 1979.

HALL, Joan; MCLEOD, Ruth Alice; MITCHELL, Valerie. *Pequeno Dicionário Xavante-Português Português-Xavante*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

HECHT, Susanna B. Kayapó savanna management: Fire, soils, and forest islands in a threatened biome. In: WOODS, William I.; TEIXEIRA, Wenceslau G.; LEHMANN, Johannes; STEINER, Christoph; WINKLERPRINS, Antoinette; REBELLATO, Lilian (Orgs.). *Amazonian Dark Earths: Wim Sombroek's Vision*. Berlin: Springer, 2009.

HEES, Dora Rodrigues; CORREIA DE SÁ, Maria Elizabeth de Paiva; AGUIAR, Tereza Cone. A evolução da agricultura na região Centro-Oeste na década de 70. *Revista Brasileira de Geografia*, v. 49, p. 197-257, 1987.

HEMMING, John. *Amazon Frontier: The Defeat of the Brazilian Indians*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1987.

IBGE. *Manual Técnico da Vegetação Brasileira*. Vol. 1, *Manuais Técnicos em Geociências*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1991.

INNOCÊNCIO, Ney Rodrigues. Hidrografia. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Org.). *Geografia do Brasil: Região Centro-Oeste*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 1977.

JENSEN, J. *Introductory Digital Image Processing: A Remote Sensing Perspective*. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 1996.

JEPSON, Wendy. Private agricultural colonization on a Brazilian frontier, 1970 and 1980. *Journal of Historical Geography*, v. 32, p. 839-863, 2006.

JOHNSON, M. A.; SARAIVA, P. M.; COELHO, D. The role of gallery forests in the distribution of cerrado mammals. *Revista Brasileira de Biologia*, v. 59, n. 3, p. 421-427, 1999.

JOLY, Aylthon Brandão. *Conheça a Vegetação Brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Editora Polígono, 1970.

JURUNA, Mário; HOHLFELDT, Antonio; HOFFMANN, Assis. *O Gravador do Juruna*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

KARASCH, Mary. Catequese e cativeiro: política indigenista em Goiás, 1780-1889. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

KAUFFMAN, J. Boone; CUMMINGS, D. L.; WARD, D. E. Relationships of fire, biomass and nutrient dynamics along a vegetation gradient in the Brazilian cerrado. *Journal of Ecology*, v. 82, n. 3, p. 519-531, 1994.

KLINK, Carlos A.; MACHADO, R. B. . Conservation of the Brazilian cerrado. *Conservation Biology*, v. 19, n. 3, p. 707-713, 2005.

LACHNITT, Jorge. *Dicionário Xavante/Português: Romnhitsi'ubumro A'uwẽ Mreme – Waradzu Mreme*. 2ª. ed. Campo Grande: Missão Selesiana de Mato Grosso, Universidade Católica Dom Bosco, 2003.

LEEUWENBERG, Frans J. *Diagnóstico de Caça e Manejo da Fauna Cinegética com os Índios Xavante, Aldeia Etenhiritipá*. Brasília: World Wildlife Fund, 1995.

LEEUWENBERG, Frans J. Manejo de fauna cinegética na reserva indígena Xavante de Pimentel Barbosa, Estado de Mato Grosso. In: VALLADARES-PADUA, Claudio; BODMER, Richard E. (Orgs.). *Manejo e Conservação de Vida Silvestre no Brasil*. Brasília: CNPq, 1997.

LEEUWENBERG, Frans J.; RESENDE DE MELO, Maria Aparecida; NASCIMENTO, Walterson Ribeiro. *Dasa Uptabi: De Volta às Raízes*. Goiás: Sociedade de Proteção e Utilização do Meio Ambiente (PUMA), 2007.

LEEUWENBERG, Frans J.; ROBINSON, John G. Traditional management of hunting by a Xavante community in Central Brazil: The search for sustainability. In: ROBINSON, John G.; BENNETT, Elizabeth L. (Orgs.). *Hunting for Sustainability in Tropical Forests*. New York: Columbia University Press, 1999.

LEEUWENBERG, Frans J.; SALIMON, M. *Para Sempre A'uwê: Os Xavante na Balança das Civilizações*. Brasília: UNICEF, 1999.

LEITÃO, Ismael da Silva. *Carta ao Diretor do SPI na data de 23 de janeiro de 1964 (localizada no acervo da Diretoria de Assuntos Fundiários – DAF, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Brasília, Processo no. SPI/2757/63)*. Brasília: Serviço de Proteção ao Índio (SPI), 1964.

LEITE, Davi Lima Pantoja. *Efeitos do Fogo sobre a Taxocenose de Lagartos em Áreas de Cerrado Sensu Stricto no Brasil Central*. 2007. Dissertação de Mestrado – Ciências Biológicas, Universidade de Brasília, Brasília.

LEITE, Ilka Boaventura. *O Legado do Testamento: A Comunidade de Casca em Perícia*. 2ª ed. Porto Alegre e Florianópolis: Editora UFRGS/NUER, 2002.

LEITE, Ilka Boaventura (Org.). *Laudos Periciais Antropológicos em Debate*. Florianópolis: NUER/Asociação Brasileira de Antropologia, 2005.

LEVINE, Robert M. *The Vargas Regime: The Critical Years, 1934-1938*. New York: Columbia University Press, 1970.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. *Um Grande Cerco de Paz. Poder Tutelar, Indianidade e Formação do Estado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1995.

LIMA, M. P.; CAMPOS, T.; SOUSA, A. C. B.; SOUZA, A. P.; ALMEIDA-VAL, Vera Maria Fonseca de. Isolation and characterization of microsatellite markers for *Cichla monoculus*; (Agassiz, 1831), an important freshwater fish in the Amazon. *Conservation Genetics Resources*, On Line First, p. 1-4, 2010.

LOBO, Fabio; GUIMARÃES, Laerte Ferreira. Vegetação remanescente nas áreas prioritárias para conservação da biodiversidade em Goiás: Padrões de distribuição e características. *Boletim Goiano de Geografia*, v. 28, n. 2, p. 89-104, 2008.

LONGO, Regina Márcia; ESPÍNDOLA, Carlos Roberto; RIBEIRO, Admilson Írio. Modificações na estabilidade de agregados no solo decorrentes da introdução de pastagens em áreas de cerrado e floresta amazônica. *Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental*, v. 3, n. 3, p. 276-280, 1999.

LOPES DA SILVA, Aracy. A expressão mítica da vivência histórica: Tempo e espaço na construição da identidade Xavante. *Anuário Antropológico*, v. 82, p. 200-214, 1982.

LOPES DA SILVA, Aracy. Xavante: casa–aldeia–chão–terra–vida. In: NOVAES, Sylvia Caiuby (Org.). *Habitações Indígenas*. São Paulo: Livraria Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1983.

LOPES DA SILVA, Aracy. *Nomes e Amigos: Da Prática Xavante a uma Reflexão sobre os Jê*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1986.

LOPES DA SILVA, Aracy. Dois séculos e meio de história Xavante. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia de Letras, 1992.

LOPES DA SILVA, Aracy. The Akwe-Xavante in history at the end of the 20th century. *Journal of Latin American Anthropology*, v. 4, n. 2, p. 212-237, 1999.

LOUKOTKA, Čestmír. *Clasificación de las Lenguas Sudamericanas*. Prague: Tipografía Josef Bartl, 1935.

LOWIE, Robert H. The associations of the Šerénte. *American Anthropologist*, v. 41, n. 3, p. 408-415, 1939.

LOWIE, Robert H. A note on the Northern Gê tribes of Brazil. *American Anthropologist*, v. 43, n. 2, p. 188-196, 1941.

LOWIE, Robert H. The Northwestern and Central Gê. In: STEWARD, Julian H. (Org.). *Handbook of South American Indians, Vol. 1: The Marginal Tribes, Bulletin 143, Bureau of American Ethnology*. Washington D.C.: United States Government Printing Office, 1946a.

LOWIE, Robert H. The "Tapuya". In: STEWARD, Julian H. (Org.). *Handbook of South American Indians: The Marginal Tribes (Bulletin 143)*. Washington D.C.: Bureau of American Ethnology, United States Government Printing Office, 1946b.

LOWIE, Robert H. Social and political organization of the Tropical Forest and Marginal tribes. In: STEWARD, Julian H. (Org.). *Handbook of South American Indians, Vol. 5: The Comparative Ethnology of South American Indians, Bulletin 143, Bureau of American Ethnology*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution, 1949.

LUNARDI, R.; SANTOS, Ricardo Ventura; COIMBRA JR., Carlos E. A. Morbidade hospitalar de indígenas Xavante, Mato Grosso, Brasil (2000-2002). *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 10, n. 4, p. 441-452, 2007.

MACHADO, Ricardo B. *A Fragmentação do Cerrado e Efeitos sobre a Avifauna na Região de Brasília-DF*. 2000. Tese de Doutorado – Ecologia, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília, Brasília.

MAGALHÃES, Couto. *Viagem ao Araguaya*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

MAGALHÃES, Francisco dos Santos. *Carta ao Presidente da FUNAI na data de 13 de junho de 2000 (localizada no acervo da Diretoria de Assuntos Fundiários – DAF, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Brasília, Processo FUNAI no. 0710/2001)*. Brasília: Fundação Nacional do Índio (FUNAI), 2000a.

MAGALHÃES, Francisco dos Santos. *Memo No. 161/AA/NALAB/2000 na data de 20 de junho de 2000 (localizado no acervo da Diretoria de Assuntos Fundiários – DAF, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Brasília, Processo FUNAI no. 0710/2001)*. Brasília: Fundação Nacional do Índio (FUNAI), 2000b.

MAGGI, Blairo Borges. *Carta ao Ministro da Justiça na data de 31 de março de 2003 (localizada no acervo do Coordenação-Geral de Identificação e Delimitação – CGID, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Brasília)*. Cuiabá: Gabinete do Governador, Governo do Estado de Mato Grosso, 2003.

MALAVOLTA, E.; SARRUGE, J. R.; BITTENCOURT, V. C. Toxidez de alumínio e de manganês. In: FERRI, Mário Guimarães (Org.). *IV Simpósio sobre o Cerrado: Bases para Utilização Agropecuária*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

MARIMON, Beatriz Schwantes; FELFILI, Jeanine Maria. Ethnobotanical comparison of "pau brasil" (*Brosimum rubescens* Taub.) forests in a Xavante Indian and a non-Xavante community in eastern Mato Grosso State, Brazil. *Economic Botany*, v. 55, n. 4, p. 555-569, 2001.

MARINI, Miguel Ângelo. Effects of forest fragmentation on birds of the cerrado region, Brazil. *Bird Conservation International*, v. 11, p. 13-25, 2001.

MARTINS, Alan Kardec Elias; SCHAEFER, Carlos Ernesto G.R.; SILVA, Elias; SOARES, Vicente Paulo; CORRÊA, Guilherme Resende; MENDONÇA, Bruno Araújo Furtado de. Relações solo-geoambiente em áreas de ocorrência de ipucas na planície do Médio Araguaia, Estado do Tocantins. *Revista Árvore*, v. 30, n. 2, p. 297-310, 2006.

MARTINS, Iracy Coelho de Menezes; SOARES, Vicente Paulo; SILVA, Elias; BRITES, Ricardo Seixas. Diagnóstico ambiental no contexto da paisagem de fragmentos florestais naturais "ipucas" no Município de Lagoa da Confusão, Tocantins. *Revista Árvore*, v. 26, n. 3, p. 299-309, 2002.

MASON, Alden. The Languages of South American Indians. In: STEWARD, Julian H. (Org.). *Handbook of South American Indians: Physical Anthropology, Linguistics and Cultural Geography of South American Indians (Bulletin 143)*. Washington, D.C.: Bureau of American Ethnology, United States Government Printing Office, 1950.

MATTOS, Raymundo José da Cunha. Chorographia historica da Provincia de Goyaz. *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, v. 38 (Parte 1), p. 5-150, 1875.

MAYBURY-LEWIS, David. The Akwẽ-Shavante: A test case of 'dual organization' in Central Brazil. In: *XXXV Congreso Internacional de Americanistas: Actas y Memorias*, v. 3, p. 135-136. México, D.F.: Editorial Libros de México, 1962.

MAYBURY-LEWIS, David. *The Savage and the Innocent: Life with the Primitive Tribes of Brazil*. Cleveland: World Publishing, 1965a.

MAYBURY-LEWIS, David. Some crucial distinctions in Central Brazilian ethnology. *Anthropos*, v. 60, p. 340-358, 1965b.

MAYBURY-LEWIS, David. The Shavante struggle for their lands. *Cultural Survival Quarterly*, v. 7, p. 54-55, 1983.

MAYBURY-LEWIS, David. *A Sociedade Xavante*. Rio de Janeiro: Francisco Alves (original: *Akwẽ-Shavante Society*, 1963, Oxford: Clarendon Press), 1984.

MAYBURY-LEWIS, David. Brazilian Indianist policy: Some lessons from the Shavante project. In: MACDONALD, T. (Org.). *Native Peoples and Economic Development: Six Case Studies from Latin America*. Cambridge: Cultural Survival, 1985.

MAYBURY-LEWIS, David (Org.). *Dialectical Societies: The Gê and Bororo of Central Brazil*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.

MELO, Cesar Enrique de; LIMA, Jane Dilvana; MELO, Tatiana Lima de; PINTO-SILVA, Vangil. *Peixes do Rio das Mortes. Identificação e Ecologia das Espécies mais Comuns*. Cuiabá: Editora UNEMAT, 2005.

MELO, Cesar Enrique de; MACHADO, F.A.; PINTO-SILVA, Vangil. Feeding habits of fish from a stream in the savanna of Central Brazil, Araguaia Basin. *Neotropical Ichtyology*, v. 2, n. 1, p. 37-44, 2004.

MELO, Tatiana Lima de; TEJERINA-GARRO, Francisco L.; MELO, Cesar Enrique de. Diversidade biológica da comunidade de peixes no baixo Rio das Mortes, Mato Grosso, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia*, v. 24, n. 3, p. 657-665, 2007.

MENEZES, Cláudia. Os Xavante e o movimento de fronteira no leste matogrossense. *Revista de Antropologia*, v. 25, p. 63-87, 1982.

MENEZES, M. L. P. *Parque Indígena do Xingu: A Construção de um Território Estatal*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

MIRANDA, Heloisa S.; BUSTAMANTE, Mercedes M. C.; MIRANDA, Antonio C. The fire factor. In: OLIVEIRA, Paulo S.; MARQUIS, Robert J. (Orgs.). *The Cerrados of Brazil: Ecology and Natural History of a Neotropical Savannah*. New York: Columbia University Press, 2002.

MISTRY, Jayalaxshmi; BERARDI, Andrea; ANDRADE, Valeria; KRAHÔ, Txicaprô; KRAHÔ, Phocrok; LEONARDOS, Othon. Indigenous Fire Management in the cerrado of Brazil: The Case of the Krahô of Tocantíns. *Human Ecology*, v. 33, n. 3, p. 365-386, 2005.

MMA. *Instrução Normativa, No. 3, de 27 de maio. Espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção*. Ambiente, Ministério do Meio. Brasília: Diário Oficial da União, 2003. 28 de maio, Seção 21, 88-97.

MORAIS, F. *Chatô: O Rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORAN, Emilio F. *Through Amazonian Eyes: The Human Ecology of Amazonian Populations*. Iowa City: University of Iowa Press, 1993.

MOREIRA, Amélia Alba Nogueira. Relevo. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Org.). *Geografia do Brasil: Região Centro-Oeste*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 1977.

MÜLLER, Regina A. P. *A Pintura do Corpo e os Ornamentos Xavante: Arte Visual e Comunicação Social*. 1976. Dissertação de Mestrado – Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

NASSER, David. Enfrentando os Chavantes! *O Cruzeiro*, 24 de junho, 1944, p. 47-60.

NASSER, David; MANZON, Jean. Chavantes na Guerra. *O Cruzeiro*, 14 de setembro, 1946, p. 9-18.

NEEL, James V.; SALZANO, Francisco M. Further studies on the Xavante Indians, X: Some hypothesis-generalizations resulting from these studies. *American Journal of Human Genetics*, v. 19, p. 554-574, 1967.

NEEL, James V.; SALZANO, Francisco M.; JUNQUEIRA, P. C.; MAYBURY-LEWIS, David. Studies on the Xavante Indians of the Brazilian Mato Grosso. *American Journal of Human Genetics*, v. 16, n. 1, p. 52-140, 1964.

NIMER, Edmon. Clima. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Org.). *Geografia do Brasil: Região Centro-Oeste*. Rio de Janeiro: IBGE, 1977.

NIMER, Edmon. *Climatologia do Brasil*. Vol. 4, *Série Recursos Naturais e Meio Ambiente*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 1979.

NIMUENDAJU, Curt. *The Serente*. Los Angeles: Frederick Webb Hodge Anniversary Publication Fund, 1942.

NIMUENDAJU, Curt; LOWIE, Robert H. The dual organization of the Ramkokamekra (Canella) of Northern Brazil. *American Anthropologist*, v. 39, p. 565-582, 1937.

O'DWYER, Eliane Cantarino (Org.). *O Fazer Antropológico e o Reconhecimento de Direitos Constitucionais: O Caso das Terras de Quilombo no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

OLIVEIRA-FILHO, Ary Teixeira de. Floodplain 'murundus' of Central Brazil: Evidence for the termite-origin hypothesis. *Journal of Tropical Ecology*, v. 8, n. 1, p. 1-19, 1992a.

OLIVEIRA-FILHO, Ary Teixeira de. The vegetation of Brazilian "murundus": the island-effect on the plant community. *Journal of Tropical Ecology*, v. 8, n. 4, p. 465-486, 1992b.

OLIVEIRA, Guilherme de; DINIZ-FILHO, José Alexandre Felizola; BINI, Luis Mauricio; RANGEL, Thiago F. L. V. B. Conservation biogeography of mammals in the Cerrado biome under the unified theory of macroecology. *Acta Oecologica*, v. 35, n. 5, p. 630-638, 2009.

OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso. *Colonização e Diferenciação: Os Colonos de Canarana*. 1981. Dissertação de Mestrado – Antropologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. Uma etnologia dos 'índios misturados'? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. *Mana*, v. 4, n. 1, p. 47-77, 1998a.

PACHECO DE OLIVEIRA, João (Org.). *Indigenismo e Territorialização: Poderes, Rotinas e Saberes Coloniais no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa/ LACED, 1998b.

PACHECO DE OLIVEIRA, João; SANTOS, Ana Flávia M. *Reconhecimento Étnico em Exame: Dois Estudos sobre os Caxixó*. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa, 2003.

PAGLIARO, Heloísa; AZEVEDO, Marta Maria; SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). *Demografia dos Povos Indígenas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2005.

PAPPIANI, Angela. Programa de índio. *Os Caminhos da Terra*, v. 1, p. 28-33, 1992.

PAULA, Jorge Luiz de; PAULA, Luis Roberto de. *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Isou'pa (Área IV – Parabubure), Portaria GT nº 1086/2000 (Processo FUNAI nº 0223/2004)*. Brasília: Setor de Documentação (DOC-DPT), Fundação Nacional do Índio (FUNAI), 2005.

PEREIRA, Pablo. Xavantes contam sua história da pacificação. *O Estado de São Paulo*, Caderno A, 9 de novembro, 1997, p. 17.

PINE, R. H.; BISHOP, I. R.; JACKSON, R. L. Preliminary list of mammals of Xavantina Cachimbo expedition (Central Brazil). *Transactions of the Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene*, v. 64, n. 5, p. 668-670, 1970.

PINHEIRO, Fernanda; DINIZ, Ivone R.; KITAYAMA, Kiniti. Comunidade local de Coleoptera em cerrado: diversidade de espécies e tamanho do corpo. *Anais da Sociedade Entomológica do Brasil*, v. 27, n. 4, p. 543-550, 1999.

PINTO, Olivério Mário de Oliveira; CAMARGO, Eurico A. Sobre uma coleção de aves do Rio das Mortes (Estado de Mato Grosso). *Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia (São Paulo)*, v. 8, n. 26, p. 287-336, 1948.

PIVELLO, Vânia R. Fire management for biological conservation in the Brazilian cerrado. In: MISTRY, Jayalaxshmi; BERARDI, Andrea (Orgs.). *Savannas and Dry Forests: Linking people with nature*. Aldershot, England: Ashgate Publishing, 2006.

PIVELLO, Vânia Regina; CARVALHO, V. M. C.; LOPES, P. F.; PECCININI, A. A.; ROSSO, S. Abundance and distribution of native and alien grasses in a "cerrado" (Brazilian savanna) biological reserve. *Biotropica*, v. 31, n. 1, p. 71-82, 1999a.

PIVELLO, Vânia Regina; SHIDA, C. N.; MEIRELLES, Sérgio Tadeu. Alien grasses in Brazilian savannas: a threat to biodiversity. *Biodiversity and Conservation*, v. 8, p. 1281-1294, 1999b.

POHL, João Emanuel. *Viagem no Interior do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação (original: *Reise im Innern von Brasilien*, 1837, Wien: Zweyter Theil), 1951.

POSEY, Darrell A. Indigenous management of tropical forest ecosystems: The case of the Kayapó Indians of the Brazilian Amazon. *Agroforestry Systems*, v. 3, p. 139-158, 1985.

PRADO, C. *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1963.

RAMOS-NETO, Mário Barroso; PIVELLO, Vânia R. Lightning fires in a Brazilian savanna national park: Rethinking management strategies. *Environmental Management*, v. 26, n. 6, p. 675-684, 2000.

RAMOS, Alcida Rita. *Indigenism: Ethnic Politics in Brazil*. Madison: University of Wisconsin Press, 1998.

RAMOS, Marcus Vinícius Vieitas; CURI, Nilton; MOTTA, Paulo Emílio Ferreira da; VITORINO, Antonio Carlos Tadeu; FERREIRA, Mozart Martins; SILVA, Marx Leandro Naves. Veredas do Triângulo Mineiro: Solos, água e uso. *Ciência e Agrotecnologia (Lavras)*, v. 30, n. 2, p. 283-293, 2006.

RATTER, J. A.; RIBEIRO, José Felipe; BRIDGEWATER, S. The Brazilian cerrado vegetation and threats to its biodiversity. *Annals of Botany*, v. 80, n., p. 223-230, 1997.

RATTER, J. A.; RICHARDS, P. W.; ARGENT, G.; GIFFORD, D. R. Observations on the vegetation of northeastern Mato Grosso. I. The woody vegetation types of the Xavantina-Cachimbo expedition area. *Phylosophical Transactions of the Royal Society of London*, v. 266, n. B-880, p. 449-492, 1973.

RAVAGNANI, Oswaldo Martins. *A Experiência Xavante com o Mundo dos Brancos*. 1978. Tese de Doutorado – Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo.

REATTO, Adriana; CORREIA, João Roberto; SPERA, Silvio Tulio. Solos do bioma cerrado: aspectos pedológicos. In: SANO, Sueli Matiko; ALMEIDA, Semíramis Pedrosa de (Orgs.). *Ocupação Indígena do Cerrado: Esboço de uma História*. Planaltina: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), 1998.

REDFORD, Kent H.; FONSECA, Gustavo A. B. The role of gallery forest in the zoogeography of the cerrado's non-volant mammalian fauna. *Biotropica*, v. 18, n. 2, p. 126-135, 1986.

REGIS, Wilson Duque Estrada. Unidades de relevo. In: CALDEIRON, Sueli Sirena (Org.). *Recursos Naturais e Meio Ambiente: Uma Visão do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 1993.

REIS, Maurício Rangel. *Carta ao President Ernesto Geisel na data de 14 de outubro de 1974 (localizada no acervo da Diretoria de Assuntos Fundiarios – DAF, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Brasília, Processo FUNAI no. 12544/74)*. Brasília: Ministério do Interior, 1974.

REIS, Maurício Rangel. *Carta ao General Gustavo Moraes Rego, Secretário Geral do Conselho de Segurança Nacional, na data de 25 de janeiro de 1979 (localizada no acervo da Diretoria de Assuntos Fundiarios – DAF, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Brasília)*. Brasília: Ministério do Interior, 1979.

RIBEIRO, José Felipe; WALTER, Bruno Machado Teles. As principais fitofisionomias do bioma cerrado. In: SANO, Sueli Matiko; ALMEIDA, Semíramis Pedrosa de; RIBEIRO, José Felipe (Orgs.). *Cerrado: Ecologia e Flora*. Brasília: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), 2008.

RICARDO, Carlos Alberto (Org.). *Povos Indígenas no Brasil 1991/1995*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1996.

RIHGB. Subsídios para a história da Capitania de Goyaz (1756-1806). *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, v. 84, p. 41-294, 1918.

RIVA, José Geraldo. *Moção de congratulação 547/03 na data de 10 de junho de 2003 (localizada no acervo da Coordenação-Geral de Identificação e Delimitação – CGID, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Brasília, Protocolo FUNAI no. 1803/03)*. Cuiabá: Assembléia Legislativa de Mato Grosso, 2003.

RIZZINI, Carlos Toledo; HERINGER, Ezechias Paulo. Underground organs of plants from some southern Brazilian savannas with special reference to the xylopodium. *Phyton*, v. 17, n. 1, p. 105-124, 1961.

RODRIGUES, Aryon D. *Línguas Brasileiras: Para o Conhecimento das Línguas Indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

RODRIGUES, Aryon D. Macro-Jê. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (Orgs.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge Univrsity Press, 1999.

ROMA, Júlio César. *A Fragmentação e seus Efeitos sobre Aves de Fitofisionomias Abertas do Cerrado*. 2006. Dissertação do Mestrado – Ecologia, Universidade de Brasília, Brasília.

SAINT-HILAIRE, Augustin François C. Prouvensal de. *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz, 2 volumens*. Paris: A. Bertrand, 1847-1848.

SAMPAIO SILVA, Orlando; LUZ, Lídia; HELM, Cecília Maria Vieira (Orgs.). *A Perícia Antropológica em Processos Judiciais*. Florianópolis: Editora UFSC, 1994.

SANCHES, Rosely Anvim. Cartão postal ameaçado. In: RICARDO, Carlos Alberto; CAMPANILLI, Maura (Orgs.). *Almanaque Brasil Socioambiental*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2007.

SANTILLI, Juliana. A hidrovia Araguaia-Tocantins e os Xavante. In: RICARDO, Beto (Org.). *Almanaque Brasil Socioambiental*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2008.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. *Matuchos: Exclusão e Luta – do Sul para a Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1993.

SANTOS, Ricardo Ventura; COIMBRA JR., Carlos E. A.; WELCH, James R. A half-century portrait: Health transition in the Xavante Indians from Central Brazil. In: BRONDIZIO, Eduardo S.; MORAN, Emilio F. (Orgs.). *Human-Environment Interactions: Current and Future Directions*. Dordrecht: Springer, 2013.

SEREBURÃ; Hipru; RUPAWÊ; SEREZABDI; SEREÑIMIRÃMI. *Wamrêmé Za'ra – Nossa Palavra: Mito e História do Povo Xavante*. São Paulo: SENAC, 1998.

SICK, Helmut. *Ornitologia Brasileira: Uma Introdução*. Vol. 1. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985.

SILVA, Cristhian Teófilo da. *Perícia Antropológica e a Defesa dos Direitos Socioculturais no Brasil*. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2008a. Simpósio Gravado em vídeo realizado nos dias 05 a 07 de março de 2008.

SILVA, Danilo Muniz da; BATALHA, Marco Antônio. Soil-vegetation relationships in cerrados under different fire frequencies. *Plant and Soil*, v. 311, n., p. 87-96, 2008.

SILVA FILHO, Euvaldo Gomes da. *Memo no. 182/GAB/AER/A. BOA/MT ao Coordenador da Área Xavante, Goiânia, na data de 28 de agosto de 2009 (localizado no acervo da Coordenação-Geral de Identificação e Delimitação – CGID, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Brasília)*. Brasília: Fundação Nacional do Índio (FUNAI), 2009.

SILVA, Glaucia (Org.). *Antropologia Extramuros: Novas Responsabilidades Sociais e Políticas dos Antropólogos*. Brasília: Paralelo 15, 2008b.

SILVA, Hermano Ribeiro da. *Nos Sertões do Araguaia: Narrativas da Expedição às Glebas Barbaras do Brasil Central*. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, 1935.

SILVA, José Maria Cardoso Da. Endemic bird species and conservation in the Cerrado Region, South America. *Biodiversity and Conservation*, v. 6, n. 3, p. 435-450, 1997.

SILVA JR., Manoel Cláudio da; Santos, Gilmar Correia dos; Nogueira, Paulo Ernane; Munhoz, Cássia Beatriz Rodrigues; Ramos, Alba Evangelista. *100 Árvores do Cerrado: Guia de Campo*. Brasília: Rede de Sementes do Cerrado, 2005.

SILVA JR., Manoel Claudio da Silva; Pereira, Benedito Alísio da Silva. *+100 Árvores do Cerrado – Matas de Galeria: Guia de Campo*. Brasília: Rede de Sementes do Cerrado, 2009.

SILVEIRA, Luís Fábio. Cerrado e suas aves. In: ENDRIGO, Edson (Org.). *Aves do Cerrado*. São Paulo: Aves e Fotos Editora, 2008.

SIMÕES, Celso Cardoso Silva. *Perfis de Saúde e de Mortalidade no Brasil: Uma Análise de seus Condicionantes em Grupos Populacionais Específicos*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2002.

SKIDMORE, Thomas E. *Politics in Brazil, 1930-1964: An Experiment in Democracy*. New York: Oxford University Press, 1967.

SMITH, A. *Mato Grosso: Last Virgin Land*. New York: E.P. Dutton, 1971.

SOUZA LIMA, Antonio Carlos de; Barreto Filho, Henyo Trindade (Orgs.). *Antropologia e Identificação: Os Antropólogos e a Definição de Terras Indígenas no Brasil, 1977-2002*. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa/LACED, 2005.

SOUZA, Lincoln de. *Entre os Xavante do Roncador*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação, Ministério da Educação e Saúde, 1953a.

SOUZA, Lincoln de. *Os Xavantes e a Civilização*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1953b.

SOUZA, Luciene G.; SANTOS, Ricardo Ventura; PAGLIARO, Heloisa; CARVALHO, Maria Sá; FLOWERS, Nancy M.; COIMBRA JR., Carlos E. A. Demography and health of the Xavante Indians of Central Brazil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 27, n. 10, p. 1891-1905, 2011.

SOUZA, Luciene Guimarães de. *Demografia e Saúde dos Índios Xavante do Brasil Central*. 2008. Tese de Doutorado – Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

SOUZA, Márcio; BESSA, José Ribamar; JURUNA, Mário; MEGARON; TERENA, Marcos. *Os Índios Vão à Luta*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1981.

SPI. *Instruções ao Inspector Especializado Francisco P. Soares de Meireles, para os trabalhos de pacificação dos índios chavantes (localizadas no arquivo textual do fundo SPI, Museu do Índio/FUNAI, Rio de Janeiro, microfilme 381, fotos 277-299)*. Brasília: Serviço de Proteção ao Índio (SPI), 1944.

STAUFFER, David Hall. *The Origin and Establishment of Brazil's Indian Service*. 1955. Tese de Doutorado, University of Texas, Austin.

SZAFFKA, Tihamér. Sôbre construções navais duma tribo de índios desconhecidos do Rio das Mortes. *Revista do Arquivo Municipal (São Paulo)*, v. 87, p. 171-181, 1942.

URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

VALE, A. Índios insistem em mudanças: Xavantes deixam o DF prometendo voltar para tirar o presidente da Funai. *Correio Braziliense*, Caderno Nacional, 13 de maio, 1980a, p. 10.

VALE, A. Xavantes vão à Funai "Cansados de esperar". *Correio Braziliense*, Caderno Nacional, 24 de maio, 1980b.

VELLOSO, Walter. *Relatório sobre "métodos de trabalhos junto aos índios Xavante" encaminhado ao Sr. Lincoln Pope, na data de 18 de outubro (localizada no arquivo textual do fundo SPI, Museu do Índio/FUNAI, Rio de Janeiro, microfilme 381, fotos 411-415)*. Posto Indígena Xavante/MT: Ministério da Agricultura, 1957.

VELLOSO, Walter. *Carta ao Diretor do SPI na data de 01 de novembro de 1963 (localizada no acervo da Diretoria de Assuntos Fundiários – DAF, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Brasília, Processo no. SPI/2757/63)*. Brasília: Serviço de Proteção ao Índio (SPI), 1963.

VELLOZO, Nilo Oliveira. *Autorização na data de 19 de fevereiro de 1965 (localizada no acervo da Diretoria de Assuntos Fundiários – DAF, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Brasília)*. Brasília: Serviço de Proteção ao Índio (SPI), 1965.

VIANNA, H. O futuro do samba. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, 14 de abril, 1996, p. 5.

VIEIRA, Carlos O. da Cunha. Notas sobre os mamíferos obtidos pela expedição do Instituto Butantan ao Rio das Mortes e Serra do Roncador. *Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia (São Paulo)*, v. 10, n. 4, p. 105-125, 1951.

VILLALOBOS, Manrique Prada. *Efeito de Fogo e da Caça na Abundância de Mamíferos na Reserva Xavante do Rio das Mortes, MT, Brasil*. 2002. Tese de Doutorado – Ciências Biológicas, Universidade de Brasília, Brasília.

VILLALOBOS, Manrique Prada; MARINHO-FILHO, Jader. Effects of fire on the abundance of Xenarthrans in Mato Grosso, Brazil. *Austral Ecology*, v. 29, p. 568-573, 2004.

VILLAS BOAS, Orlando; VILLAS BOAS, Cláudio. *A Marcha para o Oeste: A Epopéia da Expedição Roncador-Xingu*. São Paulo: Editora Globo, 1994.

VON MARTIUS, Karl Friedrich Philipp. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*. Leipzig: Friedrich Fleischer, 1867.

WAIASSÉ, Caimi; PRODOTI, Jorge. *Darini: Iniciação Espiritual Xavante*. São Paulo: Nossa Tribo, 2005. DVD.

WANTZEN, Karl M.; SIQUEIRA, Alberto; CUNHA, Cátia Nunes da; SÁ, Maria de Fátima Pereira de. Stream-valley systems of the Brazilian Cerrado: impact assessment and conservation scheme. *Aquatic Conservation: Marine and Freshwater Ecosystems*, v. 16, n., p. 713-732, 2006.

WELCH, James R. *Age and Social Identity among the Xavante of Central Brazil*. 2009. Tese de Doutorado – Antropologia, Tulane University, New Orleans.

WELCH, James R. *Caçadas coletivas e masculinidade na economia alimentar Xavante*. Anais da 27ª. Reunião Brasileira de Antropologia, 01 e 04 de agosto, Belém, 2010a.

WELCH, James R. Hierarchy, symmetry, and the Xavante spiritual life cycle. *Horizontes Antropológicos*, v. 16, n. 34, p. 235-259, 2010b.

WELCH, James R.; COIMBRA JR., Carlos E. A. Perspectivas culturais sobre transmissão e tratamento da tuberculose entre os Xavánte de Mato Grosso, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 27, n. 1, p. 190-194, 2011.

WELCH, James R.; FERREIRA, Aline Alves; SANTOS, Ricardo Ventura; GUGELMIN, Sílvia A.; WERNECK, Guilherme; COIMBRA JR., Carlos E. A. Nutrition transition, socioeconomic differentiation, and gender among adult Xavante Indians, Brazilian Amazon. *Human Ecology*, v. 37, n. 1, p. 13-26, 2009.

WILCOX, Robert W. "The law of the least effort": Cattle ranching and the environment in the savanna of Mato Grosso, Brazil, 1900-1980. *Environmental History*, v. 14, n. 3, p. 338-368, 1999.

WILLEY, Gordon R. Ceramics. In: STEWARD, Julian H. (Org.). *Handbook of South American Indians: The Comparative Ethnology of South American Indians (Bulletin 143)*. Washington, D.C.: Bureau of American Ethnology, United States Government Printing Office, 1949.

WÜST, Irmhild. Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área nuclear Bororo entre os rios Vermelho e Garças, MT. *Dédalo*, Publicações Avulsas, n. 1, p. 61-171, 1989.

WÜST, Irmhild. The eastern Bororo from an archaeological perspective. In: ROOSEVELT, Anna Curtenius (Org.). *Amazonian Indians from Prehistory to the Present: Anthropological Perspectives*. Tuscon: University of Arizona Press, 1994.

WÜST, Irmhild; BARRETO, Cristiana. The ring villages of Central Brazil: A challenge for Amazonian archaeology. *Latin American Antiquity*, v. 10, n. 1, p. 3-23, 1999.

XAVANTE, Jony; PARINAI'Á, Leandro. *Saúde e Alimentação do Povo Xavante*. São Paulo: Associação Nossa Tribo, 2007. DVD.

ZOPONE JR., Claudenor. *Carta a Júlio Lopes, Deputado Federal, na data de 29 de setembro de 2004 (localizada no acervo da Coordenação-Geral de Identificação e Delimitação – CGID, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Brasília)*. Canarana/MT: Associação de Produtores de Cana Rica, 2004.

Anexos

Anexo I. Carta do Governador de Mato Grosso, Blairo Borges Maggi, ao Ministro da Justiça, 31 de março, Cuiabá, Mato Grosso, 2003 (Maggi 2003).

Ministério da Justiça

Gabinete do Ministro

08001.003045/2003-99

071041031

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO

Gabinete do Governador

Cuiabá,31 de março de 2003

Senhor Ministro

O Estado de Mato Grosso já possui 15.676.358 has (17,3% do território) comprometido com Reservas Indígenas, o que viabiliza mais de 650 há de média por habitante índio. Área mais do que suficiente para sustentar uma família, mesmo produzindo de maneira sustentável, sem destruir o meio ambiente e preservando a biodiversidade. Entendemos, portanto, que as áreas já demarcadas são mais do que suficientes para atender as necessidades dos mesmos.

De acordo com a FUNAI, existem ainda 9 portarias em processo de demarcação com área estima em 6.095.251, mais 16 portarias para estudos e reestudos que segundo estudiosos da Funai podem comprometer outros 19 milhões de hectares. Totalizando uma área de 40.771.609 has para uma população indígena não superior a 24.000 habitantes.

Uma vez homologados os respectivos relatórios, entre reservas indígenas, reservas ecológicas, parques nacionais e o nosso intocável pantanal poderemos chegar à. 51.368.186 has. (57% do território do Estado), comprometendo definitivamente o nosso desenvolvimento.

A questão do índio não é de agregar mais terras à sua população e sim a implantação de uma política de atenção à população indígena, que garanta a sua pluralidade cultural e étnica. Temos bons exemplos de parceria com várias instituições governamentais e não governamentais, na implementação de Políticas Sociais nas áreas da Educação Superior, Ensino Médio e Fundamental, na agricultura, na saúde. Contudo, Senhor Ministro, ao admitirmos mais demarcações, estaremos limitando a possibilidade de realizar políticas de Inclusão Social para mais de 600 mil pessoas que vivem no meu Estado com renda per cápita abaixo de R$80,00 por mês.

Como parceiro do Governo Federal, não posso concordar com novas demarcações de áreas indígenas a revelia do meu Governo. Quero propor um período de pelo menos 24 meses para que possamos, em conjunto, reavaliar as demarcações e estudos em andamento. Pois algumas dessas áreas em demarcação implicam no desalojamento de produtores rurais estabelecidos e povoações já consolidadas, gerando intranqüilidade e conflitos desnecessários. Alem disso, as demarcações de reservas indígenas estão impedindo futuras obras de infra-estrutura estratégicas para o nosso desenvolvimento, tais como estradas, ferrovias, hidrovias e geração de energia.

Respeitosamente.

BLAIRO BORGES MAGGI
Governador

Ao
Excelentíssimo Senhor Ministro da Justiça
Dr. Márcio Tomaz Bastos
Brasília/DF

Mato Grosso
Mãos à Obra

Centro Político Administrativo – CPA
78050-970 – Cuiabá – Mato Grosso
Fone: 65 613.4100 Fax 613 4120

Anexo II. Carta de Claudenor Zopone Jr., da Associação dos Produtores Cana Rica ao Deputado Federal Júlio Lopes, 29 de setembro, Canarana, Mato Grosso, 2004 (Zopone Jr. 2004).

Associação dos Produtores Cana Rica

Rua Professor Zacarias nº 1044 Ribeirão Cascalheira - Mato Grosso CEP 78675 000

Canarana , 29 de Setembro de 2004

Of. 002 / 2004

Excelentíssimo Senhor,

Na oportunidade em que cumprimentamos Vossa Excelência , servimo-nos do presente para expor oque segue:

A Reserva Indígena Pimentel Barbosa distribui-se nos Municípios de Canarana e Ribeirão Cascalheira , e soma um total de 328.611 hectares, onde vivem 1.300 integrantes da comunidade Xavante, distribuídos em 05 aldeias , o que resulta uma proporção de 252,77 hectare por indivíduo.

No ano de 2004 através da portaria nº 1054/PRES/2000, foi proposta a criação de um Grupo de Trabalho com a finalidade de avaliar a proposta de ampliação da reserva indígena em 705.338 hectares ,o que resulta em um aumento de 214,65 %, e nos dá um total de 959,40 hectare por indivíduo.

Esta ampliação envolveria aproximadamente 400 proprietários, o que criaria um problema social de proporções gigantescas, pois envolveria não só os proprietários , mas todos os funcionários que dependem diretamente de seus empregos nas propriedades rurais. Por sua vez, a ampliação da reserva não resolveria o problema da fome que assola o povo Xavante, visto que as áreas propostas encontram-se em sua grande maioria desmatadas , e em produção agrícola ou pecuária , sendo necessário para tanto a produção de alimento nas reservas visto que há terra em abundância.

Reunidos os produtores, os prefeitos dos Municípios envolvidos, as lideranças indígenas e representantes da FUNAI, e após esgotar a discussão sobre o assunto, todas as partes envolvidas entenderam que é necessário concentrar esforços para evitar conflitos e efetivamente resolver parte dos problemas do povo Xavante.

As lideranças indígenas após reuniões com a Presidência da FUNAI, protocolaram junto à esta instituição um documento solicitando a exclusão de uma área de 583.034 hectares da proposta de ampliação. (em anexo)

Os produtores e as Prefeituras envolvidas por sua vez criaram associações, e através destas entidades elaboraram projetos agrícolas e contrataram técnicos para implantar unidades de produção de alimento nas aldeias, assumindo o custo total de produção. Dentro deste contexto, pretende-se ainda resgatar a riqueza alimentar do cerrado no entorno das aldeias, hoje totalmente degradado devido às queimadas, e assim interferir o mínimo possível na cultura Xavante. (em anexo)

Através da Associação dos Produtores, foram mantidos contatos com o Governo do Estado de Mato Grosso, buscando melhorias para as aldeias, como reformas em escolas e recuperação nas estradas de acesso, no entanto estas negociações não evoluíram, pois apesar de todo empenho das partes envolvidas não obtivemos nenhuma resposta da FUNAI, fato este que dificulta todo o processo

Outrossim , informamos que os projetos produtivos propostos pelas Associações dos Produtores estão sendo implantados juntamente com as comunidades indígenas.

Diante do exposto, vimos à Vossa Excelência solicitar seu apoio no sentido de interceder junto à Presidência da FUNAI para que seja respeitada a solicitação feita pelas lideranças indígenas de exclusão da área de 583.034 hectares da proposta de ampliação da reserva , e para que seja emitido um parecer final sobre o assunto.

Certos de estarmos trabalhando com o mesmos objetivo , de evitar conflitos e promover a melhoria das condições de vida do povo Xavante, subscrevemo-nos.

Atenciosamente,

Claudenor Zopone Júnior
Presidente Assoc. Cana Rica

Ao Exmo Sr.
Júlio Lopes
MD Deputado Federal
Brasília – DF

Anexo III. Autorização de Nilo Oliveira Vellozo, Diretor Substituto do SPI, para entrega de gado como forma de pagamento referente à transferência da sede do P.I., 19 de fevereiro, Brasília, Distrito Federal, 1965 (Vellozo 1965).

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
Serviço de Proteção aos Índios

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente, AUTORIZO o Sr. Jayme Rodrigues Barbosa a fazer a entrega ao Encarregado do Pôsto Indígena Pimentel Barbosa dos 9 (nove) tourinhos de raça Zebu, que fazem parte do pagamento por nós contratado da cessão da área que, atualmente, ocupa no referido Pôsto, com suas casas, etc..

Fica claro que a transferência do Pôsto para a margem esquerda do rio das Mortes será feita tão logo recebamos as Verbas de Auxílio aos Índios, quando assinaremos o contrato definitivo e receberemos o que nos resta, de acôrdo com o que foi estabelecido, isto é, Cr$ 500.000,00 (quinhentos mil cruzeiros).

Brasília, em 19 de fevereiro de 1965

Nilo Oliveira Vellozo
Diretor Substº

Anexo IV. Fax de Scopel Empreendimentos e Obras S/A ao Diretor de Terras Indígenas da FUNAI, 30 de junho, São Paulo, 2000.

6141 DED/00

POR: SCOPEL

FUNAI/ Rec. 1857 04 07 00 As ASSINATURA

Proc. nº 0710/2001
Fls. 08
Rubrica

FAX SCOPEL

DATA 30/6/00

DE: DRA. ZILDETE M. R. MEDEIROS
SCOPEL EMPREENDIMENTOS E OBRAS S/A – SÃO PAULO
FAZENDA REMANSO – MT

PARA: DR. ROQUE LARAIA
DIRETOR DE TERRAS FUNAI
TEL/FAX 061 – 2267168

DAF
P/ PRONUNCIAMENTO
09/07/00
Glênio da Costa Alvarez
Presidente da FUNAI

FUNAI/DAI Recd
HORA: 31.07.00
RUBRICA: Camila

ref.: INVASÃO DE ÍNDIOS XAVANTES

Prezado Dr. Laraia,

Conforme conversamos por telefone, nossa fazenda está sendo invadida por ÍNDIOS XAVANTES, colocando sob ameaça a propriedade, nossos administradores, todo um investimentos para desenvolvimento do local, com a criação de milhares de cabeças de gado e, ainda, estão ameçando colocar jogo no varjão para caça de aminais em detrimento ao meio ambiente.

Em atendimento à solicitação de V.Sa. informamos o nome da fazenda e sua localização para as providencias que V.Sa entender adequada ao caso e aguardamos instruções melhor encaminhamnto do problema.

- FAZENDA REMANSO é de propridade da REUNA AGROPECUÁRIA LTDA., empresa do grupo Scopel de São Paulo e está situada no municipio de COCALINHO – MT, margem direita do Rio das Rosas, entre o Rio das Mortes e o Rio Água Preta, tendo como vizinhas as Fazendas Santa Julia e Bonança, a aproximadamente 80 km da Balsa da Estrada que liga Cocalinho até Água Boa (rio abaixo), margem direita do Rio das Mortes.

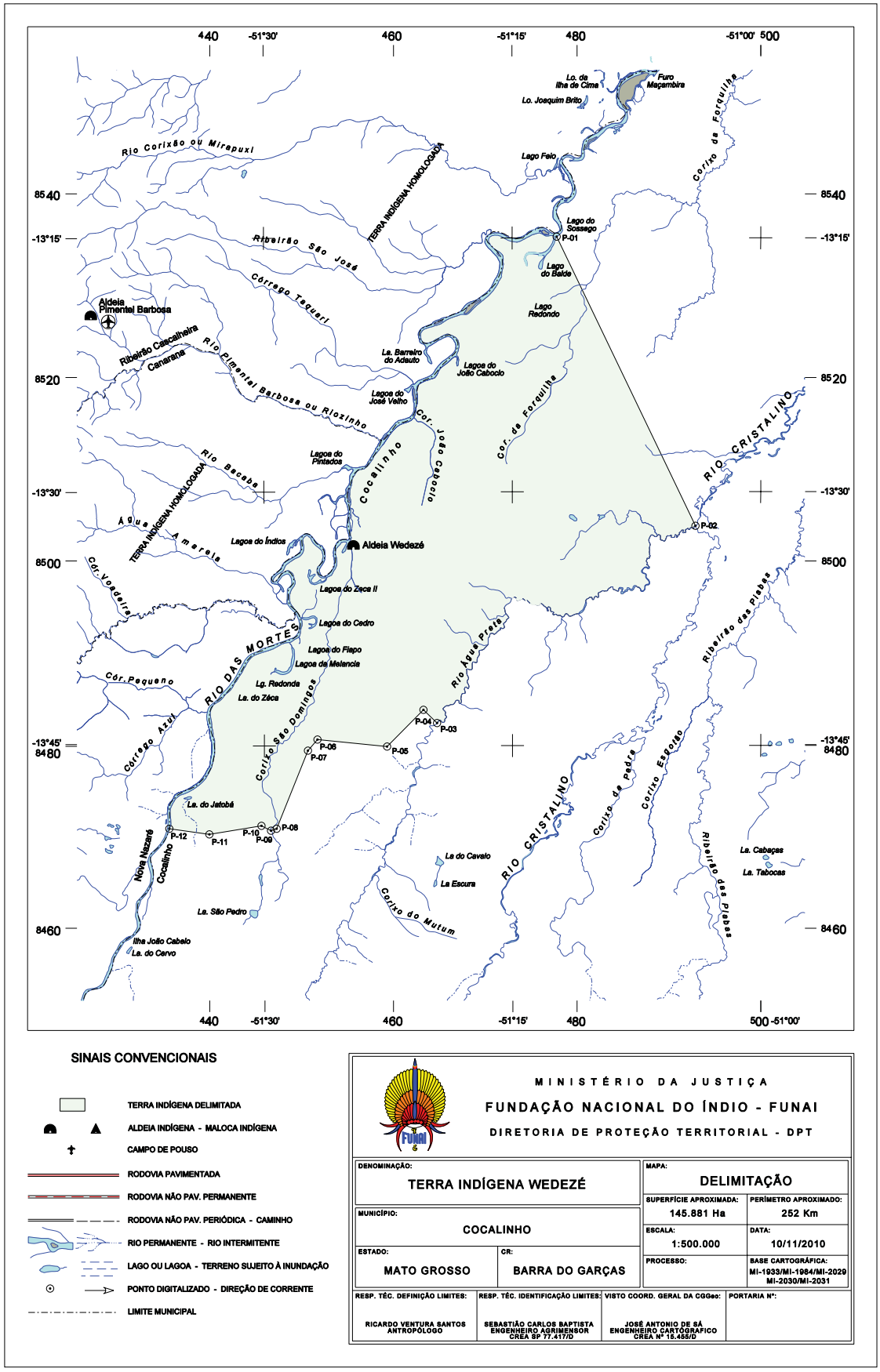
Agradecemos desde já atenção a nós dispensada.

Cordiais saudações.

Zildete M. R. Medeiros
Advogada - SP
Tel. 883-3444 (011)
Fax 881-4516 (011)
e-mail scopel@scopel.com.br.

Ao DED para a verificação cartográfica de acordo com os dados preliminares acima. Como hoje inexiste superfície sob a área, solicito remeter sob auto ao DEF p/ análise situação fundiária
26/07/00
Maria Roberta Cunha
Assessora de Assuntos Fundiários

Anexo V. Mapa de delimitação da T.I. Wedezé, Mato Grosso, 2010.



SINAIS CONVENCIONAIS

- TERRA INDÍGENA DELIMITADA
- ALDEIA INDÍGENA - MALOCA INDÍGENA
- CAMPO DE POUSO
- RODOVIA PAVIMENTADA
- RODOVIA NÃO PAV. PERMANENTE
- RODOVIA NÃO PAV. PERIÓDICA - CAMINHO
- RIO PERMANENTE - RIO INTERMITENTE
- LAGO OU LAGOA - TERRENO SUJEITO À INUNDAÇÃO
- PONTO DIGITALIZADO - DIREÇÃO DE CORRENTE
- LIMITE MUNICIPAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

DIRETORIA DE PROTEÇÃO TERRITORIAL - DPT

DENOMINAÇÃO: TERRA INDÍGENA WEDEZÉ	MAPA: DELIMITAÇÃO
MUNICÍPIO: COCALINHO	SUPERFÍCIE APROXIMADA: 145.881 Ha / PERÍMETRO APROXIMADO: 252 Km
ESTADO: MATO GROSSO / CR: BARRA DO GARÇAS	ESCALA: 1:500.000 / DATA: 10/11/2010
	PROCESSO: / BASE CARTOGRÁFICA: MI-1933/MI-1984/MI-2029 MI-2030/MI-2031

RESP. TÉC. DEFINIÇÃO LIMITES:	RESP. TÉC. IDENTIFICAÇÃO LIMITES:	VISTO COORD. GERAL DA CGGeo:	PORTARIA Nº:
RICARDO VENTURA SANTOS ANTROPÓLOGO	SEBASTIÃO CARLOS BAPTISTA ENGENHEIRO AGRIMENSOR CREA SP 77.417/D	JOSÉ ANTONIO DE SÁ ENGENHEIRO CARTOGRAFICO CREA Nº 15.455/D	

222 ISSN 1677-7042 Diário Oficial da União - Seção 1 Nº 247, segunda-feira, 26 de dezembro de 2011

Em Estabelecimento Comercial autorizado pelo Departamento Logístico do Comando do Exército:

5 (cinco) Revólver(es) calibre 38,

90 (noventa) Cartuchos de Munição calibre 38.

O prazo para iniciar o processo de compra expirará em 60 dias a partir da publicação desta autorização.

CLYTON EUSTAQUIO XAVIER

ALVARÁ Nº 14.368, DE 14 DE DEZEMBRO DE 2011

O COORDENADOR-GERAL DE CONTROLE DE SEGURANÇA PRIVADA DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 20 da Lei 7.102/83, regulamentada pelo Decreto Nº 89.056/83, atendendo à solicitação da parte interessada, de acordo com a decisão prolatada no Processo Nº 2011/4379 / DELESP/DREX/SR/DPF/RJ, resolve: CONCEDER autorização à empresa ARJO SEGURANÇA E VIGILANCIA LTDA, CNPJ Nº 01.404.040/0001-61, sediada no RIO DE JANEIRO, para adquirir:

Em Estabelecimento Comercial autorizado pelo Departamento Logístico do Comando do Exército:

18 (dezoito) Revólver(es) calibre 38,

10 (dez) Pistola(s) calibre 380,

20 (vinte) Espingarda(s) calibre 12,

540 (quinhentos e quarenta) Cartuchos de Munição calibre 38,

450 (quatrocentos e cinquenta) Cartuchos de Munição calibre .380,

420 (quatrocentos e vinte) Cartuchos de Munição calibre 12.

O prazo para iniciar o processo de compra expirará em 60 dias a partir da publicação desta autorização.

CLYTON EUSTAQUIO XAVIER

ALVARÁ Nº 14.376, DE 15 DE DEZEMBRO DE 2011

O COORDENADOR-GERAL DE CONTROLE DE SEGURANÇA PRIVADA DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 20 da Lei 7.102/83, regulamentada pelo Decreto Nº 89.056/83, atendendo à solicitação da parte interessada, de acordo com a decisão prolatada no Processo Nº 2011/4750 / DELESP/DREX/SR/DPF/DF, resolve: CONCEDER autorização à empresa ATHENAS FORMACAO E RECICLAGEM DE VIGILANTE LTDA, CNPJ Nº 05.880.921/0001-00, sediada no DISTRITO FEDERAL, para adquirir:

Em Estabelecimento Comercial autorizado pelo Departamento Logístico do Comando do Exército:

59800 (cinquenta e nove mil e oitocentos) Espoletas para Munição calibre 38,

59800 (cinquenta e nove mil e oitocentos) Projéteis para Munição calibre 38,

15000 (quinze mil) Gramas de Pólvora.

O prazo para iniciar o processo de compra expirará em 60 dias a partir da publicação desta autorização.

CLYTON EUSTAQUIO XAVIER

ALVARÁ Nº 14.377, DE 15 DE DEZEMBRO DE 2011

O COORDENADOR-GERAL DE CONTROLE DE SEGURANÇA PRIVADA DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 20 da Lei 7.102/83, regulamentada pelo Decreto Nº 89.056/83, atendendo à solicitação da parte interessada, de acordo com a decisão prolatada no Processo Nº 2011/4734 / DELESP/DREX/SR/DPF/GO,resolve: CONCEDER autorização à empresa S N B DE PAULA PANTERA NEGRA VIGILANCIA PATRIMONIAL, CNPJ Nº 10.859.691/0001-37, sediada em GOIÁS, para adquirir:

Em Estabelecimento Comercial autorizado pelo Departamento Logístico do Comando do Exército:

4 (quatro) Revólver(es) calibre 38,

60 (sessenta) Cartuchos de Munição calibre 38.

O prazo para iniciar o processo de compra expirará em 60 dias a partir da publicação desta autorização.

CLYTON EUSTAQUIO XAVIER

ALVARÁ Nº 14.381, DE 15 DE DEZEMBRO DE 2011

O COORDENADOR-GERAL DE CONTROLE DE SEGURANÇA PRIVADA DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 20 da Lei 7.102/83, regulamentada pelo Decreto Nº 89.056/83, atendendo à solicitação da parte interessada, de acordo com a decisão prolatada no Processo Nº 2011/4334 / DELESP/DREX/SR/DPF/RS,resolve: CONCEDER autorização à empresa A. TOMIELO SEGURANÇA LTDA, CNPJ Nº 10.392.266/0001-80, sediada no RIO GRANDE DO SUL, para adquirir:

Em Estabelecimento Comercial autorizado pelo Departamento Logístico do Comando do Exército:

10 (dez) Revólver(es) calibre 38,

150 (cento e cinquenta) Cartuchos de Munição calibre 38.

O prazo para iniciar o processo de compra expirará em 60 dias a partir da publicação desta autorização.

CLYTON EUSTAQUIO XAVIER

ALVARÁ Nº 14.387, DE 16 DE DEZEMBRO DE 2011

O COORDENADOR-GERAL DE CONTROLE DE SEGURANÇA PRIVADA DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 20 da Lei 7.102/83, regulamentada pelo Decreto Nº 89.056/83, atendendo à solicitação da parte interessada, de acordo com a decisão prolatada no Processo Nº 2011/3784/DPF/NRI/RJ, resolve: DECLARAR revista a autorização de funcionamento, válida por 01(um) ano da publicação deste Alvará no D.O.U., concedida à empresa TEREVIG VIGILANCIA E SEGURANCA LTDA., CNPJ Nº 00.570.566/0001-59, especializada em segurança privada, na(s) atividade(s) Vigilância Patrimonial, Escolta Armada, Segurança Pessoal, para atuar no RIO DE JANEIRO, com Certificado de Segurança Nº 2349/11 , expedido pelo DREX/SR/DPF.

CLYTON EUSTAQUIO XAVIER

ALVARÁ Nº 14.395, DE 16 DE DEZEMBRO DE 2011

O COORDENADOR-GERAL DE CONTROLE DE SEGURANÇA PRIVADA DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 20 da Lei 7.102/83, regulamentada pelo Decreto Nº 89.056/83, atendendo à solicitação da parte interessada, de acordo com a decisão prolatada no Processo Nº 2011/3897/DELESP/DREX/SR/DPF/AM, resolve: DECLARAR revista a autorização de funcionamento, válida por 01(um) ano da publicação deste Alvará no D.O.U., concedida à empresa SERVIS SEGURANÇA LTDA, CNPJ Nº 07.945.678/0003-58, especializada em segurança privada, na(s) atividade(s) Vigilância Patrimonial, Escolta Armada, para atuar no AMAZONAS, com Certificado de Segurança Nº 2348/11 , expedido pelo DREX/SR/DPF.

CLYTON EUSTAQUIO XAVIER

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

DESPACHO DO PRESIDENTE

Em 23 de dezembro de 2011

Nº 676 - O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO/SUBSTITUTO - FUNAI, no uso das atribuições conferidas pela Portaria Nº 2.302/SE/MJ/2011 e em conformidade com o § 7º do art. 2º do Decreto 1775/96, tendo em vista o Processo FUNAI/BSB Nº 08620.0030/11 e considerando o Resumo do Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação de autoria do antropólogo Ricardo Ventura Santos, que acolhe, face às razões e justificativas apresentadas, decide:

Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação da Terra Indígena WEDEZE de ocupação do grupo indigena Xavante, localizada no município de Cocalinho, Estado do Mato Grosso.

ANTONIO CARLOS PAIVA FUTURO

ANEXO

RESUMO DO RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO DE IDENTIFICAÇÃO E DE DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA WEDEZÉ

Referência: Processo FUNAI/BSB/0030/2011 - Identificação e Delimitação da Terra Indígena Wedezé. Localização: Município de Cocalinho, Estado do Mato Grosso. Superfície: 145.881 ha. Perímetro: 252 km. Sociedade Indígena: Xavante. Tronco Macro-Jê, família Jê, subgrupo Jê Central. População: 100 indivíduos (julho de 2011). Identificação e Delimitação: Grupo Técnico constituído pela Portaria Nº 1242/2009, de 08 de outubro de 2009, e complementado pelas Portarias Nº 1313/2009, de 05 de novembro de 2009, e Nº 15/2010, de 15 de junho de 2010, coordenado pelo antropólogo Ricardo Ventura Santos.

I. DADOS GERAIS

O povo Xavante está distribuído em nove terras indígenas localizadas no leste de Mato Grosso, que são: Areões, Chão Preto, Marechal Rondon, Marãiwatsede, Parabubure, Pimentel Barbosa, São Marcos, Sangradouro/Volta Grande e Ubawawe. A língua Xavante pertence ao sub-grupo Jê Central, da família Jê, tronco Macro-Jê. A Terra Indígena (TI) Wedezé se localiza na margem direita do Rio das Mortes, contígua à TI Pimentel Barbosa, que se situa na margem oposta.

A história do povo Xavante, tanto a documental como aquela baseada em registros orais, indica que ocorreu uma série de divisões desde a época que eles residiram na Província de Goyaz, nos séculos XVIII e XIX, até os dias de hoje. O povo Xavante se separou dos Xerente em meados do século XIX, quando começaram a se deslocar em direção ao leste matogrossense, se distanciando da expansão das frentes econômicas e demográficas.

Segundo depoimentos dos velhos, os Xavante se constituíam em um grupo politicamente unificado e de alta mobilidade antes de chegarem ao Rio das Mortes e construírem uma primeira aldeia "fixa", em Wedezé, na margem direita do Rio das Mortes. A partir desse momento, os Xavante seguiram um padrão demográfico de manter aldeias de curto a médio prazo, que se deslocavam freqüentemente dentro do território conforme condições sociopolíticas e ambientais. Também de acordo com a história oral, depois de viverem por muitos anos em Wedezé, ainda muito antes do contato oficial ter sido estabelecido com o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) na mesma região na década de 1940, alguns colonizadores não-indígenas se estabeleceram nas proximidades da comunidade em Wedezé. As relações entre alguns deles e os Xavante foram, inicialmente, pacíficas, porém posteriormente aconteceram conflitos, levando os Xavante a saírem de Wedezé. Cruzaram então o Rio das Mortes e se deslocaram rumo ao noroeste. A cerca de 65 quilometros nessa direção a partir do rio, próximo às cabeceiras do Rio São João, foi estabelecida a aldeia Sõrepré. Apesar de os Xavante nesse período (meados do século XIX) realizarem visitas freqüentes às terras situadas na margem esquerda do Rio das Mortes, essa teria sido a primeira vez que estabeleceram uma aldeia permanente desse lado do rio. Para os Xavante, a aldeia de Sõrepré é considerada de grande importância, por ser este o local quando, pela última vez, viveram unificados politicamente. Sõrepré foi ocupada desde o fim do século XIX até a década de 1920.

De meados do século XIX até o início do século XX, os Xavante ficaram relativamente isolados na região do leste de Mato Grosso. O avanço da colonização sobre o território Xavante durante as décadas de 1930 e 1940 foi fato marcante da história econômica e política brasileira da época. Durante esse período, o governo enfatizou a necessidade de estimular o desenvolvimento e a integração nacional. Expressando essa ideologia, em 1938, o regime Vargas lançou um programa para tornar acessíveis as regiões centrais do Brasil e desenvolvê-las, vistas naquela época como desabitadas e isoladas do processo de desenvolvimento econômico do país como um todo. A intensificação dos esforços do SPI no início da década de 1940 para estabelecer contato com os Xavante se devia, em parte, ao fato de que a rota planejada para a Expedição Roncador-Xingu (subordinada à Fundação Brasil Central) passava por territórios que se sabiam ocupados por eles.

Diversos documentos históricos indicam que, nas décadas precedentes ao estabelecimento do contato pacífico com o SPI, os Xavante viviam e utilizavam terras em ambas as margens do Rio das Mortes, incluindo a área de Wedezé. O antropólogo David Maybury-Lewis, que realizou trabalho de campo com os Xavante de Pimentel Barbosa na década de 1950, quando viviam em São Domingos, na região de Wedezé, escreveu em seu livro "A Sociedade Xavante" (1974 [1984], p. 47): "...os Xavante decididamente consideravam o Araguaia como sendo o limite oriental de seus domínios... Mesmo depois da 'pacificação'... suas andanças preocupavam a população local. Os habitantes de povoados distantes como Cocalinho e Aruanã, mesmo em 1958, ainda se sentiam amedrontados inibidos quando grupos de Xavante vinham à cidade".

No período pós-contato, esforços oficiais para alocar terras para o povo Xavante começaram na década de 1950, através de uma doação feita pelo Estado de Mato Grosso de uma grande área situada na margem esquerda do Rio das Mortes. Portanto, já nesse momento, ainda que os Xavante circulassem freqüentemente pela área de Wedezé e utilizassem os recursos lá existentes, seus direitos sobre as terras da margem direita não foram formalmente reconhecidos. Documentos da década de 1960 revelam um debate contínuo sobre se o povo Xavante teria direito às terras da margem direita do Rio das Mortes, incluindo a área de Wedezé. No cerne desse debate estava um conflito entre proprietários de terras e o SPI (posteriormente FUNAI) a respeito da mudança do Posto Indígena (PI) Pimentel Barbosa (então situado em Wedezé) da margem direita do Rio das Mortes para a esquerda. Há evidências de que as terras localizadas na margem direita foram vendidas pelo Estado de Mato Grosso para particulares nos anos 1950, antes inclusive das aldeias Xavante terem mudado para a região à esquerda do Rio das Mortes.

Em 1956, alguns anos depois do contato com o SPI, construíram uma aldeia a pouca distância do PI Pimentel Barbosa, naquele tempo localizado na região de Wedezé, na margem direita do Rio das Mortes. Deve-se enfatizar que havia famílias Xavante residindo na margem direita do Rio das Mortes, na região de Wedezé, até o início da década de 1970. O PI Pimentel Barbosa, próximo de onde se localiza a atual aldeia de Wedezé, foi desativado apenas em 1973. Apesar das terras da margem direita não terem sido alocadas aos Xavante, eles nunca deixaram de utilizar a região de Wedezé, até mesmo depois da mudança para o lado esquerdo do rio. Ao longo das últimas décadas, continuaram a usar Wedezé para caça, pesca e coleta, além de atividades cerimoniais e espirituais.

Durante as décadas de 1970 e 1980, os Xavante se envolveram profundamente nos esforços para recuperarem seus territórios não incluídos nas demarcações. Durante este período, a terra disponível para os Xavante estava diminuindo consideravelmente à medida que fazendeiros ocupavam áreas cada vez mais próximas das aldeias, a ponto de algumas fazendas terem ficado há apenas alguns poucos quilômetros de certas aldeias. A continuidade do uso pelos Xavante de Wedezé é inclusive reconhecida por fazendeiros da região, conforme depoimentos de lideranças das aldeias da TI Pimentel Barbosa que, há décadas, costumam contactar os gerentes ou outros funcionários das fazendas para avisá-los sobre eventuais visitas a cemitérios, realização de cerimônias, caçadas e atividades de coleta.

II. HABITAÇÃO PERMANENTE

Em 1973, toda a população da TI Pimentel Barbosa mantinha casas em uma única aldeia, cujo nome era Etênhiritipa ou Pimentel Barbosa, com uma população de aproximadamente 275 pessoas. Desde então, aconteceram várias divisões de população, resultando nas aldeias hoje existentes.

Em 2009, a população da TI Pimentel Barbosa e a TI Wedezé era de 1.466 pessoas, distribuídas em dez aldeias. A aldeia com maior população era Caçula (383 pessoas). Outras duas aldeias apresentavam 300 ou mais pesssoas - Pimentel Barbosa (332) e Etênhiritipá (306). Há uma quarta aldeia relativamente populosa - Belém - com uma população de 200 pessoas. Todas as demais aldeias apresentavam uma população inferior a 100 pessoas, com duas delas com totais populacionais inferiores a 50 pessoas (Canoa e Reata). A população da décima aldeia, Wedezé, estabelecida em 2009 na margem direita do Rio das Mortes, nos limites da TI Wedezé. Em julho de 2011, a aldeia totalizava 100 pessoas.

Em termos esquemáticos, é possível, considerando as dez aldeias existentes, definir três conjuntos principais. O primeiro é composto por Pimentel Barbosa, Etênhiritipá e Wederã; o segundo por Asereré, Caçula, Canoa, Reata, Tanguro e Belém; finalmente, o terceiro, por Wedezé. O primeiro conjunto está situado na região

Este documento pode ser verificado no endereço eletrônico http://www.in.gov.br/autenticidade.html, pelo código 00012011122600222

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2 de 24/08/2001, que institui a Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil.

1 *O Resumo do Relatório Circunstanciado de Identificação e de Delimitação da Terra Indígena Wedezé também foi publicado no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso (FUNAI 2012).*

central da TI Pimentel Barbosa, derivando diretamente da aldeia formada no início da década 1970, quando a população Xavante se deslocou das margens do Rio das Mortes para as cabeceiras do Riozinho ou Rio Pimentel Barbosa. Duas das aldeias deste primeiro conjunto (Wederã e Etênhiritipá) resultam de subdivisões da aldeia principal de Pimentel Barbosa, que aconteceram respectivamente em 1996 e 2006. Todos esses locais já haviam sido utilizados anteriormente para acampamento pelos Xavante. O sítio ocupado pelas atuais aldeias Pimentel Barbosa e Etênhiritipá também serviu anteriormente como local de aldeamento. O segundo conjunto de aldeias está situado mais ao sul da TI Pimentel Barbosa. Desse segundo conjunto, a primeira aldeia a ser estabelecida foi a Caçula. Outra característica deste segundo conjunto é que várias aldeias (Asereré, Tanguro e Reata) estão próximas do vilarejo da Matinha, situado às margens da rodovia BR-158. Nesse segundo conjunto está incluída a aldeia de Belém, anteriormente conhecida como Água Branca. A população que vive nesta aldeia não é diretamente relacionada ao grupo que se manteve na região do Rio das Mortes após a dispersão do povo Xavante de Sõrepré, como as demais existentes em Pimentel Barbosa. Todas as aldeias do segundo conjunto tem em comum o fato de estarem localizadas em áreas que, em épocas passadas, antes da década de 1940, quando aconteceu o contato permanente com o SPI, serviam como importantes locais de acampamento para os Xavante. Finalmente, o terceiro conjunto é representado por uma única aldeia, Wedezé, estabelecida em 2009. A mesma não está localizada na atual TI Pimentel Barbosa, mas sim no lado direito do Rio das Mortes. Wedezé foi fundada por um grupo vindo de Caçula em um local na área de Wedezé anteriormente ocupado pelos Xavante em diferentes momentos nos séculos XIX e XX.

As aldeias antigas e novas, mesmo se formadas em locais que foram anteriormente utilizados para aldeias e acampamento, seguem em geral um mesmo padrão ambiental. O cerrado é um bioma que inclui diversos tipos de vegetação, desde o campo limpo até a mata ciliar. Em geral, as aldeias Xavante são construídas em regiões de cerrado próximas de cursos d'água. As aldeias da TI Pimentel Barbosa, em particular as maiores, obedecem à disposição tradicional de uma aldeia Xavante, que expressa em várias maneiras tanto a organização espacial e social como a ideologia da comunidade. Assim, a disposição das habitações segue o mesmo padrão: um semicírculo com a frente voltada para um riacho utilizado para obter água de uso doméstico e banho.

III. ATIVIDADES PRODUTIVAS

O sistema de subsistência tradicional dos Xavante pode ser caracterizado como uma combinação de caça, pesca, coleta e agricultura, o que envolve a utilização do território das mais diversas maneiras. A importância de cada uma dessas práticas mudou com o tempo, à medida que os Xavante vivenciaram diferentes condições históricas e sócio-políticas. No presente, embora modificações substanciais tenham ocorrido, os Xavante da TI Pimentel Barbosa e de Wedezé continuam, em larga medida, a depender de recursos obtidos de suas terras.

Em particular, nas últimas décadas, diversas outras atividades produtivas foram implementadas na TI Pimentel Barbosa, incluindo agricultura mecanizada de arroz, criação de gado, trabalho assalariado e rendimentos de benefícios sociais. Pode-se afirmar que a economia dos Xavante da TI Pimentel Barbosa e a área de Wedezé nos dias atuais é uma complexa combinação entre caça, pesca, coleta e agricultura e atividades que foram introduzidas nas últimas décadas.

No final da década de 70, foi elaborado o "Plano de Desenvolvimento Integrado para a Nação Xavante," o qual ficou conhecido como "Projeto Xavante". Apesar de ter sido um desastre econômico, o Projeto Xavante resultou na incorporação do arroz como alimento básico na economia do grupo. Atualmente, o arroz é um item básico na maioria das refeições, por vezes consumido sem quaisquer outros itens alimentares. Além do valor histórico e simbólico, uma importante razão para os Xavante buscarem a reintegração de Wedezé é para potencializar seu acesso aos recursos silvestres ali abundantes (caça, peixes, frutos, etc.), com vistas a diversificar e melhorar sua dieta.

Além dos habitantes da aldeia de Wedezé propriamente, os Xavante das diversas aldeias da TI Pimentel Barbosa utilizam regularmente a região de Wedezé para sua subsistência. A detalhada experiência e o profundo conhecimento que os Xavante têm dessa região permite que continuem realizando, de forma altamente produtiva, atividades de caça, pesca e coleta.

A área de uso de maior extensão em Wedezé utilizada pelos Xavante é o complexo campos de murundu. Esses campos se estendem desde o norte até o extremo sul da área proposta, cobrindo uma larga porção da região localizada entre o Rio das Mortes e o Rio Água Preta (a oeste e leste, respectivamente). São utilizados pelos Xavante para numerosas atividades econômicas, em particular a caça. Adicionalmente, diversos alimentos silvestres de origem vegetal, além de insetos comestíveis e aves valorizadas por suas penas, são procuradas nos campos de murundu.

Intercaladas no interior dos campos de murundu, há diversas outras áreas de uso identificadas pelos Xavante. A primeira delas, constituída pelo complexo de ipucas, tem ampla distribuição em meio a esses campos. Por apresentarem coleções d'água perenes e solos úmidos praticamente ao longo de todo o ano, as ipucas atraem animais de caça. As ipucas são também valorizadas como locais de coleta e de acampamento.

A segunda área de uso situada em meio aos campos de murundu é o complexo de palmais (ou palmerais), composto primariamente por extensos buritizais que se desenvolvem nas nascentes de rios e brejos. Esses palmais também são reconhecidos como importantes locais de caça e coleta.

O complexo de cerrados constitui outra área de amplo uso pelos Xavante na região de Wedezé. No lado direito do Rio das Mortes, há áreas de cerrado ao longo da margem direita do Rio das Mortes e da margem esquerda do Rio Água Preta, assim como desde o extremo norte ao sul de Wedezé. Esses cerrados são muito valorizados pelos Xavante para a coleta de plantas de uso alimentar e tecnológico, assim como insetos comestíveis. Nesse hábitat são também realizadas atividades de caça e procuradas aves por suas penas, utilizadas em rituais.

Outra área de uso importante em Wedezé é o complexo de matas (ciliares ou secas). Essas matas estão situadas, sobretudo, ao longo dos rios das Mortes e Água Preta, assim como em seus tributários, conhecidos pelos Xavante como Seré Nãrada e Wedezé Pá (ou Rio São Domingos). Essas matas são importantes locais de coleta de espécies de plantas comestíveis e de uso tecnológico e cerimonial, além de serem valorizadas por suas funções ecológicas.

Um importante tipo de vegetação que ocorre em Wedezé é o babaçual (ou palhal). Se há grandes babaçuais a leste do Rio das Mortes, na região de Wedezé, o mesmo não ocorre nas terras localizadas na margem esquerda. Vale mencionar que há também babaçuais importantes por sua extensão ao redor da base do Morro de São Domingos e nas proximidades da aldeia de Wedezé. Nesse caso, os babaçuais são de origem antropogênica, ou seja, resultam de ocupações anteriores dos Xavante na região, durante os séculos XIX e XX. Esses babaçuais são amplamente utilizados como áreas de coleta pelos Xavante, em especial pelos cocos de babaçu.

O complexo de rios e lagos existente em Wedezé é extremamente importante para a reprodução física e cultural do povo Xavante. Além dos dois cursos d'água principais que estabelecem os limites oeste e sudeste da terra (rios das Mortes e Água Preta), há ainda na área outros rios que, apesar de apresentarem menor vazão, são também importantes para os Xavante. A relevância desses cursos d'água menores na ecologia de Wedezé é amplamente reconhecida pelos Xavante, pois os mesmos se interconectam às grandes áreas de matas ciliares situadas ao longo dos principais rios da área (Mortes e Água Preta). Desse modo, formam uma rede estratégica de corredores de fauna que permite o trânsito de diferentes animais na região. As muitas lagoas existentes na área de Wedezé, situadas próximas ao Rio das Mortes e muitas delas com denominações específicas em Xavante, são também integradas através dessa rede de cursos d'água de porte variado. As lagoas de Wedezé não são unicamente utilizadas para a pesca, a procura de aves e a captura de quelônios, como também para a caça de grandes animais e a coleta de alimentos de origem vegetal.

IV. MEIO AMBIENTE

A TI Wedezé é constituída por inúmeros ecossistemas altamente interligados, incluindo pequenos, médios e grandes rios, dezenas de lagoas, vegetações e paisagens de diversos tipos (cerrado, palmais, matas ciliares e campos de murundu, dentre muitas outras). Esses ecossistemas sustentam uma complexa e diversificada fauna e flora. Do ponto de vista ambiental e etnoambiental, a região de Wedezé reveste-se de suma importância, por ser um ecossistema com características particulares no interflúvio Mortes-Araguaia. Trata-se dos extensos campos de murundu com ipucas, de restrita ocorrência no país, e de grande relevância por sua biodiversidade.

Os campos inundáveis de murundu que predominam na área de Wedezé constituem ecossistema fragilíssimo, com limitado potencial agrícola e baixa capacidade de sustentação de rebanhos bovinos. A introdução de gado nessas áreas leva à rápida alteração da estrutura física dos solos, reduzindo sua permeabilidade e ocasionando sua exaustão. O pisoteio excessivo deixa verdadeiras "cicatrizes" em meio aos murundus, afetando diretamente o equilíbrio da frágil cobertura vegetal herbácea, como se pode verificar através de imagens aéreas feitas pela equipe do GT. As atividades agropecuárias trazem outra ameaça à região, representada pela invasão de espécies vegetais exóticas, em especial os capins africanos amplamente utilizados nas fazendas atualmente situadas em Wedezé e em seu entorno como forrageiras para a criação de gado.

Sob a perspectiva de conservação e sustentabilidade ambiental, a região de Wedezé também é estratégica por apresentar, à margem direita do Rio das Mortes, próximo às confluências dos rios Corixão e Água Suja, grandes complexos de lagoas. Essas lagoas se conectam ao rio e servem de criadouro para inúmeras espécies de peixes, ninhais para aves palustres e abrigos para grandes mamíferos, como a anta.

Ao todo, existem aproximadamente trinta lagoas de tamanhos e profundidades variadas na margem direta do Rio das Mortes, que se conectam ao leito principal do rio através de canais de calado variável. Algumas das espécies de peixes que vivem nessas lagoas se encontram particularmente ameaçadas, seja pela pesca predatória, represamento de rios, assoreamento de lagos e lagoas e/ou a poluição dos ambientes aquáticos por metais pesados, como o mercúrio. A pesca predatória, como a praticada por pescadores comerciais que ilegalmente atuam na região de Wedezé, e/ou a fragmentação desse complexo lacustre, podem ter conseqüências graves e irreversíveis sobre a população de determinadas espécies de peixes mais sensíveis à ação antrópica. Em oposição a esse padrão de uso predatório de recursos naturais, os Xavante pescam com fins unicamente de subsistência, de modo que suas práticas são altamente sustentáveis no longo prazo.

Na região de Wedezé, as matas que circundam as lagoas são ricas em espécies arbóreas de utilidade para os Xavante, seja na alimentação ou para fins tecnológicos. Os velhos Xavante destacam a presença de várias espécies de uso em cordoaria, madeira para fazer arco, resinas de uso ritual ou farmacológico e diversos frutos comestíveis.

O complexo de lagoas existente na área proposta de Wedezé também se destaca por sua rica avifauna. Segundo os Xavante, as matas que circundam as lagoas apresentam grande concentração de ninhais (também conhecidos regionalmente como "poleiros") de aves palustres, cujas penas são valorizadas pelos Xavante para a confecção de diferentes adornos de uso ritual.

O complexo hidrográfico do Rio das Mortes que, além das lagoas, inclui o leito do rio principal, assim como suas muitas ilhas e praias, é também estratégico do ponto de vista da preservação de quelônios aquáticos.

A porção norte de Wedezé também apresenta, ao centro e leste da área proposta, importante complexo de nascentes, em sua maioria associadas ao rio Corixo da Forquilha, afluente do Rio Cristalino. Essa região, de alto valor etnoambiental para os Xavantes, se distingue pela presença de muitos brejos e densas veredas de buritis que se interligam, constituindo ecossistema frágil e de difícil recuperação no caso de o mesmo vir a se tornar alvo de atividades agropecuárias. Do ponto de vista ecológico, as veredas assumem grande importância na distribuição dos rios, assim como na sustentação da fauna, funcionando como local de pouso, fonte de alimento e de aninhamento para inúmeras espécies de aves. Em relação à fauna terrestre e aquática, os buritizais atuam também como refúgio, abrigo e fonte de alimento para numerosas espécies de mamíferos, peixes e répteis. Esse ecossistema é ainda estratégico para a fauna terrestre, em especial de mamíferos como a anta e porcos do mato, por proporcionar corredores faunísticos que interligam matas ciliares.

A TI Wedezé inclui várias matas ciliares, algumas de grandes proporções. Uma das maiores está situada entre uma região pantanosa denominada Wataiwede pelos Xavante ao oeste e por campos de murundu ao leste, acompanha o curso do Rio São Domingos, até sua confluência com o Rio das Mortes. Outros importantes complexos de matas ciliares acompanham o traçado do Rio Água Preta até sua desembocadura no Rio Cristalino, no limite leste da terra.

É interessante notar que a localização geográfica desses complexos de matas ciliares é de grande relevância do ponto de vista da ecologia animal. Isto porque, entre eles, há extensas áreas de campos de murundu e ipucas. Essa zona de interflúvio dos rios São Domingos-Água Preta é, segundo os Xavante, de particular interesse cinegético (ou seja, de caça), haja vista que grandes mamíferos (varas de porcos-do-mato, anta, etc.) perambulam por esses campos em busca de alimentos, sempre retornando às matas para evitar o calor excessivo, obter água e repousar.

No tocante às aves, as extensas matas ciliares localizadas ao sul e sudeste de Wedezé representam áreas ímpares para a conservação de grande número de aves que ali aninham e encontram alimento. Mais da metade das espécies de aves registradas no cerrado vivem principalmente nesses hábitats. Quanto aos mamíferos, as matas ciliares cumprem dois papéis de alta relevância ecológica: (1) servem como corredores de fauna, promovendo dispersão de espécies entre distintos biomas e (2) constituem áreas estratégicas para a provisão de água, alimento e abrigo para a maioria das espécies.

Os Xavante valorizam as matas ciliares como locais estratégicos para a obtenção de alimentos específicos (frutos, palmitos, raízes), além de possuir grande variedade de méis de abelhas silvestres. No caso particular do complexo de matas ciliares/de galeria do Rio Água Preta, os Xavante destacam ainda a presença de palmais densos, com predomínio de babaçu. No passado, quando moravam em Wedezé, os Xavante realizavam excursões de grupos familiares a essa região para a coleta de cocos, cujas amêndoas são muito apreciadas na alimentação.

Os Xavante também reconhecem o valor dessas matas para a conservação da fauna e sustentabilidade ambiental da região de Wedezé como um todo. A extensa mata do Rio São Domingos é citada pelos Xavante como um dos mais importantes refúgios de animais como veados, porcos-do-mato e anta, dentre outros.

Para a fauna em geral, e em especial no caso de alguns grupos zoológicos, como os mamíferos de médio e grande porte, a fragmentação de hábitats representa séria ameaça à sobrevivência de populações de artiodáctilos, primatas, carnívoros e edentados, dentre outras ordens particularmente mais vulneráveis à extinção. Assim como os mamíferos, inúmeras espécies de aves do cerrado também são sensíveis à fragmentação de seu hábitat.

Áreas extensas de refúgio florestal, como as que se encontram ao sul e sudeste de Wedezé, somadas ao corredor florestal representado pelas matas ciliares do Rio das Mortes, são estratégicas por funcionarem como vias naturais que promovem o fluxo gênico entre sub-populações de diversos mamíferos. Desse modo, as terras de Pimentel Barbosa e Wedezé interconectam-se com a floresta amazônica ao norte, através da bacia do Rio Araguaia, assim como a outras áreas da Região Centro-Oeste, através dos rios das Mortes, São Domingos e Cristalino, cujas cabeceiras localizam-se centenas de quilômetros ao sul da terra indígena. A região onde se localiza a TI Pimentel Barbosa encontra-se também ligada à bacia do Rio Xingu por intermédio principalmente do Rio Tanguro. Essas intricadas redes de intercâmbios florísticos e faunísticos existentes dentro da TI Wedezé só são possíveis por meio das matas ciliares e veredas de buritis, razão pela qual é fundamental assegurar a integridade destas, não as fragmentando.

Em comparação às formas de manejo ambiental empregadas pelo agronegócio na Região Centro-Oeste, as estratégias Xavante têm se mostrado mais sustentáveis ao longo prazo. As análises conduzidas por esse GT, em particular a partir das imagens de satélite, demonstram o caráter mais conservador do manejo ambiental Xavante vis-à-vis as formas de manejo empregadas pelas fazendas vizinhas à TI Pimentel Barbosa, onde se verificam extensas áreas degradadas após poucos anos de uso. Também mostra o potencial das estratégias de manejo ambiental Xavante no tocante à preservação e recuperação de áreas de cerrado degradadas pelo agronegócio.

V. REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL

No período 1999-2004, para o qual se dispõe de dados demográficos detalhados, dentre todas as TI Xavante, o maior crescimento populacional, devido à elevada fecundidade, foi registrado na TI Pimentel Barbosa (5,2% ao ano). Vale destacar que, com uma taxa de crescimento anual de 5,2%, a população de Pimentel Barbosa tenderá a duplicar a cada 14 anos, aproximadamente.

Contemporaneamente, os Xavante continuam a fazer amplo uso da região de Wedezé não somente para atividades de caça, pesca

Este documento pode ser verificado no endereço eletrônico http://www.in.gov.br/autenticidade.html, pelo código 00012011122600223

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2 de 24/08/2001, que institui a Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil.

e coleta, assim como para fins cerimoniais. A região também permanece central à memória coletiva devido à presença de aldeias antigas e cemitérios, além de outros locais considerados sagrados.

As ocasiões de caçadas e pescarias em Wedezé são valorizadas não só pela oportunidade de se obter alimento, como também para a realização de cerimônias de casamento e aquelas relacionadas às classes de idade. Por vezes, essas excursões são organizadas pelos integrantes de classes de idade mais jovens com o objetivo de propiciar momentos para ensaiar cantos e danças. Vale destacar que em 2009 foi realizada em Wedezé uma caçada cerimonial relacionada à preparação de meninos para sua iniciação. Portanto, o uso contínuo de Wedezé para a caça coletiva tem contribuído para a manutenção de atividades culturais tradicionais.

No contexto das atividades de caça, a área de Wedezé é extremamente importante também para a aquisição de penas para fins cerimoniais. Penas são itens importantes da indumentária ritual Xavante. Algumas das aves cujas penas são mais valorizadas pelos Xavante são encontradas com maior freqüência na área de Wedezé que na TI Pimentel Barbosa, em particular em regiões de campo, lagoas e ambientes ribeirinhos.

Um importante aspecto da economia tradicional Xavante é o trekking, ou seja, a prática de grupos de famílias viajarem para longe de suas aldeias em expedições de caça e coleta prolongadas. No passado, a maior parte dos membros das comunidades se deslocava por vastas áreas em determinados períodos do ano, quando passavam semanas ou meses longe da aldeia principal. Tanto os dados etnográficos e históricos como os coletados por esse GT, mostram que a região de Wedezé era percorrida durante as excursões de trekking realizadas pelos Xavante. A partir das décadas de 1970 e 80, o trekking se tornou menos freqüente, em parte devido às restrições territoriais derivadas do processo de demarcação da TI Pimentel Barbosa. No presente, os Xavante manifestam grande interesse em utilizar Wedezé para recuperar esta prática, o que seria possível, pois a região apresenta importantes recursos de caça e coleta, conforme já destacado. As diversas regiões de cabeceiras de cursos d'água situadas em Wedezé são particularmente propícias ao trekking.

As atividades de coleta são também de expressiva importância no cotidiano da economia Xavante. Wedezé é freqüentemente lembrada por sua riqueza de plantas de central importância nas atividades de coleta realizadas pelas mulheres. As mulheres que atualmente vivem em Wedezé contam que suas memórias de acompanhar suas mães nas atividades de coleta de frutas e tubérculos têm sido reavivadas. Com isso, o conhecimento ecológico sobre a paisagem tem sido revalorizado e, assim, transmitido para as gerações mais novas, passando a propiciar recursos que, nos dias atuais, se tornaram fundamentais para o sustento de suas famílias na nova aldeia. Além dos alimentos, a região de Wedezé é muito valorizada pelos Xavante por ser um local de coleta de plantas de valor medicinal, cerimonial e espiritual.

Os velhos Xavante apontam com facilidade diversas evidências de ocupação pretéritas. As antigas aldeias são especialmente valorizadas por apresentarem em seu redor cemitérios onde estão enterrados parentes queridos. Além disso, são importantes, uma vez que nesses locais parentes e amigos participaram de cerimônias importantes, como rituais espirituais (wai'a), lutas (wa'i), corridas de tora (uiwede), casamentos (dabasa) e ritos etários de iniciação (danhono). Estes últimos são especialmente destacados pelos mais velhos, por terem sido através deles que cada indivíduo passou a pertencer a uma dada classe de idade. Vale ressaltar que vivem nas TI Pimentel Barbosa e Wedezé diversos homens e mulheres, já idosos, que nasceram em Wedezé.

Os velhos Xavante reconhecem quatro sítios arqueológicos de aldeias antigas na área de Wedezé. Os mais antigos estão localizados na base do Morro de São Domingos (o Morro de Wedezé em Xavante). Há diversas outras evidências de ocupações antigas. Uma particularmente emblemática relaciona-se ao padrão de distribuição da vegetação na forma de ferradura, o que se observa em alguns locais, e que dizem respeito a ocupações mais recentes. Árvores de médio e grande porte cresceram formando um semi-círculo, destacando-se do entorno, onde predominam áreas de campo e de cerrado baixo. O contorno desse semi-círculo de vegetação constitui uma verdadeira "assinatura" de ocupação anterior Xavante, de origem antropogênica (ou seja, resultante da ação humana), lembrando a configuração das aldeias no passado.

Cemitérios são de enorme importância cultural para o povo Xavante devido às conexões pessoais e cosmológicas com os ancestrais mortos, tanto os imediatos quanto os distantes. Os velhos Xavante lembram onde seus parentes morreram e consideram sagrados esses locais, vindo a identificar pelo menos quatro cemitérios no entorno da aldeia atual de Wedezé. Desses, dois são associados a aldeias ocupadas em períodos mais antigos, provavelmente em meados do século XIX, quando o povo Xavante chegou à região do Rio das Mortes pela primeira vez. Os dois outros são temporalmente mais recentes, relacionados a aldeias que existiram na região nas décadas 1950 e 1960. Adicionalmente, há ainda inúmeras sepulturas localizadas em locais remotos da TI Wedezé, que são de pessoas que morreram por ocasião de deslocamentos dos Xavante pelo território. Os cemitérios mais antigos e os mais recentes contêm os restos mortais de parentes de pessoas que ainda vivem em aldeias da TI Pimentel Barbosa e em Wedezé.

Além dos cemitérios, os Xavante se referem ao Morro de São Domingos como local de "morada dos espíritos". Trata-se, portanto, de um acidente geográfico, visível desde longa distância, que é simbolicamente significativo na cultura Xavante.

Em suma, a região de Wedezé, que se localiza na margem direita do Rio das Mortes, tem sido historicamente utilizada pelos Xavante, sendo de alta significação para a população, inclusive por ter sido aí onde se estabeleceu uma das primeiras aldeias, em meados do século XIX. Nas últimas décadas, mesmo com a área localizada fora dos limites da TI Pimentel Barbosa, Wedezé continuou a ser utilizada pelos Xavante, que nela têm importantes referenciais simbólicos (locais de aldeias antigas e cemitérios, por exemplo) como econômico-ecológicos (região importante para atividades de caça, pesca e coleta, além de conter recursos naturais importantes nas atividades rituais-cerimoniais). Trata-se, portanto, de uma região de extremo valor para a reprodução física e cultural dos Xavante de Pimentel Barbosa, de acordo com seus usos, costumes e tradições.

VI. LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO

A área que corresponde à TI Wedezé se localiza inteiramente no município de Cocalinho, situado no Nordeste do Estado de Mato Grosso. Foi somente em 1986 que foi criado o muncípio, a partir de um desmembramento do município de Barra do Garças. Atualmente, segundo dados do IBGE, Cocalinho tem um área de aproximadamente dezesseis mil quilômetros quadrados. As atividades agropecuárias constituem a mais elevada porcentagem do produto interno bruto do município.

Por ter sido criado em 1986, foi a partir do Censo Demográfico de 1991 que passaram a ser coletados dados demográficos específicos para Cocalinho. Há, portanto, dados sobre o município derivados dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010. No período de 20 anos entre 1991 e 2010, a população de Cocalinho permaneceu praticamente estável (5457 e 5490 pessoas, respectivamente). Nas duas décadas aconteceu incremento da população urbana (de 2423 para 3647 pessoas) e expressiva diminuição da rural (de 3034 para 1843 pessoas). Em 2007, segundo a contagem de população realizada pelo IBGE, a população era de 5841 pessoas, o que sugere que, nos últimos anos, entre 2007 e 2010, o volume populacional total sofreu redução. Para o ano de 1991, a densidade demográfica na área rural era de 0,22 pessoas por quilômetro quadrado, ou 2,2 pessoa a cada 10 quilômetros quadrados. Trata-se de um padrão de distribuição populacional característico de regiões com a presença de fazendas de grande extensão. Em 2010, essa densidade se reduziu drasticamente, para 0,11 pessoas por quilômetro quadrado, ou aproximadamente 1 pessoa para cada dez quilômetros quadrados. Acrescente-se que, em 2010, 56% da população rural do município era composta por homens, o que é esperado em se tratando de região dominada pela pecuária extensiva.

O levantamento fundiário coletou informações de coordenadas geográficas in situ e também a partir de mapas Google Earth, que se mostraram como coordenadas bastante precisas. Também realizou visitas a cartórios com vistas a levantar dados sobre a cadeia dominial e atuais ocupantes não indígenas na região de Wedezé (Quadro 1).

O grupo técnico que realizou o levantamento fundiário cumpriu as normas legais do Decreto Nº 1775/96, notificando os ocupantes não-índios, participando assim a todos envolvidos sobre os trabalhos em curso.

Quadro 1. Demonstrativo de ocupantes não-índios, Terra Indígena Wedezé.

Nº.	Nome do ocupante	Localidade	Nome do imóvel	Situação da ocupação	Reside no Imóvel?	Área do imóvel (ha)
01	Antonio Aparecido Cavalieri	Rio das Mortes	Fazenda Remanso	Proprietário	Não	23.069,00
02	Luiz Mauro Pires e Outros	Rio das Mortes	Fazenda Bonanza	Proprietário	Não	12.065,00
03	Agropecuária Dona Ivone Ltda	Rio das Mortes	Fazenda Santa Julia	Proprietário	Não	13.261,00
04	Silvia Maria Muffo e Outros	Rio das Mortes	Fazenda Volta Grande	Proprietário	Não	5.957,00
05	Llhozaku Shibata e Outros	Rio das Mortes	Fazenda Shibata III	Proprietário	Não	18.826,00
06	Antonio Lourenço Barbosa	Rio das Mortes	Fazenda Pelorinho	Proprietário	Não	3.543,00
07	Luiz Inácio Mecias	Rio das Mortes	Fazenda Taruma	Proprietário	Não	3.484,00
08	Arnaldo Ferreira Leal	Rio das Mortes	Fazenda Pequi	Proprietário	Não	25.625,00
09	Jackeline Gomes G. A. Trad	Rio das Mortes	Fazenda Agropecuária Lagoa da Serra	Proprietário	Não	678,00
10	Claudionor Rodrigues Fernandes	Rio das Mortes	Fazenda Cobiçada I	Proprietário	Não	629,00
11	Paulo Sérgio Guimarães Sandes	Rio das Mortes	Fazenda Mata Rica	Proprietário	Não	3.756,00
12	José Odair Zonta	Rio das Mortes	Fazenda Santo Expedito	Proprietário	Não	15.185,00
13	Miguel Rossi	Rio das Mortes	Fazenda 3 R	Proprietário	Não	7.168,00
14	Élcio Machese	Rio das Mortes	Fazenda Rio Manso	Proprietário	Não	11.855,00

VII. CONCLUSÃO E DELIMITAÇÃO

O Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da TI Wedezé é o resultado de estudos de natureza antropológica, histórica, ambiental e de agrimensura, além de incluir levantamentos fundiários, conduzidos na área tradicionalmente ocupada pelo grupo indígena Xavante.

A delimitação da TI Wedezé segue as seguintes coordenadas geográficas aproximadas. Partindo do Ponto 01 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 14' 55,73" S e 51° 12' 18,39" WGr, localizado na confluência do canal do lago Sossego no Rio das Mortes; daí, segue por uma linha reta até o Ponto 02 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 32' 01,36" S e 51° 03' 56,23" WGr, localizado na confluência do Rio Água Preta no Rio Cristalino; daí segue pelo Rio Água Preta no sentido montante, pela margem esquerda até o Ponto 03 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 43' 39,57" S e 51° 19' 33,47" WGr; daí, segue por uma linha reta até o Ponto 04 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 42' 52,92" S e 51° 20' 22,74" WGr, localizado em uma estrada vicinal; daí, segue por uma linha reta até o Ponto 05 de coordenadas geográficas aproximadas 13° 45' 03,31" S e 51° 22' 35,28" WGr; daí, segue por uma linha reta até o Ponto 06 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 44' 37,87" S e 51° 26' 47,23" WGr, localizado em estrada vicinal que dá acesso a MT 240; daí, segue a estrada por uma linha reta até o Ponto 07 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 45' 16,90" S e 51° 27' 22,31" WGr; daí, segue a estrada por uma linha reta até o Ponto 08 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 49' 53,67" S e 51° 29' 16,20" WGr; daí segue a estrada por uma linha reta até o Ponto 09 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 50' 00,88" S e 51° 29' 36,77" WGr; daí, segue a estrada por uma linha reta até o Ponto 10 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 49' 43" S e 51° 30' 11,37" WGr; daí segue por uma linha reta até o Ponto 11 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 50' 13,26" S e 51° 33' 20,70" WGr; daí segue por uma linha reta até o Ponto 12 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 49' 52,66" S e 51° 35' 45,68" WGr, localizado na margem direita do Rio das Mortes; daí segue referido rio no sentido jusante até o Ponto 01, início da descrição deste perímetro.

São os seguintes limites: (1) ao norte: Os limites não contemplados com acidentes naturais foram do Ponto 01 ao Ponto 02, que é uma linha seca. É de fácil acesso pelo Rio das Mortes e, por estrada, não houve oportunidade de verificação; (2) ao leste: limite natural Rio Água Preta; (3) ao sul: os limites são linhas secas que acompanham a estrada de fácil acesso e não há necessidade de desmatamento do cerrado; (4) ao oeste: limite natural, qual seja, o Rio das Mortes, confrontando parte com a TI Pimentel Barbosa.

Conforme demonstrado, os limites da Terra Indígena Wedezé são plenamente justificados com base em dados objetivos, comprovando-se de modo irrefutável a ocupação tradicional do povo Xavante, de acordo com os critérios definidos no artigo 231 da Constituição Federal, condensando, assim, as áreas por ele habitadas em caráter permanente, as necessárias a suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias à sua reprodução física e cultural. Neste sentido, a demarcação da TI Wedezé constitui procedimento administrativo indispensável para a sobrevivência sociocultural dos Xavante como grupo indígena diferenciado, nos termos da legislação vigente.

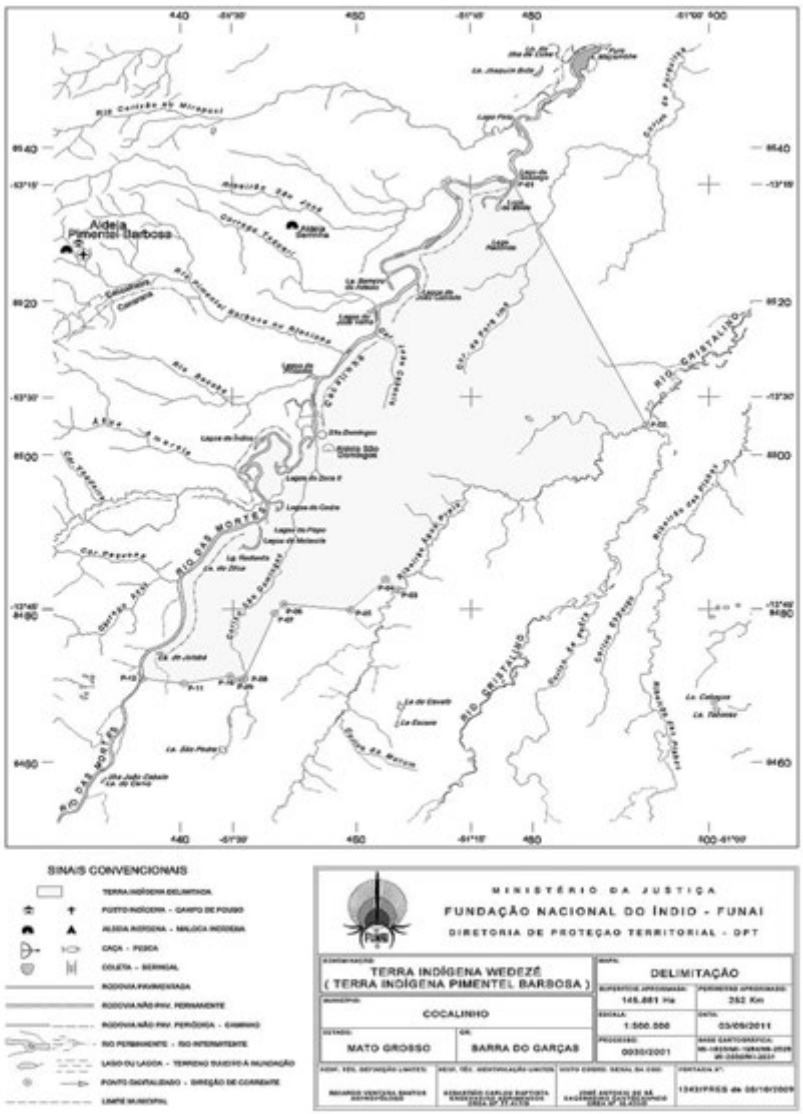
Ricardo Ventura Santos
Antropólogo Coordenador do GT/Portaria Nº 1242/Pres/2009

MEMORIAL DESCRITIVO

Partindo do Ponto 01 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 14' 55,73" S e 51° 12' 18,39" WGr, localizado na confluência do canal do lago Sossego no Rio das Mortes; daí, segue por uma linha reta até o Ponto 02 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 32' 01,36" S e 51° 03' 56,23" WGr, localizado na confluência do Rio Água Preta com o Rio Cristalino; daí, segue pela margem esquerda do Rio Água Preta até o Ponto 03 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 43' 39,57" S e 51° 19' 33,47" WGr, daí, segue por uma linha reta até o Ponto 04 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 42' 52,92" S e 51° 20' 22,74" WGr, localizado em uma estrada vicinal; daí, segue por uma linha reta até o Ponto 05 de coordenadas geográficas aproximadas 13° 45' 03,31" S e 51° 22' 35,28" WGr; daí,segue por uma linha reta até o Ponto 06 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 44' 37,87" S e 51° 26' 47,23" WGr, localizado em estrada vicinal que dá acesso a rodovia MT - 240; daí, segue a estrada por uma linha reta até o Ponto 07 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 45' 16,90" S e 51° 27' 22,31" WGr; daí, segue a estrada por uma linha reta até o Ponto 08 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 49' 53,67" S e 51° 29' 16,20" WGr; daí segue a estrada por uma linha reta até o Ponto 09 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 50' 00,88" S e 51° 29' 36,77" WGr; daí, segue a estrada por uma linha reta até o Ponto 10 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 49' 43" S e 51° 30' 11,37" WGr; daí segue por uma linha reta até o Ponto 11 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 50' 13,60" S e 51° 33' 06,96" WGr, daí segue por uma linha reta ate o Ponto 12 de coordenadas geográficas aproximadas de 13° 49' 52,66" S e 51° 35' 45,68" WGr, localizado na margem direita do Rio das Mortes; daí seguem o referido rio, no sentido jusante até o Ponto 01, início da descrição deste perímetro. OBS: 1-Base cartográfica utilizada na elaboração deste memorial: MI-1933, MI-1984, MI-2029, MI - 2030, MI-2031 Escala 1: 100.000 - IBGE - 1991. 2-As coordenadas geográficas citadas neste memorial descritivo são referenciadas ao Datum Horizontal SAD-69. Responsável técnico pela identificação dos limites: Sebastião Carlos Baptista, Engenheiro Agrimensor, CREA SP 77.417/D.

Este documento pode ser verificado no endereço eletrônico http://www.in.gov.br/autenticidade.html, pelo código 00012011122600224

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2 de 24/08/2001, que institui a Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil.



SECRETARIA DE DIREITO ECONÔMICO

DESPACHO DO SECRETÁRIO

Em 22 de dezembro de 2011

Nº 1.025 - Procedimento Administrativo No 08012.006071/2009-35. Representante: Nacional Transportes Aéreos Ltda.. Representada: Shell Brasil Ltda.

Acolho a Nota Técnica de fls., aprovada pelo Coordenador-Geral de Controle de Mercado, Dr. Ravvi Augusto de Abreu Coutinho Madruga, e, com fulcro no §1º do art. 50, da Lei n.º 9.784/99, integro as suas razões à presente decisão, inclusive como sua motivação. Determino a promoção de Averiguação Preliminar, nos termos dos artigos 14 e 30 da Lei n.º 8.884/94 e art. 41 e seguintes da Portaria MJ n.º 456/2010, para apurar a conduta da Representada Shell Brasil Ltda. em possível prática anticoncorrencial prevista no art. 20, incisos I e IV c/c art. 21, incisos XII e XXIV, todos da Lei n.º 8.884/94, no mercado nacional de revenda de querosene de aviação. Notifique-se a Representada para que apresente esclarecimentos no prazo de 15 (quinze) dias. Ao Departamento de Proteção e Defesa Econômica.

DIOGO THOMSON DE ANDRADE
Substituto

SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE ESTRANGEIROS

DESPACHOS DA DIRETORA

INDEFIRO o Recurso, bem assim mantenho o Ato indeferitório publicado no Diário Oficial de 01/12/2011, Seção 1, pág. 91, considerando que não foram apresentados elementos de fato e de direito capazes de modificar a decisão. Processo N° 08000.016430/2011-16 - SHA HU.

INDEFIRO o Recurso, bem assim mantenho o Ato indeferitório publicado no Diário Oficial de 01/08/2011, Seção 1, pág. 50, considerando que não foram apresentados elementos de fato e de direito capazes de modificar a decisão recorrida. Processo N° 08240.027294/2009-42 - DAVID KENTON ADAMS.

Tendo em vista a intempestividade da peça recorrente, não conheço do Recurso, bem assim mantenho o Ato publicado no Diário Oficial de 06/09/2011, Seção 1, pág. 31. Processo N° 08000.004928/2011-36 - THOMAS III ROJO LOTEYRO.

Tendo em vista que a estada do interessado foi autorizada nos termos do art. 6º, da Resolução Normativa nº 61/2004, CNIg, que não admite prorrogação, e considerando que não foram apresentados elementos de fato e de direito capazes de modificar a decisão recorrida, INDEFIRO o Recurso e mantenho o Ato indeferitório publicado no Diário Oficial de 08/11/2011, Seção I, pág. 44. Processo N° 08000.017029/2011-01 - JEAN LOUIS JOURDIN.

Tendo em vista que a estada do interessado foi autorizada nos termos do art. 6º, da Resolução Normativa nº 61/2004, CNIg, que não admite prorrogação, e considerando que não foram apresentados elementos de fato e de direito capazes de modificar a decisão recorrida, INDEFIRO o Recurso e mantenho o Ato indeferitório publicado no Diário Oficial de 10/10/2011, Seção I, pág. 39. Processo N° 08000.015868/2011-87 - ERIC WILLIAM WITTLEDER.

IZAURA MARIA SOARES MIRANDA

DIVISÃO DE PERMANÊNCIA DE ESTRANGEIROS

DESPACHOS DO CHEFE

DEFIRO o(s) pedido(s) de prorrogação de estada no País, do(s) temporário(s) item V, abaixo relacionado(s):

Processo Nº 08000.017164/2011-49 - MOHAMMED SARWAR ADIL, até 25/04/2012

Processo Nº 08000.017198/2011-33 - ALEXANDRE MARIE CHRISTIAN MICHEL D AUBER DE PEYRELONGUE, até 30/11/2012.

DEFIRO o(s) pedido(s) de prorrogação de estada no País, temporário item V, abaixo relacionado(s), ressaltando a necessidade de autuação na forma do disposto no Art. 125, XVI da Lei 6.815/80 c/c Art. 67, § 3° do Decreto 86.715/81.

Processo N° 08000.017119/2011-94 - JOHN ALEXANDER MANTILLA VALENZUELA, até 25/09/2013

Processo N° 08000.015347/2011-20 - FABIO GUARDABASSI,até 04/11/2012.

Determino a Republicação do deferimento da prorrogação do prazo de estada no País até 15/09/2013, na forma do art. 2º da Portaria SNJ nº 03, de 05 de fevereiro de 2009. Processo N° 08000.012235/2011-17 - KENDALL JAMES GEORGE.

Tendo em vista o pedido de cancelamento formulado pelo representante legal da empresa, julgo insubsistente o ato deferitório publicado no Diário Oficial de 05/05/2010, Seção 1, pág. 32, para determinar o arquivamento dos autos. Processo N° 08018.020096/2009-91 - SHELBY WAYNE TRISLER.

Tendo em vista o pedido de cancelamento formulado pelo representante legal da empresa, julgo insubsistente o ato deferitório publicado no Diário Oficial de 21/06/2010, Seção 1, pág. 124, para determinar o arquivamento dos autos. Processo N° 08000.000380/2009-31 - JAMES EARL FINLEY.

Tendo em vista o pedido de cancelamento formulado pelo representante legal da empresa, julgo insubsistente o ato deferitório publicado no Diário Oficial de 19/11/2010, Seção 1, pág. 60, para determinar o arquivamento dos autos. Processo N° 08000.005413/2010-72 - CAROLINA AVELLA ANGEL.

Tendo em vista o pedido de cancelamento formulado pelo representante legal da empresa, julgo insubsistente o ato deferitório publicado no Diário Oficial de 03/09/2010, Seção 1, pág. 54, para determinar o arquivamento dos autos. Processo N° 08000.003067/2010-98 - MIGUEL ANGEL RODRIGUEZ VILLAMIZAR e ISABEL CRISTINA GUERRERO DE ARMAS.

Tendo em vista o pedido de cancelamento formulado pelo representante legal da empresa, julgo insubsistente o ato deferitório publicado no Diário Oficial de 09/09/2010, Seção 1, pág. 49, para determinar o arquivamento dos autos. Processo N° 08000.002864/2010-58 - NOELLE ANNE SHRIVER.

Tendo em vista o pedido de cancelamento formulado pelo representante legal da empresa, julgo insubsistente o ato deferitório publicado no Diário Oficial de 17/06/2010, Seção 1, pág. 35, para determinar o arquivamento dos autos. Processo N° 08018.023489/2009-57 - DIANA ELIZABETH RIOS MEJIA e WILLIAM ANIBAL HERRERA OROZCO.

Tendo em vista o pedido de cancelamento formulado pelo representante legal da empresa, julgo insubsistente o ato deferitório publicado no Diário Oficial de 26/04/2011, Seção 1, pág. 49, para determinar o arquivamento dos autos. Processo N° 08000.004452/2010-52 - SHEN HUANHUAN.

Tendo em vista o pedido de cancelamento formulado pelo representante legal da empresa, julgo insubsistente o ato deferitório publicado no Diário Oficial de 27/06/2011, Seção 1, pág. 103, para determinar o arquivamento dos autos. Processo N° 08000.003465/2011-95 - STANISLAW IWANOWICZ.

Tendo em vista o pedido de cancelamento formulado pelo representante legal da empresa, julgo insubsistente o ato deferitório publicado no Diário Oficial de 21/07/2011, Seção 1, pág. 33, para determinar o arquivamento dos autos. Processo N° 08000.006043/2011-71 - CHRISTINA MARIE VENNE.

Tendo em vista o pedido de cancelamento formulado pelo representante legal da empresa, julgo insubsistente o ato deferitório publicado no Diário Oficial de 08/11/2011, Seção 1, pág. 44, para determinar o arquivamento dos autos. Processo N° 08000.015680/2011-39 - HELMUT PATRICK IGELMANN.

Tendo em vista o pedido de cancelamento formulado pelo representante legal da empresa, julgo insubsistente o ato deferitório publicado no Diário Oficial de 04/11/2011, Seção 1, pág. 24, para determinar o arquivamento dos autos. Processo N° 08000.015679/2011-12 - MARCIN WOJNOWSKI.

Este documento pode ser verificado no endereço eletrônico http://www.in.gov.br/autenticidade.html, pelo código 00012011122600225

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2 de 24/08/2001, que institui a Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil.

YAMAH

Esta publicação foi produzida
pelo Museu do Índio – FUNAI no Rio de Janeiro.

Formato:
21 x 28 cm
Tipologia:
miolo/capa
Caecilia

Papel:
Couchê fosco 115/g/m2 (miolo)

Capa:
Cartão Duo-design 300 g/m²

Rio de Janeiro, dezembro de 2013.

Impressão:
Walprint Gráfica e Editora

O Museu do Índio é uma instituição governamental destinada à preservação e à divulgação do patrimônio cultural indígena. Criado em 19 de abril de 1953, possui um conjunto de acervos etnográficos que soma mais de 600 mil bens culturais, relativos à maioria das sociedades indígenas contemporâneas.

Hoje, o Museu do Índio se apresenta como uma casa de informação e formação de novas opiniões e mentalidades. Acolhe pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento que envolvem a preservação e a difusão de suas culturas. A instituição tem adotado diferentes estratégias para conquistar novos públicos como a disponibilização de informações pela internet e a criação de espaços para a realização de exposições.

Dentro das iniciativas do projeto de modernização da instituição, destaca-se a nova linha editorial das publicações técnicas do Museu do Índio com o presente lançamento da série Publicações Avulsas. A coleção será composta por monografias baseadas, exclusivamente, nos acervos do Museu do Índio – ergológico, audiovisual e documental – e nas suas exposições. As publicações representam a consolidação da política de preservação e difusão do acervo do Museu do Índio.

2013

Representação no Brasil

Fundação Banco do Brasil

SAMI

Museu do Índio FUNAI 60 anos

Ministério da Justiça

Governo Federal BRASIL País rico é país sem pobreza

ISBN 978-85-85986-46-9